

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA

ASSEXUALIDADE NA TELENÓVELA *TRAVESSIA* DA TV GLOBO:
Visibilidade e Representatividade

SÃO PAULO
2025

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA

ASSEXUALIDADE NA TELENVELA *TRAVESSIA* DA TV GLOBO:
Visibilidade e Representatividade

Tese apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, como requisito para a
obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Professora Dr.^a Clarice Greco
Alves

SÃO PAULO
2025

Oliveira, José Antonio de.

Assexualidade na telenovela *Travessia* da TV Globo:
visibilidade e representatividade / José Antonio de Oliveira. - 2025.
215 f. : il. color.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Greco Alves.

1. Assexualidade. 2. Telenovela. 3. Travessia. I. Alves, Clarice
Greco (orientadora). II. Título.

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA

ASSEXUALIDADE NA TELENÓVELA *TRAVESSIA* DA TV GLOBO:
Visibilidade e Representatividade

Tese apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, como requisito para a
obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Clarice Greco Alves
Universidade Paulista-UNIP

Prof.^a Dr.^a Simone Luci Pereira
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. João Paulo Herde-se
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC - Campinas)

Prof. Dr. Gustavo Souza da Silva
Universidade Paulista- UNIP

Dr.^a Lígia Prezina Lemos
Universidade de São Paulo-ECA-USP

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha orientadora, Clarice Greco, pela sua dedicação e empenho durante o percurso de estudos, por acreditar e confiar que eu seria capaz de realizar esse trabalho de pesquisa. Meus sinceros agradecimentos à Christina, secretária da Universidade Paulista, pela competência, paciência e dedicação quando solicitei por informações e ajuda para fazer as coisas corretas. Dedico aos professores da UNIP, com quem aprendi muito durante o percurso que vem desde o mestrado. Meu carinho e gratidão aos colegas pesquisadores com quem estive junto e compartilhei trocas importantes nesse percurso. Dedico aos meus filhos, Samuel, Samara e Márcia. Também não posso esquecer das minhas netas, Laura e Ana Lavínia. E por fim, dedico ao meu companheiro e amigo, Laércio, que na sua simplicidade e inteligência entendeu meu esforço para concluir o doutorado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Universidade Paulista-UNIP, pela oportunidade de estudar e aprender desde a graduação nas suas dependências, onde tive apoio e atendimento digno por todos os profissionais. Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPE. Agradeço a todos os profissionais da Secretaria e um agradecimento especial aos membros da Banca que aceitaram o convite, contribuíram com a leitura da tese, deram sugestões de melhorias e o reconhecimento do esforço para concluir a pesquisa.

“A homossexualidade, tanto quanto a bissexualidade, como assexualidade, são condições da alma humana. Não devem ser interpretadas como fenômenos espantosos, como fenômenos atacáveis pelo ridículo da humanidade”

Chico Xavier

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (sigla em inglês)
AM - Amplitude Modulada
ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
APA - Associação de Psiquiatria Americana
AVEN - The Asexual Visibility and Education Network
ACE - Assexual (partícula em inglês que se refere à pessoa assexual)
ARO – Arromântico (subgrupo de assexuais)
BBB20 – Big Brother Brasil 20
CNJ - Conselho Nacional de Justiça
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (sigla em inglês)
FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FM - Frequência Modulada
GGB - Grupo Gay da Bahia
GLS - Gay Lésbicas e Simpatizantes
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana (sigla em inglês)
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binários e mais.
MASP - Museu de Arte de São Paulo
MP3 – MPEG-1 Áudio Player 3
MPB - Música Popular Brasileira
OBITEL - Observatório Iberoamericano de Ficção Televisiva
ONG - Organização Não Governamental
PROUNI - Programa Universidade para Todos
SBMFC - Sociedade Brasileira de Medicina, Família e Comunidade
STF - Supremo Tribunal Federal
TV - Televisão
TDSH - Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo
USP - Universidade de São Paulo
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNIP - Universidade Paulista

RESUMO

A presente pesquisa discute e analisa a assexualidade inserida na ficção televisiva seriada por meio da telenovela *Travessia* (Globo, 2022) que apresentou dois personagens assexuais, Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral). A assexualidade é uma orientação sexual que recebeu tal denominação nos primeiros anos do século XXI, a partir de pesquisas e de sujeitos assexuais em comunidades virtuais, principalmente. O tema ganhou visibilidade e representatividade no audiovisual internacional por meio de séries, documentários, comunidades virtuais e redes sociais. No Brasil, a visibilidade se deu em comunidades virtuais de assexuais, redes sociais, documentários de curta metragem, reportagens em portais de notícias online e pela telenovela *Travessia* (Globo, 2022). O objetivo do estudo foi observar, analisar e interpretar como se deu a visibilidade da assexualidade e a representatividade dos sujeitos assexuais durante a exibição da narrativa com a presença de dois personagens assexuais. A metodologia aplicada à pesquisa se pautou na observação sistemática a partir da assistência à telenovela *Travessia*, com captura, análise e interpretação de textos e imagens dos personagens assexuais, Caíque e Rudá. Foram realizadas leituras de artigos, teses, dissertações e de livros publicados por pesquisadores nacionais e internacionais que se debruçaram para estudar a assexualidade e seu guarda-chuva (Bogaert, 2004; Oliveira, 2013) e sobre outras orientações LGBTQIAPN+ representadas nas telenovelas (Peret, 2005; Silva, 2015). Também foram utilizados como método de pesquisa a busca nas comunidades virtuais de assexuais, com a leitura de textos inseridos nelas, mensagens de membros assexuais que interagem com outros usuários nos blogs, chats, fóruns e sites voltados para a população assexual. Ainda foi utilizado o trabalho de pesquisa na internet por matérias que falassem dos personagens assexuais apresentados em *Travessia*. Os resultados apontaram que a assexualidade é uma orientação sexual de visibilidade emergente, até então quase invisibilizada para o grande público e os sujeitos assexuais são pouco representados na ficção televisiva nacional. Os personagens assexuais foram realistas, com interpretações educativas e combativas aos preconceitos, além de contribuírem para aumentar a representatividade assexual para os telespectadores.

ABSTRACT

The research aims to discuss and reflect upon asexuality inserted in serialized television fiction through the telenovela *Travessia* (Globo, 2022), which featured two asexual characters: Caíque (Thiago Fragoso) and Rudá (Guilherme Cabral). Asexuality is a sexual orientation that received this name in the early years of the 21st century, mainly based on research and asexual subjects in virtual communities. The theme gained visibility and representation in international audiovisual media through series, documentaries, virtual communities, and social networks. In Brazil, visibility occurred in virtual communities of asexuals, social networks, short documentaries, reports on online news portals, and through the telenovela *Travessia* (Globo, 2022). The objective of the study was to observe, analyze, and interpret how the visibility of asexuality and the representation of asexual subjects occurred during the broadcast of the narrative with the presence of two asexual characters. The methodology applied to the research was based on observation from watching *Travessia*, with capture, analysis and interpretation of texts and images of the asexual characters. Theoretical background was based on articles, theses, dissertations and books published by national and international researchers who have studied

asexuality (Bogaert, 2004; Oliveira, 2013) and other LGBTQIAPN+ representations in telenovelas (Peret, 2005; Silva, 2015). Another research method was searching virtual asexual communities, reading texts inserted in them, messages from asexual members who interact with other users on blogs, chats, forums and websites aimed at the asexual population. The work also used research on the Internet for articles that talked about the asexual characters presented in *Travessia*. The results indicated that asexuality is barely visible to the general public and asexual subjects are little represented in national television fiction. The asexual characters were realistic, with educational and anti-prejudice interpretations, in addition to contributing to increasing the visibility and representation of asexuals for viewers.

SUMÁRIO

PREÂMBULO.....	12
-----------------------	-----------

INTRODUÇÃO.....	18
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1: REVISÃO TEÓRICA SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL.....29

1.1 Gênero e sexualidade como possibilidades de construção biopsicossocial e cultural	33
1.2 Sexualidade enquanto dispositivo de controle social.....	41
1.3 A teoria queer enquanto dinâmica performativa do corpo para além do binarismo...	47
1.4 Por uma liberdade corporal que foge dos padrões sexonormativos.....	49
1.5 A trajetória do movimento LGBTQIAPN+: Alemanha, Estados Unidos e Brasil.....	54
1.6 Um breve histórico do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil.....	63
1.7 Homofobia e Transfobia no Brasil - entre a lei e a moral – as diversas formas de violência.....	67
1.8 Identidade assexual e a inserção da letra A na sigla LGBTQIAPN+.....	72

CAPÍTULO 2: PERSONAGENS LGBTQIAPN+ NAS TELENÓVELAS DA TV GLOBO.....75

2.1 As décadas de 1970 e 1980: Personagens LGBTQIAPN+ perigosos e exagerados...	79
2.2 Década de 1990: Personagens LGBTQIAPN+ afeminados e vítimas de violência...	90
2.3 Década de 2000: Personagens LGBTQIAPN+ entre direitos, transição e revelação..	94
2.4 Década de 2010 até 2023: Personagens LGBTQIAPN+ ampliadas e a vilania gay...	101

CAPÍTULO 3: A ASSEXUALIDADE NA TEORIA, NAS COMUNIDADES VIRTUAIS E NO AUDIOVISUAL.....111

3.1 Afinal, o que é assexualidade, na perspectiva de pesquisadores e das comunidades de assexuais.....	114
3.2 A Criação de comunidades virtuais de pessoas assexuais como refúgio coletivo....	119
3.3 Símbolos, produtos, objetos e glossários eleitos em comunidades assexuais.....	129
3.4 Aceitação e autoclassificação da população assexual: entre anônimos e famosos...	133
3.5 A assexualidade representada em seriados da ficção audiovisual.....	135

CAPÍTULO 4: ASSEXUALIDADE NA TELENÓVELA *TRAVESSIA*: Dois personagens assexuais.....138

4.1 Ambientação, principais núcleos narrativos e a duração de <i>Travessia</i>	141
4.2 Arcos narrativos e a identidade dos personagens assexuais Caíque e Rudá.....	144
4.3 Uma mirada entre cenas e diálogos dos personagens assexuais Caíque e Rudá.....	157
4.4 A revelação assexual de Caíque e Rudá: entre conflitos e preconceitos.....	165
4.5 A representação e a visibilidade da assexualidade a partir dos personagens Caíque e Rudá.....	171

CAPÍTULO 5: OS PERSONAGENS ASSEXUAIS EM *TRAVESSIA* E O DEBATE NAS REDES.....181

5.1 A reação de assexuais e aliados nas redes sobre a assexualidade em <i>Travessia</i>	185
5.2 A reverberação nos portais de notícias online sobre assexualidade em <i>Travessia</i> ...	189
5.3 Especialistas e os atores Thiago Fragoso e Guilherme Cabral são entrevistados....	199

RESULTADOS.....205

CONSIDERAÇÕES..... 207

REFERÊNCIAS.....210

PREÂMBULO

Será o curso da vida uma aventura solitária, um destino traçado, uma sorte aleatória, um mérito pessoal, uma dádiva divina, uma missão a ser cumprida ou um sonho impregnado de vontade, luta, amor, dedicação, esperança e persistência? Talvez a resposta seja apresentada pelo próprio curso da vida de cada sujeito que vive suas particularidades, individualidades, coletividades, vontades, arranjos, avanços e retrocessos, traumas e triunfos, laços afetivos, desafetos, vínculos pessoais e sociais, amores, desejos; construídos e vivenciados no tempo e no espaço, sendo atualizados numa constante adição de camadas que a vida experimenta, atravessa e se depara para enfrentar a magia de ser e estar no mundo.

Para além das divagações e adjetivações supracitadas, esta apresentação, sem a pretensão de conformar uma narrativa de si ou autobiografia, objetiva traçar uma síntese que narra o caminho de vida percorrido pelo autor até chegar neste momento de produção e proposição que se expõe ao leitor, nas páginas a seguir. A coragem de buscar e enfrentar os desafios da vida me oportunizou digitar estes caracteres, palavras, frases, orações, períodos, parágrafos e páginas para dizer que valeu a pena. O lugar de fala identitário, aqui explicitado, pretende traçar um fio condutor de contextualização entre a experiência afetiva, pessoal e comunicativa do pesquisador e o problema de pesquisa estudado, na propositura da tese de doutorado em Comunicação.

Originário do sítio Cachoeira, no município de Mata Grande, sertão de Alagoas, nascido em casa de pau a pique, conhecida como casa de barro, com o auxílio de uma parteira conhecida da família, sendo o segundo filho de três que sobreviveram. O relato será descrito em três etapas que nominarei de primeira infância, juventude e fase adulta. As lembranças afetivas e comunicativas da infância, entre 8 (oito) e 12 (doze) anos de idade, são de poucas brincadeiras e de pouco contato afetivo com os pais. Por outro lado, havia uma comunicação constante com a natureza, com os animais domésticos e peçonhentos, visto que habitava em área rural. Em alguns momentos brincava no quintal de casa, também chamado de terreiro, sozinho ou acompanhado dos irmãos ou vizinhos. As brincadeiras eram com carrinhos artesanais, feitos de lata e madeira, jogar pião feito de madeira, subir nas árvores e nas pedras, brincar de pega-pega, cabra-cega, rouba bandeira, esconde-esconde, jogar bola (feita de pano), no quintal de casa e com as quais às vezes quebravam-se telhas. Em tempos de lua cheia, era comum ficarmos sentados na frente de casa, olhando as estrelas no céu e aproveitávamos para inventar estórias em que

os personagens, geralmente eram animais selvagens, como o lobo guará, a onça pintada, o lobisomem, a mula sem cabeça etc.

A casa não possuía sofá, nem geladeira, nem TV, nem energia elétrica e nem chuveiro. A iluminação noturna era feita por candeeiro (lamparina), os bancos e cadeiras para sentar-se eram de madeira. Havia redes para balançar, o colchão era artesanal, feito de tecido e no lugar da espuma, era colocado palha de bananeira para enchimento. As necessidades fisiológicas eram realizadas ao ar livre, sem papel higiênico, sem vaso sanitário e o banho era semanal, de caneca, no terreiro de casa e ao ar livre. Todos os fins de tarde, lavávamos os braços, pernas e o rosto, após as tarefas do dia. Os animais domésticos estavam sempre presentes, no terreiro e dentro de casa, como galinhas, pintinhos, cachorros, gatos, porcos, cabras e carneiros. Às vezes, alguns animais peçonhentos e indesejados apareciam dentro de casa, pelo fato de a mata ficar próxima do terreiro. Entre eles, cobras, caranguejeiras, lagartixas, ratos, sapos, rãs, escorpião e lesmas.

As ferramentas de trabalho e utensílios eram compostas por enxadas, foices, machados, picaretas, arados, máquinas de plantar legumes, carro de boi, canga, cela de cavalo, cangalha para o lombo do jumento e o caçoar para transportar a carga no animal. Os vasilhames eram feitos de cabaças, proveniente dos pés de cabaceira, utilizadas para armazenar legumes e água. Os vasos feitos de zinco eram para depositar feijão e milho, que serviam de alimento para a família durante o ano. Havia ainda os sacos de náilon e estopa para transportar legumes que eram vendidos no armazém da cidade. A louça era confeccionada de barro, pratos, panelas, potes e moringas (quartinhas). O fogão era feito de barro (trempe) e funcionava à lenha. O ferro de passar roupas era de ferro mesmo e funciona abastecido por brasas. A máquina de costuras era manual, colocada em cima da mesa e geralmente eu era convidado pela minha mãe para colocar a linha na agulha quando ela já não enxergava muito bem.

A religião era a católica, com imagens de santos na parede e com algumas superstições, como cobrir os santos na semana santa, virar o espelho para a parede, não comer carne na última semana da quaresma, fazer jejum, comprar presente para os padrinhos, reunir a vizinhança para comer peixe nos quatro últimos dias da Páscoa, rezar novena e malhar o Judas. Tinha que rezar um Pai Nosso, uma Salve Rainha e uma Ave Maria todas as noites, antes de dormir e pedir benção aos pais. Sempre sair de casa com o pé direito na frente. Não se podia deixar os chinelos virados. Devia-se evitar passar debaixo de escada e de rede armada. Sempre que se passasse numa encruzilhada, tinha-

se que fazer o sinal da cruz. Nos dias santos, não se podia trabalhar e quando possível, rezava-se terço, novena e ia-se à missa.

O entretenimento em casa, além das brincadeiras e histórias, quando possível, era ouvir rádio AM, algumas vezes ao dia, para economizar pilha, visto que o aparelho de rádio era tipo baú, de mesa, e que usava 8 (oito) pilhas grandes. Os programas preferidos eram os matutinos, que traziam notícias e tocavam músicas, principalmente forró, sertanejo caipira e música brega. Os programas de rádio vespertinos eram mais descontraídos, contavam com a interação dos ouvintes, por cartas ou telefone, com pedidos de músicas preferidas, recados para amigos, familiares e namorados. As músicas tocadas eram mais variadas, romântica, internacional, MPB, axé e forró. À noite, geralmente se ouviam notícias, músicas regionais e o programa da Voz do Brasil.

Os passeios, quando aconteciam, eram realizados nos sítios vizinhos, para participar de eventos diversos, como festa de casamento, batizados, pisar coco (uma dança regional para bater o piso de barro numa casa nova), dançar forró na casa dos sanfoneiros da região, assistir missa na casa de alguém mais conhecido que trazia o evento para a sua casa, participar de terço ou de novena em eventos religiosos de padroeiros (São José, Santo Antonio, São Sebastião etc.).

Quando os passeios aconteciam nas cidades regionais, o percurso era feito a pé, a cavalo ou se houvesse dinheiro, pagava-se a passagem de Jipe, Arrural ou caminhonete (pau de arara) do vizinho de sítio, para chegar ao destino de aproximadamente 15 quilômetros de distância. Essas idas à cidade, geralmente raras de acontecer, tornavam-se especiais, ainda que fosse somente para ver a cidade, encontrar pessoas diferentes e arrumadas, vender algum produto ou animal, comprar algum item pessoal, como roupa, calçado, alimentos que não cultivávamos na roça, rever pessoas conhecidas, jogar sinuca, tomar cajuína, caldo de cana e comer pão de padaria.

Nas cidadezinhas vizinhas também aconteciam festas tradicionais, geralmente anuais, com duração de uma semana, em média, chamadas de noites de novena, sendo que o último dia de festa, era o mais especial, por ser o encerramento, tinha lotação máxima. As atrações ficavam por conta das barracas de comida típica, os bares, os passeios de roda gigante, barcos, carrossel, o simples andar pelas ruas da cidade para olhar o movimento e entrar nos diferentes salões de dança, cada um com um nome próprio, além da discoteca, com luzes e ritmos variados. A diversão durava a noite toda e o retorno para casa se dava de manhã, geralmente em grupo de amigos, falando do que “rolou” na

festa, entre cansaço e gargalhadas, torcendo para chegar logo em casa e cair na cama para dormir. Esse contexto, narrado acima, perdurou até os meus 20 anos de idade.

Nesse enredo, por respeito à memória dos meus genitores, não detalharei as relações familiares, que se deram em meio a eventos de violência física, verbal, psicológica, trabalho infantil e muitos traumas. Aos 8 anos de idade já trabalhava e aprendi a fumar. Aos 12 anos, fiquei órfão de pai e não frequentava a escola, apenas fui alfabetizado por professor leigo, sem matrícula e seriação. Aos 14 anos, comecei a viajar para cortar cana de açúcar nos canaviais de Alagoas e ter o meu próprio dinheiro. A marmitta fria, levada para comer no canavial, geralmente azedava todos os dias, visto que o calor no campo girava em torno de 40 graus, mas a fome aceitava a comida, ainda que estivesse azeda. Esse trabalho de boia fria durava em torno de 4 (quatro) meses por ano, durante a safra no canavial. Essa trajetória durou até os meus 20 anos.

Antes de me urbanizar, saindo do sítio para morar na cidade, comprei uma TV de 14 polegadas, em preto e branco, para assistir o jornal e a novela, ainda morando no sítio. Mas, como a TV funcionava à bateria de carro. Às vezes, a decepção vinha quando descarregava e não víamos o final da novela. O uso da TV no sítio teve uma duração de mais ou menos quatro meses, pois ao mudar para a cidade, sozinho, a TV me serviu de companhia. Aos 21 anos, recém-chegado de mudança na cidade, agora, com algum conforto próprio da vida urbana, como a energia elétrica, a TV que agora podia ser ligada a qualquer hora, o banho passou a ser diário e debaixo do chuveiro, um vaso sanitário para as necessidades fisiológicas, uma geladeira para conservar alimentos e um fogão a gás.

Até então, nunca havia sido matriculado na escola. Resolvi que queria estudar e ao procurar uma escola, fui questionado sobre a série/ano que frequentei e meu histórico escolar, mas por não possuir tais documentos, recebi a proposta de ser matriculado na 3ª e 4ª série (chamado integração) a ser cursado em 1 (um) ano. No ano seguinte, ao ser aprovado, fui transferido para estudar o 1º Grau, na modalidade Supletivo. Já no ensino médio, precisei ser autodidata, estudei em casa, assistia as aulas do Telecurso 2000, onde me preparei para fazer o chamado “provão” para eliminação de matérias. Em resumo, da 3ª série ao término do ensino médio, levou 5 anos. Quando concluí o ensino médio, já estava recém-chegado em Suzano/SP, aos 26 anos de idade, no ano de 1998.

Já depois dos 30 anos de idade, alimentei o sonho de cursar uma graduação, realizei as primeiras edições do ENEM, implantado pelo primeiro governo Lula, mas somente na terceira tentativa, ou seja, no terceiro ano de prova do Exame Nacional do

Ensino Médio, consegui nota suficiente para ser contemplado com uma bolsa integral pelo PROUNI, para cursar Ciências Sociais. Depois, cursei outras graduações, como Pedagogia, Serviço Social, Educação Física e algumas especializações lato sensu, principalmente na área da educação, ensino de Sociologia para o ensino médio, disciplina que lecionei na rede pública de Educação, sendo que aos 47 anos, em 2020, juntamente com a chegada da pandemia do Covid-19, iniciei o mestrado em Comunicação na Universidade Paulista-UNIP. Sem experiência e sem vivência como pesquisador, mas com muita vontade e persistência, obtive a titulação de mestre em 2022. Achava que pararia por aí, mas não, veio a oportunidade de cursar o doutorado em Comunicação na mesma instituição, prestes a ser concluído em 2025.

Assim, tenho todos os motivos para levantar a bandeira da educação, asseverando que o que sou e o que tenho devo a minha formação, ainda que trilhada sob diversas dificuldades, não seguindo o percurso educativo regular, obtendo uma educação básica tardia, acelerada e reduzida no tempo, na quantidade de conteúdo e na qualidade do aprendizado, mas nada disso foi impeditivo para continuar o meu processo de formação, atingindo a graduação e pós-graduação. A bagagem de experiência empírica, somou-se e se agregou ao processo educativo, fazendo uma leitura crítica da sociedade e o seu *modus operandi*, enquanto estudava a teoria. Ainda que não concorde com algumas áreas temáticas do nosso sistema educativo, principalmente, na educação básica.

Quando afirmo que levanto a bandeira da Educação, enxergo ser ela uma via de formação cidadã, ainda que limitada, permeada de falhas e imposta pelo Estado, sem uma participação maior da sociedade. Como dizia Paulo Freire, “a educação não transforma o mundo. A educação muda pessoas e pessoas transformam o mundo”. A minha atuação profissional, ao longo de 20 anos, tem se pautado no processo educativo, enquanto me educo. Nas diversas áreas de atuação, sempre primei por uma ação educativa, ainda que não formal em alguns momentos, desde a saúde pública, atuando na Enfermagem, o ensino de Sociologia no ensino médio, os quase 9 (nove) anos na Fundação CASA, como educador de adolescentes privados de liberdade e, mais recentemente, exercendo a profissão de Assistente Social na prefeitura de São Paulo, atuando com pessoas vulnerabilizadas.

Contudo, existem outros grupos que defendo, militando e comungando da luta pelo respeito, pela liberdade de ser e estar no mundo, por todas as formas de amor e de amar, pela dignidade de existir em plenitude, pela promoção de direitos (todos), pela inclusão nos diversos espaços sociais, públicos e privados, pelo combate a todas as formas

de violência, de desigualdade social, de miserabilidade, de preconceito, discriminação, racismo, homofobia, transfobia, xenofobia (internacional e regional). A minha sensibilidade para com estes temas é explícita e importante, talvez sendo empático por ter experimentado algumas das situações citadas acima e saber que, apesar das dificuldades e barreiras, é possível e necessário lutar para que mudanças positivas ocorram para os grupos de sujeitos que se localizam e se formam nos diversos segmentos e/ou movimentos supracitados, entre outros.

Assim, sou filho de mãe descendente de indígena, não alfabetizada, e de um pai preto, que era agricultor e pedreiro nas horas vagas. Fui criado no sítio e casado por duas vezes, pai de 3 (três) filhos, duas netas, divorciado e pai solo. Portanto, escrevo um pouco da minha história, como experiência vivenciada. Desde pequeno eu percebia que era bissexual, mesmo sem saber a denominação, sem falar sobre o assunto para alguém da família ou amigo de infância. Casei-me por vontade própria, sem cobrança familiar ou pressão social, visto que ignorava estas questões e mesmo sem entender a atração que sentia por ambos os gêneros, imaginava ser algo passageiro, próprio da curiosidade humana, mas me sentia desconfortável porque ninguém falava sobre o assunto e muito menos eu teria coragem de falar. Se nas cidades, os bissexuais, os transsexuais, os travestis, os gays, as lésbicas, os intersexuais, os assexuais, os queers, os não binários e outras orientações, são taxados como “veados”, “maricas”, “boiolas”, “estranhos”, “sapatas”, “coisa” e outras expressões psicológicas depreciativas, imagine-se no sítio, no sertão de Alagoas, nos anos 80 e 90.

Portanto, é com imenso entusiasmo que me propus a estudar, pesquisar e escrever a tese de doutorado em Comunicação, sobre Assexualidade na telenovela *Travessia* da TV Globo. O problema de pesquisa foi definido junto com a minha orientadora Clarice Greco. O tema aborda a orientação assexualidade e seus subgrupos, visibilidade e representatividade no audiovisual ficcional. Entendo que gênero, sexualidade e orientação sexual sejam ainda temas tabus em parte da sociedade, principalmente por conta da fluidez e complexidade que envolve a sexualidade humana, como diria Foucault, entre outros. Acredito que somente através das falas, das conversas sobre o tema, das pesquisas, da divulgação, da educação nas escolas e nas instituições públicas e privadas, teremos sujeitos preparados para conhecer, serem livres, respeitarem, manifestarem-se, defenderem-se e exercerem seus direitos (todos).

INTRODUÇÃO

O fio condutor da tese de doutorado em Comunicação tem origem no mestrado na mesma área, na mesma universidade, na mesma linha de pesquisa, porém, com objetos diferentes. Durante o mestrado, a minha pesquisa se deu sobre o consumo de arte e cultura por adolescentes privados de liberdade na Fundação CASA-SP, onde fui educador por oito anos. Algumas semelhanças pessoais com os adolescentes me motivaram a buscar entender como se dava o acesso e o gosto cultural dos jovens tutelados pelo Estado em cumprimento de medida socioeducativa. Foi possível verificar que muitos deles tinham uma infância traçada pela escassez de bens culturais nos seus locais de moradia. As falas de alguns adolescentes entrevistados durante a pesquisa trouxeram relatos de que às vezes não tinham internet ou celular para o acesso a bens culturais nas redes sociais ou para estudar, por exemplo. Mas não deixaram de usufruir de bens culturais alternativos, presentes nos locais de convivência deles.

A minha identificação com telenovelas, conforme apontado na apresentação, data dos meus 20 anos de idade, quando consegui comprar meu primeiro aparelho de televisão, para finalmente poder assistir a primeira telenovela na minha casa, *Sonho Meu* (Globo, 1993). Antes disso, assistia esporadicamente na casa de vizinho, fosse na cidade ou no sítio. Passados 31 anos dessa assistência deslumbrada e tendo adquirido experiência empírica, agora, no papel de pesquisador em Comunicação, surgiram algumas inquietações sobre diversos temas abordados em telenovelas, como por exemplo, as representações do Nordeste e dos nordestinos, entre ambientações, enredos, cultura e personagens (caricatos e exageros). Também sobre a participação de atores pretos para representar a etnia, visto que a região é predominante de pessoas pretas e pardas, segundo o IBGE¹.

Ao conversar com a minha orientadora, o projeto de pesquisa se encaminhava para um estudo sobre as representações da cultura e dos negros nordestinos nas telenovelas contemporâneas ambientadas na região Nordeste. Entre elas, a telenovela *Travessia* que acabara de ir ao ar no início do meu doutorado. Mas, passado o primeiro semestre do curso, houve uma mudança de norte na pesquisa da tese que aqui se apresenta. Ao assistir *Travessia* (Globo, 2022), os dois personagens assexuais me chamaram atenção e ao relatar para minha orientadora, ela percebeu meu interesse pelo tema e que seria um caminho viável para a pesquisa, concordou e houve uma mudança no projeto para alinhar o

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE

problema a ser estudado, que é a assexualidade na telenovela *Travessia* da TV Globo, entre visibilidade e representatividade.

O fenômeno da assexualidade era desconhecido para mim, até eu começar a assistir *Travessia* (Globo, 2022). Mesmo sendo bissexual, não me dava conta dessa fluidez e complexidade da sexualidade humana. As orientações sexuais sempre existiram, gradativamente ampliaram-se suas definições e conceitos, tanto pelos movimentos da diversidade e como pelo meio acadêmico, sendo que na contemporaneidade, a sigla que já foi GLS, atualmente é composta pelas letras LGBTQIAPN+. O debate sobre a binaridade de gênero foi ampliado. As sexualidades foram ganhando espaço no debate público, seja nas políticas públicas, seja nos espaços de sociabilidade e no meio acadêmico, principalmente, tanto através de pesquisadores individuais, como é o meu caso, seja por meio de grupos de estudos e grupos de pesquisa de algumas universidades.

A ciência, nas diversas áreas, por causa da inquietação de pesquisadores, apresenta um fio condutor ao se debruçar para investigar, interpretar e apresentar resultados das várias questões inerentes à vida em sociedade. As ciências humanas, aqui representadas pela área da Comunicação e suas linhas de pesquisa, preocupam-se em estudar as relações sociais estabelecidas no tempo e no espaço que se dão cotidianamente. As aprendizagens incutidas nos sujeitos a partir da convivência e do contato com outros indivíduos, instituições, espaços, ferramentas, objetos, afetos, memória, traumas e sentidos, formatam os seres para vivenciarem suas trajetórias de vida.

A proposição desenvolvida e escrita no doutorado em Comunicação, pertencente à linha de pesquisa Configuração de Produtos e Processos na Cultura Midiática, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista, estuda a orientação assexualidade, seus espectros, visibilidade e representatividade, inserida na telenovela *Travessia* da TV Globo e exibida de outubro de 2022 a maio de 2023. A assexualidade passa a fazer parte do rol de visibilidade de orientações sexuais, a partir da dinâmica da cultura audiovisual, presente nas telenovelas da TV Globo, no contexto histórico de personagens da diversidade sexual, inseridos nas tramas ficcionais para representar a “comunidade LGBTQIAPN+”. Segundo Colling (2007, p. 14): “Ao verificar as novelas em perspectiva histórica, é fácil perceber o aumento da temática homossexual em suas tramas”.

Estudiosos sobre o assunto como Colling (2007), Peret (2005), Silva (2015), Cavalcanti e Ferreira (2023) e outros, tecem algumas críticas de que os personagens nas telenovelas não representam a comunidade LGBTQIAPN+ na sua diversidade e

complexidade de ser, mas se distanciam da pluralidade e particularidades da diversidade sexual. Segundo Colling (2007), a Globo construiu personagens caricatos, exagerados e não condizentes com a concretude de suas vidas na realidade. Assevera o autor que a partir de 1974, quando surge o primeiro personagem gay na telenovela da emissora, este protagonizou comportamentos e características de criminoso.

Durante sua exibição, a telenovela *Travessia* apresentou ao ‘grande público’, conforme Wolton (1996) chama a audiência televisiva, diversos temas, como *fake news*, *Deepfake*, dependência digital, estupro virtual, acessibilidade urbana e arquitetônica, patrimônio cultural material e imaterial, por exemplo, os casarões de São Luís, no Maranhão, a dança Criola, o Bumba Meu Boi e a Assexualidade.

A orientação sexual assexualidade, como problema de pesquisa aqui desenvolvido, foi introduzida na telenovela escrita por Glória Perez, exibida no horário nobre das 21 horas e apresentou dois personagens masculinos assexuais, héteros, brancos e que protagonizaram os espectros romântico e arromântico estrito da assexualidade. Pela primeira vez uma telenovela brasileira aborda essa orientação sexual com papéis bem definidos que foram se desenvolvendo durante a trama. Todavia, a teledramaturgia da TV Globo, por meio da *teen Malhação*, uma telenovela ou *soap opera* juvenil de longa duração e que nas temporadas de 2009 e de 2017, inseriu personagens jovens que levaram o público a entender que eles seriam assexuais, ainda que se tenham utilizado do termo assexuado que é inapropriado para definir pessoas assexuais. Além de uma abordagem não aprofundada, sem caracterizar a assexualidade e a quais espectros da orientação sexual eles pertenciam.

A importância da visibilidade dos coletivos representados na ficção televisiva por meio das telenovelas configura-se como política representacional de sujeitos invisibilizados e marginalizados socialmente. As telenovelas acionam os marcadores da diferença e estabelecem um lugar ao não lugar a grupos de sujeitos plurais que carecem de afirmação identitária, inclusive pelas representações sociais, conforme Hall (2016). Não podemos deixar de apontar que as representações precisam ser levadas a sério nas produções audiovisuais. A cultura da representação não pode estereotipar e com isso veicular uma visibilidade negativa, distorcida da realidade e que provoque a reprodução de preconceitos contra os representados, causando-lhes medo e vergonha de serem quem são. A conceituação de visibilidade, de modo geral, se pauta na necessidade de um sujeito, um coletivo de pessoas, produtos ou marcas serem vistos e reconhecidos por outros sujeitos. Já o conceito de representação envolve encenação, atuação, símbolos, narrativas

que exteriorizam visões de mundo de sujeitos e/ou de grupos étnicos, a partir de práticas culturais desenvolvidas em determinado espaço geopolítico e social.

Saber dos desafios que a diversidade sexual enfrenta cotidianamente nos diversos espaços e do quanto é desafiador assumir ou revelar uma orientação sexual que foge dos “padrões” heteronormativos construídos socialmente, instigou-me ainda mais a desenvolver esta pesquisa sobre o guarda-chuva da assexualidade no audiovisual, por meio da telenovela *Travessia* (2022) da TV Globo. Assim como para mim, a assexualidade era, para o grande público da telenovela, uma orientação sexual desconhecida. Estudando o fenômeno assexualidade e pessoas assexuais, foi possível me aprofundar sobre os vários subgrupos que estão inseridos na complexidade da orientação supracitada.

A partir da assistência de *Travessia*, que abordou a assexualidade, protagonizada por dois personagens assexuais; a leitura de artigos, teses e livros nacionais e internacionais, sobre assexualidade e pessoas assexuais; ao pesquisar na internet sobre grupos de pessoas assexuais que formaram comunidades virtuais, nacionais e internacional; o interesse pelo problema de pesquisa consolidou-se. É pertinente afirmar que após o mapeamento e definição do objeto de pesquisa chegou-se à conclusão de que o fenômeno da assexualidade é incipiente no audiovisual da ficção televisiva brasileira.

A assexualidade, estatisticamente, pertence a uma pequena parcela populacional, Kinsey et al. (1948, 1954) apud Oliveira (2013) e Bogaert (2004). O tema possui um campo de pesquisas, comunidades virtuais e produção audiovisual mais consolidado na América do Norte e na Inglaterra, apresentando elenco significativo de pesquisadores, artigos, teses e livros em língua inglesa, por exemplo. No Brasil, o cenário é bem mais principiante, haja vista termos poucos pesquisadores sobre o tema, produzindo e publicando artigos, teses, dissertações, trabalho de conclusão de curso. Somente na última década, alguns poucos livros foram publicados aqui no Brasil, sobre assexualidade.

As pesquisas desenvolvidas no Brasil trabalharam com revisão de literatura internacional, como Bezerra (2015) que desenvolveu sua tese de doutorado em Psicologia abordando a assexualidade através de revisão teórica de autores internacionais sobre o tema e por meio de busca em comunidades virtuais de assexuais. Ele relata, inclusive, que precisou traduzir os artigos e livros para a língua portuguesa. O autor organizou a publicação de um livro em 2019, a partir de sua tese, intitulado *Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI*. Já a pesquisadora Oliveira (2013, 2014), também estudou assexualidade na produção de sua tese de doutorado em educação,

quando realizou pesquisa empírica por meio de relatos publicados em blogs, em comunidades virtuais de pessoas assexuais, e-mails e chats que foram usados para a coleta de dados, seja por meio de entrevistas, aplicação de questionários, ferramentas de bate-papo e correspondência por correio eletrônico. Neiva (2019) realizou uma pesquisa para sua tese de doutorado em antropologia social sobre assexualidade e se utilizou do método netnográfico, conforme Kozinets (2014). A estratégia foi usada para a etnografia online por meio de buscas na internet, como sites, blogs e redes sociais de comunidades virtuais de pessoas assexuais. Também, o pesquisador D'Andrea (2017) abordou o tema em sua dissertação de mestrado em Psicologia, por meio de redes sociais e comunidades virtuais de assexuais. Realizou uma pesquisa exploratória a partir da seleção de pessoas assexuais para entrevistas presenciais, culminando em seguida com a publicação de um livro intitulado *Assexualidades em trânsito: deslocando sobre o arco-íris com tonalidades cinza e preto*.

Finalmente, entre outubro de 2022 e maio de 2023, a assexualidade entra de modo definido e com personagens completos na ficção televisiva brasileira, com a produção e veiculação da telenovela *Travessia* (Globo, 2022) que abordou o fenômeno. Esse contexto faz com que o trabalho em tela se torne relevante do ponto de vista acadêmico e social, dado o ineditismo da pesquisa, ao se debruçar para investigar, analisar e apresentar resultados sobre a visibilidade, representatividade e os subgrupos da assexualidade, a partir da telenovela *Travessia* (2022) de TV Globo.

A seleção e revisão teórica que dialoga com a pesquisa será dividida e apresentada por áreas do conhecimento convergente com o arcabouço temático investigado durante o estudo em tela. Assim, para trabalhar com a metodologia escolhida, acionarei os conceitos e fundamentos de Lopes (2000) sobre metodologia de pesquisas em telenovelas; Bardin (2016) que aborda análise de conteúdo; Doc Comparato (2009) sobre criação, roteiro e personagens; Martins e Theóphilo (2007) que apresentam a metodologia da investigação científica; Silva (2014) que teorizou sobre método em a *Análise de Imagens em Movimento aplicada à telenovela*, a partir dos estudos de Rose (2002) sobre o tema; Hall (2016) teorizou sobre as representações sociais nos estudos culturais, pensando em grupos étnicos e outros coletivos de sujeitos vulnerabilizados e minorizados em sociedade e Kozinets (2014) que explana como fazer pesquisa na internet, um levantamento nas redes sociais, método que ele chama de netnografia, assemelhando-se ao modelo tradicional da etnografia.

A revisão teórica sobre temas como gênero, sexualidade e orientação sexual, é composta por Giddens (2001) que aborda gênero e sexualidade em sua obra; Foucault (1988) que traz a história da sexualidade e controle sobre o sexo por meio das instituições políticas, religiosas e jurídicas; Butler (2003) que discorre sobre a performatividade de gênero; Preciado (2014) que fala do manifesto contrassexual, como práticas subversivas da identidade sexual e da sociedade contrassexual, das práticas de inversão sexual e indústria e tecnologias do sexo. Já Quinalha (2022) explana o contexto histórico do movimento LGBTQIAPN+ em três períodos, a partir de Berlim, na segunda guerra mundial, a revolta de Stone Wall de 1969, nos Estados Unidos da América e no Brasil, com o alastramento da epidemia do HIV, nos anos 1980, que foi erroneamente chamada de “peste gay” para culpabilizar a diversidade, até a contemporaneidade.

Para contextualizar o lapso temporal da presença de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo, utilizo a revisão teórica de autores nacionais como, Colling (2007) que estudou a presença de personagens homossexuais nas telenovelas da TV Globo, de 1974 até 2007; enquanto Peret (2005) se debruçou para interpretar o período de 31 anos de homossexualidade nas telenovelas da Rede Globo, entre 1974 e 2005; Silva (2015) abordou a temática de vilania gay na telenovela *Amor à vida* (Globo, 2013) e Cavalcanti e Ferreira (2023) pesquisaram a visibilidade de casais sáficos nas telenovelas da TV Globo, entre 1979 até 2022.

E para investigar a assexualidade no seu contexto histórico e em *Travessia* (Globo, 2022), buscarei dialogar com várias fontes, iniciando pelas leituras teóricas de Kinsey et al. (1948, 1953) que na construção de uma escala taxonômica de orientações sexuais, identificou que 1% de homens e 1% de mulheres estadunidenses não praticavam sexo. A esse grupo, ele nomeou de X, visto não haver uma definição que os nomeassem como orientação sexual. Já Johnson (1977) estudou um grupo de mulheres autoeróticas e assexuais que enviavam cartas para editoriais de revistas britânicas das quais eram leitoras, criticando o conteúdo veiculado por não as representarem. Bogaert (2004, 2006) se debruçou nos estudos da assexualidade no início do século XXI, por meio de dados secundários e da produção teórica que abordava a prevalência de pessoas que não praticavam sexo e a conceituação da assexualidade como orientação sexual. Przybylo (2011, 2012 e 2019) teorizou sobre a assexualidade empírica, crise e segurança de assexuais na *sexociedade* e o erotismo assexual. Oliveira (2013 e 2014) pesquisou a assexualidade a partir das comunidades virtuais de assexuais, como a estadunidense Asexual Visibility and Education Network - AVEN, ou Rede de Visibilidade e Educação

Assexual (*tradução nossa*), blogs e redes sociais, através das quais ela pode interagir e combinar para fazer entrevistas com assexuais para a sua pesquisa de doutorado. Bezerra (2019) organizou um livro que discorre sobre as subjetividades da assexualidade enquanto emergentes no século XXI e D'Andrea (2017) entende que as assexualidades encontram-se em movimento, em trânsito, no sentido da dinamicidade e permeando atualizações constantes.

O aporte teórico da pesquisa inclui os conceitos e fundamentos empíricos e teóricos da larga experiência de Lopes (1995, 2000, 2014, 2019) sobre os estudos de telenovela. Para exemplificar, Lopes (2000) produziu artigo sobre metodologia de pesquisa em telenovelas, publicou artigos e livros sobre a importância da teledramaturgia na construção de mundos imaginários pelos telespectadores, na identidade cultural nacional, no binômio ficção-realidade e a telenovela enquanto um produto comunicativo de consumo cultural.

A contribuição de Foucault (1988) sobre sexualidade, reverbera com este trabalho de pesquisa, principalmente, por meio de sua obra a 'História da Sexualidade Humana', a sua complexidade, o poder instituído e o controle sobre o sexo. O autor discorre em suas obras sobre as manobras e imposições das pessoas e de instituições detentoras do poder sobre a regulação do falar, do saber e das práticas sexuais. As proibições, privações, punições, medos, métodos praticados para sujeitar as pessoas a seguirem as normas impostas. Ele descreve o fio histórico desse processo que fora praticado em países, gerações e por pessoas e instituições sociais, ciências jurídicas, organizações religiosas, ciências médicas, mercado econômico e pela moral e os costumes praticados.

Ao abordar a teoria Queer, Butler (2003) fala de identidade de gênero como performativa e construída no discurso e pelo discurso que se impõe. Afirma a autora que o corpo não tem nada de natural, mas é construído à medida que a criança é educada pelos instrumentos sociais de poder, tornando-se mulher conforme os "padrões" que lhes foram ensinados em sociedade. Segundo os preceitos da obra seminal sobre gênero e feminismo de Beauvoir (1949), o *Segundo Sexo* e a sua celebre frase: "ninguém nasce mulher, se torna mulher". Segue-se a teoria de gênero, sexualidade e orientação sexual, na contribuição de Preciado (2014) sobre identidade, subjetivação, construção social e política do sexo.

O rol de autores internacionais e nacionais sobre assexualidade foi indispensável para a construção do arcabouço teórico sobre o problema de pesquisa. Eis alguns deles: Johnson (1977) aborda o termo mulheres assexuais pela primeira vez em obra acadêmica,

ao estudar dois grupos de mulheres, denominados pela autora de assexuais e autoeróticas. Na década de 1980, Storms (1980) trabalha em sua teoria com o conceito de identidade sexual. Prauze e Graham (2007) e Brotto et al. (2008) realizaram trabalhos empíricos e teóricos sobre assexualidade a partir da psicologia e da neurociência. As autoras buscaram classificar e caracterizar a assexualidade por meio de pesquisas com métodos mistos, como a taxometria aplicada a partir do controle e excitação sexual de sujeitos que participaram dos estudos.

O pesquisador canadense, Bogaert (2004, 2006 e 2012) desenvolveu e publicou obras sobre assexualidade, como artigos e livros. A partir de dados secundários de uma pesquisa empírica realizada na Inglaterra, ele chegou ao resultado da amostra de que em torno de 1% dos homens e 1% das mulheres britânicas, não tinham interesse por sexo. No ano de 2006, apropriando-se de teorias já produzidas e de dados internéticos da comunidade virtual de assexuais estadunidense, o autor chega à conclusão de que a assexualidade não é uma patologia, logo não estar associada ao Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo-TDSH, ainda que alguns sujeitos assexuais apresentem algum trauma, disfunção hormonal ou questão de saúde mental, porém não é passível de associá-los à assexualidade.

A pesquisadora Przybylo (2011, 2012 e 2019), radicada nos Estados Unidos da América, traz estudos teóricos, como artigos e livros, produzidos e publicados sobre assexuais e assexualidade. Decker (2015) é outra pesquisadora estadunidense sobre o tema e se identifica como pessoa assexual.

Algumas referências brasileiras sobre assexualidade são a pesquisadora Oliveira (2013, 2014) que publicou artigos e sua tese de doutorado sobre o tema, ministrou palestras para educadores e estudantes de universidades e escolas, além de dar entrevistas para revistas e televisão. A autora se apropriou das teorias internacionais para embasar e fundamentar seus estudos sobre assexualidade. Utilizou-se das ferramentas digitais, como e-mail, comunidades virtuais de assexuais, plataformas de vídeo e bate papo, por meio das quais pode interagir, fazer amizade e entrevistar assexuais, pesquisadores e aplicar questionários de pesquisa. Em seu artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 e publicado nos Anais eletrônicos do Instituto de Estudos de Gênero-IEG da Universidade Federal de Santa Catarina, a pesquisadora afirma que a assexualidade sai do “armário” com criação, disseminação e adesão dos assexuais à comunidade assexual AVEN, criada em 2001 por David Jay, universitário e assexual, estadunidense. Já na tese de doutorado, Oliveira (2014) assevera que os assexuais eram

comparados por eles próprios, pelos amigos e pela sociedade como “amebas”, sendo um termo pejorativo para identificar os sujeitos que se localizavam nos espectros da assexualidade.

Já o pesquisador Bezerra (2015) desenvolveu sua tese de doutorado sobre assexualidade, utilizando-se como método de pesquisa a revisão teórica de obras internacionais sobre o fenômeno estudado. O autor apontou a escassez de produção acadêmica nacional, a falta de livros e artigos internacionais, traduzidos para a língua portuguesa. Apresenta o percurso histórico de estudos sobre sexualidade, descrevendo e analisando a gradativa identificação e definição da assexualidade por meio das pesquisas, com o passar do tempo. Bezerra (2019) também organizou e publicou com a participação de outros autores, o livro que trata da assexualidade na linha das “subjetividades emergentes no século XXI”.

A pesquisadora Neiva (2019), em sua tese de doutorado, aborda a questão das cobranças que os assexuais sofrem para que pratiquem sexo. A partir do método de pesquisa internético com abordagem aos assexuais por meio de entrevistas online, previamente combinadas nas redes sociais que eles se inserem e por meio dos referenciais teóricos, traz contribuições sobre as experiências práticas de assexuais que são questionados com a seguinte pergunta: “você já provou para saber se gosta”? Assim, a sua pesquisa se insere na metodologia de levantamento nas redes sociais e portais online, denominada por Kozinets (2014) de pesquisa “netnográfica”, para chegar às suas conclusões.

A pesquisa tem por objetivo investigar a visibilidade e a representatividade da assexualidade no âmbito da ficção brasileira. A partir da telenovela *Travessia* (2022) da TV Globo, através de dois personagens assexuais, explorar e interpretar como se deu a visibilidade e a representatividade da assexualidade para o grande público e para as pessoas assexuais. Analisar a repercussão junto ao público dos personagens assexuais em *Travessia*, por meio dos portais de notícias online e da interação nas comunidades virtuais de assexuais. Objetiva-se também traçar o percurso histórico da assexualidade, a partir de leitura teórica e de busca em sites de comunidades virtuais, blogs e chats de grupos assexuais, além de contextualizar o percurso histórico de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo.

A proposta é explorar a visibilidade e a representatividade da assexualidade por meio dos personagens assexuais Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral) na telenovela *Travessia* (Globo, 2022). Apresentar uma interpretação analítica e

argumentativa das cenas construídas e exibidas em *Travessia* (Globo, 2022) pelos personagens assexuais Caíque e Rudá. Traçar o percurso histórico de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo e da assexualidade, desde a academia, comunidades virtuais de assexuais até a sua entrada no audiovisual brasileiro por meio da telenovela.

Fez-se necessário trazer para a metodologia escolhida o diálogo com a produção teórica de autores nacionais e internacionais que estudaram e estudam a assexualidade nas diversas abordagens que suas produções acadêmicas desenvolveram sobre o tema. Já os achados empíricos trazidos para o estudo, vão desde pesquisas na internet, em portais de notícias e revistas online, como Estado de Minas, Metrôpoles e o programa Fantástico da TV Globo, além das buscas em comunidades virtuais e em redes sociais de corpos assexuais plurais. A pesquisa se utiliza de método empírico qualitativo e quantitativo, a partir da técnica de observação durante a assistência de *Travessia* (2022), de leituras teóricas e por meio da busca em portais de notícias online, em sites, blogs, fóruns e nas redes sociais de pessoas assexuais.

A metodologia se dará em quatro etapas: a) Assistência à telenovela, tabulação de dados, análise de conteúdo de cenas e diálogos. b) Análise de reportagens online no portal Estado de Minas, Metrôpoles e Fantástico sobre assexualidade durante a exibição de *Travessia*. c) Traçar um perfil histórico da assexualidade e subgrupos. d) Leitura e revisão teórica sobre a participação de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo e sobre a constituição de gênero, sexualidade e orientação sexual.

O problema de pesquisa estudado se apresentou no campo audiovisual televisivo, através da recepção e consumo do produto ficcional telenovela. O universo da pesquisa envolve imersão na leitura de obras teóricas sobre gênero, sexualidade e orientação sexual, no contexto da diversidade e complexidade sexual, também denominada de sexualidades periféricas, dissidentes ou minorias sexuais, Foucault (1988). Explicito que não utilizarei nesta pesquisa os termos sexualidades periféricas, dissidentes e minorias sexuais, ainda que os termos possibilitem uma compreensão da localização desses grupos em sociedade, que no percurso histórico ficaram à margem da cidadania e excluídos de direitos. Entendo que na contemporaneidade, os termos supracitados são reducionistas e mantêm um discurso no imaginário social que reproduz o estigma de subalternidade e de vulnerabilidade que descredibiliza o protagonismo da diversidade de gênero e sexual no campo discursivo e prático. Para tratar de gênero, sexualidade e orientação sexual na telenovela, farei menção aos termos diversidade sexual, população LGBTQIAPN+,

sujeitos ou pessoas assexuais, corpos assexuais plurais, coletivos assexuais, orientação sexual e assexual, subgrupos ou espectros da assexualidade e sexualidades fluídas.

Além das leituras teóricas, foi realizada pesquisa em sites de comunidades virtuais de sujeitos assexuais, nacionais e internacionais, em portais de notícias online que repercutiram a assexualidade na telenovela *Travessia* e a assistência a todos os capítulos da narrativa que foi levada ao ar e teve a duração de quase sete meses. O recorte amostral da pesquisa, extraído de um universo mais amplo, foi delimitado para estudar o termo guarda-chuva da assexualidade por meio de dois personagens assexuais na telenovela *Travessia* (Globo, 2022).

A tese se constrói a partir dos estudos sobre o fenômeno assexualidade que foi representada com a exibição de dois personagens assexuais na telenovela brasileira. O tema é pouco conhecido do grande público e pouco estudado no meio acadêmico nacional. As análises se debruçam na compreensão sobre visibilidade e representatividade, desde a interpretação da narrativa ficcional que abordou o tema, por meio da reação do público com repercussão nos portais de notícias online, o contexto histórico constituinte do tema estudado, incluindo a descrição dos subgrupos e de símbolos assexuais, além de traçar um perfil LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo e a constituição teórica de gênero, sexualidade e orientação sexual no entendimento de Giddens (2001), Foucault (1988), Butler (2003), Preciado (2014) e Quinalha (2022).

Ao delimitar o problema de pesquisa, é possível defini-lo em três perguntas: 1. Como se dá o conhecimento sobre a assexualidade e sua representação na ficção televisiva nacional? 2. A representação dos personagens assexuais em *Travessia* (2022) auxiliou no entendimento do tema ou reforçou estereótipos? 3. A telenovela contribuiu para ampliar a visibilidade da assexualidade?

Como respostas a essas perguntas, partimos das hipóteses de que: 1. A assexualidade é quase invisível e com pouca representação no meio audiovisual nacional. 2. Os personagens assexuais foram realistas, pouco exagerados e representativos da orientação assexual nos subgrupos deles. 3. Contribuiu sim, pois a assexualidade era ainda menos conhecida do grande público antes da telenovela *Travessia* (Globo, 2022).

CAPÍTULO 1: REVISÃO TEÓRICA SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Trazer a contribuição teórica do contexto histórico sobre identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual para a discussão da assexualidade nesta pesquisa se faz importante à medida que existe uma correlação que atravessa as áreas citadas. O entendimento de teóricos clássicos abordados sobre gênero, sexualidade e orientação sexual contribui para a compreensão da complexidade da sexualidade humana, durante o percurso histórico de estudos na tentativa de explicar como se deram as construções, conflitos e debates em torno da temática.

Assim, foi possível observar que lutas foram travadas, resistências em várias frentes de embate, conquistas, mudanças sociais, legais, morais e culturais foram atualizadas em diversas nações do mundo sobre a complexidade da sexualidade humana. Entre avanços e retrocessos, conquistas e perdas, o saldo parece ser positivo para a sociedade como um todo, ainda que algumas questões permaneçam atuais, como tabus morais, estigmas sociais, institucionais e práticas violentas contra a população LGBTQIAPN+.

A assexualidade atravessa e é atravessada por gênero, sexualidade e orientação sexual. Os sujeitos assexuais podem ser de gênero masculino ou feminino, com práticas sexuais ausentes para alguns assexuais e presentes para outros em contextos específicos. Quanto à orientação sexual, os assexuais se inserem no termo guarda-chuva da assexualidade, localizados em subgrupos diversos e que podem atravessar outras orientações como os heterossexuais, os homossexuais, os bissexuais, os queers, os transexuais e os pansexuais. Nas palavras de Przybylo (2019), os assexuais são tão oprimidos quanto as mulheres nos regimes patriarcais e as pessoas LGBTQIAPN+ no mundo heteronormativo.

O ‘mundo sexual’ é, para os assexuais, muito parecido com o que é o regime patriarcal para as feministas e com o que representa a heteronormatividade para as populações LGBTQ, no sentido de que constitui uma força opressiva contra a qual algum tipo de organização e rebelião deve ser feito (PRZYBYLO, 2019, p. 191).

Estamos inseridos em uma sociedade historicamente dominadora, machista, moralista e controladora das práticas, desejos e pensamentos dos sujeitos, também no campo da sexualidade, o que Przybylo (2019) denomina de *sexociedade*, que significa sociedade do sexo. No século XX, Foucault (1988) apresentou em uma de suas obras, a microfísica do poder, sendo este distribuído nos diversos espaços e estruturas sociais,

utilizado como ferramenta de domínio do outro. No último quadrante do século XX, na década de 1970, Foucault (1988) escreveu sobre a história da sexualidade e afirmou que estruturas, instituições e pessoas influentes ditavam as regras sobre o controle da sexualidade em sociedade, fosse por interesse econômico, político, jurídico, religioso ou social.

A sociedade e as instituições sociais que detinham o ‘benefício do locutor’ (Foucault, 1988), silenciavam as pautas de identidades de gênero e orientações sexuais, não apenas impondo uma cultura de descrição e pudor sobre o assunto, mas invisibilizando o que Foucault (1988) chama de “sexualidades ilegítimas” ou “periféricas”. O indivíduo que exerce uma “sexualidade periférica” (incluídas aqui questões de gênero, uma vez que Foucault se detém mais no aspecto da sexualidade) se torna objeto de classificação e intervenção. Segundo Penner e Greco (2023), as chamadas sexualidades periféricas, ainda que não sejam proibidas por lei em grande parte das sociedades modernas, ainda têm sua existência abafada institucional e culturalmente.

Assim, falar e pesquisar sobre gênero, sexualidade e orientação sexual, perante a fluidez e complexidade da sexualidade, na contemporaneidade, ainda encontra entraves, limitações, constrangimentos e proibições, que parecem ser resquícios dos tabus produzidos historicamente no seio da sociedade. As proibições, tabus e moralismos favorecem áreas, instituições, grupos e sujeitos, perante interesses de controle no campo das sexualidades. A área do comércio erótico e sexual instituiu lugares e regras para a prática, como saunas, motéis, cines gays, revistas masculina e feminina, a pornografia adulta, os sites e aplicativos de relacionamentos, as propagandas sexualizadas, o turismo sexual entre outros.

Em alguns espaços sociais, públicos e privados, ainda atualmente, falar abertamente de gênero, sexualidade e orientação sexual como questões intrínsecas à identificação individual e coletiva, enquanto possibilidades de ser e estar no mundo, causa incômodos, incompreensões, desrespeitos, violências físicas, verbais, psicológicas e sexuais, pela não aceitação do outro. A diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual incomodam nichos da sociedade que teimam em preservar um dito comportamento “padrão” da sexualidade humana, que foi engendrado e imposto à sociedade como natural, correto e, portanto, o único a ser aceito. Foucault (1988) vai nos dizer que o desejo de saber e falar sobre sexo, foi tolhido e condenado como sendo ato impróprio, alimentando o tabu sobre o tema.

A bíblia, no livro de Levíticos do Antigo Testamento, capítulo 20, versículo 13, diz que: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”. Já no livro do apóstolo Paulo aos Romanos, novo testamento, capítulo 1, versículos 26-27 dizem que:

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.

Assevero que a Bíblia foi escrita por seres humanos sujeitos a qualquer paixão ou comportamento que pudesse ser considerado desviante para os padrões da fé cristã. A moral religiosa torna-se julgadora e punitiva, ao invés de acolher e respeitar. As regras impostas aos seguidores do livro cristão são tratadas como sendo mais importantes que os sujeitos. Visto haver relatos de líderes religiosos que condenam a diversidade sexual. Aqueles que frequentam religiões que seguem o padrão bíblico devem anular ou esconder seus comportamentos e práticas sexuais não aceitas pelas denominações. Os que “caem em tentação”, são tratados como escandalosos, julgados e expulsos. Outros que vivem uma “vida dupla”, sentem-se culpados, pecadores e se autocondenam baseados nos ditames da fé.

Portanto, os sujeitos que desejam viver suas sexualidades, fantasias e comportamentos, sem deixar de exercer a fé, todavia livres das amarras de algumas religiões, procuram aquelas que lhes aceitam como são, sendo consideradas liberais, por exemplo. Existe também uma parcela da diversidade LGBTQIAPN+ que nunca acreditou ou que deixou de acreditar em religiões, seja por opção ou por causa de decepções provocadas pelos tabus moralistas, considerados incompreensíveis e impossíveis de serem praticados na sua totalidade.

Alguns grupos de pessoas, ditas conservadoras dos valores tradicionais, acreditam na binaridade de gênero, na prática sexual heteronormativa, na família patriarcal nuclear e na fidelidade aos preceitos cristãos. Essa parcela da sociedade é avessa à diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. Geralmente são influenciados pela cultura da moral religiosa, pela ideologia política de imposição de seus padrões estabelecidos, pelas normas legais, outrora norteadoras dos “bons costumes”, pelas práticas da medicina higienista e patológica, pela escola que não colocou em prática um projeto audacioso e

pensado a partir da sociedade para a educação sexual e primou pela construção de “verdades fixas” do certo e do errado, baseadas no senso comum.

Enquanto a educação sexual se torna inexpressiva ou ausente, deixando de educar para a liberdade, o amor, o respeito e o autocuidado, as expressões psicológicas do senso comum constroem narrativas impositivas para exercerem seus interesses, entre eles, as violências sexuais, como o estupro corretivo, as práticas sexuais sem consentimento e o assédio sexual etc. As violências verbais, pautadas nas palavras homofóbicas e transfóbicas, com xingamentos ofensivos e depreciativos, causam intimidação e desrespeito aos sujeitos. As violências físicas atacam os corpos de sujeitos da diversidade sexual. As práticas vão desde a ameaça às vias de fato, como espancamentos, perseguições e mortes. A violência excludente nega direitos, promove invisibilidade e apagamento, anulando as capacidades e habilidades, tornando-se fatores de vulnerabilidade contra a comunidade LGBTQIAPN+.

Gênero, sexualidade e orientação sexual devem ser construídos e vivenciados paulatinamente por cada sujeito enquanto se educa e se forma para ser dono de si, sem o controle de outros. A cidadania sexual deve ser pensada e construída individualmente e coletivamente. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, já disse Beauvoir (1949). Digo que não se nasce homem, torna-se homem. Mesmo que a mulher se relacione com mulher e o homem se relacione com homem, continuam mulheres e homens. Ainda que ao nascer o sexo biológico seja feminino, masculino ou intersexo, não deve servir de padrão definidor das escolhas, identidades e comportamentos que formarão esse corpo. Assim como o homem e a mulher héteros sentem orgulho de falar que são heterossexuais, as demais orientações precisam sentir esse orgulho, respeito e liberdade de falar que são bissexuais, homossexuais, lésbicas, travestis, transexuais, queer, assexuais e pansexuais, por exemplo.

Os comportamentos tóxicos contra a diversidade sexual somente serão eliminados com educação e formação que sirva para respeitar e ser respeitado, incluindo a produção de pesquisas e divulgação dos resultados. Será necessário um projeto conjunto entre diversos atores e instituições da sociedade. Na tentativa de desconstruir padrões ignorantes, desrespeitosos, perversos e excludentes dos corpos LGBTQIAPN+. Assim, as atuais e futuras gerações não precisarão ter medo e vergonha de ser quem são.

A fluidez e complexidade da sexualidade humana envolvem afirmação de identidade, construção de subjetividades, autoidentificação, autorreconhecimento, passíveis de mudanças e afirmações nas escolhas, possíveis transformações estéticas ou

biológicas, comportamentos individuais, sociais e psicológicos, desejos, fantasias, relacionamentos, entre outros. Não podemos admitir que a sociedade ainda questione e desrespeite os valores e direitos da diversidade. Fazer parte da diversidade sexual não precisa parecer ser ou não parecer ser. A pluralidade de gênero e sexual não precisa ser rotulada pela classe heteronormativa e cisgênero. Caráter, dignidade e amor não se medem pela orientação sexual dos sujeitos.

Desde o ano de 1973 a homossexualidade deixou de ser tratada como patologia/transtorno mental, pelo Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais estadunidense, da Associação de Psiquiatria Americana (APA). Já no ano de 2013, o DSM-V deixou de enquadrar a assexualidade como uma patologia dentro do Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo, quando que, diagnosticado refere-se a questões hormonais, disfunções biopsicossociais que precisam de acompanhamento médico.

1.1 Gênero e sexualidade como possibilidades de construção biopsicossocial e cultural

É possível vislumbrar o rompimento de amarras presas em tabus sociais sobre a sexualidade humana pensada no binômio de gênero homem-mulher e com o objetivo de satisfação do desejo sexual reprodutivo, apenas. Giddens (2001, p. 126) ao falar de gênero e sexualidade, aponta que: “Nas sociedades tradicionais, a sexualidade estava ligada estreitamente ao processo de reprodução, estando atualmente uma ideia separada da outra”. O autor entende que gênero e sexualidade são culturalmente pensados e desenvolvidos nas sociedades em temporalidades e espaços variados. As pesquisas nas áreas biológicas, psicológicas e sociais têm se atualizado e trazido novos entendimentos para o campo das sexualidades.

A assexualidade não ficou de fora desse processo histórico de mudanças e de atualizações enfrentadas pela sociedade nas diversas esferas sociais. Ainda que ela não fosse identificada e estudada em separado como orientação sexual em épocas anteriores como outras orientações sexuais que ganharam maior visibilidade em contextos específicos. Na contemporaneidade, a assexualidade já conta com produção teórica nacional e internacional, representatividade e visibilidade nos meios de comunicação, como o audiovisual ficcional de séries, telenovelas, documentários, podcasts e nas comunidades virtuais de pessoas assexuais.

No capítulo da sua obra que aborda gênero e sexualidade, o pesquisador começa indagando: “O que é ser-se um homem? O que é ser-se uma mulher? (GIDDENS, 2001,

p. 108). Segundo ele, os pesquisadores da sociologia que se preocupam em como classificar a feminilidade e a masculinidade para além do sexo biológico, quando as subjetividades intrínsecas à vida humana estão envolvidas nas definições de gênero, não se torna fácil dar conta de tal complexidade classificatória. Como por exemplo a transição de gênero ou resignação sexual.

A história de Janeen Newham e de David Willis é semelhante à de muitos transexuais que se submetem a operações de mudança de sexo para se tornarem as pessoas que acreditam ser. O que torna este caso especialmente notável é o facto de serem o primeiro casal transexual casado na Grã-Bretanha (GIDDENS, 2001, p. 108).

Mas, o obstáculo seguinte para formalização do casamento transexual se deu no meio jurídico, visto que a legislação britânica não permitiu a mudança de nome no registro de nascimento, mesmo havendo a legalização para a transição de gênero. Segundo Giddens (2001) o casal teve que oficializar o matrimônio na Dinamarca, onde não houve problema para atualização do documento.

O autor analisa que: “A possibilidade de uma pessoa que era um ‘ele’ se tornar uma ‘ela’ leva-nos a parar para refletir, pois as diferenças sexuais são demasiado influentes nas nossas vidas” (GIDDENS, 2001, p. 108). Para ele, a identidade de gênero, atitudes e inclinações sexuais estão associadas, tornando-se um processo que começa cedo nas nossas vidas, mas somente na vida adulta é que entendemos como certo para acontecer. A afirmação dele é a de que “o gênero não existe simplesmente”. Ou seja, não se encontra determinado ou acabado para a vida toda. Fazemos “o gênero nas interações sociais que estabelecemos diariamente com os outros”, (GIDDENS, 2001, p. 108). O pesquisador refere que o casal transexual que ele exemplificou, deverá aprender a fazer o gênero no dia a dia. Corroborando que a prática cotidiana da nossa existência é construída “a partir do gênero, do tom de voz aos gestos, dos movimentos às normas de comportamento” (GIDDENS, 2001, p. 108).

Para além do sexo biológico, o gênero constitui-se a partir de diferenças psicológicas, sociais e culturais entre pessoas do sexo feminino e masculino. Para Giddens (2001) a diferença entre sexo e gênero torna-se primordial, haja vista que muitas diferenças entre homens e mulheres não são de ordem biológica. O entendimento do autor é de que a identidade de gênero passa por influências múltiplas no processo de socialização e sociabilidade. Nas palavras dele, “até os pais que se dedicaram a educar os filhos de uma forma ‘não sexista’ consideram difícil combater os padrões existentes de aprendizagem de gênero (GIDDENS, 2001, p. 110).

Segundo o autor, recentemente pesquisadores da área de sociologia vêm criticando a dicotomia entre sexo e gênero. E que na visão deles dever-se-ia considerar tanto o sexo como o gênero produtos da construção social. “É possível atribuir aos nossos corpos significados que desafiam o que é geralmente considerado como ‘natural’” (GIDDENS, 2001, p. 114). Assim, “as identidades do gênero e as diferenças de sexo encontram-se intimamente associadas em cada corpo humano” (CONNEL, 1987; BUTLER, 1999; SCOTT e MORGAN, 1993, apud GIDDENS, 2001, p. 114). Na visão da sociologia, gênero é um conceito que a sociedade criou para atribuir aos homens e às mulheres papéis sociais e identidades diferentes.

Portanto, a partir da perspectiva da desigualdade de gênero, o autor advoga que em nenhuma sociedade as mulheres tenham mais poder que os homens. Ele diz que os papéis dos homens são muito mais valorizados e tradicionalmente as mulheres, em quase todas as culturas, assumem a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, enquanto os homens se dedicam ao trabalho pesado e ao sustento da família. E que a divisão do trabalho reproduziu essa desigualdade e a assimetria entre o gênero masculino e o feminino. Ele enxerga progresso das mulheres em diferentes países do mundo, mas as diferenças apontadas ainda servem de base para as desigualdades sociais, inclusive. Giddens (2001) aponta que não existe fundamento biológico impeditivo para que as mulheres ocupem qualquer profissão na sociedade. E que no seu entendimento, ao contrário, todas as pessoas são socializadas para desempenharem papéis que culturalmente se espera.

O teórico assevera que as abordagens feministas desenvolveram muitos textos para tentar explicar as desigualdades de gênero e criar alternativas para tal situação. Porém, na visão dele, embora as autoras se preocupem com tal desigualdade, apresentam argumentos que divergem de forma considerável. Giddens (2001) apresenta três correntes feministas: o feminismo liberal, o radical e o negro, para explicar sua interpretação. Segundo ele, as feministas liberais criticaram a existência de uma base de origem biológica na divisão entre homens e mulheres. Então, esse movimento de cunho liberal, se preocupou com a questão sexista e a discriminação das mulheres no local de trabalho e em outras instituições.

Giddens (2001) reconhece que as liberais contribuíram para o progresso das mulheres no século passado, porém, segundo os críticos do movimento, elas não souberam lidar com o fenômeno da desigualdade de gênero e entender que a sua origem é de natureza sistêmica. Assim, as feministas liberais sofreram críticas das feministas

radicais, alegando-se que aquelas incentivaram a desigualdade social e promoverem a concorrência. Ou seja, o foco não deveria ser baseado apenas na abertura do mercado de trabalho para as mulheres, lutando por melhores salários, condições de trabalho e combatendo a discriminação perante os homens, por exemplo.

Giddens (2001, p. 117) destaca que: “As feministas radicais concentraram-se, muitas vezes, na família como uma das fontes primárias de opressão das mulheres na sociedade. Afirmam que os homens exploram as mulheres pois contam com o trabalho doméstico gratuito realizado pelas mulheres em casa”. Outrossim, no entendimento da ala feminista radical, o patriarcado desenvolve a opressão sobre as mulheres e de modo geral, os homens se apropriam do corpo e da sexualidade delas.

Firestone (1971, apud GIDDENS, 2001), uma feminista radical, afirmou que a desigualdade biológica se organiza na família nuclear e pela capacidade das mulheres de serem mães, tornam-se dependentes dos homens. Para ela, diz o autor, essa relação de subalternidade chama-se “classe sexual” e a emancipação das mulheres só se torna possível com o fim da família e das suas relações de poder. O autor relata que para outras feministas radicais, as questões de violência dos homens contra as mulheres, como o feminicídio, o estupro, o assédio e violação sexual fazem parte da supremacia masculina.

A dominação dos homens se faz presente, muitas vezes, de forma sutil, quando pedem ou exigem determinados padrões de beleza para as mulheres, influenciando na escolha da roupa, maquiagem, acessórios, comportamento social e gentilezas, como forma de agradar-lhes. A objetificação das mulheres em propagandas, nos meios de comunicação e na moda, por exemplo, tratando-as como objetos sexuais, cujo objetivo é entreter e agradar os homens. Portanto, para as feministas radicais, reformas e mudanças progressivas não adiantam. Somente a eliminação do patriarcado pode tirar as mulheres da opressão. Por outro lado, segundo Giddens (2001), as feministas radicais foram criticadas por não explicarem as mudanças e a diversidade na desigualdade de gênero.

Sobre o feminismo negro, o autor faz a seguinte pergunta: Será que as experiências vividas pelas feministas liberais e radicais são as mesmas para mulheres brancas e negras? Giddens (2001) diz que para algumas feministas negras, a resposta é não.

Os estudos das relações de gênero ficaram concentrados nas diversas opressões dos homens sobre as mulheres. As pesquisas sobre masculinidade somente ganharam visibilidade a partir da década de 1980, segundo Giddens (2001), com as mudanças nos papéis das mulheres e nos padrões de família, na sociedade industrializada, quando se

questiona o papel da masculinidade do homem em sociedade. Estaria a masculinidade em crise?

Segundo Giddens (2001), Connell (1987) elaborou um estudo sobre as masculinidades, apresentando relações de gênero, incluindo a hierarquia de gênero e uma supremacia masculina. Nessa hierarquia, a prerrogativa da supremacia masculina está pautada na visão da heterossexualidade, no casamento, no salário, no poder e na força física. No topo da hierarquia estaria o homem hegemônico e que se considera superior às demais masculinidades e feminilidades. Algumas instituições atestam tal hegemonia, como os meios de comunicação, a educação, a religião, a ideologia entre outras. Conforme Giddens (2001), na hierarquia de gênero, a masculinidade subalterna e a masculinidade homossexual estão abaixo da masculinidade hegemônica. O homossexual é considerado o oposto do ‘verdadeiro homem’. “A masculinidade homossexual é um estigma e está em último lugar na hierarquia do gênero masculino” (GIDDENS, 2001, p. 122). Nesse sentido, os sujeitos assexuais têm suas relações agravadas por ser retirado o elemento sexual de suas vidas, faltando-lhes parâmetro de masculinidade concebida socialmente.

Connell (1987, apud GIDDENS, 2001) afirma que as instituições como o Estado e a família em quem os homens se apoiavam para dominar, estão em processo de transformação gradual. Por outro lado, Giddens (2001, p. 123) acredita que: “O poder cada vez maior da sexualidade das mulheres e dos homossexuais pressiona a masculinidade hegemônica tradicional”. Assim, os direitos das mulheres, os movimentos gays e atitudes antissextistas de grupos de homens, apresentam novas dinâmicas na sociedade contemporânea, no entendimento de Connell (1987, apud GIDDENS, 2001).

Segundo a abordagem de Giddens (2001), a sexualidade humana se tornou uma dimensão da vida que cada sujeito pode desenvolver de várias formas. Assim, o autor entende que na sociedade ocidental, contemporânea, existe uma aceitação cada vez maior de diversas orientações e comportamentos sexuais, numa pluralidade de contextos, diferente de outrora que a primazia ficava por conta da heterossexualidade e a monogamia matrimonial. A sexualidade humana envolve fatores biológicos, sociais e culturais, visto a sua complexidade. O autor refere que a maioria da sociedade é heterossexual e interessa-se pelo sexo oposto por causa do envolvimento emocional e do prazer sexual. Nesse ponto discordo de tal afirmação, pois é possível haver envolvimento emocional e prazer sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Gêneros, sexualidades e orientações sexuais são possibilidades de identificação e vivências sociais construídas culturalmente, fluídas no tempo e no espaço, e que são diferentes do sexo biológico atribuído ao nascer e à prática sexual como objetivação do prazer, apenas. A fluidez sexual humana se apresenta nas suas diversas possibilidades com as quais sujeitos se identificam ao longo da vida.

Judith Lorber (1994) distingue até dez identidades sexuais diferentes: a mulher hetero (heterossexual) o homem hetero, a mulher lésbica, o homem homossexual, a mulher bissexual, o homem bissexual, a mulher travesti (uma mulher que se veste regularmente como homem), o homem travesti (um homem que se veste regularmente de mulher), a mulher transexual (um homem que se transforma numa mulher) e o homem transexual (uma mulher que se transforma num homem) (LORBER, 1994 apud GIDDENS, 2001. p. 127).

Segundo o teórico, Freud (1984) classificou os sujeitos como ‘polimorficamente perversos’. Assim, estabelece as diversas possibilidades de experimentação de práticas e comportamentos sexuais, ainda que algumas delas sejam consideradas imorais e ilegais, em determinadas sociedades. Giddens (2001, p. 127) observa que: “Consideremos algumas práticas sexuais presentes: Um homem ou uma mulher podem ter relações sexuais com mulheres, homens ou ambos. Pode envolver um de cada vez, ou três ou mais pessoas ao mesmo tempo. Uma pessoa pode ter uma experiência sexual consigo mesma (masturbação) ou não ter nenhuma experiência.”

As normas convencionadas socialmente para a prática do sexo variam de sociedade para sociedade. Diversos fatores são determinantes para que as pessoas obedeçam ou não a tais regras, como a moral, os costumes, a cultura, a família, a crença religiosa, as escolhas individuais etc. Esse processo de escolha sobre sexualidade pode ser dinâmico na vida dos sujeitos. Por exemplo, segundo Giddens (2001, p. 127) “algumas culturas toleraram ou incentivaram ativamente a homossexualidade em determinados contextos”. O autor diz que na Grécia antiga o amor de homens pelos rapazes era considerado a forma de amor sexual mais completa. Preciado (2014.) vai dizer, citando Deleuze, que o termo homossexualidade não existia antigamente. Giddens (2001) aponta que os comportamentos sexuais são aprendidos culturalmente, constituindo-se formas de saber ensinadas na convivência social e não algo herdado geneticamente. Até o século XIX, eram os preceitos religiosos que ditavam as regras sexuais, numa espécie de controle sobre as práticas. A partir de então, a medicina assume esse controle e associa algumas atividades sexuais às doenças, como a masturbação com a cegueira, loucura, doenças cardíacas, enquanto o sexo oral poderia causar o cancro.

O teórico afirma que na época vitoriana as mulheres deveriam aceitar passivamente as relações sexuais impostas pelos homens. Elas não tinham liberdade sexual e se fosse descoberta uma relação extraconjugal, seria tratada como escandalosa. Já os homens, corriqueiramente eram vistos em casas de prostitutas, na época, segundo o autor. Ele pontua que ainda existe resíduos dessa diferença de comportamento sexual entre homens e mulheres. Corrobora que nos últimos trinta anos houve uma abertura na sociedade ocidental para atitudes sexuais, antes proibidas, por exemplo no teatro, no cinema e no comércio da pornografia disponível para adultos.

Giddens (2001) entende que os estudos de Kinsey et al. (1948, 1953) foi a primeira investigação ampla do comportamento sexual concreto nos Estados Unidos, mas que este sofreu pressão religiosa e foi denunciado, inclusive. Kinsey (1948, 1953) era de família protestante. Formado em biologia, professor em zootecnia, pesquisador, ministrava curso para casais de estudantes. Mesmo perante a pressão e denúncias que sofreu, conseguiu entrevistar 18 mil americanos no seu instituto de pesquisa. Para sua surpresa, o comportamento sexual dos entrevistados não se apresentou tão pudico quanto se imaginava numa sociedade de maioria protestante. Os resultados apontaram que mais de 70% dos homens já haviam procurado uma casa de prostituição para se relacionarem e mais de 80% dos pesquisados já haviam tido relação sexual antes do casamento. Além de criar sua escala taxonômica para medir os comportamentos sexuais, os quais classificou entre heterossexuais, bissexuais, homossexuais e os que disseram não possuir prática sexual, ele as inseriu no grupo X da sua escola.

Giddens (2001) nos diz que após os estudos de Kinsey et al. (1948, 1953), na década de 1960, alguns movimentos sociais como o ‘hippie’ e a contracultura, rompem padrões de comportamento sexual estabelecidos e lutam por liberdade sexual. Nas palavras do autor, é a partir daí que surge a pílula contraceptiva e passa-se a diferenciar o prazer sexual do sexo apenas reprodutivo. Ele afirma que pesquisas posteriores foram feitas nos Estados Unidos sobre o comportamento sexual das pessoas e que se constatou tratar-se de uma população conservadora sexualmente falando, quando na década de 1990 uma pesquisa apontou que mais do 80% dos sujeitos entrevistados afirmaram ter tido apenas um parceiro sexual no ano anterior. Já entre os casados, o índice subiu para mais de 90% dos entrevistados que disseram ter tido somente um parceiro sexual no ano anterior à pesquisa.

Em relação à orientação homossexual, Giddens (2001) afirma que em algumas culturas é incentivado e aceito. Por exemplo, entre o povo do norte de Sumatra, região da

Indonésia, é comum os rapazes saírem da casa dos pais e terem relações sexuais com homens, antes do casamento, numa espécie de iniciação sexual. Em outras sociedades existem práticas homossexuais com pouca, média ou maior abertura. O teórico diz que nos estudos de Foucault (1988) sobre sexualidade, até o século XVIII a noção de homossexualidade era praticamente inexistente e que os atos de sodomia na Inglaterra e países da Europa, na época, foram punidos com a pena de morte.

Giddens (2001) contribui alegando que só na segunda metade do século XIX é que o termo homossexualidade foi cunhado, mas as pessoas identificadas como homossexuais eram consideradas como portadoras de uma aberração sexual. A partir de então, a homossexualidade deixa de ser tratada como pecado pela igreja e entra no campo da medicina, devendo ser considerada como desordem psiquiátrica e perversão sexual. Segundo ele, os homossexuais junto com os pedófilos e travestis causavam insalubridade à sociedade comum por serem considerados portadores de patologia.

Se as relações homoafetivas entre pessoas do mesmo sexo somente foram nomeadas como homossexualidade em meados do século XIX, nas palavras de Giddens (2001), a assexualidade conseguiu esse feito recentemente, após diversos estudos sobre o tema e as contribuições de comunidades virtuais de assexuais é que a orientação entrou na sigla LGBTQIAPN+ na década de 2010 e por conseguinte deixou de ser considerada como patologia de saúde mental, sendo retirada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-V no ano de 2013.

Para Giddens (2001), três momentos na história recente da homossexualidade são marcantes: as descobertas dos estudos de Kinsey et al. (1948, 1953) sobre o comportamento sexual dos americanos, quando ele se depara com respostas de sujeitos que disseram ter praticado relações bissexuais e homossexuais, a violência policial no bar gay Stonewall, no ano de 1969, na cidade de Nova Iorque e a chegada da epidemia de HIV/AIDS que vitimou homossexuais, mundo a fora. Ele afirma que nos últimos anos as relações homossexuais são mais leves, com maior aceitação nos países ocidentais e os meios de comunicação passaram a divulgar imagens afirmativas.

Vale dizer que nos estudos sobre o comportamento sexual dos americanos foi apontado que uma porcentagem de aproximadamente 1% da população pesquisada não entrou na escala sexual de Kinsey et al. (1948, 1953), visto que tal percentual não apresentou qualquer prática sexual. Esse grupo ficou na margem da escala, sendo nomeado de grupo X.

Plummer (1975, apud GIDDENS, 2001) identificou quatro tipos de homossexualidade: a casual, quando, por exemplo a paixão entre estudantes e a masturbação mútua, que não estrutura a vida sexual de uma pessoa, sendo considerada uma situação passageira; a situada, que costuma acontecer em presídios e campos de concentração militar quando, pela falta de mulheres, os homens têm relações sexuais entre si para satisfazer o desejo; a personalizada, em que os sujeitos homossexuais que ficam isolados de grupos que possuem os mesmos desejos homossexuais, por isso, têm práticas fortuitas escondidas dos amigos e familiares, em lugares pequenos e distantes de grandes centros; e, por último, a homossexualidade assumida, quando os sujeitos assumem a orientação sexual e seguem como estilo de vida nas relações pessoais e sociais.

Giddens (2001, p.133) afirma que “os grupos lésbicos tendem a ser menos organizados do que as subculturas masculinas gays e incluem uma proporção mais baixa de relações casuais”. O autor afirma que na luta por aceitação e por reconhecimento da homossexualidade, muitos países realizaram mudanças legais nesse sentido. Ele cita como exemplo a África do Sul que se tornou um dos poucos países do mundo a inserir direitos homossexuais em sua nova constituição de 1996. Nesse caso, não foi apenas um decreto legal, uma lei complementar, uma resolução ou um ato de decisão jurídica isolado, mas tornou-se uma garantia constitucional de fato.

Enquanto para outras orientações sexuais, a luta travada seja pela conquista de direitos legais, inclusão no mercado de trabalho, representatividade na política entre outros, para os sujeitos assexuais a luta pode contemplar demandas diferentes, como a representatividade e a visibilidade ampliada para que haja a compreensão de suas existências como cidadãos e cidadãs comuns, dignos de respeito, aceitação familiar e social e livres de apagamentos. Mesmo que algumas demandas dos assexuais sejam similares às demais orientações como o combate contra a violência, a luta contra estupros ditos “corretivos” e outros preconceitos enfrentados em sociedade.

1.2 Sexualidade enquanto dispositivo de controle social

Enquanto Giddens (2001) inseriu um capítulo da sua obra Sociologia para falar de gênero e sexualidade, Foucault (1988) publicou três obras completas para falar de sexualidade na sociedade ocidental. Quais sejam: História da Sexualidade 1: a vontade de saber; História da sexualidade 2: o uso dos prazeres e História da sexualidade 3: o cuidado de si. Aqui abordarei a História da sexualidade 1: a vontade de saber, na qual o autor elege

um processo histórico que tem como recorte a sociedade industrial, principalmente, para explicar como as diversas instituições operavam no plano da sexualidade dos sujeitos. Processo esse de controle que ele nomeia de dispositivos de poder-saber sobre a sexualidade. A partir daí o teórico desenvolve a história que nos apresenta dizendo onde se estruturam, onde circulam e onde interagem os enunciados discursivos ditos como verdadeiros para falar de sexualidade, no contexto histórico referido.

Foucault (1988) enquanto historiador e filósofo das epistemes (conhecimento dito como verdadeiro, científico) teve a ousadia de descrever na sua obra como os discursos eram produzidos para se estabelecerem como verdades absolutas, no contexto de proibições e manifestações do poder repressivo. Não somente dizer, mas praticar, desejar, pensar, olhar e saber seriam controlados pelos dispositivos de poder. A título de exemplo, ele nos diz que: “a Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual” (FOUCAULT, 1988, p. 22).

Assim, a partir do discurso construído como verdadeiro sobre a sexualidade impõe-se uma interdição às racionalidades concorrentes. Ou seja, a sociedade era tolhida de pensar e praticar sua sexualidade para além dos ditames impostos pelo dispositivo de poder. Portanto, segundo o autor, foi constituído um processo de normatização em que áreas do conhecimento como a psiquiatria e a sexologia passaram a praticar. O autor afirma que a questão não é falar dos efeitos do sexo, a importância, polir ou não as palavras sobre ele, mas colocar o sexo em discurso; quem fala, os lugares, os pontos de vista e as instituições que permitem fazê-lo.

Enquanto as sociedades ocidentais eram controladas sobre as falas, desejos e práticas sexuais em séculos anteriores ao nosso, através de regimes de controle, como a igreja, a lei, a economia e o Estado, a assexualidade sofre preconceitos e resistência contemporânea para falar que a sua maioria não pratica sexo e que deve ser respeitada por se comportar sexualmente de forma livre como cada um se orienta. Os tabus, constrangimentos e medos assustam os assexuais que se sentem desconectados e apagados da maioria da sociedade sexual.

Nas palavras de Foucault (1988), os discursos de fundo cristão sobre a sexualidade foram praticados por séculos nas sociedades ocidentais. Por exemplo, a conexão entre verdade e sexualidade eram intimamente ligadas nas práticas cristãs com viés de punição, como, a confissão, penitências e exames de consciência. Então, havia uma interdição imposta às sociedades sobre falar livremente de sexualidade. Estas deveriam seguir a regulação estabelecida pela moral cristã, como verdade absoluta. Assim, as proibições

voltadas para o discurso da sexualidade reprimiam os sujeitos. Pergunta Foucault (1988, p. 140): “Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado”. Ele responde que o poder é que tem pecado contra o sexo. Uma espécie de dívida social dos diversos dispositivos de poder operou e opera contra as sexualidades humanas.

A partir da produção, circulação e interação dos discursos ditos como verdadeiros, é possível instalar poderes institucionalizados para ditar as regras sobre a sexualidade dos sujeitos, segundo o autor. Outrossim, entre os discursos controladores, estavam os que interditavam e manipulavam a sexualidade, numa espécie de agenciamento acerca dela e que levou à repressão sexual. A sexualidade foi desabilitada socialmente e silenciadas as práticas consideradas ilegítimas. As instituições de poder operaram no controle da sexualidade para que não saísse do modelo heterossexual da família tradicional, logo, reprodutora. E as formas de sexualidade ditas minoritárias, passaram a ser proibidas.

Para Foucault (1988), no século XVII, inicia-se o que o autor chama de repressão da sociedade burguesa e nas palavras dele, “talvez ainda não estivéssemos completamente liberados” quando se trata em falar de sexualidade e sexo. Nesse sentido, discorre o autor:

Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível (FOUCAULT, 1988, p. 21).

Aponta ele que o homem ocidental vive há pelo menos três séculos em uma prisão que consiste em dizer tudo sobre seu sexo. Precisa confessar, examinar sua consciência, pedir perdão, fazer penitência, rezar, sofre punições espirituais e legais, até com a própria vida.

No século XVIII, o discurso da sexualidade vai da moral religiosa ao poder público. Falar, praticar, saber e dizer sexo torna-se uma “questão de polícia” nas palavras do teórico. Ou seja, é necessário “regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” moral, apenas (FOUCAULT, 1988, p. 27). Entram em cena o Estado e seu aparato, principalmente com a ascensão europeia da migração rural para a cidade, na época industrial do século XVIII, as instituições de controle social passam a lidar e a se preocuparem não mais com sujeitos e ‘povo’, mas com ‘população’ nas questões relacionadas com a vida urbana. O viver na cidade traz implicações que requerem outras técnicas de controle social, por exemplo, o controle de natalidade, fecundidade, morbidades,

mão-de-obra, economia, saúde, incidência de doenças, alimentação e moradia. Logo, o poder do Estado regula também a sexualidade das populações.

Portanto, o aparato de Estado, como a saúde, a educação, as normas, a fiscalização e a administração impõem regras de conduta para a sexualidade, inclusive a partir da arquitetura das escolas, na divisão dos espaços, a disposição das salas de aula, o formato das mesas, o formato do pátio de recreios, os dormitórios com divisão e cortinas, a vigilância sobre as crianças, as orientações de médicos aos pedagogos e conselheiros, tudo era orientado para falar de forma “prolixa” sobre sexualidade para as crianças, no entendimento de Foucault (1988).

Claro, nesse contexto havia também uma literatura preparada para os jovens, composta de preceitos, de regras, de cuidados, de advertências médicas, de casos clínicos e observações. “E em todas essas medidas, a criança não deveria ser apenas um objeto mudo e inconsciente de cuidados decididos exclusivamente entre adultos; impunha-se-lhe um certo discurso razoável, limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo (...)” (FOUCAULT, 1988, p. 31). Ele afirma que desde o século XVIII, a Pedagogia não silenciou de modo geral as crianças e adolescentes sobre o sexo, mas “codificou os conteúdos” e capacitou os professores para um discurso direcionado.

A época vitoriana que vigorou no século XIX, na Inglaterra, é um exemplo de sociedade que instituiu práticas controladoras da sexualidade, segundo Foucault (1988). A estética do homem e da mulher vitoriana fazia parte da publicidade emplacada. As regras de comportamento em sociedade, como o estilo de roupa a ser usado em determinadas ocasiões, o vocabulário falado e demais etiquetas de comportamento, como a postura de sentar-se, a forma de falar, o tom de voz e inclinação do corpo. “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. O casal, legítimo e procriador, dita a lei” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Nesse período, “as crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo (...)” (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Assim, na Inglaterra do século XIX, espaço para falar e praticar sexo somente em casa e entre o casal. Mas, se era para dar lugar às chamadas sexualidades ilegítimas que fosse em lugares distantes, desde as casas de saúde como a psiquiatria para as histerias e os lugares de prostituição para os clientes, chamados de ‘outros vitorianos’. “A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria” (FOUCAULT, 1988, p. 13). O

autor pontua que a sociedade burguesa estendeu o controle da sexualidade para a economia, a contabilidade, o mercado, a reprodução da espécie para abastecer a indústria e o mercado, enfim, envolvia o futuro. Foucault (1988) afirma que “os elementos negativos” sobre o sexo, como a proibição, a recusa, a censura, a negação, são na verdade, apenas pano de fundo para o controle da sociedade.

O complexo discursivo da ciência médica foi compelido a classificar os sujeitos e suas práticas, a partir de diagnósticos, inclusive, na área da sexualidade, prescrevendo o que era dito como normal ou anormal para os padrões sociais estabelecidos nos dispositivos de poder. Partindo do fio condutor apresentado pelo autor sobre os dispositivos de poder e discursos de verdade sobre a sexualidade, entende-se que na contemporaneidade é recorrente a prevalência hegemônica do discurso sexonormativo binário heterocentrado, nas sociedades ocidentais.

A sexualidade passa a funcionar como essência na qual os corpos são projetados em padrões normatizados de polos opostos na dicotomia binária do ele/ela, menino/menina, homem/mulher, macho/fêmea etc. Compreende-se que a homossexualidade e assexualidade, por exemplo, ainda que tenham sido descaracterizadas como anomalias no campo das ciências médicas, ainda são comumente tratadas com reverberação sociodiscursiva que estigmatiza pessoas não binárias, que destoam da heterossexualidade dominante. A essência em Foucault (1988) é uma essência da economia do sexo, do necessário, do permitido para dizer, saber e praticar. Diferentemente da concepção de essência aplicada por outros autores para dizerem que as orientações e comportamentos sexuais foram entendidas por algumas teorias e no campo da moral cristã entre outros, como de origem natural, biológica e/ou construídas no campo da cultura, sendo alocadas em polos dicotômicos, essencialistas e construcionistas.

A sociedade do sexo normativo, essencialista e reprodutivo apresenta várias implicações sobre as práticas e comportamentos sexuais dos sujeitos em sociedade. A individualidade subjetiva dos sujeitos, que inclui privacidade, intimidade e liberdade de pensamento, de escolha e de prática sexual ou não, no contexto histórico, é tomada por tabus da moral religiosa, do poder político, econômico, legal, cultural e social, para justificar quem pode falar de sexo, quem pode praticá-lo, quando e como deve ser regulado na vida em sociedade. Para Foucault (1988), o controle do sexo passa pelas relações de poder e somente os detentores desse poder hegemônico, composto por homens brancos, héteros, cristãos, militares e políticos, é que detém o controle e a

manutenção da vida sexual dos sujeitos. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1988, p. 36).

As sociedades ocidentais da era moderna foram responsáveis por arregimentar os dispositivos de poder, inclusive, para ditar o controle a respeito da sexualidade humana. Diversas instituições sociais foram responsáveis pelo emplaceamento do referido discurso do controle:

Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação (FOUCAULT, 1988, p. 37).

As condenações nos tribunais incluíam a homossexualidade, a infidelidade, o casamento sem consentimento e a bestialidade, por exemplo. Ainda assim, perante as prescrições normativas da sexualidade, o século XIX e o século XX, foram, segundo ele, responsáveis pela multiplicação de sexualidades. O teórico elege essa época como “iniciadora de heterogeneidades sexuais”.

Enquanto Foucault e outros autores falavam de sociedade do sexo normativo para explicar a normatização da sexualidade humana imposta a partir de dispositivos de poder, como por exemplo as diversas instituições sociais, a pesquisadora contemporânea Przybylo (2019) cunha o termo *sexociedade*, acionado por ela para problematizar a naturalização binária e essencialista das sexualidades normativas, a partir de suas pesquisas sobre assexualidade. Przybylo (2019) compara as opressões da assexualidade com outras opressões culturais relativas a gênero e orientação sexual. Ela apresenta a ideia de que o mundo sexualizado é uma afronta para as pessoas assexuais, assim como o é o regime patriarcal para os movimentos feministas e as relações pautadas na heteronormatividade se constituem opressivas contra a comunidade LGBTQIAPN+. Conforme excerto acima, a autora revela que se faz necessário um tipo de protesto ou manifesto para lutar contra esse sistema hegemônico.

A compreensão de Foucault (1988) é a de que ao longo das gerações da era moderna, houve a constituição de um poder - controle a partir dos discursos produzidos para impor aos sujeitos as regras da sexualidade. O autor divide esse período da história em séculos para explanar a dinâmica própria que se deu nas sociedades ocidentais. Ele

afirma que: “A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente” (FOUCAULT, 1988, p. 46). A existência de “múltiplas sexualidades” inclui as que se inserem em gostos e práticas, como a inversão, o masoquismo e os fetiches. As que se dão no campo dos relacionamentos, entre médico e paciente, psiquiatra e louco, pedagogo e aluno e as que se desenvolvem nos espaços do lar, nas escolas e nas prisões, por exemplo, afirma Foucault (1988).

1.3 A teoria queer enquanto dinâmica performativa do corpo para além do binarismo

A assexualidade dialoga com as teorias aqui trazidas para o debate, visto que os corpos assexuais não se limitam ao binarismo homem/mulher, masculino/feminino nem cisgeneridade hétero, porque existem sujeitos assexuais transromânticos, homorrânticos e birromânticos, por exemplo. Assim, a assexualidade está imbricada com gênero, sexualidade e orientação sexual, fluída e dinâmica nos seus modos de comportamento sexual e assexual. Além de que os assexuais enfrentam os ditames hegemônicos da heterossexualidade compulsória no mundo sexualizado.

Butler (2003) elabora o conceito de performatividade de gênero para falar do feminismo em sua obra sobre a formação de gênero, também a partir do conceito da teoria queer. Para ela, os termos ‘feminino’ e ‘mulher’ tornaram-se significados relacionais problemáticos. Nas suas palavras: “A heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder/discurso” (BUTLER, 2003, p. 10). Regime esse de ordem dominante, pelo qual os homens e as mulheres se veem solicitados ou forçados a serem heterossexuais ou a performatizar heterossexualidade.

A intenção é romper com o discurso do sexo biológico equiparado à identidade de gênero. Os termos mulher e feminino são apropriados inadequadamente para representar os corpos culturalmente formados e performados no cotidiano de ser. “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira” (BUTLER, 2003, p. 24).

Assim, o lugar do gênero é outro, torna-se flutuante e dinâmico independente de ser um corpo masculino ou feminino, a identidade de gênero rompe com o binarismo redutor de suas possibilidades performativas. A performatividade de gênero não deve ser confundida com um ator-sujeito que performa uma cena ou atuação teatral, mas um movimento constante de agir, constituir-se, transformar-se enquanto sujeito em processo

cambiante. A título de exemplo, quando o status de gênero construído independente do sexo, homem e masculino pode significar um corpo feminino e mulher e feminino pode significar um corpo masculino.

O questionamento é se existe uma história do sexo. Butler (2003) pergunta: seria ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal? A sua interrogação busca entender a dualidade do sexo, nominado de macho/fêmea a partir da anatomia corporal possuidora de órgãos genitais definidores. Para Butler (2003), o sexo deve ser entendido e igualado ao gênero, logo, mutável, dinâmico e jamais fixo, “de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25). Nesse sentido, é possível afirmar que as orientações e práticas sexuais plurais, como fantasias, desejos, comportamentos, curiosidades, experimentações e experiências se equiparam no mesmo campo das múltiplas identidades de gênero, que a autora define como “performatividade de gênero”.

Entende-se que a inscrição do gênero não deve ser entendida somente no campo da cultura, como o sexo não pode ser compreendido somente na função natural. Assim, a pluralidade de gênero e de sexo se dão nas relações políticas corporais construídas no cotidiano social. As transversalidades, atravessamentos, brechas e fluidez tornam-se caminhos possíveis a serem experimentados pelos sujeitos nas suas relações que extrapolam os ditames morais, tradicionais, jurídicos e sociais. O plano cartesiano traçado pelo horizontal e vertical não pode dar conta da complexidade que se apresenta para explicar gênero e sexualidade em uma sociedade que se pensa e se inscreve plural e dinâmica.

O corpo é construção, transformação e pode ser um outro gênero e um outro sexo. Quando ela cita Beauvoir dizendo que ‘não se nasce, torna-se mulher’, corrobora a ideia de uma performatividade de gênero em construção continuamente. Acredita-se numa construção não apenas física, anatômica, mas plural, cultural, social, política e sexual de ser e estar no mundo. Enquanto teórica da filosofia feminista, para ela, o sujeito não é um indivíduo, mas uma estrutura linguística em constante formação. Do mesmo modo que a subjetividade não é um dado quantitativo, mas possibilidades de um devir intrínseco ao sujeito.

Gênero, contextualizando a compreensão de Butler (2003) nunca esteve acabado, feito, com origem e fim, mas um constante fazer a identidade de gênero. Sendo um ato ou uma sequência de atos que se encontra sempre ocorrendo. Ela busca desconstruir as categorias homem/mulher, macho/fêmea, visto que foram construídas discursivamente

pela matriz heterossexual do poder. Para ela, sexo e gênero são processos em construção cultural, relacional, para além do natural. A autora afirma que “gênero não é um substantivo, mas demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser (...)” (BUTLER, 2003, p. 25). Gênero, então, é limitado nas estruturas de poder nas quais está situado, mas com possibilidades de subverter essa limitação, impondo um estilo corporal político - relacional, travestindo esse corpo de novas relações que se pretende ser, fazer, viver performativo.

Gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2003, p. 33).

A dialética de Butler (2003) sobre o conhecimento aponta para um avanço de oposição e negação, jamais alcançando uma “verdade absoluta”. Nesse sentido, ela afirma que sexo e sexualidade são efeitos e não causas. Efeitos causados por instituições, discursos e práticas. Assim, sexo, sexualidade e gênero são prescritos a partir desses aparatos institucionais. O entendimento é o de que as contribuições apresentadas nos escritos de Butler impulsionaram a desestabilizar e desconstruir os termos equivocados pelos quais os sujeitos e as identidades foram instituídos. A identidade é intrinsecamente política, enquanto a construção e a desconstrução são as cenas necessárias, de fato as únicas cenas da agência discursiva. A subversão deve se dar desde o interior do discurso existente, pois isso é tudo o que existe.

1.4 Por uma liberdade corporal que foge dos padrões sexonormativos

A contextualização da obra de Preciado (2014) quando aborda o tema manifesto contrassexual como identidades sexuais subversivas do corpo, torna-se provocativo e aciona pensamentos sobre possibilidades de práticas, comportamentos, mecanismos corporais e objetos que podem ser usados para obter prazer nas relações políticas corporais do sexo. A autora contemporânea se localiza no chamado movimento pós-feminista e radicaliza seu pensamento filosófico sobre os membros corporais como partes destinadas a criatividades subversivas do prazer e a indústria farmacêutica e médica para impulsionar e modificar os corpos sexuais desejosos de tais procedimentos.

A população assexual torna-se pressionada a algumas práticas desse mundo hegemônico sexonormativo, através das imposições familiares e sociais de que todos os sujeitos devem praticar sexo e gerar filhos. A medicina procedimental cirúrgica e psiquiátrica também rotulou a assexualidade no campo das patologias e desvios ditos normativos. Não à toa que somente em 2013, os assexuais deixaram de ser classificados como transtornados mentais pelo manual da medicina. Porém, os estragos feitos nas vidas de pessoas que destoam dos padrões heteronormativos e sexonormativos, reproduzidos no imaginário social se alastraram e reverberam negativamente nos corpos assexuais.

Faz-se necessário dizer que Preciado (2014) até o ano de 2015 se identificava pelo nome feminino, visto ser uma pessoa trans, mas que não houvera realizado a troca de nome. A pesquisadora realizou a transição de gênero no ano de 2015, quando adotou o prenome masculino Paul. Portanto, justifica-se aqui chamar Preciado (2014) no masculino, uma vez que esta tese foi escrita após a sua transição.

O que seria uma manifestação contrassexual e os seus princípios postos para um novo modelo de sociedade? Preciado (2014) descreve o modelo de contrato contrassexual a ser seguido para um posicionamento de limites definidos e consensual quando envolve um relacionamento não conservador, não tradicional na sociedade contrassexual, a qual deve ser livre dos ditames de regras impostas por outras ordens, por exemplo, da misoginia, da heteronormatividade e do *sexocentrado* para satisfação do macho reprodutor, tendo o homem ou a sociedade como modelo tradicional, geralmente. A partir do modelo de contrato sugerido por Preciado (2014), o corpo feminino, livre e desalienado, coloca-se para gerir seu relacionamento e prática sexual ao contrair um relacionamento.

A partir das ideias sobre uma sociedade que deve se livrar das amarras impostas socialmente quando submete os corpos como objetos sexuais do prazer e da reprodução da espécie, controlados pelas esferas de poder, faz-se necessário pensar em um manifesto contrassexual também para a população assexual que não é movida a sexo. Entende que existem outras formas de amar e ser feliz para além das práticas sexuais. E quando estas acontecerem, devem ser livres de imposição e dominação. A sociedade *sexocentrada* e heteronormativa, ao se impor hegemônica, desrespeita os grupos que não se encaixam em tais normas de conduta sexual.

O teórico não faz rodeio na sua dissertação textual e apresenta um deslocamento não somente geográfico, mas no discurso epistemológico da política sexual e do gênero, no feminismo e na filosofia do corpo e da performance, até então. Parece ser fiel ao

nomear de manifesto os seus escritos para dar conta de sua proposta discursiva sobre o tema abordado. Ele assevera que não existe texto original e que todos são processos de tradução, numa espécie de sequência teórica de interpretação e continuidade diferente. Logo, trata-se do processo de tradução como direito e espaço de reescritura, releitura, ressignificação das teorias clássicas da filosofia, entende Preciado (2014).

O pesquisador chama as novas biotecnologias de produção e reprodução do corpo de “farmacopornografia” e assim, explora zonas corporais deixadas de lado por outras análises feministas e queer. O autor pensa o corpo como espaço de construção biopolítica, ao mesmo tempo de opressão, mas que alimenta a resistência. Preciado (2014) mostra que as novas tecnologias das sexualidades levam a cabo as operações da contraprodução do prazer. Os brinquedos sexuais, a prostituição, a sexualidade anal, a atribuição do sexo às crianças intersexuais, as operações de mudança de sexo, seja a resignação sexual cirúrgica ou a transição de gênero hormonal e o processo de autoaceitação e acompanhamento psicossocial que os sujeitos são submetidos. Aborda ainda as fantasias sexuais e o sadomasoquismo, elevando sua obra a uma considerada revolução sexual ao convocar os atributos ou brinquedos de práticas possíveis.

A proposta de uma sociedade contrassexual aponta para “o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (PRECIADO, 2014, p. 21). A contrassexualidade é apresentada como a necessidade de libertação de corpos. Libertação dos ditames hegemônicos das masculinidades tóxicas, ditadores e reprodutores de regras de dominação. O autor inicia a definição do que seja a contrassexualidade, a partir do seu modelo de contrato contrassexual. Ele afirma que a natureza do contrato social heterocentrado que prescreve gênero e sexo como produto de verdades biológicas deve ser substituído pelo contrato contrassexual. Nesse contexto, os corpos se reconhecem não como homens e mulheres, mas corpos que se reconhecem a si mesmos como corpos falantes. O contrato contrassexual renuncia a uma só identidade sexual fechada e seus benefícios sociais que daí provêm, no campo econômico, jurídico e moral, por exemplo, elucida Preciado (2014).

O manifesto contrassexual não é uma estratégia antirrepressiva e, portanto, revolucionária pela liberdade sexual como aconteceu outrora. O teórico diz que as práticas contrassexuais propostas por ele vão no sentido de tecnologias de resistência para lutar contra a disciplina sexual imposta, passando a adquirir a produção de novas formas de prazer-fazer como alternativas da sexualidade moderna. Preciado (2014) argumenta que

a contrassexualidade torna-se também uma teoria do corpo fora da dicotomia homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.

A sexualidade é vista como um sistema tecnológico dos elementos sexo/gênero denominados de ‘homem’, ‘mulher’, ‘heterossexual’, ‘homossexual’, ‘transsexual’, bem como suas práticas e identidades não passam de máquinas, produtos, equipamentos, instrumentos, aparelhos, próteses, programas, aplicações, redes, conexões e fluxos de energia e informação etc. Por exemplo, o dildo como prótese que antecede ao pênis a partir das ideias de Derrida (1967) que via o dildo como suplemento para completar uma falta, um produto da tecnologia sexual. Para Preciado (2014), a contrassexualidade deve romper com o sistema que entende os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, apenas, em detrimento de “uma sexualização do corpo em sua totalidade”.

A teoria apresentada leva em conta os conceitos de dispositivos do sexo em Foucault (1988), a identidade performativa em Butler (2003) e a política do ciborgue de Haraway (1991) para dizer que sexo, sexualidade e gênero devem ser entendidos como “tecnologias sociopolíticas complexas”. E assim, a contrassexualidade objetiva estudar instrumentos e dispositivos sexuais e as relações de sexo e gênero “que se estabelecem entre o corpo e a máquina” (PRECIADO, 2014, p. 24). O teórico inscreve sexo, sexualidade e gênero num outro lugar para além da supremacia patriarcal conservadora que sempre ditou as suas regras impositivas sobre os corpos sexualizados e generificados.

A contrassexualidade proposta por Preciado (2014) é no sentido mesmo de outras possibilidades sexuais, outros instrumentos, outras regras e relações não convencionadas até então. Os corpos “biopolíticos” pensam e agem por si mesmos ao mesmo tempo que pensam e agem pelos outros corpos “biopolíticos” nas relações consensuais plurais, complexas e subversivas estabelecidas na sociedade contrassexual. Não que essas possibilidades subversivas, corporais, sexuais, “generificadas” não fossem praticadas em sociedade desde tempos remotos. A questão é que Preciado (2014) aponta a necessidade de sair das rédeas da hipocrisia social, baseada nos interesses convencionais das classes hegemônicas ditadoras do sexo e gênero normatizados.

Preciado (2014, p. 92) vai dizer que Butler (2003) usa a noção de performatividade como ação política de linguagem na fala contra-hegemônica de “bichas, sapas e transexuais”, como performatividade queer na luta contra insultos homofóbicos e da inversão mesmo das posições de enunciação que esta fala política provoca. Ele aventa que o termo “sapatona” passa de um insulto heterossexual e assume a própria identidade de autodenominação “lésbica” reclamada pelos “corpos abjetos” como ação política

produtiva de um grupo. Segundo Preciado (2014, p. 28) o conjunto “instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher” são provenientes da “tecnologia social heteronormativa” similar a uma “máquina de produção ontológica” que invoca a ação performativa do “sujeito como corpo sexuado”.

Destaco as contribuições de Butler (2003) sobre performatividade a partir da nomeação aparentemente descritiva (substantivação) dos sujeitos e atos por meio da linguagem, como no nascimento é verbalizado ao dizer: “é um menino ou é uma menina”. Assim também o é na invocação do “sim, eu aceito” do casamento e na descrição anatômica de um corpo “com duas pernas, dois braços e um rabo”, sendo classificados como performatividade de gênero, a partir de fragmentos de linguagem investidos de poder para estabelecer “um corpo como masculino e como feminino”. Segundo ela, passa-se a sancionar os corpos que não obedecem a tal coerência do sistema sexo/gênero padronizado, inclusive aplica-se a “cosmética do sexo” por meio cirúrgico, seja para aumentar o pênis, o clitóris, a fabricação de seios de silicone e feminilização do rosto, por exemplo.

Porém, Preciado (2014) destoa do pensamento de Butler (2003) ao dizer que gênero não é somente performativo, antes, é construído materialmente, logo, orgânico, protético, parecido com o dildo, nas palavras dela, “ambos vão além da imitação”. Entende que “gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais” (PRECIADO, 2014, p. 29). O ‘real-masculino’ e o ‘real-feminino’ não existem, segundo ele. Mas toda imperfeição do sistema deve se “renaturalizar” e a homossexualidade, a bissexualidade e a transexualidade, geralmente, são tratadas como acidente sistemático e considerados como exceção perversa à regra da natureza.

As mutações de um código sexual falso podem ser definidas quando Preciado (2014) diz que órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como tais já são o produto de uma tecnologia prescritiva que adquire a significação de relações sexuais heterossexual. Condição de uma natureza fabricada pelo sistema hetero e *sexocentrado*. A arquitetura do corpo é uma construção política de um dever ser heterossexual. O autor afirma que “as primeiras práticas contrassexuais” como possibilidade de uma deriva em relação ao sistema sexo/gênero dominante acontece com a utilização dos dildos, a erotização do ânus e o sadomasoquismo, entre outras.

Aqui, faço um contraponto para dialogar com o pensamento de Preciado (2014) em relação ao objeto de estudo assexualidade. O argumento do autor aponta para um

corpo livre que pode experienciar possibilidades sexuais sem ter que seguir as receitas prescritivas hegemônicas do sistema sexonormativo fabricado. A assexualidade se estabelece no campo da ausência de práticas sexuais compulsórias, na sua maioria. E quando existe a possibilidade de efetivação de relação sexual para alguns sujeitos assexuais é em condições específicas e negociadas entre os pares.

1.5 A trajetória do movimento LGBTQIAPN+: Alemanha, Estados Unidos e Brasil

O militante e pesquisador Quinalha (2022) começa a sua obra se propondo a descrever um resumo histórico do movimento LGBTQIAPN+. No início, é revelado pelo autor o desafio para registrar esse movimento no recorte temporal que ele estabeleceu entre o século XIX e as primeiras décadas do século XXI. Uma das justificativas para a dificuldade apontada é “(...) a existência de experiências homoeróticas e de questionamentos sobre papéis de gênero desde tempos remotos” (QUINALHA, 2022, p. 17). Assim, reunir eventos e personagens foi um desafio implementado somente na modernidade. Segundo Quinalha (2022), tal desafio foi reforçado pelo estigma da violência e da narrativa hegemônica que contribuíram para a invisibilidade na elaboração de um arquivo dos acontecimentos significativos do movimento LGBTQIAPN+. Ele afirma que a história do movimento é um “‘inventário em negativo’ composto por ausências, lacunas e silenciamentos” (QUINALHA, 2022, p. 17).

Mesmo que a assexualidade não seja citada diretamente na teoria apresentada em tela, ela se faz presente na composição da sigla LGBTQIAPN+. Ainda que a sopa de letrinhas possa causar confusão e esquecimento de que a assexualidade esteja inserida nela, é importante afirmar que lutas políticas de ativismo assexual foram travadas, debatidas e negociadas para que o “A” de assexual fosse introduzido na sigla do movimento do orgulho LGBTQIAPN+. Vale ressaltar que a apresentação da sigla foi reduzida por uma opção de entendimento do autor estudado, ainda que não haja um discurso estanque nem consensual sobre as diversas experiências, espaços, definições e reivindicações das várias orientações sexuais e identidade de gênero na comunidade organizada, o que torna compreensível a discordância de posicionamento no campo das coletividades. Visto que o primordial é a defesa e a luta por direitos, inclusão e respeito à diversidade sexual e identidade de gênero.

Mesmo sem conhecer pessoalmente todos os outros indivíduos iguais a você nos quesitos orientação sexual ou identidade de gênero, há uma série de referências compartilhadas que vão sendo descobertas, aprendidas e

ensinadas entre gerações, conectando sujeitos para além da contingência de suas experiências (QUINALHA, 2022, p. 20).

Ainda que muito sujeitos não se sintam representados e não participem dos eventos organizados do movimento enquanto comunidade imaginada, tornam-se direta ou indiretamente pertencentes e possíveis beneficiários, a partir de conquistas pleiteadas politicamente. Muitos sujeitos preferem ficar no anonimato, o chamado “armário”, do que se exporem para amigos, familiares e para a sociedade, até porque pessoas que agem desse modo já estão acostumadas com tal estilo de vida. Certamente desenvolveram mecanismo de autodefesa para se protegerem dos preconceitos dentro e fora de casa. Quinalha (2022, p. 22) explica que, diferente “de outros grupos vulnerabilizados, em geral as pessoas LGBTI+ não conseguem encontrar acolhimento no seio familiar diante dos preconceitos que enfrentam na vida fora de casa”.

A proposta teórica de Quinalha (2022) foi a de analisar o movimento LGBTQIAPN+ em três momentos e territórios diferentes: “Alemanha da virada do XIX para o XX, os Estados Unidos em meados do século XX e o Brasil de 1970 até nossos dias”. Ele justifica a sua escolha por algumas razões, como o marco de luta pelo movimento e o peso geopolítico das referidas nações do mundo ocidental. Conforme o autor, as vertentes assumidas amplamente no campo dos estudos de gênero e sexualidade são o essencialismo versus construcionismo para explicar a origem e práticas LGBTQIAPN+. Assim, para os essencialistas, as identidades e os comportamentos dos corpos dos sujeitos são naturais. “Sob essa visão, o gênero seria sempre e invariavelmente binário, dividindo a espécie humana em homens e mulheres, a partir de dados supostamente invariáveis atribuídos à natureza” (QUINALHA, 2022, p. 24). Em relação à orientação sexual dos sujeitos, esta seria adquirida com o nascimento, como essência corporal originária. Uma espécie de Gabriela Cravo e Canela: nasci assim, cresci assim, vou ser sempre assim.

Do ponto de vista da vertente essencialista houve contribuições para a história LGBTQIAPN+: para compreender as experiências homoeróticas no percurso da história, dar continuidade aos atos, vivências e práticas entre similitudes e diferenças, corroborando com uma tendência de linhagem hereditária. O movimento LGBTQIAPN+ usou a vertente essencialista como estratégia de existências e passou a questionar com o seguinte argumento, “como chamar de pecado, desvio ou doença aquilo que é produto da própria natureza ou da vontade divina e que sempre existiu na história da humanidade”? (QUINALHA, 2022, p. 26). Partindo dessa premissa, o movimento mudou o termo de

‘opção sexual’ para ‘orientação sexual’. Por outro lado, entende-se que existem mediações, transformações que não podem ser subestimadas na forma como as pessoas vivem seus desejos, ações, elaborações de sentidos em cada cultura, para além de uma orientação de pré-disposição biológica.

As mediações e transformações que atravessam a complexidade da sexualidade humana se inserem no campo da assexualidade enquanto orientação sexual recentemente reconhecida e que contempla diversos espectros de pessoas assexuais com comportamentos e experiências diferentes. A população assexual carece de representatividade e visibilidade para alçar um patamar de respeito e aceitação social nesse contexto de discussão histórica do movimento LGBTQIAPN+.

A compreensão é a de que não se torna viável ficarmos presos nos determinismos, mas construir o entendimento de que existem espaços de mediações, interações onde os agentes manifestam suas convicções e intenções, perante o partilhamento individual e coletivo dentro de cada ordem social e sexual. Ele aponta que a partir da segunda metade do século XX, uma leitura alternativa para pensar gênero e sexualidade foi criando fôlego enquanto produção teórica com uma visão construcionista de expoentes como Beauvoir, Jeffrey Weeks, Thomas Laqueur, Michel Foucault e Judith Butler. Mesmo com as diferenças entre os autores apontados, torna-se comum entre eles entenderem gênero e sexualidade a partir da sua relevância no contexto histórico e cultural, em comparação a códigos genéticos e biológicos, segundo Quinalha (2022). Portanto, para os teóricos construcionistas não existe nada perene, estático, mas “tudo é fruto de um processo de construção histórica e cultural” (QUINALHA, 2022, p. 30).

Sedgwick (1990, apud QUINALHA, 2022) aponta que os sujeitos são iguais e o que muda são as trajetórias de vida, as pressões externas e internas exercidas sobre eles, as condições sociais que vivenciam e suas escolhas subjetivas. Nesse sentido, para Quinalha (2022, p. 30) não existe “uma minoria apartada e estável, mas variações de acordo com a infinita pluralidade dos desejos e identidades possíveis”. Ainda que exista um conflito, um constrangimento que condicionam essas escolhas. Outrossim, essas construções, mediações passam por disputas heterogêneas nas relações de socialidade e sociabilidade. Afirmado-se como campo desnaturalizado e em constante arranjos em direções variadas, impregnados de brechas, atravessamento, transversalidade e ramificações múltiplas no sentido comparativo rizomático de ser e estar no mundo.

O entendimento é o de que, na sua origem, o movimento LGBTQIAPN+ se apropriou dos argumentos essencialistas, para afirmar sua luta política, inclusive para

justificar que eram naturais as relações entre pessoas do mesmo sexo. Sendo assim, já estaria inscrito no código genético dos sujeitos a predisposição de orientação sexual em vez de opção sexual. Talvez influenciados pelos teóricos construcionistas da última metade do século XX, apontados acima, o movimento LGBTQIAPN+ começou a migrar seu entendimento para um construcionismo ativista, articulando suas ações políticas para imprimir legitimidade pelo viés das relações culturais, afastando-se da perspectiva biológica, somente.

Se outrora a diversidade de gênero e sexualidade combatia os preconceitos moralistas para justificar sua natureza essencial e biológica, alegando que os sujeitos não pediram para nascer com predisposição bi, homo ou trans, por exemplo, mas nasceram e pronto, logo deveriam ser aceitos como tal e sem questionamento social. Com a guinada para uma perspectiva de construção cultural, relacional, de aprendizado e convivência, segundo Quinalha (2022, p. 31) “setores religiosos fundamentalistas, na atualidade, muitas vezes assumem um olhar construcionista e enxergam a orientação homossexual e as identidades de gênero (...) como algo antinatural”.

Nessa linha de raciocínio, os setores conservadores e moralistas religiosos advogam que existe uma “ideologia de gênero” sendo praticada nas escolas, nas famílias liberais, nos movimentos políticos de esquerda, por pesquisadores de gênero, sexualidade e orientação sexual, para incentivar a homossexualidade na sociedade. Tal discurso soa como ação de ataque preconceituoso, no intuito de deslegitimar as identidades de gênero e orientação sexual em prol da supremacia hegemônica, cisgênero e heterossexual. Os defensores da sociedade cisgênero e heterossexual apontam que os comportamentos e práticas da diversidade sexual e de gênero, elaborados por sujeitos plurais, a partir de ações políticas legítimas para exercerem suas cidadanias com respeito e liberdade, são práticas ilegais, consideradas como “falha moral”, “desvio de caráter” e “pecado”.

No plano do discurso, a partir das estruturas de linguagem, constroem relações de poder para nomear o lugar dos sujeitos, ditar normas e regras em sociedade. Os discursos não descrevem apenas, nomeiam e constituem identidades. Para Quinalha (2022, p. 33), “Por exemplo, dizer que uma pessoa é ‘invertida’, ‘pecadora’ ou ‘homossexual’ não é apenas um modo de se referir externamente a ela ou reconhecer uma suposta natureza ou uma essência íntima (...)”. É dizer que esta pessoa foge à regra “padronizada” socialmente. Que tal sujeito não segue a norma construída a partir dos discursos hegemônicos estabelecidos como verdades absolutas detentoras do poder e que devem ser obedecidas.

Os corpos políticos, sujeitos plurais localizados no centro da sociedade e produto desta, são identificados como inferiores, subalternos, incapazes e que merecem ser tratados com desprezo, ignorados, excluídos socialmente, colocados à margem da sociedade. As violências e hostilidades são naturalizadas e “chegam desde a mais tenra infância: ‘menininha’, ‘veadinho’, ‘bichinha’ (...) xingamentos mais comuns para meninos” (QUINALHA, 2022, p. 33).

O autor vai ainda se utilizar da compreensão de Foucault (1988) de que ‘onde há poder, há também resistência’. A subversão às regras impostas vale para o sistema sexo, gênero e desejo, falando das ações e manifestações do movimento LGBTQIAPN+ que busca resistir e lutar por ações afirmativas e eleger espaços de disputas legítimas no intuito de garantir direitos, liberdade e respeito.

A “evidência heteronormativa” de Eribon (2008, apud QUINALHA, 2022) questiona se alguém sendo cisgênero e heterossexual já precisou chegar para a família, amigos ou colegas de trabalho e ter que explicar: ‘Refleti, experimentei, vivenciei, me angustiei e decidi me assumir... heterossexual e/ou cisgênero?’ Certamente que não. A essas pessoas que se identificam como cis heteronormativas nunca lhes foi imposto esse dever moral de se assumir ou de sair do “armário”, visto que são alinhados à norma estabelecida. Em contrapartida, para as pessoas LGBTQIAPN+ o processo de revelação é cobrado e recorrente em cada ambiente ou grupo social. Parece que o desejo e a curiosidade de saber sobre o comportamento e identidade do sujeito LGBTQIAPN+ de quem se desconfia desviar à norma, obriga tal revelação como justificativa para que este seja rotulado, estigmatizado e para quem deve ser direcionado comentários de afirmação sobre sua orientação.

Segundo a contribuição de Butler (2016), existe uma ‘ordem compulsória’ para nomear a ideologia heteronormativa, afirmando que: “A criança cujo corpo foi assinalado, no nascimento, como sendo do sexo feminino deve se comportar socialmente como mulher e precisa desejar sexualmente um homem” (QUINALHA, 2022, p. 39). Idem para os meninos. A sociedade heteronormativa justifica suas ações violentas, física e psicológicas contra pessoas LGBTQIAPN+ não como preconceito, sadismo ou ódio, mas “trata-se de uma violência com pretensão normalizadora que busca reconduzir aquele corpo e aquela identidade ao lugar do qual não deveriam ter saído: o da ‘normalidade’” (QUINALHA, 2022, p. 40).

O pioneirismo da identidade homossexual se inicia na Alemanha, em final do século XIX. Após períodos anteriores em que a sexualidade considerada desviante era

tratada no campo da religião e do jurídico, muda-se para um discurso da medicina para “racionalizar o campo da sexualidade humana”, conforme Quinalha (2022, p. 40). Segundo o autor, a identidade homossexual que outrora era tratada como “pecado” contra a natureza, passa a ser investigada como distúrbio hormonal e mental de origem orgânica. “A palavra homossexual é utilizada pela primeira vez em uma carta escrita por um ativista pela reforma sexual e médico teuto-húngaro (...). Datada de 06 (seis) de maio de 1868” (QUINALHA, 2022, p. 43). Nesse contexto, a homossexualidade adquire uma conotação de perversão pela psiquiatria, objeto de desejo na psicanálise e comportamento desviante na sociologia.

As grandes cidades possibilitaram um anonimato e uma intimidade nesse processo de construção da identidade homossexual com o advento do capitalismo industrial. Os jovens da época conseguiram fugir da tirania das famílias e de pequenas cidades, seguindo em direção aos grandes centros urbanos, para trabalhar, conseguir independência financeira e possibilitar novas experiências de vida. Para Quinalha (2022, p. 46), a “(...) primeira geração do movimento por libertação sexual(...)” não possuía organização e amadurecimento, até então. E com o engajamento das comunidades, culturas e ações políticas, foi possível construir articulações sobre o tema, combatendo a descriminalização e dando novos horizontes para as existências LGBTQIAPN+.

Assim, foi possível construir um movimento de “resistência à cultura hegemônica e heteronormativa”. Quinalha (2022, p.47) corrobora que: “Uma coisa é ter um desejo sexual fora da norma; outra é realizar esse desejo por práticas sexuais concretas com outras pessoas; outra, ainda, é construir uma identificação-individual e coletiva (...)”. As pessoas sempre sofreram todos os tipos de sorte violenta, como a proibição legal, as prisões arbitrárias, a patologização, a discriminação, as extorsões e as chantagens, por exemplo. O combate à patologização e à criminalização das homossexualidades foram as grandes bandeiras que marcaram o surgimento do movimento originado na Europa. Tendo a Alemanha como berço do movimento LGBTQIAPN+ e a Berlim da época que já era uma metrópole que “fervia” cultural e intelectualmente.

Hoje, é comum ao falar de homossexualidade incluir homens e mulheres, mas na época a sexualidade feminina era circunscrita ao casamento heterossexual, devotada ao marido e à reprodução. Segundo o autor, a cultura machista ditava as regras e a legislação sequer reconhecia uma sexualidade feminina fora do “padrão” patriarcal imposto às mulheres. Contudo, ele afirma que houve registros de mulheres que se relacionavam com outras mulheres e quando descobertas eram perseguidas e punidas.

O teórico explana que em 1914, antes da primeira guerra mundial, Berlim possuía um ambiente propício para auxiliar no engajamento do movimento LGBTQIAPN+, por meio da presença de uma classe de intelectuais articulada, produção cultural expressiva e uma imprensa trabalhando intensamente. Ele cita que centenas de jornais circulavam e parte deles abordava a temática homossexual e lésbica, inclusive. As publicações de jornais contribuíram para as pessoas homossexuais poderem trocar informações, descobertas, articular iniciativas, formular redes de apoio e de sociabilidade.

Todo o movimento iniciado na Alemanha, em que houve a afirmação de uma identidade homossexual e a articulação de ações políticas na defesa das pessoas LGBTQIAPN+, é chamado por Quinalha (2022) de um período “protoativismo”. Período esse que dura menos de um século e torna-se interrompido pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, nas primeiras décadas do século XX. O teórico afirma que cerca de dezesseis milhões de homens e mulheres estadunidenses foram combater na Segunda Guerra. Por outro lado, aproximadamente a mesma quantidade de pessoas saíram de suas casas para trabalharem em fábricas americanas, mergulhadas numa nova experiência de vida. A partir dessas movimentações populacionais estadunidenses dá-se início ao movimento LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos.

As grandes concentrações de militares masculinos nos acampamentos, nos batalhões, nas bases militares e nos navios, são espaços “monossexuados” e que se configuram como contingentes masculinos homoeróticos, pela necessidade de convivência duradoura entre eles. Assim, militares vivendo longe da família tradicional, a única restrição para novas experiências sexuais eram os companheiros de farda. Porém, mesmo em um contexto atípico, os militares puderam conhecer uma nova cultura de liberdade sexual, na Alemanha, principalmente. D’Emílio (1983, apud QUINALHA, 2022) diz que a Segunda Grande Guerra Mundial propiciou uma ‘situação erótica’ que contribuiu para a criação de uma identidade e uma subcultura gay estadunidense. Os militares homens e mulheres, ao voltarem diferentes do que foram, trouxeram na bagagem das experiências uma consciência de direitos que serve para alavancar a formação do que foi chamado na época de uma minoria sexual urbana, que se daria entre as décadas de 1940 e 1970.

Para ampliar o público LGBTQIAPN+ presente na cena urbana estadunidense, no período pós-guerra, muitos gays e lésbicas migraram de comunidades pequenas para as cidades movimentadas, contribuindo com a formação do movimento, aponta Quinalha (2022). Ele diz que: “Novamente os bares são o local privilegiado de sociabilidade entre

LGBTI+. Eram espaços mais escuros e reservados, em zonas mais isoladas da cidade, de frequência geralmente noturna” (QUINALHA, 2022, p. 69). Assim como era em Berlim do século XIX. O pesquisador esclarece que enquanto o advento de afirmação de uma identidade homossexual foi primordial para o ativismo alemão, nos Estados Unidos o que se tornou essencial para o movimento LGBTQIAPN+ foi a emergência de uma identidade gay.

Nesse ínterim, as reações de governos conservadores reagiram contra o movimento de pessoas LGBTQIAPN+, numa espécie de “caça às bruxas” realizando a demissão de funcionários da administração pública que eram gays ou apoiavam a causa. Por outro lado, os movimentos de contracultura como o *hippie* e o *beatnik*, por exemplo, deram contribuições de apoio ao movimento gay americano, ao defenderem práticas culturais não conservadoras. Outros movimentos de luta, como o feminismo em ascensão e o movimento negro, serviram de inspiração para a mobilização homossexual estadunidense. Quinalha (2022) afirma que houve nos Estados Unidos uma revolução sexual em curso nas décadas de 1950 e 1960. E que diversos movimentos questionavam as normas estabelecidas em relação a gênero e sexualidade. Lembrando que o conjunto de ex-colônias britânicas tinha por tradição a prática protestante de origem Calvinista que pregava a teologia da prosperidade material como sinônimo de agradar a Deus.

Nas palavras de Quinalha (2022), o primeiro movimento gay americano, chamado de “ativismo homófilo”, por enfatizar mais o amor e o senso de comunidade em vez da conotação sexual, se apresentava bem-comportado, aparentemente para agradar à sociedade conservadora da época. Os homens se vestiam com ternos bem alinhados e as mulheres com vestidos sóbrios e formais. “Diversos serão os atos convocados por esses grupos homófilos para denunciar as injustiças praticadas contra funcionários públicos” (QUINALHA, 2022, p. 77). Além do receio pelas retaliações sofridas, esses grupos procuravam demonstrar semelhança com a normalidade padronizada, a partir do “bom comportamento”.

A revolta no bar Stonewall de 28 de junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, marca a “estrondosa” reação do público LGBTQIAPN+ no país americano. A revolta se deu por causa de uma abordagem truculenta da polícia no local. Não houve mortes, mas pessoas foram feridas, presas, interrogadas e sofreram preconceitos. As manifestações contra a violência policial contra o público LGBT+ ganharam as ruas, houve a criação de vários movimentos de gays e lésbicas, que reivindicavam liberdade, respeito e segurança pública contra as violências policiais, principalmente. Os movimentos organizados de

peças LGBTQIAPN+ se espalharam pelo país com manifestações nas ruas e a criação de uma agenda temática de luta política. “Mas se nem tudo começou em Stonewall, muitas mudanças começaram lá” (QUINALHA, 2022, p. 82). Assim, dá-se início a uma militância que se orgulhava de ser protagonista na luta pela causa. A luta ultrapassava o combate à intolerância, entendia que era necessário lutar também por mudança nas estruturas de poder de uma sociedade que menosprezava as pessoas LGBTQIAPN+.

Não nos enganemos de que haja um consenso e uma espécie de harmonia dentro do movimento que o autor chama de LGBTQIAPN+, que é comumente inscrito como Orgulho LGBTQIAPN+ na contemporaneidade. Existem tensionamentos políticos dentro do movimento. Alguns setores como os bissexuais, homossexuais e lésbicas possuem maior visibilidade do que outros, como pessoas queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binárias, por exemplo. Talvez isso se justifique pela proporcionalidade entre os diversos grupos que compõem a sigla. É sabido que houve certa resistência interna no orgulho para a aceitação do A de assexualidade na composição da diversidade sexual, na década de 2010. “Na medida em que um setor ganhava mais visibilidade e hegemonia, isso acontecia às custas da marginalização de outras pessoas no interior da própria comunidade” (QUINALHA, 2022, p. 90).

Com o fortalecimento da comunidade gay estadunidense, o modo de vida deixa de seguir o padrão homófilo dos anos 1950, quando buscava mostrar uma normalidade pela fala culta e pela vestimenta formal. A partir dos anos 1970, as roupas eram despojadas, cabelos compridos para os homens e as manifestações são pela rejeição do “ideal burguês de família”, pelo direito à liberdade sexual e pelo amor livre. O que estava em jogo não era mais lutar por uma normalidade, mas pela “afirmação da diferença”. Nesse contexto, no primeiro aniversário da Revolta de Stonewall é aprovada pelo coletivo ECHO uma marcha anual na última semana de junho, na cidade de Nova Iorque.

Ainda que desde os tempos do ativismo de fins do século XIX já se verificassem dissensos e disputas importantes em torno das identidades e táticas pela emancipação dos homossexuais, foi nessa segunda metade do século XX nos Estados Unidos que houve uma complexificação do discurso e da ação LGBTI+ que ressoa até os dias de hoje (QUINALHA, 2022, p. 99).

As marchas ganham calendário próprio nas principais cidades dos Estados Unidos e do mundo. Ocorrendo anualmente, na sua maioria, o evento é celebrado no mês de junho. No Brasil, principalmente em São Paulo, a marcha do Orgulho LGBTQIAPN+

reúne uma multidão que segue vários trios elétricos temáticos com a presença de artistas que dançam e cantam durante o percurso no centro da cidade.

1.6 Um breve histórico do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil

É sabido que as dissidências sexuais e de gênero têm um percurso histórico de luta por direitos e visibilidade social e política. E para chegar no objeto de estudo que é a assexualidade, faz-se necessário contextualizar o desenvolvimento e a importância da luta política e social do movimento LGBTQIAPN+. Assim, adentramos na história LGBTQIAPN+ do Brasil, que na visão de Quinalha (2022), é compreendida como ciclos para interpretar o nosso movimento brasileiro. Ele explica por que prefere nomear de ciclos em vez de ondas, os acontecimentos do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil. “Todos os ciclos podem se expandir ou se retrair ao mesmo tempo, estabelecendo diversas formas de interação entre si, múltiplas combinações que são mais fiéis à complexidade da realidade” (QUINALHA, 2022, p. 103).

O autor fala de movimentação como sendo diferente de movimento. Alega que segundo o jornal paulistano *Lampião da Esquina* de 1978, na seção coluna do meio, dedicada ao público homossexual, o jornalista responsável pelo periódico era questionado sobre a existência de um movimento homossexual em São Paulo, fato que ele negava, dizendo haver uma movimentação homossexual e não um movimento. Por exemplo, da sauna para o táxi ou da boate para o táxi.

Quinalha (2022) diz haver cinco ciclos do movimento LGBTQIAPN+ organizados no Brasil. O primeiro ciclo organizado ele chama de “ciclo da afirmação homossexual e combate à ditadura”. Na década de 1980, o Brasil já contava com mais de vinte grupos homossexuais espalhados pelo país. “Nesse primeiro ciclo, entre o fim da década de 1970 e meados dos anos 1980, as preocupações centrais passavam pela construção e a afirmação de uma identidade homossexual mais estabilizada” (QUINALHA, 2022, p. 107). Pois havia um questionamento sobre a homossexualidade. Em que consistia ser homossexual? “Era natural ou cultural”? Somente ter desejo por uma pessoa do mesmo sexo era considerado homossexual? Era preciso ser afeminado? E as mulheres como deveriam ser tratadas? A bissexualidade era uma fase passageira ou uma condição? E as travestis que segundo o teórico na época ainda eram tratadas no masculino, deveriam ser entendidas como um tipo de homossexualidade ou um fenômeno alheio?

O segundo ciclo apontado pelo pesquisador, se refere à trágica epidemia do HIV/AIDS que se alastrou pelo país, atingindo principalmente a comunidade LGBTQIAPN+, a partir da década de 1980. “Os casos se multiplicavam em ritmo acelerado, não demorando muito para que se vinculasse essa nova epidemia a um ‘grupo de risco’ e suas práticas sexuais estigmatizadas como perigosas” (QUINALHA, 2022, p. 113). Religiosos apontaram na época que a AIDS era um castigo divino contra os homossexuais, imprimindo a lógica da culpabilização dos sujeitos. O movimento se articulou com autoridades médicas e de governo para construir políticas de saúde e combater a epidemia.

Essa ação política, segundo o teórico, se inicia em São Paulo, torna-se nacional e ser serve de modelo internacional na luta de combate à disseminação e tratamento do HIV/AIDS. “Na época, foi bastante comum que as famílias de origem de homens gays e bissexuais mortos em decorrência da AIDS, que os haviam rejeitado quando eles assumiram suas sexualidades, ressurgissem de repente para reivindicar” herança (QUINALHA, 2022, p. 117). Portanto, companheiros que conviveram e os acompanharam em hospitais na luta travada contra a AIDS, tornavam-se desprovidos de qualquer direito à herança, visto que os familiares alegavam ser os verdadeiros detentores do direito de herdar os espólios daquele familiar gay que outrora fora rejeitado por eles. Essas questões serviram para o movimento impulsionar a luta pelo reconhecimento civil da união homossexual.

Quinalha (2022) advoga que o terceiro ciclo do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil se dá no embate pela institucionalização e visibilidade pública da diversidade homossexual. A luta por legalização da união homoafetiva, pela adoção de criança, por um atendimento médico digno, a partir da despatologização pelo Conselho Federal de Medicina, retirando o código 302.0. As cobranças para que o Congresso aprovasse uma legislação combativa, proibitiva e que criminalizasse os diversos tipos de violência LGBTfóbica. O pesquisador vai afirmar e reconhecer que na luta política travada pelo movimento no Congresso Nacional, na busca por aprovação de leis e projetos que garantissem direitos à comunidade, várias derrotas se sucederam para alas conservadoras e moralistas da bancada religiosa, mas não deixa de reconhecer, por exemplo, o apoio da bancada do Partido dos Trabalhadores-PT, especialmente o voto dos parlamentares José Genoíno e Benedita da Silva, na época da constituinte de 1987-1988.

O quarto ciclo aponta para a cidadania e diversificação de direitos LGBTQIAPN+ e acontece nos anos 2000 com visibilidade ampliada, “capilaridade e força política”.

Amplia-se a sigla com as letras do Orgulho, a filiação partidária da diversidade sexual para representar o movimento a nível de governo, as campanhas de prevenção às ISTs- Infecções Sexualmente Transmissíveis, a luta por um mercado de trabalho inclusivo, a aprovação de decreto lei para a inserção do nome social escolhido pela pessoa LGBTQIAPN+ nos documentos, registros públicos e atendimento em órgãos públicos tratados pelo nome social, sem discriminação. Também ocorre a aprovação no STF pela doação de sangue de pessoas homossexuais nos bancos de sangue para transfusão hospitalar e da união civil homoafetiva e com registro em cartório. Na mesma esteira, o STF aprovou em 2019 a equiparação homofóbica ao crime de racismo. E em 2023, foi aprovado pela suprema corte a prática de transfobia considerada como crime.

O quinto e último ciclo defendido por Quinalha (2022) esbarra no recém período que a extrema direita governou o Brasil do início de 2019 ao final de 2022. Esses anos sombrios que não prejudicaram somente a comunidade LGBTQIAPN+, como outros setores e grupos da sociedade e que o pesquisador chama de ciclo “bolsonarismo” e *backlash*, sendo o *backlash* um termo em inglês para explicar uma situação de retaliação entre grupos opostos, como no caso brasileiro, os embates travados entre o Judiciário e o governo Bolsonaro.

O referido governo conservador, militarizado, emplacou discursos de ódio, *fake news* nas redes sociais, ignorando e hostilizando as populações vulnerabilizadas nos diversos seguimentos sociais em benefício de um resgate e da valorização da família tradicional, da heterossexualidade compulsória e de uma visão religiosa moralizante para se manter no poder e passando a dividir a sociedade por meio de intrigas e atos violentos. O ex-presidente Bolsonaro e seus seguidores elegeram um discurso arquitetado contra os movimentos de esquerda e de liberdade sexual, tratando como ideologia de gênero e de kit gay o material de educação sexual, criado em 2011 e distribuído nas escolas, no processo educativo anti-homofobia, desmoralizando os professores como doutrinadores e que as escolas ensinavam as crianças a serem gays, desvirtuando-as para práticas homossexuais.

Assim, o “guarda-chuva” da sigla LGBTQIAPN+, que procura representar os vários grupos, é atravessado pela identidade de gênero e pela orientação sexual. A letra L que representa a mulher Lésbica. A letra G que representa o Gay (homossexual). A letra B de Bissexualidade (homem ou mulher). A letra T representa Travesti (homem ou mulher), Transsexual (homem trans e mulher trans) e Transgêneros. A letra Q se refere ao grupo de pessoas Queers que não se identificam com os padrões sociais de gênero

(homem-mulher) e podem transitar por orientações sexuais diferentes, no contexto. A letra I diz respeito ao grupo Intersexual, pessoas que podem reunir características biológicas masculinas e femininas e não se identificarem com as definições biológicas cisgênero. A letra A engloba as pessoas Assexuais, um grupo de pessoas que enfrentam autocobrança, pressão social e familiar sobre relacionamentos sexuais e amorosos, pois a maioria das pessoas assexuais não sente atração ou desejo sexual por outra pessoa. O que não quer dizer que eles não tenham desejos, afetos, vontades e prazer, mas podem se contentar com abraços, carinhos, olhares, entre outros prazeres afetivos, que não necessariamente o ato sexual. A letra P identifica o grupo Pansexual, que pode transitar e sentir atração sexual por pessoas de gêneros e orientações sexuais diferentes. Já a letra N significa pessoas não binárias. O sinal de + (mais) atribuído ao final da sigla contemporânea indica outras possibilidades de orientações sexuais não definidas.

O movimento do “Orgulho LGBT+” se espalhou por diversas partes do mundo e chegou a São Paulo em 1997. Os relatos apontam que a primeira “Parada Gay” (nome atribuído na época) da capital paulista contou com aproximadamente 2 (duas) mil pessoas nas ruas e fez o tradicional percurso entre o Museu de Arte Moderna-MASP e rua da Consolação, Quinalha (2022). O número de participantes foi aumentando a cada ano em que ocorria o evento. A cada nova data, os organizadores apresentam um tema como bandeira de proposta política que reivindica direitos à população, hoje, com a sua sigla ampliada para LGBTQIAPN+. As demandas na luta por direitos se atualizam, se ampliam e se diversificam. Assim, corroboram os autores (MELO et al., 2012, p. 425, apud PRADO, MARACCI e MONTEIRO, 2021, p. 8), afirmando que: “No que diz respeito à implementação de políticas públicas para a população LGBT no Brasil, a despeito dos avanços recentes nas iniciativas governamentais, o que se observa é que nunca se teve tanto e o que há é praticamente nada”.

A complexidade da sociedade, o advento da internet, a chegada das redes sociais, a evolução da produção científica, a ampliação e atualização da legislação, parecem contribuir com a identificação, aceitação e formação de novos grupos sociais de pessoas que contemplam a diversidade de gênero e orientação sexual. Haja vista a sigla da diversidade contar com 9 (nove) letras e o sinal de +. O sinal de + aponta para outras possibilidades da fluidez sexual humana. Embora os aumentos supracitados nem sempre sejam positivos, principalmente quando nos referimos a direitos, respeito, não violência, inclusão e acesso.

1.7 Homofobia e Transfobia no Brasil - entre a lei e a moral – as diversas formas de violência

Por que identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual incomodam a alguns grupos ou líderes religiosos e a alguns grupos ou políticos fundamentalistas? Não aceito como resposta a orientação divina, escritos bíblicos, formação da cultura familiar tradicional conservadora ou ignorância por desconhecimento sobre a fluidez de gênero, sexualidade e orientação sexual. Porque justamente os grupos e personagens que atacam a diversidade são geralmente pessoas instruídas de conhecimento, dotadas de prestígio religioso, influência social, poder político e econômico. Furlani (2010, p. 50) assevera que: “Todas as pessoas têm o direito de expressar livremente sua orientação sexual, sua identidade de gênero e seu senso de pertencimento étnico-racial”. Segundo Carvalho (2021, p. 355): “Atualmente, o termo LGBTQIAP+ tornou-se amplamente utilizado para se referir a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e Pansexuais, de modo a propor maior visibilidade para a identidade de gênero e sexualidade, em benefício da sigla”.

Existe uma diferença significativa entre discordar e desrespeitar. Ninguém é obrigado a concordar com a diversidade, suas práticas, estilos de vida, formação familiar, escolha de parceiros, modos de ser e estar no mundo, porém, todavia, todos precisam respeitar aos diversos grupos que compõem a diversidade. A pluralidade é real e necessária numa sociedade livre e democrática. É na diferença que nos tornamos humanos. Quando um religioso usa de sua influência para atacar a diversidade e dizer ao microfone que “Deus odeia o Orgulho”, questionando a união homoafetiva, a adoção de criança, a presença de professores trans nas escolas, em tom de reprovação, indignação e orientando aos seus ouvintes para que não aceitem a diversidade na sociedade, fica evidente a intenção de apagamento e a exclusão da população LGBTQIAPN+. Furlani (2010) afirma que na Grécia antiga, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo não tinha a conotação que temos hoje, na sociedade ocidental. Segundo ela, não existiam os termos homossexualidade e heterossexualidade, visto que não se falava em sexualidade por ser uma construção sociocultural da modernidade contemporânea.

O ato de violência contra pessoas gays, que aconteceu em 28 de junho de 1969, no bar Stonewall, cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, foi considerado o motivo inicial para o surgimento do movimento ativista LGBTQIAPN+, como forma de reivindicação por respeito, liberdade e visibilidade gay. A revolta manifestada nas ruas

americanas daquela época expressou indignação pelos atos de violência praticados pela polícia contra a população gay que se divertia na noite novaiorquina.

Vale ressaltar que a violência institucionalizada e social ainda prevalece atualmente contra à diversidade. Segundo pesquisa do Conselho Nacional de Justiça-CNJ do Brasil (2022), “[...] a experiência negativa e a descrença na polícia podem refletir também na descrença no sistema de justiça como um todo, uma vez que, para as pessoas em geral, a polícia aparece como a porta de entrada para a justiça, tanto em sentido prático quanto em sentido simbólico” (CNJ, 2022, p. 84).

Enquanto a legislação aprovou a união homoafetiva nos últimos anos, a adoção de crianças, a formação de famílias diversas, alternativas e não tradicionais vêm ganhando visibilidade social. Por outro lado, práticas homofóbicas e transfóbicas, sejam veladas ou explícitas, individuais ou institucionais, acontecem com frequência nos diversos espaços de convivência. A Organização Não Governamental-ONG, denominada Fórum Brasileiro de Segurança Pública-FBSP, sem fins lucrativos e apartidária, revela alguns dados da violência contra a população LGBTQIAPN+, afirmando que o Anuário “trata sobre os dados oficiais produzidos pelo setor de segurança pública acerca de injúria racial, racismo, LGBTfobia e violência contra LGBTQIA+ desde sua 13ª edição, publicada em 2019” (FBSP, 2023, p. 108). As atitudes de LGBTfobia se apresentam por meio de diversas violências, como por exemplo, violência física, psicológica, xingamentos verbais, constrangimentos em público, exclusão social e mortes.

O Anuário afirma que o Estado brasileiro é capaz, porém não tem interesse em combater a violência contra as dissidências sexuais e de gênero. “Como de costume, o Estado demonstra-se não incapaz, porque possui capacidade administrativa e recursos humanos para tanto, mas desinteressado em endereçar e solucionar” (FBSP, 2023, p. 114). Diante de tais práticas violentas e de exclusão, a “Parada do Orgulho LGBT+”, ocorrida em 11 de junho de 2023, após a saída de um governo nacional que se apresentava desfavorável à diversidade de gênero e orientação sexual e a recém-chegada de um novo governo com um viés liberal e mais progressista, apresentou o seguinte tema: “políticas sociais-queremos por inteiro e não pela metade”. Acreditando ser o momento ideal para tais reivindicações políticas do movimento junto aos governantes.

O governo de Jair M Bolsonaro foi destruidor das políticas de atendimento à diversidade e minorias. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 115) assevera que:

A posição do governo Bolsonaro era bastante evidente: integrar redes nacionais e internacionais de contramovimentos sociais (backlash), promovendo desinformação, discurso de ódio e destruição das infraestruturas e redes de proteção e promoção de direitos de comunidades tradicionais, deficientes, migrantes, mulheres, negros e LGBTQIA+.

A partir de 1 de janeiro de 2023, o Brasil vislumbra novos rumos para a democracia abalada, como liberdade e respeito para as diversidades, perante a chegada do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Acredito que essa possibilidade fez a Parada LGBTQ+ 2023 ser mais leve, descontraída e motivada a reivindicar direitos, respeito e liberdade.

As violências contra a diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual são praticadas em diversos espaços sociais e regiões do país. A escalada da violência contra essa população se apresenta impregnada na sociedade, em gradações e modalidades variadas. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023) afirma que a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e o Grupo Gay da Bahia (GGB) produziram mais estatísticas sobre violência de lesão corporal, homicídio e estupro contra a população LGBTQ+ do que o Estado brasileiro que se supõe possuir maior estrutura. Os sujeitos visibilizados, expostos à sociedade de alguma forma são os mais atingidos, como os que assumem sua orientação sexual, os profissionais do sexo, os que apresentam trejeitos por meio da fala, das vestes, gestos, adereços, expressões corporais, relações amorosas e afetivas abertas à família e ao público etc.

Ainda que a legislação brasileira, recentemente, tenha aprovado os atos de homofobia e transfobia como crimes, é possível ler, assistir ou presenciar atitudes de violência contra a diversidade de gênero e orientação sexual. Segundo levantamento de pesquisa sobre discriminação e violência contra a população LGBTQIAPN+, publicada em 2022, pelo Conselho Nacional de Justiça-CNJ: “O atendimento policial, com grande frequência, aparece relatado como revitimizador ao desqualificar, culpabilizar as vítimas, não investigar, ignorar provas ou indícios fornecidos e desacreditar as vítimas, fazendo com que as pessoas cheguem a duvidar de si mesmas” (CNJ, 2022, p. 82). O Brasil é considerado um dos países que mais mata travesti, transsexual e transgênero no mundo.

Além da violência que atenta contra a vida humana, outras modalidades são praticadas, como os xingamentos, os constrangimentos em público, os termos pejorativos, a violência psicológica, a diminuição das qualidades e capacidades individuais e coletivas. A título de exemplo, a repórter transgênero da Rede TV, Lisa Gomes, no primeiro semestre de 2023, sofreu transfobia no exercício da sua profissão enquanto se

preparava para gravar uma matéria com o cantor Bruno da dupla Bruno & Marrone, antes de um show nos arredores da capital Paulista. A repórter pediu e foi atendida para que a Rede TV não exibisse a matéria feita por ela. Ela acionou a justiça contra o artista e aguarda o andamento do processo.

A criação de políticas públicas e sociais para ofertar direitos, como serviços, segurança jurídica à população LGBTQIAPN+, principalmente com a oferta de serviços na área da saúde, eventos culturais, direito ao nome social, casamento homoafetivo, adoção de criança e mais recentemente a criação de lei que combate os crimes de LGBTfobia e a aceitação de doação de sangue por gays assumidos para transfusão, foram conquistas significativas. Por outro lado, diversas formas de violência, ainda são praticadas em espaços sociais ou institucionais, causando o apagamento e a exclusão de pessoas da diversidade. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública-FBSP (2023) afirma que o governo Bolsonaro implementou a discriminação “no campo discursivo-simbólico” ao mesmo tempo que desativou as políticas e equipamentos públicos de atendimento à diversidade e minorias vulnerabilizadas.

Gostaria de afirmar que a homossexualidade e outras orientações sexuais não são doenças para serem transmitidas. Deixando claro aos fóbicos que a escola não pratica ideologia de gênero quando ensina sobre a diversidade, o respeito que ela merece, seus direitos, legitimidade de ser e estar no mundo. Aliás, ideologia é considerada pseudociência, logo, não combina com gênero, sexualidade e orientação sexual, pois se trata de fato, de realidade, de seres que vivem a diversidade nos seus corpos. Além de que a escola não ensina ideologia, mas ciência. Carvalho (2021) vai nos dizer que ao longo da história, grupos conservadores lutam para manter papéis sociais estabelecidos, identidades fixas e compulsórias. Assim, segundo ele, há uma confusão entre sexo biológico, gênero e orientação sexual e, pela falta de entendimento, tenta-se unir os três conceitos como se fossem sinônimos, ainda que estejam correlacionados.

Outra questão é que a orientação sexual, seja ela qual for, não é dada por influência de outra pessoa, não se aprende no convívio com gays, homossexuais, bissexuais, travestis, transgêneros, transsexuais, lésbicas, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binários. A fluidez da sexualidade humana, a construção da orientação sexual é um processo de descobrimento individual, social e cultural do ser. Carvalho (2021) descreve que a correlação entre sexo, gênero e orientação sexual, foi naturalizada biologicamente e definida como leis da natureza. Os estudos contemporâneos entendem que o corpo é o universo definidor de quem o sujeito deve ser, como agir e como se comportar em

sociedade. Cada sujeito aprende a definir, a manifestar e a expressar sua identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual, para agradar a si mesmo e não atender aos tabus sociais, morais e religiosos.

Para a Sociedade de Psiquiatria Americana, a homossexualidade deixou de ser considerada patologia desde 1973, quando, segundo Caldeira (2020), a homossexualidade foi removida do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM². A patologia atribuída aos homossexuais foi excluída das ciências médicas, mas permaneceu impregnada na sociedade por meio da intolerância social para com a diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. Seguindo o pensamento de Furlani (2010):

Homossexuais, usualmente, são vistos como não-homens; no raciocínio dual, binário e oposto do sexo, se você não é homem, é mulher. Desta forma, sempre que um menino, rapaz ou homem estiver usando cor-de-rosa ele poderá ter sua sexualidade (heterossexual) posta em dúvida (FURLANI, 2010, p. 54).

Os rastros de violências contra a diversidade de gênero e orientação sexual são históricos, sem negar os avanços nas ciências, na legislação, na produção tecnológica, cultural e na construção de diálogos para alcançar uma sociedade solidária, livre e civilizada. Tomando como referência espacial o Brasil e como marco temporal o século XXI, é possível dizer que uma alternativa para ampliar o respeito, a aceitação e efetivação de direitos às pessoas LGBTQIAPN+ deve se dar no processo de educação, tanto na formação cultural familiar como nos espaços públicos, culturais e escolares existentes na coletividade. Outra possibilidade, entre tantas, é a partir das lutas travadas pelas Organizações Não Governamentais-ONG do movimento LGBTQIAPN+ na busca para proteger a diversidade, na criação de projetos, programas e serviços de apoio e inclusão, principalmente aos grupos mais vulnerabilizados, discutir políticas afirmativas e inclusivas, liberdade e respeito, implementação de agendas culturais entre outros.

A heteronormatividade hegemônica é um conceito criado nos anos 1990, por feministas e estudiosos da teoria queer que analisaram e questionaram a heterossexualidade normativa na sociedade. Nesse sentido, é preciso se educar para respeitar a inclusão da diversidade em todos os espaços possíveis na sociedade. Infelizmente ainda se observa pequena presença de pessoas LGBTQIAPN+ em muitos espaços públicos e privados. As estratégias de luta precisam atuar para inserir essas pessoas nas universidades, nas lojas, nos supermercados, nos escritórios, nas fábricas, nos

² DSM sigla em inglês para o manual diagnóstico e estatístico de transtorno mental pela sociedade de psiquiatria Americana.

transportes coletivos, nos cargos políticos, nas vagas em concursos públicos, nos cargos de gestão e de liderança, por exemplo.

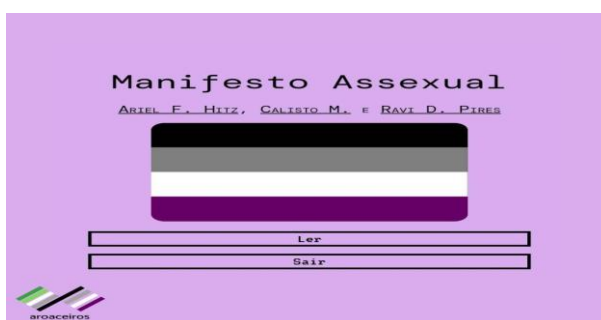
No campo das lutas políticas institucionalizadas, em um Estado Democrático de Direito, pautado na Constituição Republicana e democrática, se faz necessário construir espaços de negociação a partir da participação na política, filiando-se aos partidos, discutindo formas de criar e ampliar os direitos existentes, candidatando-se aos cargos, tanto para o executivo como para o legislativo, para ampliar as possibilidades de atender as demandas da diversidade. A legislação precisa ser mais atuante para combater as violências contra a diversidade. A segurança pública precisa combater e notificar todas as formas de violência contra a população LGBTQIAPN+ que tomar conhecimento. Não é protecionismo que se reivindica, assistencialismo, trocas de favor ou ajuda. O que se exige são garantias cidadãs de fato e de direito.

1.8 Identidade assexual e a inserção da letra A na sigla LGBTQIAPN+

O movimento pela visibilidade assexual é marcado por ao menos dois manifestos, algumas comunidades e atividades que reúnem pessoas que se identificam com o guarda-chuva da assexualidade, ou se interessam pelo tema.

O primeiro manifesto assexual que se tem conhecimento, datado de 1972, foi criado e publicado por Lisa Orlando, membra do movimento feminista radical de Nova Iorque. No ano de 2020, Ariel et al. publicam outro manifesto assexual, alegando que o de Lisa, publicado em 1972, não representava mais a comunidade assexual. Ariel et al. (2020, p.1) afirmam que: “Decidimos escrever este manifesto, ainda que exista um anterior, pois sentimos que ‘The Asexual Manifesto’, escrito por Lisa Orlando em 1972, não representa a comunidade assexual atual”. A imagem abaixo mostra a página inicial do novo manifesto assexual.

Figura: Novo manifesto assexual



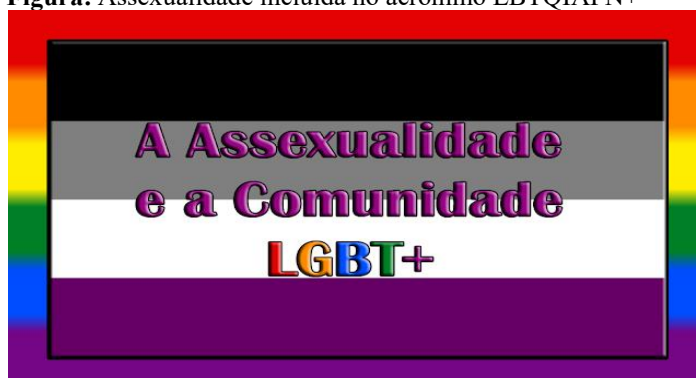
Fonte: Linktr.ee da Comunidade AROACEIROS

Na virada do século XX para o XXI, em 2001, foi criada a AVEN, por David Jay, estadunidense, universitário autoidentificado assexual, como estratégia identitária da comunidade assexual primando pela visibilidade, promovida pelo impulsionamento na internet e por meio de ações políticas e sociais de engajamento dos membros que passaram a sair nas ruas, realizarem manifestações e divulgações, além de palestras, pesquisas e debates na comunidade virtual entre os membros e com a sociedade civil, inclusive em canais de TV. A rede assexual ainda é considerada a maior do mundo, tanto em inglês quanto em outros idiomas. Por exemplo, no Brasil, os assexuais inspirados na AVEN, criaram suas próprias comunidades assexuais, como já apresentado nesta pesquisa.

Entre as diversas marcas, produtos e materiais de divulgação da orientação assexual, a AVEN aprovou a criação da bandeira assexual, em 2010, com a participação e votação virtual de membros assexuais pertencentes à comunidade. Conforme já mencionado na pesquisa, a AVEN criou outros símbolos assexuais, também, como o triângulo invertido, entre outros. Além de ser utilizada como referência para pesquisadores nacionais e internacionais, pelo fato dessa comunidade possuir membros assexuais ativistas e pesquisadores, a seriedade e organização do site, incluindo regras para membros e pesquisadores seguirem o passo a passo normativo e ético na condução de estudos, que vai desde a autorização, seleção de material e de membros para entrevistas sobre assexualidade.

A letra A da sigla LGBTQIAPN+ engloba as pessoas Assexuais, um grupo de pessoas que enfrenta autocobrança, pressão social e familiar sobre relacionamentos sexuais e amorosos, pois, a maioria dos sujeitos assexuais não sente atração ou desejo sexual por outra pessoa. A entrada da assexualidade no movimento da diversidade, por meio do acrônimo LGBTQIAPN+, data do início da década de 2010, na esteira do aumento da sigla. Nos anos seguintes, outras identidades sexuais e de gênero, como o pansexual e não binários, entram no acrônimo do movimento LGBTQIAPN+, composição esta que se mantém na contemporaneidade. Ariel Franz, membro do blog assexualidade Brasil, escreve que: “Muito se fala na comunidade assexual sobre nós assexuais pertencermos ou não a comunidade LGBTQ+. Uns dizem que sim, outros dizem que não. Mas o fato é: nós assexuais, fazemos sim parte dessa comunidade”. A imagem abaixo, retirada do blog mencionado, faz lembrar aos membros assexuais que a assexualidade está inserida no movimento LGBTQIAPN+.

Figura: Assexualidade incluída no acrônimo LBTQIAPN+



Fonte: Blog assexualidade brasil

O “A” de assexualidade da sigla LBTQIAPN+ chama a atenção para a amplitude das orientações sexuais e de gênero, demonstrando a complexidade da sexualidade humana em que atravessa e é atravessada pela sociedade. Assim, é possível pontuar que gênero, sexualidade e orientação sexual são dinâmicos, fluídos e por isso estão em constante atualização, no tempo e no espaço.

CAPÍTULO 2: PERSONAGENS LGBTQIAPN+ NAS TELENÓVELAS DA TV GLOBO

Abordar o percurso histórico dos vários personagens LGBTQIAPN+ nas narrativas da TV Globo torna-se relevante para atingir os objetivos da pesquisa sobre a visibilidade e a representatividade da assexualidade na contemporaneidade, a partir da telenovela *Travessia* (Globo, 2022). O recorte temporal de diversos personagens da diversidade inseridos na teledramaturgia apresentados neste capítulo tem a intenção de aprofundar o fio condutor de interpretação de como foram retratadas, representadas e visibilizadas as várias orientações sexuais apresentadas nas telenovelas da TV Globo nesses mais de 50 anos de produção e exibição da “cultura em domicílio”, segundo Martín-Barbero (2001).

A sociedade é dinâmica e constantemente passa por mudanças e atualizações. Esse processo não se dá em um percurso linear e homogêneo. Certamente, se configura por meio de atravessamentos permeados de arranjos, avanços e retrocessos, conflitos e negociações, em diversas instâncias sociais. Entendendo toda essa complexidade própria da sociedade é que chegamos ao tema da assexualidade na tentativa de compreender e apresentar resultados de como se deu a visibilidade e a representatividade de uma das diversas orientações sexuais através dos personagens assexuais Caique (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral), inseridos na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) que foi exibida entre 2022 e 2023, no dito horário nobre da emissora.

A telenovela é um formato ficcional seriado que nasce com a história da TV brasileira. As pessoas por anos se reuniram em frente à TV e talvez ainda o façam - mas há que se reconhecer o processo de individualização da assistência televisiva com o avanço das tecnologias digitais e do *streaming* - para acompanhar a trama que foi pensada, projetada, produzida e exibida ao público que se apresenta interessado em saber o que vai acontecer em cada cena e em cada capítulo da narrativa. Morin (1997) ao falar de cultura de massa, afirma que essa cultura mediada pelo aparato tecnológico possui duplo sentido para o público, em que o imaginário imita o real e o real se alimenta do imaginário, numa espécie do movimento cambiante.

O canal de TV mobiliza uma equipe de profissionais especialistas em diferentes áreas, além de atores e atrizes, para compor o time de produção de uma obra que pode ser gravada em lugares diferentes, sejam eles reais e/ou cenário montado para gravação. A pesquisadora e professora da USP, Lopes (2014, 2019) fala da construção de mundos na ficção televisiva brasileira, apresenta a importância que os produtos

televisivos, em especial as telenovelas, têm para a construção e atualização da identidade e da cultura nacional. A autora também elabora a noção da telenovela como *recurso comunicativo*, por ser capaz trazer discussões e apresentar temáticas sociais que podem alavancar ações concretas na realidade cultural, social e política.

Os temas abordados nas telenovelas representam desde vivências cotidianas de grupos familiares e seus conflitos, como relações amorosas, sociais, amizades, intrigas, profissionais e financeiras, entre outros. Tais abordagens parecem ser estratégicas para cativar o público e este, em determinadas situações, sente-se representado por vivenciar um contexto semelhante ao encenado pela telenovela. Assim, a teledramaturgia se aproxima da realidade das pessoas que se sentem representadas por meio dos papéis que os personagens desenvolvem. A importância desse papel que a telenovela assume, enquanto produto midiático da cultura nacional, com o qual a sociedade se identifica e se atualiza, Lopes (2023, 2010) chama de *narrativa da nação*. Isso porque a telenovela tem o poder de dialogar com o público brasileiro por ser essencialmente nacional. Segundo Lopes e Greco (2017), o Brasil é o país criador da ideia original ou do roteiro das obras ficcionais mais assistidas no país em décadas de observação do Obitel.

As representações sociais realizadas pela TV Globo desempenham um papel de socializar e sociabilizar, ou seja, possuem função educativa ao disseminar práticas sociais para o seu público. Mais do que isso, ela auxilia na criação de um repertório cultural compartilhado, ao atuar como elemento simbólico e ritualístico (Greco, 2019). Assim, a cultura audiovisual da telenovela constrói pontos de apoio imaginário para a vida prática, alimentando esse lado real e imaginário que existe no interior de cada pessoa, conforme aponta Morin (1997), contribuindo assim com a formação da sociedade, a partir da mistura de ficção e realidade. Lopes (2019, p. 11) fala da importância que a telenovela tem na construção do imaginário social e na formação da identidade nacional, por meio da sua entrada nos lares brasileiros: “No Brasil, historicamente marcadas por um imaginário da nação brasileira (Lopes, 2003), as telenovelas, por exemplo, são verdadeiras fábricas de mundos imaginados, que se definem por um extenso horizonte de possibilidades”.

Alguns tabus perpassam décadas, gerações e permanecessem impregnados nas mentes dos sujeitos, nos grupos e nas instituições sociais. Neste trabalho, o intuito é abordar a assexualidade enquanto orientação sexual e a contribuição social que a TV Globo dá, possibilitando a visibilidade e a representatividade da diversidade nas

telenovelas. Entretanto, para além da letra ‘A’ da sigla da diversidade LGBTQIAPN+, outras orientações sexuais ou identidades de gênero pertencem a dissidências e grupos identitários diversos que já foram retratados nas telenovelas brasileiras, especialmente da TV Globo. A emissora introduziu nas narrativas audiovisuais diversos personagens gays, bissexuais, trans e lésbicas, desenvolvendo papéis que vão desde a prática ou censura do beijo gay ao mordomo solitário, dos casais de homens ou de mulheres apaixonados até o gay vilão como no caso de “Félix” vivido por Mateus Solano em *Amor à Vida* (Globo, 2013).

A TV Globo, desde a segunda metade do século XX, produz e apresenta telenovelas no seu canal aberto, principalmente. As tramas buscam conversar com a sociedade sobre temas que lhes são peculiares no sentido de abrangência territorial, linguagem e cultura. Ainda que o produto telenovela, enquanto obra ficcional da cultura audiovisual, não tenha a intenção de abarcar todos os temas sociais, aqueles que são reclamados, ignorados ou inviabilizados pela sociedade adquirem importância ao serem representados na teledramaturgia. A telenovela, ao se comunicar com o telespectador, provoca nele possibilidades de acesso, compreensão e imersão cultural, agregando-lhe repertório experiencial, no seu ambiente social.

Assim, as telenovelas, ao apresentarem e problematizarem temas importantes da sociedade, atualizam a construção da identidade nacional, segundo Lopes (2014), por meio do binômio ficção-realidade, configurando-se num processo comunicativo que abarca o acesso cultural, o entretenimento, a informação e o conhecimento. O folhetim, enquanto um gênero do meio audiovisual, a partir de um projeto estudado e aprovado por uma equipe de profissionais de bastidores, torna-se um produto ficcional que envolve desde a construção de uma estrutura predial (set de gravação), incluindo investimento financeiro, técnico, artístico e profissional para, ao final, ser exibida ao público.

Após os mais de 50 anos de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo, a escritora Glória Perez, inseriu dois personagens masculinos para abordar o tema Assexualidade em *Travessia* (Globo, 2022). Os personagens Caique (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral) interpretaram dois homens assexuais, respectivamente, o assexual romântico e o assexual aromântico, também chamado de estrito na narrativa. As pessoas assexuais pertencentes a diferentes subgrupos ou espectros, desenvolvem comportamentos, desejos e relacionamentos que destoam das práticas sexuais da maioria da sociedade sexualizada. Assim, *Travessia* apresentou dois espectros do “guarda-chuva” assexualidade. O grande público (WOLTON, 1996) pode acompanhar, entender e

comentar a visibilidade e representatividade dos protagonistas assexuais na telenovela, durante mais de 6 (seis) meses de duração.

Qual a importância de falar dos personagens da diversidade sexual e de gênero nas telenovelas da TV Globo? Para este estudo, que aborda a representação e a visibilidade da assexualidade por meio de personagens assexuais na telenovela *Travessia* (Globo, 2022), contextualizar o período histórico em que dezenas de outras telenovelas apresentaram diversos personagens da comunidade LGBTQIAPN+, apresenta-se como fio condutor no entendimento de como se deu esse processo representativo por meio da ficção televisiva seriada, especialmente nas telenovelas. Também cabe destacar que a TV Globo se torna o espaço privilegiado, como canal aberto de alcance nacional, para veicular a representatividade e a visibilidade da pluralidade sexual e de gênero. Peret (2005, p. 1) diz que: “A telenovela tem se revelado um espaço importante para o estudo das representações sociais e da formação de identidades”.

O repertório das representações LGBTQIAPN+ no meio audiovisual possui veiculação em produções de cinema, de séries, de minisséries e de telenovelas, principalmente. O gênero telenovela enquanto produção ficcional do meio audiovisual televisivo torna-se popular pelo seu alcance nacional e gratuito, além de trabalhar com representações de temas sociais do cotidiano nacional, presentes na realidade dos sujeitos. O tema diversidade sexual e de gênero é um recorte ampliado para analisar e descrever a visibilidade e a representação dos personagens das várias orientações sexuais nas telenovelas da TV Globo, nesse período de mais de cinquenta anos.

Contemplando o período temporal apontado, este estudo parte das contribuições de pesquisadores sobre o tema. Entre eles, estão: Peret (2005), que descreveu o percurso de 31 anos de homossexualidade veiculada nas telenovelas da TV Globo, abarcando desde *O Rebu* (Globo, 1974) até *América* (Globo, 2005); Colling (2007), que estudou como se deu a representação de gays e lésbicas nas telenovelas da TV Globo, entre o ano 1974 até 2007, Silva (2015), que mapeou os personagens gays no período de 1970 até 2013 e se aprofundou no protagonismo gay dos personagens Félix em *Amor à vida* (Globo, 2013) e Téo em *Império* (Globo, 2015), os quais desenvolveram papéis de vilania. Por outro lado, Santos e Mattos (2019) teorizaram sobre os personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo entre 2014 e 2016, na perspectiva da teoria queer. Já Cavalcanti e Ferreira (2023) abordaram o tema para falar de casais sáficos nas telenovelas da TV Globo no período que vai de 1979 até 2022.

A abordagem histórica de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo será dividida em quatro etapas: as décadas 1970 e 1980; a década de 1990; a década de 2000 e da década de 2010 até 2022. A soma das etapas abordadas para esse estudo contempla o período de mais de 50 anos de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da rede Globo até a entrada da orientação assexualidade em *Travessia* (Globo, 2022).

O objetivo é traçar um recorte temporal das personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo, para compreendê-lo, atualizá-lo e lançar luz à entrada da assexualidade na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) por meio dos dois personagens assexuais. Assim, o período estudado será fracionado em décadas e abordará as telenovelas apresentadas, trazendo para a discussão as contribuições dos autores supracitados.

2.1 As décadas de 1970 e 1980: Personagens LGBTQIAPN+ perigosos e exagerados

Segundo Peret (2005), a telenovela remonta ao folhetim francês, enquanto suplemento literário de jornais direcionado para o consumo feminino, a priori. Os folhetins traziam matérias censuradas, como dramas e comédias consagradas. Os autores se utilizavam de ‘maniqueísmos’ de oposição como luz/trevas, bem/mal e herói/vilão. A tônica da telenovela segue o modelo melodramático de representação do folhetim baseada na dicotomia, construída pelos autores para chamar e prender a atenção do público nesse consumo imediato e contínuo repartido em capítulos.

No entendimento de Peret (2005), a ascensão do folhetim na Europa contribuiu para que as mulheres questionassem a estrutura familiar de modelo judaico/cristão/islâmico, as contradições brutais do capitalismo, o amor romântico para além da reprodução, a necessidade de separação ‘amor x sexo’, os papéis individuais na família e na sociedade e a luta pela inclusão de identidades sexuais. “Os movimentos sociais dos anos 1960 discutiriam a formação da identidade social, debatendo a família, a sexualidade, a etnia (...). Esses fatores contribuiriam para a consolidação da luta pela visibilidade homossexual” (PERET, 2005, p. 2).

A questão é como se deu e ainda se dá na contemporaneidade a visibilidade homossexual por meio da representação ficcional nas telenovelas, que é o lugar onde se insere o objeto de estudo em tela. Uma orientação sexual que há mais de 50 anos é apresentada nas telas da TV aberta de alcance nacional, por meio das narrativas novelescas e na mesma época, em 1973, deixa de ser considerada doença mental pelo

manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais da Associação de Psiquiatria Americana-APA. A homossexualidade, seja masculina ou feminina, atualmente ainda é vista por setores da sociedade como desvio de comportamento, anormalidade e as pessoas que são assumidas como homossexuais por vezes são tratadas como inferiores, indignas, ou que podem influenciar outras, portanto, devem ser evitadas.

Para Peret (2005), a primeira telenovela da TV Globo a exibir um personagem homossexual, foi *O Rebu* (Globo, 1974). Nessa trama o personagem se envolve com um crime passionai ao matar uma jovem por ciúmes dela com o namorado do assassino, que o autor o chama de “protegido” por ser mais jovem e dependente financeiramente do personagem que comete o crime. Peret (2005) afirma que as três próximas telenovelas *O Astro* (Globo, 1977), *Dancing Days*, (Globo, 1978) e *Marrom Glacê* (Globo, 1979), apresentaram personagens coadjuvantes com discurso de ‘inversão’ e profissões ‘gays’, como o mordomo e o cabeleireiro, além da comicidade de outros personagens. As características dos personagens homossexuais reforçavam os estereótipos sociais de que homens delicados, educados, voz aguda, manejos corporais sensuais, gesticulação de braços e mãos, roupas coloridas e que exercem profissões consideradas femininas, são todos gays.

Além da construção da imagem de que homossexuais são “bizarros”, “estranhos”, logo se tornam cômicos, servindo como motivo de risadas no círculo de conhecidos, também podem ser vistos como pessoas perigosas, capazes de destruir casamentos héteros ou converter homens héteros à homossexualidade. Assim, passavam a falsa ideia de que a orientação sexual seja contagiosa e perigosa, devendo-se, assim, evitar o contato. Talvez se justifiquem os personagens homossexuais violentos e cômicos nas telenovelas como caricaturas estereotipadas da homossexualidade idealizada no imaginário social.

Em *Pai Herói* (Globo, 1979), um personagem heterossexual finge ser ‘afeminado e sensível’ para justificar sua investida numa mulher casada. Ainda no mesmo ano a telenovela *Os Gigantes* (Globo, 1979) tentou emplacar um casal lésbico, mas logo foi censurado e não deu continuidade. Portanto, as primeiras telenovelas da TV Globo dos anos 1970 exibiram personagens homossexuais se apresentando como reais, imitados ou sugeridos, reforçando o estereótipo da “inversão”, segundo Peret (2005). Essa inversão seria de gênero, sugerindo que os personagens gays são afeminados, com trejeitos “efeminados e afetados”, de acordo o comportamento e a profissão.

Nos anos 1980, a TV Globo exibiu dez telenovelas com variedade de representação da homossexualidade. Começa com *Ciranda de Pedra* (Globo, 1981), que

trouxe a personagem de uma jovem homossexual, feminista, que se vestia como homem, fumava charuto e que ganhou ‘má-reputação’ por se apresentar “masculinizada”. Já em *Brilhantes* (Globo, 1982) houve censura contra a alusão da homossexualidade na telenovela e o personagem ficou rotulado como alcoólatra para disfarçar a sua orientação sexual que se tornou mais mencionada durante a trama do que mostrada. Porém houve um final feliz para o personagem que se encontrou com o seu namorado, ficando esclarecido, dessa forma, para o público que o “problema” dele não era alcoolismo.

Somente em *Um sonho a mais* (Globo, 1985) entra em cena um personagem que se traveste de mulher e se casa com um advogado. A situação não se configurou como homossexualidade na telenovela e ficou na comicidade, incluindo um ‘selinho’ entre eles, ao se casarem (PERET, 2005). Houve também dois personagens heterossexuais que foram confundidos com gays. Outro personagem em *Ti-ti-ti* (Globo, 1985) levou uma vida de fachada fingindo ser gay para conquistar as clientes enquanto estilista e passou a enganar os maridos das mulheres. *Roda de Fogo* (Globo, 1986) mostrou o relacionamento homossexual entre um personagem vilão e o coadjuvante, seu assistente, que se tornaram assassinos e torturadores.

Já *Mandala* (Globo, 1987) veiculou um personagem corrupto e bissexual, e outro confuso, sem definição religiosa, causando uma imagem negativa, até que os espíritas e o movimento LGBTQIAPN+ protestaram. Torna-se pertinente pensar que a homossexualidade em *Mandala* reverberou uma imagem negativa dos sujeitos homossexuais, que além da corrupção apontou a questão religiosa, passando a ideia de que os gays são desonestos, confusos, céticos, logo não são de confiança e sem capacidade de manifestar espiritualidade. Assim, com a transição para a democracia, na época, foi possível verificar o protesto do movimento LGBT contra as caricaturas e exageros relacionados aos personagens gays nas telenovelas que não representavam a realidade desse público.

Bebê a bordo (Globo, 1988) trouxe uma mulher masculinizada e cômica que não fora correspondida por outra mulher de quem ela gostava. Em *Pacto de Sangue* (Globo, 1989), foi apresentado um personagem gay explicitamente afeminado de nome Bombom. A trama *Vale-tudo* (Globo, 1988) representou um casal de mulheres homossexuais, na qual a partir da morte de uma delas, há a discussão sobre a herança para a companheira. Quinalha (2022) aponta que por conta da epidemia da síndrome da imunodeficiência adquirida, na época chamada de AIDS, muitos homossexuais morreram e deixaram herança, sendo que os companheiros não tiveram direito a recebê-la. Familiares

reivindicaram como os legítimos herdeiros, mesmo sem cuidarem desses parentes quando estavam acometidos com o vírus HIV nos leitos de hospitais, deixando os companheiros com quem conviveram e os auxiliaram no tratamento, desamparados.

Lembremos que nesse período dos anos 1980, auge da contaminação pelo vírus HIV/AIDS, que se deu pela prática de sexo sem preservativo e pelo uso de droga injetável, durante o compartilhamento de seringa, também ficou conhecido como “peste gay”, um termo pejorativo, usado por parte da sociedade para culpar os gays de serem responsáveis pela pandemia. A desinformação de culpabilidade gay pela contaminação do HIV/AIDS ainda vigora no senso comum, que acredita e dissemina o boato como verdade, levando parcela da sociedade a entender que a homossexualidade é causadora de doenças. A ciência comprova e os dados clínicos apontam que a contaminação pelo vírus HIV/AIDS pode ser adquirida por casais héteros, bissexuais ou homossexuais que tenham relações sexuais desprotegidas com múltiplos parceiros, além de outras formas de transmissibilidade.

Ainda em *Vale-tudo* (Globo, 1988) o personagem jovem, sensível e romântico, sobrinho da personagem lésbica Cecília, convive e confia sua vida privada a sua tia e para a companheira dela, fato esse que leva o pai do jovem a desconfiar que o seu filho estivesse ‘se tornando gay por influência delas’ (PERET, p. 7, 2005). Nesse contexto, insinua-se no imaginário social que as pessoas se tornam gays por influência ou convivência com outros gays, por culpa da escola ou quando são incentivados pelas mães, que geralmente são mais sensibilizadas e compreensivas quando sabem ou desconfiam que os filhos são homossexuais. Estes ganham a confiança da genitora e conseguem compartilhar a orientação sexual com a qual se identificam.

Em *Tieta* (Globo, 1989), houve breve participação de uma personagem travesti, vivida pela artista e travesti Rogéria. Na trama, a sua aceitação na cidade foi comprada e a censura não permitiu o protagonismo de Ninete e Waldemar, optando por outras questões abordadas na telenovela (Peret, 2005). É pertinente apontar que ainda existiam resquícios de censura no final dos anos 1980, mesmo após o término de 21 anos de ditadura militar.

Os personagens LGBTQIAPN+ apresentaram comportamentos diferentes nas épocas e nas telenovelas em que foram inseridos. O pesquisador Colling (2007) toma como base os estudos de Peret (2005) para problematizar a representatividade homossexual nas telenovelas da TV Globo. Segundo ele, os personagens gays ganharam papéis de criminosos, afeminados e afetados, heterossexualizados. O autor aponta que:

“O estudo identifica três fases distintas das representações e critica o modelo atual em vigor, em que os personagens homossexuais reproduzem um discurso considerado heteronormativo” (COLLING, 2007, p. 1). Ele diz que a TV Globo, nas primeiras telenovelas associou a homossexualidade à criminalidade, num segundo momento os mostrou caricatos e exagerados, sendo afeminados e afetados tipo ‘bicha louca’ e, por fim, na contemporaneidade, a emissora se voltou para representar uma homossexualidade heteronormativa ou heterossexualizada.

A argumentação é embasada no questionamento sobre como os personagens gays foram e são exibidos nas telenovelas da TV Globo: “Que gay é esse na telenovela brasileira? A maneira como os gays estão sendo representados nos últimos anos faz alguma diferença para os homossexuais?” (COLLING, 2007, p. 2). Entende-se que a visibilidade e a representatividade no audiovisual de grupos sociais vulnerabilizados historicamente na sociedade brasileira passa pelo viés do caricato exagerado e reforça o estereótipo que não condiz com a realidade dessa parcela da sociedade, sejam, pessoas pretas, empregadas domésticas, nordestinos ou o público LGBTQIAPN+. Colling (2007) pontua que na época de suas pesquisas, os estudos gays e lésbicos foram ampliados no Brasil, com destaque para a área de Letras e afirma também que na área da Comunicação, tais estudos ainda eram incipientes. Principalmente a relação entre meios comunicacionais de mídia e a homossexualidade que apresentaram poucas pesquisas no Brasil.

Faz alguns esclarecimentos sobre a teoria queer a partir de Butler, (2002) sobre a heterossexualidade compulsória ou homofóbica, ao apontar a existência de obrigação social para que as pessoas se relacionem amorosamente e sexualmente com o sexo oposto. Pesquisadores ativistas contestam o curso natural da sexualidade, pautada no binarismo de gênero e na reprodução. Entende-se que a maior preocupação de Butler, dentro dos estudos queer, foi defender a tese de desnaturalizar o sexo e o gênero. Colling (2007) cita a ideia de Butler (2002) de quando postulou que gênero é performativo, a partir do regime que regula suas diferenças. E que a teoria queer é anti-assimilacionista, inclusive criticando alguns ativistas homossexuais que defendem a ideia de igualdade entre heterossexuais e homossexuais, num processo de integração.

Advogo as ideias de Butler (2003) no sentido de que a convivência social precisa ser pautada no respeito, a partir da aceitação da diferença e não naturalizar tais diferenças para integrar e aceitar o outro, como estratégia de assimilação e apagamento de características identitárias legítimas. A quem interessa tal assimilação a partir da

naturalização da diferença? E a resposta não poderia ser outra, senão atender aos supremacistas hegemônicos que buscam impor o controle social a partir de influências do poder que lhes advêm.

Colling (2007) compreende a existência de uma tensão entre a teoria queer que combate a assimilação baseada na integração pela igualdade e alguns ativistas gays que defendem uma “normalização” de que homossexuais devem ser equiparados aos heterossexuais nos comportamentos, maneiras, jeitos e modos de se apresentarem em sociedade. Ele cita como exemplo o Grupo Gay da Bahia-GGB que teceu críticas aos personagens afetados e afeminados nas telenovelas e em outros momentos elogiou quando foram apresentados personagens homossexuais no padrão heteronormativo.

De alguma forma, esta tensão entre política queer e movimento gay fica visível na forma como os ativistas gays reagem a determinados personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras. Em várias ocasiões, por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB) ameaçou processar os autores e a própria emissora em função da existência de personagens homossexuais afeminados e/ou caricatos. Em outras ocasiões, teceu elogios quando os personagens ‘pareciam normais’, sem afetações (COLLING, 2007, p. 6).

É interessante trazer a contribuição do autor quando questiona a existência de um modelo estanque, padronizado de ser homossexual. E ele pergunta: “Não existem gays afeminados e afetados? Por que eles não podem estar nas telenovelas? Para serem mais aceitos nas telenovelas, os personagens gays necessitam anular suas diferenças e se comportar dentro de um modelo heteronormativo? (COLLING, 2007, p. 6). É pertinente pensar que as diferenças devem ser visibilizadas, tanto nas mídias como no cotidiano social e familiar. Quando se preconiza a importância de celebrar as diferenças parece ser primordial que elas sejam respeitadas sem precisarem seguir um modelo hegemônico, que, no mínimo, anula a pluralidade das diferenças dentro da diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual.

O questionamento sobre a existência de homossexuais com trejeitos afeminados, afetados ou extravagantes, traz luz à discussão sobre a rotulação dos sujeitos do Orgulho LGBTQIAPN+. Até que ponto tais conotações de pré-julgamento social podem servir para eleger ou excluir cidadãos e cidadãs baseados nos seus comportamentos, características estéticas, com as quais os sujeitos se identificam e forjam suas personalidades pessoais, íntimas e particulares enquanto corpos políticos que se apresentam ao mundo. Em que pese os termos afeminados, afetados e sensíveis, por exemplo, já serem carregados de preconceitos ao compararem homossexuais como femininos, logo sensíveis, como se homens heteros não pudessem ser delicados e

sensíveis. Ou como se todas as mulheres devessem ser delicadas e sensíveis para serem aprovadas no seu universo feminino.

Em contrapartida, os grupos ativistas LGBTQIAPN+ que defendem a assimilação homossexual podem estar contribuindo para esconder as diferenças de gênero, sexualidade e orientação sexual na busca por uma aprovação social da pluralidade gay. Essa atitude reducionista pode levar as homossexualidades à composição de uma massa amorfa, ficando à margem da sociedade, em vista de sua anulação e apagamento. É como se ela não existisse nessa mistura homogeneizante. E se existe é a partir da diluição na multidão, disfarçando e escondendo suas diferenças para melhor aceitação social. Parece que pelo viés da assimilação, o movimento LGBTQIAPN+ precisa sempre ser rebaixado a um grupo que é formado de pessoas subalternizadas e como tal deve se sujeitar aos ditames da classe hegemônica heteronormativa. É como se houvesse uma espécie de moeda de troca: para existir e ser aceito precisa ser ao modo da imposição dos dominantes.

Por outro lado, os termos afeminados, afetados e sensíveis atribuídos aos personagens gays em telenovelas parecem reforçar e “naturalizar” a estereotipia dos preconceitos sociais aos homossexuais. O público entende a mensagem veiculada nas telenovelas de que aquelas caricaturas exageradas do público gay representam todos os homossexuais. E que para ser homossexual se faz necessário possuir aqueles atributos de afeminados, afetados e demasiado sensíveis, contribuindo com o imaginário social de que homem não é gay e gay não é homem. Logo, gay precisa ter jeito e se comportar como gay, do contrário não é um. Tal argumentação se aplica a homossexuais masculinos e femininos.

Todavia, não justifica a exibição de personagens gays em telenovelas que sirvam tão somente para entreter e divertir a audiência quando seus comportamentos, modos e jeitos são maximizados para tal finalidade. Os personagens LGBTQIAPN+ não podem simplesmente servir de fantoches quando são manipulados para representar os interesses televisivos com o intuito de ampliar a audiência e agradar ao público, enquanto deixa de representar a cultura e a realidade do público LGBTQIAPN+. Entendo que a produção ficção audiovisual televisiva é direcionada para maximizar as representações dramáticas no intuito de agradar a audiência, valendo-se de arranjos caricaturais estereotipados como atrativos que conversam com o imaginário social dos espectadores. Porém, a ficção pode valorizar a representação, por exemplo, da diversidade, acionando características basilares dos sujeitos LGBTQIAPN+, como a cidadania exercida por eles, sua capacidade

intelectual, o direito de acesso aos espaços públicos, culturais, institucionais e políticos com as mesmas condições que os demais.

Colling (2007) diz que para explicar os personagens homoeróticos nas telenovelas da TV Globo é preciso elucidar o conceito de ‘narrativa da revelação’ que segundo ele é um termo desenvolvido por Dennis Allen sobre as relações homoeróticas no seriado norte americano *Melrose Place*. A curiosidade humana é aguçada quando a trama apresenta personagens que podem conter segredos a serem revelados durante a exibição audiovisual. Na narrativa da revelação, Colling (2007 cita Oliveira (2002) que se debruçou sobre o conceito de Dennis Allen para contextualizar em que consiste e como acontece a revelação homoerótica na ficção televisiva. Nas histórias homossexuais das telenovelas estudadas por Oliveira (2002) apenas havia a suspeita de suas orientações sexuais e a revelação acontecia somente no meio ou no final da trama. A teoria da revelação homoerótica na ficção demonstra a prática de acionamento de camadas identitárias dos sujeitos representados nas tramas ficcionais para aguçar e cativar a curiosidade do público.

O pesquisador defende que duas telenovelas dos anos 1970 da TV Globo apresentaram personagens gays ligados à criminalidade e outras duas tramas do mesmo período exibiram personagens gays afetados e afeminados. Segundo o autor, nos anos 1980, a emissora ampliou o número de personagens gays e lésbicas, que provocaram muita polêmica e pontos no Ibope. Ele afirma que foram nove telenovelas na década de 1980 com personagens homossexuais, entre masculino e feminino. E que as tramas continuaram o ritmo dos anos 1970, apresentando uma mescla de personagens entre estereotipados, assassinos e vilões.

Na década de 1980, os personagens gays (eles) são afetados e afeminados, exagerando nos trejeitos corporais, nas falas e vestimentas, passando uma imagem de seres estranhos, dignos de zombaria e diversão para com os pares de atuação e para quem os assiste. Apresentavam, assim, uma imagem negativa da comunidade LGBTQIAPN+. Os personagens gays continuaram sendo afeminados e as personagens lésbicas masculinizadas, como por exemplo quando a travesti Rogéria deu vida à personagem também travesti Ninete, na trama *Tieta* (Globo, 1989).

A pesquisa de Silva (2015) apresentou uma análise que vai de 1970 a 2013 sobre personagens da diversidade sexual e de gênero nas tramas da TV Globo. Sua análise incluiu as variáveis: telenovela, autor, personagem, faixa etária, raça, classe social/profissão, características, hierarquias das sexualidades, temáticas dos personagens

nas telenovelas e observações, conforme segue: “O quadro com as informações sobre as 126 personagens LGBTs que participaram de 62 narrativas, das 18h, 19h e 21h (...)” (SILVA, 2015, p. 55).

O estudo traz termos em inglês que caracterizaram alguns personagens gays masculinos, como *Camp* que se refere à estética performativa composta de adereços, roupas coloridas, acessórios corporais, cabelos extravagantes, leques, brilhos, gesticulação corporal e linguagem etc., diferenciando-se de outros autores que usam termos como afeminados, afetados e extravagantes para definir características e comportamentos de personagens gays masculinos nas telenovelas. O termo *Camp* tem vários significados no inglês estadunidense. É também usado como gíria de comportamento e se refere à estética do exagero e da teatralidade etc. Já o *Butch* do inglês simboliza masculino, masculinidade ou masculinizada atribuído ao meio lésbico que apresenta características fisionômicas, vestimentas e estética corporal masculinas. Outros pesquisadores chamam as mulheres homossexuais de masculinizadas, lésbicas ou sáficas, por exemplo.

Segundo sua pesquisa, a maioria das personagens LGBTQIAPN+ eram de classe social popular e suas profissões eram: mordomo, cabeleireiro, garçom, cozinheiro, modelo, estilista para os homossexuais homens e caminhoneira, frentista, governanta, para as homossexuais mulheres. Já os personagens gays masculinos de classe média alta tinham profissões como empresários, estudantes universitários, esportistas, músicos, advogado e jornalista. As personagens gays femininas de classe média alta tinham profissões de médicas, empresárias, treinadora e tenista entre outros. Vale lembrar que no rol de profissões, foram apontadas as de cunho sexual enquanto trabalho remunerado como profissão, também denominado de prostituição sexual.

Em relação aos temas desenvolvidos pelas personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas analisadas, Silva (2015) apontou que a maioria dos assuntos discutidos nas tramas giraram em torno de conflitos familiares relacionados a não aceitação da orientação sexual dos personagens pelas famílias. Os temas que se destacaram também foram os referentes aos preconceitos enfrentados pelos personagens gays que tiveram que lidar com situações como piadas, deboches, xingamentos, abandono, violências físicas e psicológicas entre outras. A autora também pontua que outros temas importantes foram trazidos para o debate nas tramas ficcionais, como direitos sexuais, descoberta da sexualidade/revelação, identidade de gênero plural, como intersexo, travestis, transgênero e transexual.

Em nenhuma telenovela do período, estudado foi identificada a presença de personagens homens transexuais (homem trans que transicionaram do gênero feminino para o masculino). A transexualidade masculina e feminina ocorre quando os corpos transgêneros desejam e são submetidos a transição de gênero, um processo que envolve a atuação e acompanhamento de equipe profissional multidisciplinar, como médicos, enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. A transição de gênero pode estar associada à estética corporal, incluindo o uso hormonal combinado com a cirurgia de redesignação sexual ou apenas mudança hormonal sem a redesignação sexual. Quanto à faixa etária nas telenovelas da década de 1970, predominaram personagens gays entre 31 e 40 anos de idade, não havendo espaço para a diversidade dos cinquentões e sessentões, por exemplo, e ainda tornando os casais homoafetivos invisíveis nas telenovelas e na sociedade.

O Ocidente cristão, por muito tempo, criminalizou a homossexualidade masculina e, apagou a homossexualidade feminina, inclusive dos discursos. A asserção a seguir corrobora que: “Assim, a existência lésbica se tornou historicamente um ruído do discurso. Vista como uma prática ‘anormal’ o segredo se tornou constitutivo da homossexualidade feminina” (CAVALCANTI; FERREIRA, 2023, p. 6). Portanto, o tabu do cristianismo contra as homossexualidades é parte da história que se apresenta à sociedade, segundo Cavalcanti e Ferreira (2023).

Segundo Freud (2013, apud CAVALCANTI; FERREIRA, 2023, p. 6) o tabu possui uma função cultural como mecanismo que amordaça e apaga os desejos compreendidos como inapropriados “para a consciência moral de uma determinada sociedade”. Os pesquisadores apontaram que a manutenção do tabu em relação à homossexualidade é fundamental para emplacar um significado de perigo e impureza das práticas homoeróticas. “O tabu se constitui como um dos procedimentos de interdição. Ele opera, como um dos elementos centrais, dos jogos discursivos da sociedade disciplinar” (CAVALVANTI; FERREIRA, 2023, p. 6).

Os autores elaboraram neste estudo referenciado em tela, o percurso dos casais sáficos nas telenovelas da Globo, durante o período de 1979 até 2022. Cavalcanti e Ferreira (2023) dialogam sobre o tema usando o termo sáfico para nomear as relações homoeróticas entre mulheres, enquanto personagens inseridas nas ficções da TV Globo. A disseminação de produção do discurso no imaginário social parece ser reforçada pelas telenovelas, para além das instituições sociais, como a igreja, a família, o estado, o mercado e a sociedade.

Nesse contexto, justificam-se as diversas mudanças nos relacionamentos de casais homossexuais masculinos e femininos durante a exibição das tramas. Tais alterações são forçadas por conta da pressão exercida pelo público, por patrocinadores e setores conservadores da sociedade, fazendo com que os autores e diretores das telenovelas sejam obrigados a ceder em nome da manutenção da audiência que é composta pelos nichos sociais apontados. Os teóricos observaram que a pluralidade do público e as premissas do mercado são falas de afirmação, recorrentes, para explicar a ausência de visibilidade das relações homossexuais que durante décadas foram controladas por um sistema de silenciamento que apagou e “estigmatizou as histórias de personagens gays e lésbicas”.

É cabível a compreensão de que em uma sociedade majoritariamente heteronormativa, construída a partir dos ditames impostos por instituições dominantes, conservadoras de seus valores postulados que devem prevalecer e quando houver a tentativa de serem desobedecidas por grupos discordantes, estes sofrerão diversas punições que os invalidem. Logo, sujeitos que fogem a regras impostas são vistos como rebeldes, indisciplinados, perversos, considerados como inferiores e que devem ser tratados com menor importância para a sociedade, nos discursos, nas representações, na visibilidade, nas liberdades e nos direitos. Tal apontamento converge com as justificativas de que os personagens LGBTQIAPN+ não devem ter papéis protagonistas nas telenovelas, mantendo a heterossexualidade no topo da hegemonia social.

O sistema hierárquico de valoração sexual pode ser representado pela figura de uma pirâmide erótica, segundo Rubin (1989). No topo da pirâmide, encontram-se os casais heterossexuais casados e com filhos. Logo abaixo, estão os heterossexuais monogâmicos que possuem alguma relação estável, porém, não são casados. Estes são seguidos de todos os demais heterossexuais. No limite da respeitabilidade, se encontrariam os casais de gays e lésbicas monogâmicos. Pairando sobre o fundo da pirâmide estariam os homossexuais considerados promíscuos, que ainda gozariam de maior prestígio que os transsexuais, as travestis, os sadomasoquistas e os trabalhadores do sexo (CAVALCANTI; FERREIRA, 2023, p. 7).

O sistema sexual não parece ser estanque, onipresente ou homogêneo no curso da sociedade. Mas a hierarquia de gênero e sexual funciona na sociedade brasileira e se transporta para as telenovelas. Não é à toa que na realidade pessoas da diversidade de gênero e sexual têm suas competências e habilidades questionadas quando postulam ou assumem postos de autoridade ou de destaque em sociedade. O mesmo acontece com o protagonismo de representatividade LGBTQIAPN+ nas tramas da TV Globo. As relações de poder, de disputa e tensionamento se dão, inclusive, entre gays e lésbicas. Quinalha

(2022) afirma que no percurso histórico do movimento LGBTQIAPN+ houve disputas, discordâncias e divisões na formação de grupos ativistas pela causa da comunidade gay e lésbica.

Nessa linha de raciocínio, Cavalcanti e Ferreira (2023, p. 9) afirmam que: “Pensar as relações de poder a partir da existência lésbica, por exemplo, já provocaria o questionamento da pretensa equidade entre a comunidade lésbica e a gay”. Os pesquisadores alegam que a censura se fez presente contra os casais sáficos nas telenovelas da TV Globo, principalmente provocada por pressões comerciais e pela ditadura militar (1964-1985). Somente na telenovela *Os Gigantes* (Globo, 1979), houve a tentativa de emplacar o primeiro casal sáfico, mas logo sofreu censura.

2.2 Década de 1990: Personagens LGBTQIAPN+ afeminados e vítimas de violência

Nos anos 1990, mais dez telenovelas foram escolhidas pelo autor para atender o seu critério de seleção. A trama de *Mico-preto* (Globo, 1990) apresentou dois personagens gays “que tinham um relacionamento mal disfarçado, ambos de comportamento exagerado” (PERET, 2005, p. 7). Ainda a telenovela *Barriga de aluguel* (Globo, 1990), tinha um rapaz afeminado de nome “Lulu” que costumava acompanhar jogos de futebol por ser fã do jogador Bebeto que estava em ascensão, na época. *Pedra sobre pedra* (Globo, 1992) discutiu a relação da homossexualidade ao apresentar um jovem que se sentia atraído pelo amigo, o qual nunca percebeu e não entendia tal sentimento nutrido pelo amigo para com ele. Peret (2005) afirma que os grupos LGBTQIAPN+ concordaram com a verossimilhança do personagem desenvolvido na trama.

Em *Renascer* (Globo, 1993), foi apresentada uma personagem de nome Buba pseudo-hermafrodita, termo que não se usa mais por ser considerado pejorativo, sendo substituído por intersexo. Segundo Peret (2005), esta personagem também foi confundida com uma travesti, teve um relacionamento heterossexual e passou por cirurgia de “normalização”.

Em *A próxima vítima* (Globo, 1995), dois jovens universitários desenvolveram uma relação ao longo da trama, discretos, sem afetos explícitos e a relação se pautou mais no discurso oral entre os dois. Peret (2005) diz que eles ganharam simpatia do público, dos grupos LGBTQIAPN+ e tiveram final feliz. Reforça ainda que na época já havia um projeto político sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a telenovela reverberou a discussão por meio dos personagens gays em “A próxima vítima”.

A telenovela *Explode coração* (Globo, 1995) trouxe a personagem não binária Sarita Vitti, que se apresentava em boates gays, mas não agradou ao público e nem aos grupos LGBTQIAPN+, porque não tinha uma aparência e comportamento que a definisse “como homossexual efeminado, travesti, drag queen ou transgênero” (PERET, 2005, p.8). Na época, ainda não havia familiaridade com o gênero não-binário, ou seja, aquele indivíduo fluído que não se identifica nem com o socialmente entendido como feminino, nem com a noção de masculino.

Já a telenovela *Zazá* (Globo, 1997) apresentou a Rô-Rô Pedalada e o bissexual Rafael. *Torre de Babel* (Globo, 1998) causou reações negativas, por causa da violência contra a homossexualidade feminina. O autor tentou emplacar um casal de lésbicas livres de estereótipos, reveladas desde o início da narrativa, mas as duas personagens foram mortas na explosão do shopping em que trabalhavam. A trama despencou em audiência e somente se recuperou após a trágica explosão do shopping em que o casal lésbico morreu. Segundo Peret (2005), a audiência parece que não estava preparada para assistir à veiculação de uma homossexualidade que não fosse cômica, mas que se mostrava realista, até a eliminação das personagens. Acredita-se que a antipatia do público motivou a eliminação do casal lésbico da telenovela *Torre de Babel*, junto a outros personagens, em uma tentativa de redirecionar a narrativa e se recuperar dos baixos índices de audiência. Segundo Colling (2007), o autor da trama chegou a culpar a imprensa de “dar uma exposição exagerada às personagens” e, por outro lado, líderes do movimento gay alegaram que a Igreja Católica e setores conservadores pressionaram a emissora para retirar as duas do ar. O pesquisador analisa que o autor da ficção quando começa a trama com “a revelação consumada”, e, durante a exibição, “ele muda ou é forçado a mudar a história”. Ele nos diz que: “Seguindo a tendência, quando a narrativa da revelação não existe é porque não há nada para revelar. É quando a caricatura e o estilo efeminado falam por si só” (COLLING, 2007, p. 11).

A trama de *Suave veneno* (Globo, 1999) também sofreu alteração para alavancar a audiência e houve uma manifestação formal do Grupo Gay da Bahia-GGB pelo motivo de que um dos personagens era vítima de constantes pancadas, causando-lhe exposição, provocando uma “naturalização” social da violência sofrida por homossexuais.

Nas telenovelas da década de 1990, a TV Globo continuou apresentando personagens gays e lésbicas. Colling (2007) explica que na referida década a emissora começa a introduzir a narrativa de revelação. Em *A Próxima vítima* (Globo, 1995) foi apresentado “um relacionamento homossexual sem caricatura” e multirracial. O casal

interracial de dois personagens gays (André Gonçalves, no papel de Sandrinho como o namorado branco do seu companheiro negro, representado pelo personagem Jefferson, vivido por Lui Mendes). Na época, o ator negro chegou a ser agredido na rua, por conta do personagem gay que desenvolveu, segundo Silva (2015). E das cento e vinte e seis personagens LGBTQIAPN+ elencadas no estudo, apenas quatro eram da etnia negra no rol das sessenta e duas telenovelas analisadas. Colling (2007) observa que a cena da revelação de um dos personagens gays para a sua mãe foi uma das mais esperadas e assistidas pelo público. Ele afirma que a TV Globo, quando não se apropriava do artifício da revelação dos personagens durante as tramas, inseria personagens caricatos para que os telespectadores facilmente os identificassem como homossexuais. Outra relevação se refere, agora, à bissexualidade apresentada em 1998, na exibição da telenovela. *Por amor* (Globo, 1998) quando o personagem já tinha sua orientação bissexual revelada para o público, mas que, para a própria família, somente foi assumida quando deixou o filho e a esposa para morar com outro homem.

Gênero e sexualidade são pensados como identidades sociais a partir de influências culturais inseridas em sociedade. Podemos entender os sujeitos como atores sociossexuais. “A sociedade tende a pensar em pares de exclusão mútua: positivo/negativo, quente/frio, dia/noite, direita/esquerda, reto/curvo (...). Homens e mulheres são levados a se comportarem segundo diretrizes sociais definidas para esses papéis” (PERET, 2005, p. 2). É possível apontar essa dicotomia quando abordamos o sistema gênero, sexualidade e orientação sexual.

O binarismo hegemônico se impõe como verdade absoluta quando elege homem/mulher, masculino/feminino, gênero/sexo, menino/menina a partir de órgãos genitais biológicos determinados e estáticos como modelo a ser seguido. Nessa linha de pensamento, deduz-se que vivemos em uma sociedade assimilacionista que internaliza os padrões construídos socialmente e que enfrenta dificuldades para romper com determinados modelos polarizados como certo/errado, normal/anormal, permitido/proibido etc.

Furlani (2003, apud PERET, 2005) apresenta a diferença entre sexualidade, sexo e identidade sexual. Ela explica que a sexualidade é o desejo sexual e suas possibilidades de prazer. O sexo é a prática e a relação sexual no encontro de corpos para tal finalidade e a identidade sexual é como a pessoa se sente ou prefere ser nominada. Assim, existem várias identidades sexuais, como os homossexuais masculinos que direcionam o desejo da sua sexualidade e a prática sexual para outros homens, homossexuais femininas que

direcionam o desejo da sua sexualidade e a prática sexual para outras femininas, os bissexuais tanto masculinos quando femininos que desejam e podem praticar sexo com ambos os gêneros, por exemplo. Já quanto à identidade de gênero, para além do binarismo mulher cis e homem cis, temos as pessoas que são transgêneros (transsexuais e travestis) que não se identificam com o sexo biológico atribuído, os intersexos que possuem características masculinas e femininas, as pessoas queer que não concordam com o binarismo de gênero, entre outros.

Portanto, a identidade de gênero é diferente da identidade sexual. Os desejos das sexualidades e as práticas sexuais podem transitar entre gêneros diferentes ou com os mesmos gêneros. O homem cis gênero gay não precisa assumir um comportamento feminino porque sente desejo e atração por outro homem. A mulher cis gênero lésbica não precisa ser masculinizada porque sente desejo e atração por outra mulher. Os transgêneros, por exemplo, podem assumir as suas sexualidades com desejos e práticas sexuais hetero, bi ou homo, ainda que suas identidades de gênero sejam trans. As pessoas pansexuais podem ser cis gêneros e suas identidades sexuais podem direcionar seus desejos e práticas por vários gêneros. Os assexuais podem ser de gênero masculino, feminino, trans, intersexo ou queer e podem desenvolver desejos e práticas sexuais ou não em contextos específicos por gêneros variados.

O imaginário socialmente construído entende que o homem para ser gay e gostar de homem precisa ser afeminado. No ano de 2023, um artista sertanejo ao ser entrevistado por um jovem apresentador afirmou que este não parecia gay e que se o encontrasse na rua não diria que ele seria um gay. “A sociedade espera que o indivíduo com uma sexualidade ‘desviante’ demonstre um comportamento ‘inverso’: o gay deveria ser ‘feminino’ e a ‘lésbica’, masculina” (PERET, 2005, p. 3). As subjetividades da sexualidade humana foram assimiladas dentro de um rótulo no qual o homem gostar de outro homem deve perder suas características de gênero masculino e se tornar feminino. Com as mulheres, *idem*. Segundo Peret (2005) a homossexualidade no Brasil somente começou a ser identificada como sexualidade legítima pouco tempo atrás.

A telenovela reproduz determinados padrões de comportamento de gênero nas simulações da realidade. Assim, é possível dizer que as representações homossexuais masculinas nas telenovelas reproduzem os padrões sociais nos quais os sujeitos homossexuais estão inseridos. Tal reprodução padronizada leva em conta os marcadores sociais da diferença, como classe social, etnia, profissão, local de moradia, grau de instrução etc. Os comportamentos dos personagens gays também são representados de

forma que imite o imaginário social, somando-se a um exagero performativo como estratégia de produção para agradar aos consumidores assistentes e aumentar a audiência. “Observamos que, nas telenovelas brasileiras, a incidência de personagens homossexuais aumentou ao longo dos anos. Seus modelos, tipos e atitudes foram se adaptando à maneira de ver dos espectadores e aos objetivos da emissora” (PERET, 2005, p. 3).

2.3 Década de 2000: Personagens LGBTQIAPN+ com direitos, transição e revelação

A telenovela aborda a veiculação de temas sociais importantes, contribui com a formação da identidade, torna-se cultura acessível e interfere na formação da cultura social e nacional, segundo Lopes (2014). Porém, Peret (2005, p. 8) vai dizer que a partir da virada para o século XXI, começou o que ele chama de “proeminência de discussões sociais através da telenovela”. Ou seja, muitos projetos de lei já estavam em discussão buscando atender demandas sociais e outros projetos foram iniciados, a partir da discussão trazida pelas telenovelas.

A título de exemplo, podemos elencar a violência doméstica, que culminou com a aprovação da lei Maria da Penha em 2006. O estatuto do idoso que foi aprovado em 2003, no primeiro governo Lula. A criminalização da homofobia, as cotas raciais, direitos trabalhistas das domésticas, acessibilidade às diversas deficiências, a legalização da união homoafetiva, a adoção de criança por casais homossexuais, a autorização da doação de sangue por pessoas declaradamente homossexuais etc. Essas questões em algum momento foram abordadas em telenovelas, seja reverberando a iniciativa já existente ou provocando para que o tema virasse projeto de governo para ser aplicado enquanto política social.

Quinalha (2022) afirma que o ciclo do movimento LGBTQIAPN+ dos anos 2000 caracterizou-se por uma guinada de luta política voltada à constituição de direitos para a diversidade sexual. Ciclo esse que o autor denomina de “cidadanização”. Segundo Peret (2005), as telenovelas contribuíram para a ampliação da cidadania homossexual. Em 5 (cinco) anos, entre 2001 e 2005, a TV Globo aumentou muito mais o número de telenovelas que trataram de temáticas homossexuais em relação à década anterior. Isso não quer dizer que os exageros, as caricaturas e os estereótipos negativos tenham deixado de ser exibidos nas tramas que apresentaram personagens homossexuais a partir de então.

Portanto, na narrativa *Um anjo caiu do céu* (Globo, 2001) foi introduzida uma personagem estilista que fingia ser gay para enganar as mulheres, mas que segundo Peret

(2005) foi uma espécie de homenagem ao falecido ator Cássio Gabus que viveu um personagem semelhante em *Ti-ti-ti* (Globo, 1985). A telenovela *As filhas da mãe* (Globo, 2001) apresentou a orientação transgênero quando o personagem Ramon viaja para a Europa, realiza a cirurgia de redesignação sexual e volta como Ramona, vivida pela atriz Cláudia Raia. Ramona desenvolve um relacionamento com um rapaz preconceituoso que a humilhava quando criança. Conforme Peret (2005), o relacionamento entre eles “foi considerado pesado para o horário”. E parece que o transgênero não cômico nem caricato encontrava-se sem lugar fora do chamado horário nobre.

Para o autor, *Desejos de Mulher* (Globo, 2002) não teve boa repercussão e o autor precisou mudar radicalmente a trama, valorizando o núcleo cômico, encabeçado pelos gays Ariel e Tadeu” (PERET, 2005, p. 9). Eles fizeram sucesso por conta da comicidade. O pesquisador afirma que, na época, foi feita uma pesquisa de opinião para saber se o público aceitava um relacionamento sério entre eles, o que foi reprovado. Assim, usaram o discurso da sexualidade invertida quando o personagem finge ser homossexual para entreter o público. A preocupação não era o relacionamento entre dois homens na trama, mas partir da caricatura levar diversão para o público. A homossexualidade fingida passou a servir de “chacota”, uma representação humorística para fazer o público dar risada. *Uga-Uga* (Globo, 2000), segundo Peret (2005), foi uma telenovela que apresentou muitos homens, com muitas atitudes e poses sensuais com a exibição exagerada da nudez, sendo que um deles, inclusive, posou para uma revista gay causando confusão por duvidarem da sua masculinidade.

Mulheres Apaixonadas (Globo, 2003) abordou a homossexualidade feminina com maior profundidade quando apresentou um casal de lésbicas, estudantes do ensino médio e que dialogavam sobre problemas com suas famílias e seus colegas de escola, por exemplo, segundo Peret (2005). Também houve na mesma telenovela, o personagem gay Eugênio que parecia o Everaldo de *Dancing Days* (Globo, 1978) por conta dos seus trejeitos, aponta o teórico.

As próximas tramas como *Kubanacan* (Globo, 2003) repetem a sensualidade de homens nus ou seminus de *Uga-Uga* (Globo, 2000), inclusive há ocasiões em que os personagens se disfarçam de maquiadores e cabeleireiros com trejeitos afeminados para aguçar a “sátira política de excessos e aventuras”. Ainda apresentou “Manolo”, um personagem homossexual que tem voz firme, maneiras refinadas, é culto, solteiro, morava com a mãe e se envolveu com rapazes bem mais jovens que ele, em momentos fugazes. Já *Chocolate com Pimenta* (Globo, 2003) apresentou um pré-adolescente cuja mãe o

chamava de Bernadete e o vestia com roupas femininas no dia a dia por conta de uma promessa, mas que no fim da trama ele descobre ser menino. Segundo Peret (2005) tal revelação serviu para a telenovela atingir 41 pontos de audiência.

A telenovela *Celebridade* (Globo, 2003) trouxe o tímido bombeiro que após posar para uma revista gay, é descoberto e perde seu emprego. Inicialmente ele havia sido traído pela noiva. O pesquisador aponta o preconceito contra a homossexualidade no meio militar, quando o bombeiro é demitido sem sequer ter revelado ser homossexual, tendo apenas pousado para a revista. Na mesma trama, uma personagem vilã se mostra bissexual, se relaciona com homens e manteve um relacionamento com uma mulher somente para levar um tipo de vantagem almejada. Tal comportamento sugere que a vilã pudesse não ser de fato bissexual, apenas agir sem limites de modo a alcançar objetivos gananciosos.

A orientação bissexualidade também sofre da histórica invisibilidade nas representações midiáticas e audiovisuais. Segundo Storr (2002), os estudos das epistemologias bissexuais partem do não pertencimento dos bissexuais a nenhum lado do binário hétero/homossexual, centro dos entendimentos da sexualidade moderna e da desconfiança das categorizações (*apud* CANCIO; CHACEL, 2022). Cancio e Chacel (2022) defendem que a palavra “bissexual” seja mencionada nas produções culturais como meio para que a questão seja visibilizada. As autoras criticam o fato de que muitas personagens de telenovela apresentam comportamento bissexual, mas o termo raramente é mencionado. É comum que os personagens sejam tratados como “ex-gays” ou tendo “saído do armário”, sendo raras vezes encarada a bissexualidade de forma aberta e transparente.

Segundo Peret (2005, p. 10) a telenovela *Da cor do pecado* (Globo, 2004) trabalhou com “dois núcleos cômicos onde a homossexualidade era insinuada”. Um dos personagens é sensível e deseja viajar para trabalhar como maquiador na Europa. Os irmãos rechaçam a ideia, entendem que a profissão de maquiador é sinônimo de homossexual e querem ‘curá-lo’. De novo, houve protestos de grupos LGBTQIAPN+ alegando que a ideia de cura gay poderia reforçar o senso comum daqueles que ainda acreditavam na homossexualidade como doença. O outro núcleo envolveu a comicidade entre um místico ‘pai de santo’, cigano e charlatão que demonstrou interesse pelo aprendiz e atrapalhado Cezinha.

No mesmo ano, *Senhora do destino* (Globo, 2004) apresentou um casal lésbico, entre uma médica e uma estudante que tinha dificuldade de se aceitar, mas depois se firmaram no relacionamento, adotaram uma criança achada no lixo e teve boa aceitação do público, segundo Peret (2005). Esse casal homossexual feminino contou com maior ousadia na exibição da trama, ao contrário de outras telenovelas anteriores, afirma o pesquisador. Porém, outro personagem carnavalesco se apresentou afeminado ao extremo, desenvolveu um relacionamento com um rapaz que se considerava heterossexual e a situação recebeu críticas.

A trama de *A Lua me disse* (Globo, 2005) apresentou a travesti Dona Roma, uma senhora que gostava de romances policiais e tornou-se protagonista por aconselhar e dar apoio aos heróis.

Para encerrar esses primeiros 31 (trinta e um) anos de homossexualidade nas telenovelas da TV Globo, a telenovela *América* (Globo, 2005) protagonizou a descoberta do amor homoerótico masculino entre dois jovens, com promessa de beijo entre eles, o que acabou sendo vetado pela emissora que recebeu muitas críticas em websites, inclusive com a proposta de processo na justiça por disseminar propaganda enganosa, uma vez que havia a expectativa que o beijo fosse exibido no último capítulo de “América”. O beijo entre eles chegou a ser gravado, a autora da telenovela e os atores estavam de acordo que a cena do beijo fosse ao ar, mas para a frustração do público isso não aconteceu.

O pesquisador Colling (2007) dialoga com Peret (2005), ao apontar que a emissora ampliou a intensidade e deu mais espaço aos personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas, a partir dos anos 2000. “De 2000 até meados de 2007, já contabilizávamos pelo menos onze telenovelas com personagens homossexuais” (COLLING, 2007, p. 11). A TV Globo continuou a alternância de personagens gays caricatos na “narrativa da revelação” dos anos 2000.

Nessa virada para o século XXI, as telenovelas também passaram a inserir casais homossexuais que se aproximavam do modelo heteronormativo. Novos modelos de casais homossexuais inseridos nas telenovelas deixam de se apresentarem afetados, se preocupam com a constituição de família, a partir da formalização do casamento e o desejo de adotar filhos, assemelhando-se a casais e famílias heterossexuais. Nesse interim, a identidade de gênero transgênero entra em cena contemplada pelo aumento dos personagens da diversidade nas tramas ficcionais. É quando a atriz Cláudia Raia interpreta Ramona que era Ramón e ao viajar para o exterior, realiza a cirurgia de resignação sexual, na narrativa *As filhas da mãe* (Globo, 2001).

Em *Mulheres apaixonadas* (Globo, 2003), Manoel Carlos conseguiu exibir um casal lésbico sem que precisasse ser “abortado” como ocorrera em *Torre de Babel* (Globo, 1998). Porém, houve uma mescla entre a narrativa de revelação e a semelhança ao modelo de casal heteronormativo, incluindo a adoção de filho. Já a trama de *Senhora do destino* (Globo, 2004) também emplacou um casal lésbico sem estereótipo e a revelação de que as duas personagens eram lésbicas aconteceu no meio da trama, fato que contribuiu para que o público pudesse acompanhar o relacionamento do casal durante a maior parte de exibição da telenovela, confirma Colling (2007). Na mesma ficção, o personagem homossexual Uiracy representa um carnavalesco afeminado que desenvolve um relacionamento conturbado com um bissexual, no qual Uiracy faz o papel de “mulherzinha” e o bissexual vive o papel de “machão”, que segundo o autor, nesse caso, fica caracterizado “o discurso heteronormativo” aplicado aos casais homossexuais.

Em *Páginas da vida* (Globo, 2006) o autor apresenta um casal gay masculino, que, a exemplo de *Senhora do destino* (Globo, 2004), pretendeu adotar um filho, porém com a diferença de não ser preciso aplicar a narrativa de revelação, uma vez que o casal já havia sido formado desde o início da trama, seguindo a tônica de integração ao modelo heteronormativo. Colling (2007) vai dizer que a única diferença entre os casais homossexuais das telenovelas e os casais heterossexuais é que estes geralmente praticam sexo, já aqueles parecem ser assexuais, visto não haver cenas de sexo entre os personagens gays, sejam masculinos ou femininos. “Outra característica que marca todas as personagens gays e lésbicas não caricatas é o fato de todos serem bonitos, bem-sucedidos financeiramente e, na maioria das vezes, sabem se vestir muito bem, apreciam a arte, boas comidas e bebida” (COLLING, 2007, p. 13).

Segundo Nunan (2003 apud COLLING, 2007, p. 13), a receita de sucesso estratégica para aumentar os índices de audiência se utiliza dos seguintes artifícios de representação das homossexualidades:

Existem duas formas opostas, mas igualmente preconceituosas, de representação homossexual: a do homossexual violento e a do homossexual efeminado. Ambas as visões mostram que a homossexualidade como algo tóxico, bizarro, diferente e anormal, procurando quase sempre alavancar os índices de audiência.

O autor corrobora a crítica de Nunan (2003), quando analisa a representatividade das homossexualidades na ficção televisiva, especificamente na telenovela brasileira, a partir de sua análise histórica no período de 1974 e 2007. No entendimento dele, após os

anos 2000, as telenovelas da TV Globo seguiram uma tendência dos seriados americanos no modo de representar gays e lésbicas, ainda que as diferenças sejam consideráveis.

Para falar sobre perdas e ganhos nesse contexto histórico de representatividade da diversidade de gênero e orientação sexual nas telenovelas estudadas, o pesquisador traz o seguinte apontamento: “(...) podemos concluir que a emissora vem alternando personagens afetados e estereotipados com personagens ditos ‘normais’, ou seja, que não apresentam nenhum trejeito, vestimenta ou linguajar que possa ‘denunciar’ a sua orientação sexual” (COLLING, 2007, p. 14). Ele observa que no modelo da “normalização” homossexual representada nas tramas da TV Globo, quando se utiliza da narrativa da revelação, inviabiliza o desenvolvimento da história dos personagens, visto que os papéis vividos por eles são direcionados a permanecerem no “armário” para manter o suspense estratégico de autoria ficcional.

Na percepção de Colling (2007), o aumento de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas parece não contribuir para melhorar a vida dessa população representada. Partindo de tal compreensão, ele questiona: “Representar gays e lésbicas dentro de um modelo heteronormativo não está criando um outro problema, que é o de anular exatamente o que diferencia milhares de homossexuais dos heterossexuais?” (COLLING, 2007, p. 14). Assim, a caricatura e o exagero da representação homossexual masculina e feminina parecem contribuir com o estigma do imaginário social que enxerga a diversidade de gênero e orientação sexual pelo viés de classe marginalizada, subalterna, desvalorizada socialmente e que sempre deve ser anulada.

Colling (2007) analisa que, entre ganhos e perdas, existe a contribuição de movimentos LGBTQIAPN+ espalhados pelo mundo no sentido de lutar por políticas públicas, culturais e exigir mais seriedade e respeito na representação desse público, que rompe com a saída dos guetos e da invisibilidade.

A presença de gays e lésbicas nas telenovelas, especialmente quando não representados de forma caricata e estereotipada, quando não ligada a criminalidade, como verificamos nas novelas da década de 70 e 80, obviamente tem contribuído para uma maior visibilidade e aceitação da orientação sexual homossexual (COLLING, 2007, p. 15).

A constatação da violência homossexual no Brasil apresenta dados do Grupo Gay da Bahia-GGB que quantificou mais de duas mil mortes de homossexuais no período de 1963 até 2002. A legislação precisa avançar e conceder os mesmos direitos heterossexuais aos homossexuais. Além de se citar a resistência dos conservadores no Congresso brasileiro, quando se trata de pautar e aprovar projetos que efetivem direitos à diversidade

de gênero e sexual, vislumbra-se que a partir do primeiro governo Lula (2002-2005), projetos foram encabeçados na luta contra a homofobia, a favor de direitos sociais, políticos e culturais para a comunidade LGBTQIAPN+.

A partir dos anos 2000, foram inseridos personagens mais jovens nas telenovelas, entre 21 e 30 anos. Silva (2015) diz que a presença de personagens gays na faixa etária dos 40+ e 60+ é menos frequente, ao longo do recorte temporal analisado. Percebe-se um certo etarismo, deixando de dar visibilidade a pessoas mais velhas da comunidade LGBTQIAPN+. Por outro lado, o estudo aponta que: “A maior presença de jovens tem possibilitado discussões sobre a aceitação da família de sexualidades não normativas em diversas narrativas, o que pode ser uma sinalização de que o assunto começa a ser debatido cada vez mais cedo no mesmo grupo” (SILVA, 2015, p. 82).

Nesse contexto panorâmico de análise apresentada, a autora revela que a participação de personagens LGBTQIAPN+ em telenovelas foi ampliada nas últimas décadas. Vale destacar que a composição majoritária de tais personagens da diversidade de gênero e sexual é de homens homossexuais, apontado pela pesquisa de Silva (2015). Ela ainda observa que a maioria deles apresentava performatividade de gênero *Camp*, mesmo se, após os anos 2000, houvesse um crescimento no número de personagens gays dentro de um modelo heteronormativo. O famoso termo “armário” e “enrustido”, também denominado de discreto, para homossexuais ou bissexuais não assumidos socialmente, faz parte da teoria da assimilação e naturalização das diferenças, teoria defendida pelos nichos tradicionais e conservadores da sociedade. Tal posicionamento conta com a adesão de alguns movimentos e pessoas LGBTQIAPN+.

Silva (2015) aponta que a bissexualidade apareceu em quatro telenovelas no período de 1970 a 2013, e somente em *A Favorita* (Globo, 2008), os personagens bissexuais ganharam maior destaque, mas causaram polêmica no meio ativista porque não se permitiu durante a telenovela que a orientação sexual fosse vivida de fato como bissexual. O personagem começa a trama como bissexual e depois se converte em heterossexual, passando a ser tratado como ‘ex-gay’. Levantando o debate em torno da “cura gay” que é proibida, constando em código de conduta da Psicologia, por exemplo. A trama “silencia a bissexualidade, já que não parece admissível que a personagem tenha desejos por homens e mulheres, assim ela se torna um ‘ex-gay’, ao se casar com Sol” (SILVA, 2015, p. 80).

Até o final da década de 2000, conforme elencado acima, fora analisado que as telenovelas apresentaram personagens gays masculinos, femininos, travestis e

transexuais, quase sempre com viés caricato, exagerado e a partir do imaginário social que os colocam em polos opostos: os afeminados e afetados tratados como segunda classe, desajustados socialmente, rotulados como exóticos e que serviram de chacota para entreter comicamente; enquanto no outro polo encontravam-se os heterossexualizados, que devem disfarçar sua homossexualidade, assemelhando-se ao comportamento heterossexual, que não devem apresentar sensibilidade, maneirismos estéticos no modo de se vestir, falar e andar, passando a exercer uma performatividade comportamental que preservasse o estilo conservador heteronormativo hegemônico, também conhecido como homossexualidade “normatizada” que fica no “armário” ou o popular enrustido.

2.4 Década de 2010 até 2023: Personagens LGBTQIAPN+ ampliadas e a vilania gay

Na segunda década do século XXI, avanços na luta pela aprovação de projetos e leis no campo político e jurídico apontaram para a garantia de direitos sociais e legais à população LGBTQIAPN+ como nunca visto até então. Vale lembrar que o país se encontrava no segundo governo de esquerda com o presidente Lula e em transição para o terceiro com a eleição da presidenta Dilma Rousseff. No bojo desses avanços, devo considerar a importância da atuação dos movimentos em prol da diversidade sexual e de gênero. A sigla do Orgulho amplia-se, incluindo outras orientações sexuais que foram convencionadas como tais e passaram a fazer parte da sigla, como por exemplo, os intersexuais que deixaram de ser tratados como hermafroditas, as pessoas queer ou não binárias que não se rotulam ao gênero masculino e feminino, a assexualidade como termo guarda-chuva que envolve diversos subgrupos e tensiona entre a falta de atração sexual por outra pessoa e possibilidades da prática sexual em contextos específicos, que vão além da aversão total para alguns e do amor romântico entre outros, ainda podemos citar a inclusão do pansexual, do não binário e o sinal de + que indica outras possibilidades.

No rol de avanços, mudanças, ampliação de conquistas ou em via delas, pode ser lembrada a mudança de termos que designam a pluralidade de orientações sexuais que era concebida como “opção sexual” e passou a ser chamada pelo termo orientação sexual; a proibição da prática de cura gay, seja por meio da Medicina, da Psicologia ou da religião, conforme preconizado no Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia; a aprovação no ano de 2011, pelo Supremo Tribunal Federal-STF, da união civil homoafetiva entre pessoas do mesmo sexo; a legalização homoparental para a adoção e registro civil de crianças por casais homoafetivos; a aprovação pelo STF da homofobia

equiparada ao crime de racismo que se deu em 2019; a aprovação pela doação de sangue por homossexuais; a aprovação de material didático, pelo MEC, de combate à homofobia, a ser aplicado na rede pública de educação no primeiro governo Dilma; a retirada, em 2013, do manual de diagnóstico e estatística de saúde mental da sigla DSM-V, em inglês, que considerava a assexualidade como transtorno do desejo sexual hipotativo-TDSH; a aprovação de decreto lei estadual e nacional para o uso de nome social em repartições públicas, devendo constar em documentos, formulários e no atendimento ao público transgênero e transsexual que deseja usar o nome social.

As principais ficções a discutirem a temática foram a nova versão de *Ti-Ti-Ti* (Globo,2010) e *Insensato Coração* (Globo, 2011). Ela explica que, diferente das narrativas dos períodos anteriores, a emissora passou a inserir personagens gays em diversas faixas de horários de apresentação das ficções. Até então, nas telenovelas de época, geralmente exibidas as 18 horas e a maioria das 19 horas com uma “pegada” humorística e quase nunca apresentavam personagens gays. A justificativa se pautava na alegação de que o horário era inapropriado para exibir personagens LGBTQIAPN+, talvez para as crianças não assistirem e se converterem em gays ou causar mal-estar na família reunida na sala assistindo cenas de gays nas telenovelas. Haja vista parecer que a diversidade de gênero e sexual não veio das famílias, não são de famílias e não têm famílias. Talvez sejam originárias da lua, de Marte ou extraterrestres de qualquer lugar do universo. Fica registrada essa ironia basilar.

Ainda contamos com o sucesso de *Fina Estampa* (Globo, 2011) que exibiu o mordomo *Crô*, interpretado pelo ator Marcelo Serrado e não foi citado no estudo de Silva (2015). A autora fala de um casal de lésbicas na telenovela, mas por alguma razão não escreve sobre o personagem Crodoaldo, vulgo Crô, o mordomo afeminado e confidente da sua patroa Tereza Cristina (Christiane Torloni). Segundo dados apontados pelo Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva – OBITEL, a narrativa *Fina Estampa* (Globo, 2011) ficou em segundo lugar na audiência entre as 10 mais assistidas no período de 2010-2011, nos canais de televisão e nos países estudados: “Cabe destacar que em primeiro lugar está a telenovela brasileira *Passione*, seguida por *Fina Estampa* e *Insensato Coração*, todas da Rede Globo” (LOPES; GÓMEZ, 2012, p. 47). *Fina Estampa* (Globo, 2011) foi indicada a vários prêmios, inclusive Marcelo Serrado que deu vida a Crô foi premiado como melhor ator coadjuvante. O sucesso de Crô foi tamanho que no ano de 2012 foi decidido que seria gravado um filme em sua homenagem, o qual teve sua

estreia no cinema no final de 2013, “Crô: O Filme”. A narrativa voltou à telona em 2020, com edição especial por conta da Covid-19 e manteve a audiência elevada.

Diferentemente das ficções anteriores a 2010, que somente exibiram personagens travestis e transexuais femininos, como Ramón que transitou para Ramona, vivido por Cláudia Raia em *As filhas da mãe* (Globo, 2001), três narrativas entre 2010 e 2013 trouxeram para a tela a transexualidade de modo mais amplo e contemplando o transexual masculino. O caso mais emblemático foi vivido pela personagem Alice em *Salve Jorge* (Globo, 2013) que, pela falta de recursos financeiros para realizar a cirurgia de redesignação sexual, passa a se prostituir para conseguir dinheiro. Essa exposição trouxe uma maior sensibilidade aos governantes em relação à necessidade de ampliação na cobertura de atendimento aos sujeitos transgêneros no Sistema Único de Saúde-SUS, incluindo o processo de abordagem, acolhimento profissional, tratamento e qualidade de vida.

As pesquisadoras Mattos e Santos (2019) analisaram os personagens gays nas telenovelas entre 2014 e 2016, a partir da teoria queer e apontaram que nesse período a TV Globo levou ao ar 21 narrativas, sendo que 19 delas exibiram personagens LGBTQIAPN+, chegando ao resultado de 51 personagens. Corroboraram a análise apresentada por outros autores como Peret (2005), Colling (2007) e Silva (2015) que apontaram um crescimento gradativo no número de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas com o passar dos tempos, principalmente a partir dos anos 2000. Silva (2015) observou que nas 62 ficções veiculadas pela emissora, no período de 1970 até 2013, totalizando quarenta e três anos de exibição, foram incluídos 126 personagens da diversidade de gênero e sexual. Enquanto no período de apenas três anos, de 2014 a 2016, Mattos e Santos (2019) contabilizaram em 21 telenovelas o total de 51 personagens LGBTQIAPN+, proporcionalmente um número maior em relação ao período anterior.

As tramas representaram personagens homossexuais femininos e masculinos, bissexuais masculinos, mulher trans e um (a) transgênero que deu vida a Xana Summer (Ailton Graça) em *Império* (Globo, 2014). O(a) personagem além de comico, ora se apresentava como ele ora como ela. Essa questão justifica-se pelo fato do(a) personagem não haver realizado a transição de gênero e ao mesmo tempo apontar para a realidade de que algumas pessoas trans possuem a sensação de terem nascido no corpo errado, ao passo que o gênero, o corpo e os órgãos genitais lhes atribuído ao nascimento não correspondem as suas expectativas identitárias e subjetivas, havendo um conflito de identidade pessoal.

As telenovelas passaram a mostrar alguns arranjos de casais não convencionais, como os “trisais”, sendo o caso representado da personagem Xana Summer que se casa

com a sua amiga que tinha um namorado e os três passam a dividir o mesmo quarto, além de uma criança que foi adotada por Xana e Naná, sua esposa e namorada do personagem Antonio, segundo Mattos e Santos (2019). As novas possibilidades de arranjos grupais são consideradas como novos modelos de famílias, também denominadas de famílias extensas e alternativas, que podem se relacionar a partir de interesses diversos, para além da prática sexual.

Em *Sete Vidas* (Globo, 2015), os amigos sofisticados, vividos pelos personagens Eriberto (Fábio Herford) e Renan (Fernando Eiras), aparentemente heterossexuais, casados, mas com o passar do tempo separam-se das esposas e terminam a trama juntos, de mãos dadas no cinema. Segundo as autoras do estudo a ideia foi mostrar um romance que nasce da amizade. Aqui podemos considerar um amor romântico entre dois homens, conhecido entre os assexuais como homorromântico que enfatiza uma relação afetiva acima de um envolvimento sexual.

Já a narrativa *Babilônia* (Globo, 2015) mostrou a homofobia sofrida por um casal homoafetivo e a discriminação praticada por uma família religiosa e conservadora que não admitia um rapaz ser criado por um casal de lésbicas e namorar a filha dessa família preconceituosa. Em *I Love Paraisópolis* (Globo, 2015), o personagem tipo ‘machão’ Expedito cearense, após morrer, reencarna sem preconceitos e dessa feita, deixa a mulher com os filhos e se envolve com um transgênero que se vestia como mulher para se aproximar da filha de Expedito, mas ao mudar de identidade, resolve fugir com o pai da moça, pontua Mattos e Santos (2019).

Em *A Regra do jogo* (Globo, 2015), um casal lésbico assume criar os gêmeos que uma delas gerou ao se relacionar com o cunhado, mas sofrem homofobia em relação à dificuldade de aceitação da sociedade que não aceita que um casal homoafetivo tenha o direito de criar e educar uma criança. As autoras trazem uma passagem dessa prática homofóbica na telenovela quando o personagem Feliciano (Marcos Caruso), pai de uma delas, Úrsula (Júlia Rabello), apoia o relacionamento da filha e quem pratica a homofobia é a outra filha dele, quando diz ser ‘uma pouca vergonha uma criança ser criada por duas mulheres’ (MATTOS e SANTOS, 2019, p. 18).

Nesse contexto, faz-se pertinente afirmar que mesmo após a conquista de direitos civis por casais homoafetivos, como a união civil, a adoção de criança, o registro em cartório, entre outros, ainda persistiram práticas homofóbicas entre 2015 e 2016 quando a telenovela foi exibida. Confirmando a compreensão de Silva (2015) que apontou

temáticas homossexuais debatidas nas narrativas da TV Globo, como direitos sexuais, homofobia, discriminação, preconceitos e conflitos familiares.

A trama *Totalmente Demais* (Globo, 2015) deu continuidade à pauta temática sobre a homofobia apresentada nas telenovelas. Dessa vez, deu-se fora do convívio familiar e aconteceu em público, conforme apontado pelas pesquisadoras: “A história de Max é marcada por homofobia, que chega a ser agredido na rua” (MATTOS e SANTOS, 2019, p. 19). O autor de *Velho Chico* (Globo, 2016), Benedito Ruy Barbosa, na festa de lançamento da telenovela que não apresentou personagem gay, fez uma declaração polêmica ao dizer que ‘odiava história de bicha’ e segundo as pesquisadoras, a Folha de São Paulo publicou que a frase foi motivo de boicote à narrativa por parte do público LGBTQIAPN+.

Na ficção *Êta Mundo Bom!* (Globo, 2016), que foi ambientada em São Paulo dos anos 1940, o personagem que dá vida a um médico chega a falar que ‘não era um homem como os outros’ e desenvolveu um relacionamento discreto, por conta da época em que viviam, com um alfaiate, quando no final da trama o médico reproduziu a frase do Lord Alfred Douglas para o seu amante Oscar Wilde, no século XIX, que por causa da proibição homossexual na época, escreveu: “o amor que não ousa dizer o nome”.

Em *Liberdade, Liberdade* (Globo, 2016), foi apresentada a primeira cena de sexo entre um casal homossexual na TV brasileira. A narrativa foi ambientada nos anos de 1808, do século XIX, quando a homossexualidade era considerada crime. A história foi baseada no livro ‘Joaquina, filha do Tiradentes’. O personagem afeminado sofreu muito preconceito, foi acusado de sodomia ao se envolver com um coronel e ao ser condenado com a pena de enforcamento, disse uma última frase: ‘Se algum crime cometi, foi ter amado’.

As autoras concordam que na ficção *Rock Story* (Globo, 2016) a homofobia foi suavizada, mas continuou aparecendo na trama quando o pai descobre que a sua filha é lésbica e tem dificuldades para aceitar a orientação sexual dela, porém a apoia ao dizer que ela sempre será bem-vinda. Mattos e Santos (2019) dizem que o personagem, pai de uma das personagens lésbica, representou o nicho de pessoas que encaram a homossexualidade com “estranhamento”, porém, sem menosprezo ou homofobia. Podemos chamar tal atitude de aceitação da orientação homossexual, com ressalvas, como prática da homofobia velada.

As pesquisadoras concluíram que no período analisado foi possível apontar que houve um aumento de relacionamentos gays mais abertos nas tramas. A tônica da

comicidade prevaleceu em relação aos apontamentos de estudos anteriores, diminuiu a estereotipia dos personagens gays, apareceram mais casais homossexuais na terceira idade, mas as telenovelas persistiram em apresentar casais homoafetivos assemelhados ao padrão heteronormativo. É pertinente dizer que houve na década de 2010 um aumento de identidades generificadas e de orientações sexuais ampliada nas narrativas da TV Globo.

As temporadas de *Malhação* (Globo, 2009 e 2017) ensaiaram apresentar personagens jovens que se encontravam em processo de descoberta da identidade sexual, incluindo sujeitos assexuais, mas com poucas aparições e a exploração da orientação assexualidade se apresentou pouco efetiva e indefinida em relação a quais espectros da assexualidade os personagens pertenciam. *Malhação* foi uma ficção de longa duração com várias temporadas, composta de atores jovens na sua maioria.

Nessa jornada de avaliação sintética sobre a representação do público LGBTQIAPN+ veiculada nas telenovelas da TV Globo, se faz necessário apontar o protagonismo e a vilania gay nas tramas de *Amor à vida* (Globo, 2013) e *Império* (Globo, 2014), através dos personagens gays Félix Khoury (Mateus Solano) e do jornalista Teodoro/Téo Pereira (Paulo Betti), respectivamente. Félix é de uma família rica paulistana e rivaliza com o seu pai a administração dos negócios e a atenção dispensada a sua irmã. Ele comete diversas maldades, como crimes administrativos e abandono de uma criança na caçamba de lixo, sofre preconceitos e revolta por parte de sua família e da sociedade. Após ser expulso de casa, experiencia viver na pobreza, mas depois de enfrentar alguns perrengues consegue superar as dificuldades e termina a trama com final feliz. Félix, além da vilania tinha uma pitada de humor e deixou frases cômicas, como ‘será que salguei a Santa Ceia?’ e ‘é o apocalipse’, observa Silva (2015).

Já o personagem Téo Pereira vivido por Paulo Betti na ficção *Império* (Globo, 2014) foi um jornalista que possuía um blog e veiculava notícias de fofoca no cotidiano. A sua principal rivalidade foi disputar o amor que sentia pelo amigo de infância que era casado. O personagem desenvolveu papel secundário, apresentando-se mais cômico do que vilão. Suas frases engraçadas arrancaram risadas do público e seus “gritinhos”, parecendo grunhidos de gato, ficaram marcados durante a trama. Segundo Mattos e Santos (2019, p. 13) Téo Pereira (Paulo Betti), “um jornalista que publica fofocas em seu blog, caminhou entre o cômico e a vilania e provocou risadas com suas frases criativas”.

Ao analisarem a vilania e a comicidade dos personagens Félix e Téo nas telenovelas *Amor à vida* (Globo, 2013) e *Império* (Globo, 2014), Risk e Santos (2019)

observaram que existe um “enquadramento normativo” das homossexualidades representado nas telenovelas, dizendo que os personagens não heterossexuais são “pasteurizados segundo clichês identitários”. Na compreensão dos autores: “Tratar Téo e Félix como personas dignas de riso evoca as matrizes médicas que apontavam a homossexualidade como perversão (...)” (RISK; SANTOS, 2019, p. 9).

Téo é um personagem permeado de falas clichês e bordões que são verbalizados entre as suas maldades e humor, encarnando a representação de tipo gay “defenestrado”, jornalista fofoqueiro, sem ética e que assedia homens sem pudor e dissimulação. Na compreensão de Risk e Santos (2019, p.7), os papéis de Téo e Félix “correspondem genericamente ao grupo dos personagens homossexuais defenestrados, caricatura presente nas telenovelas brasileiras desde a década de 1970, embora o último tenha ocupado outras facetas ao longo de *Amor à vida*”.

As facetas diferentes do personagem Félix, em *Amor à vida* (Globo, 2013), apontadas pelos autores, que destoam da maioria de outros personagens gays nas telenovelas, remetem ao protagonismo de vilania vivido por ele, e a sua capacidade de superação, regeneração, reconhecimento dos seus erros para finalizar a trama com final feliz. Os teóricos ainda pontuam que os personagens gays das telenovelas, pela sua origem melodramática, têm performances superficiais e planas, moldadas pelos autores e diretores das tramas e “ao sabor dos gostos e desgostos da audiência”.

Segundo Risk e Santos (2019, p. 8), a aproximação entre os dois personagens estudados, Félix e Téo, são a comicidade, a cólera e o exagero de sentimentos. Os autores apontam que os sentimentos exagerados no melodrama contemplam a comicidade, o terror, a ternura e a excitação que são personificados pelos personagens respectivos: “o Bobo, o Traidor, a Vítima e o Justiceiro que, em geral, são figuras esvaziadas e planas”.

Tanto Félix quanto Léo das respectivas narrativas *Amor à vida* e *Império* lançaram vários bordões. Os pesquisadores que realizaram o estudo específico sobre os dois personagens citados acima trouxeram para o texto algumas frases deles, como: ‘Será que piquei salsinha na tábua dos Dez Mandamentos?’ Disse Félix. ‘Se eu gostasse de mulher, tinha virado ginecologista’, emendou ele. Téo, o personagem jornalista de *Império* costumava dizer: ‘Lembre-se: meu sexto sentido não me engana. Isso é bofe’. ‘E como dizia o Vinicius: uísque é o melhor amigo do homem. É o cachorro engarrafado’. Dialogam Risk e Santos (2019) que a comicidade de ambos os personagens é recheada de mordacidade e humor corrosivo.

O protagonista e vilão Félix, que protagonizou o primeiro beijo gay entre homens em telenovela das 21 horas, conquistou a aprovação do público ao longo de *Amor à vida*, que segundo os autores, grande parte do sucesso se deveu à atuação do ator Mateus Solano. As “suas expressões cáusticas eram atribuídas à bicha má, isto é, ao estereótipo negativo associado à masculinidade feminizada, considerada narcísica, pronta para perpetrar o escárnio de quem passa por seu caminho” (RISK e SANTOS, 2019, p. 9). Os teóricos ainda defendem que Félix sintetiza a presença de personagens homossexuais nas telenovelas da TV Globo por várias décadas. O papel de vilania e comicidade homossexual nas telenovelas, associado ao humor exagerado, reforça no imaginário social, pelo viés do escárnio e do cômico, que o lugar dos homossexuais nas narrativas é o fazer o público rir e se entreter, assemelhando-se ao bobo do melodrama ou ao palhaço do circo.

Nessa abordagem sobre protagonismo e vilania gay, associada à comicidade, representadas principalmente pelos personagens Félix e Téo Pereira, se mostraram inovadoras em relação a várias outras tramas ficcionais anteriores da TV Globo. Segundo os pesquisadores, o autor de *Amor à vida* (Globo, 2013) Walcir Carrasco, ao conceder entrevista se gabou de ter criado a ‘primeira bicha má’. Entre exageros, caricaturas, vilania e comicidade, Félix e Téo tiveram final feliz e, portanto, regenerados. Os pesquisadores argumentam que:

A partir de análise retrospectiva de personagens homossexuais da televisão brasileira, nota-se que elas foram retratadas como aberrações morais que, no final da trama, eram eliminadas-punidas, portanto, por morte violenta ou condenadas a viver na solidão, sem parceiros afetivos, ou na renúncia da concretização de sua existência e de seus desejos devido ao caráter ilícito de sua sexualidade (RISCK e SANTOS, 2019, p. 10).

Ainda que não seja a realidade, a personificação da homossexualidade nas telenovelas pode gerar uma plasticidade reducionista do que sejam as vidas de pessoas LGBTQIAPN+ no imaginário social.

Alguns autores de telenovelas, como Aguinaldo Silva e Gilberto Braga, abertamente homossexuais, com frequência dão entrevistas para explicarem sobre a construção e as mudanças realizadas por eles em relação ao percurso dos personagens homossexuais nas tramas que eles produzem. O estudo aponta que Gilberto Braga, “em entrevista concedida para a revista gay *Júnior* (2009, ano 2, ed. 11, p. 20-22), declarou que considerava que o público não gostaria de acompanhar um protagonista gay, que o

interessante poderia existir em uma ‘trama paralela’ [...]” (CAVALCANTI; FERREIRA, 2023, p. 5).

Para atingir o objetivo aqui proposto, darei um salto no período histórico de representação de casais sáficos na ficção global, passando para a trama *Totalmente Demais* (Globo, 2015) que é apontada como a primeira telenovela das 19 horas a representar um casal sáfico na TV Globo.

As telenovelas *Rock Story* e *A lei do Amor* (Globo, 2016) inseriram casais lésbicos, mas o desenvolvimento das personagens somente se deu no final das tramas e nas duas telenovelas os casais terminam juntos. Conforme os teóricos aqui citados, na narrativa de *Segundo Sol* (Globo, 2018), uma das personagens lésbicas teve que enfrentar a rejeição e a fúria do seu pai, que a humilhou em público, no seu trabalho ao saber que ela namorava outra mulher, chegando a chamá-la de ‘fanchona’ e ‘mulher macho’.

Em *Órfãos da Terra* (Globo, 2019), houve a representação de um casal sáfico bissexual e que na observação dos autores, foi bem aceito pelo público. O casal engatou o relacionamento no meio da trama e mobilizou os fãs para a prática de *shippagem*. O amor entre as duas personagens se aprofunda, elas se casam e terminam a narrativa com final feliz. Não foram protagonistas, todavia, desenvolveram uma trama secundária.

Amor de Mãe (Globo, 2019) foi exibida inicialmente em 2019, mas por conta da Pandemia da Covid-19 houve uma interrupção nas gravações de telenovelas, fazendo com que algumas delas fossem reprisadas, fato que aconteceu com *Amor de Mãe*, que foi reexibida em edição compacta no ano de 2021. As narrativas *Nos Tempos do Imperador* (Globo, 2021) e *Amor de Mãe* (Globo, 2019) trouxeram casais sáficos como personagens bissexuais, visto que tiveram prévios relacionamentos com homens no começo das tramas e no final se firmaram em relacionamentos lésbicos.

Em *Um Lugar ao Sol* (Globo, 2021) foi apresentado um casal sáfico sendo que uma delas era bissexual, visto que inicia a trama casada com um homem e na reta final as duas desenvolvem um relacionamento e terminam a telenovela juntas, sendo “duas mulheres brancas e de meia idade”, segundo Cavalcanti e Ferreira (2023).

E por fim, a trama de *Vai na Fé* (Globo, 2023) apresentou um casal sáfico: Clara e Helena. O relacionamento começou lentamente, sendo que Clara mantinha uma relação heterossexual tóxica com o marido e se envolveu com Helena. O casal recebeu o apoio dos fãs contra a censura dos beijos entres elas e terminam a telenovela juntas com final feliz.

A contextualização do percurso histórico de telenovelas apresentadas na TV Globo, com a presença de personagens LGBTQIAPN+ no período analisado, serviu para traçar uma linha temporal de apresentação e visibilidade desse público. Nesse recorte apresentado acima, faz-se importante dizer que a dinamicidade e a complexidade da população LGBTQIAPN+ passou por processos de mudanças, atualizações, estudos, aprovação de leis com efetivação de direitos, ações ativistas do movimento, avanços e retrocessos, eventos de violências diversas, sub-representações, apagamentos, exclusão social, entre outros. Durante esse percurso permeado de atravessamentos múltiplos, deu-se a ampliação da sigla por meio do entendimento de que novas orientações estão presentes na sociedade e precisam ser reconhecidas e inseridas na comunidade LGBTQIAPN+.

Portanto, passados mais de 50 anos de representação da diversidade de gênero, sexual e orientação sexual nas narrativas ficcionais da TV Globo, chegou a vez da assexualidade ser veiculada na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) por meio de dois personagens assexuais, Caíque (Thiago Fragoso), um assexual romântico e Rudá (Guilherme Cabral) um assexual estrito. Os espectros romântico e estrito vividos pelos personagens fazem parte de uma gama de outros espectros sob o termo guarda-chuva da assexualidade. A autora de *Travessia*, Glória Perez, inseriu dos atores homens, brancos e cisgêneros que representaram os personagens assexuais masculinos, heterorromântico e arromântico, respectivamente. A visibilidade e a representatividade da assexualidade em *Travessia* é o tema desse estudo que será aprofundado nos próximos capítulos.

Antes de entrar no tema assexualidade, objeto de estudo propriamente dito, inserido na telenovela *Travessia* (Globo, 2022), será apresentado no capítulo a seguir uma explanação histórica da assexualidade, desde os indícios da sua existência apontados em pesquisas do século XX, a constituição de comunidades virtuais de pessoas assexuais no início do século XXI, a produção de novas teorias, a consolidação empírica e teórica do da assexualidade enquanto orientação sexual e definida como termo guarda-chuva. Inclui-se nesse rol a criação de símbolos representativos, a construção de subgrupos ou espectros a partir da autoidentificação e da autodefinição pessoal de pertencimento, a entrada na sigla LGBTQIAPN+ e chegando na contemporaneidade com a sua exibição no audiovisual brasileiro através da teledramaturgia ficcional.

CAPÍTULO 3: A ASSEXUALIDADE NA TEORIA, NAS COMUNIDADES VIRTUAIS E NO AUDIOVISUAL

Porque justamente os grupos e personagens que atacam a diversidade são geralmente pessoas instruídas de conhecimento, dotadas de prestígio religioso, influência social, poder político e econômico? Furlani (2010, p. 50) assevera que: “Todas as pessoas têm o direito a expressar livremente sua orientação sexual, sua identidade de gênero e seu senso de pertencimento étnico-racial”. Segundo Carvalho (2021, p. 355): “Atualmente, o termo LGBTQIAP+ tornou-se amplamente utilizado para se referir a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e Pansexuais, de modo a propor maior visibilidade para a identidade de gênero e sexualidade, em benefício da sigla”.

No contexto histórico de produção teórica sobre a sexualidade humana, sujeitos assexuais não existiam, não com a terminologia contemporânea. Mas existia a terminologia assexualidade como substantivo que nomeia o grupo de pessoas assexuais. Na primeira metade do século XX, o sexólogo e pesquisador estadunidense, Kinsey et al. (1948, 1953), produziram e publicaram teorias que abordaram o comportamento sexual de homens e mulheres estadunidenses em uma pesquisa que desenvolveu por mais de 15 anos.

Os autores criaram uma escala taxonômica na qual distribuiu os achados de sua pesquisa e concluíram que entre os números 0 (zero) e 6 (seis) havia três orientações sexuais, sendo a extremidade 0 (zero) da escala usada para identificar a predominância da heterossexualidade exclusiva, no meio da escala a bissexualidade exclusiva e no extremo 6 (seis) da escala predominava a homossexualidade. Porém, no resultado da pesquisa foi identificado o percentual em torno de 1% de homens e 1% de mulheres, entre os entrevistados, que não se identificavam com as práticas sexuais das orientações sexuais supracitadas. Esses sujeitos que disseram não praticar sexo, foram classificados pelos pesquisadores como categoria X, no final da escala, mas sem nomeá-los como pertencentes a qualquer orientação sexual.

Da década de 1970 em diante, outros pesquisadores do comportamento sexual humano, continuaram realizando estudos, como a britânica Johnson (1977) que se utilizou do conteúdo de cartas escritas por mulheres, enviadas para editoriais de revistas femininas e publicou um artigo intitulado “Mulheres Assexuais e Autoeróticas: Dois Grupos Invisíveis”. A autora afirma que um dos grupos de mulheres estudado não sentia interesse por sexo, o qual ela denominou de mulheres assexuais e o outro grupo foi denominado de

mulheres autoeróticas, visto que praticavam a masturbação. Pela primeira vez apareceu o termo assexual no meio acadêmico. Já nos anos de 1980, psicólogos e sexólogos estadunidenses como Storms (1980) resolvem produzir e publicar teorias, classificando as orientações sexuais em quatro, heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade e assexualidade. Todavia, sem apontar dados empíricos em que consistia ser assexual, quem era assexual e como se manifestava a assexualidade enquanto orientação sexual.

Na final do século XX e início do século XXI, com o advento da popularização no acesso à internet, facilitando a conexão e a interação social em rede mundial, surgem comunidades virtuais nas quais os seus membros se autointitulam como pessoas assexuais. O conceito da assexualidade, sua definição e a luta travada para que ela fosse reconhecida como orientação sexual legítima datam do início do século XXI, por iniciativa de sujeitos assexuais que criaram comunidades virtuais como espaço de engajamento pela causa, contemplando autoidentificação, autoaceitação e visibilidade enquanto comunidade organizada, funcionando como lugar de pertencimento.

Dessa forma, os sujeitos assexuais se orientam sexualmente a partir de suas subjetividades, apresentando nenhum ou pouco desejo sexual, em determinadas fases e circunstâncias da vida, de acordo com o tipo ou espectro da assexualidade em que o sujeito assexual se localiza. Brotto e Yule (2017. p. 6, *tradução nossa*) afirmam que: “A ascensão da Internet, e da AVEN em particular, pode ter facilitado a linguagem e a conversa em torno da assexualidade, mas a literatura empírica combinada com as discussões no fórum da AVEN converge para pintar um quadro em que a identidade assexual sempre esteve presente.”

Na esteira da criação de comunidades virtuais de assexuais, internacionais e nacionais, pesquisadores produzem e publicam estudos sobre o tema assexualidade. Os primeiros teóricos a se engajarem na investigação são principalmente das áreas da Psicologia, Neurociência e Sexologia. O canadense Bogaert (2004), já em seu primeiro trabalho publicado, a partir de dados secundários de uma pesquisa empírica realizada na Inglaterra, chegou ao resultado de que em torno de 1% dos homens e 1% das mulheres britânicas entrevistadas, disseram que não tinham interesse por sexo. Dois anos depois, em 2006, o pesquisador, apropriando-se de teorias produzidas e de dados coletados na comunidade virtual de assexuais, AVEN - Asexual Visibility and Education Network, chegou à conclusão de que a assexualidade não era uma patologia, logo não estava associada ao Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo-TDSH, ainda que alguns sujeitos

assexuais apresentassem algum trauma, disfunção hormonal ou questão de saúde mental, porém, não sendo passível de associar tais questões de saúde à assexualidade.

Dando continuidade à produção e publicação de teorias sobre a assexualidade, Graham e Prauze (2007) se debruçaram na tentativa de classificar e caracterizar a assexualidade e chegaram à conclusão, a partir da análise de conteúdo, de que o baixo nível de desejo sexual era a principal característica da identidade assexual. Brotto (2010) pesquisou a assexualidade pelo viés da orientação sexual, parafilia e disfunção sexual, chegando à conclusão de que, pelos achados de sua pesquisa, a assexualidade não é um transtorno psiquiátrico, uma disfunção sexual, como o TDSH, mas uma orientação sexual legítima.

Unindo esforços com os pesquisadores da comunidade assexual- AVEN, contribuiu para impulsionar o crescimento, a visibilidade, a construção de símbolos e luta para a aprovação da assexualidade enquanto orientação sexual e passar a fazer parte da Comunidade LGBTQIAPN+, que somente aconteceu na década de 2010.

Durante o percurso de definição da assexualidade como orientação sexual, os sujeitos assexuais foram discriminados em vários setores da sociedade. Na Medicina foram considerados doentes até o ano de 2013, quando a publicação do Manual de Estatística de Saúde Mental, DSM – IV, retira dos seus escritos tal condição atribuída aos sujeitos assexuais até então. Na religião, foram considerados eunucos e celibatários. Já o senso comum descrevia as pessoas assexuais como assexuadas, estranhas, amebas, traumatizadas, gays, lésbicas, frias, impotentes etc. Logo, precisavam de tratamento, experimentar o sexo ou encontrar a pessoa certa para gostar da prática sexual. Relatos de assexuais contam que sofreram pressão e incompreensão da família, da sociedade e dos amigos, visto que eram cobrados para entrarem em relacionamentos e praticarem sexo.

Quando alguns sujeitos assexuais se envolvem em relacionamentos que não correspondem às expectativas do parceiro, rompem a relação e mesmo explicando que são assexuais, tornam-se ignorados. Investidas sexuais quando negadas por assexuais se tornam motivos para a tentativa ou consumação do estupro, sendo chamado de “estupro corretivo” para resolver a questão. Segundo a publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023, p.114): “Quanto aos dados referentes a LGBTQIA+ vítimas de lesão corporal, homicídio e estupro, seguimos com a altíssima subnotificação”. Ou seja, o processo histórico da assexualidade e dos sujeitos assexuais é atravessado por diversos tipos de violência, além dos preconceitos sofridos e do apagamento social.

3.1 Afinal, o que é assexualidade, na perspectiva de pesquisadores e das comunidades de assexuais?

A assexualidade é uma das orientações que foi se definindo durante o século XX. Por meio de investigações teóricas, se tornou possível identificar a existência de pessoas que não praticavam sexo ou somente o praticavam em contextos específicos, ainda que na época não houvesse sido cunhado o nome assexualidade para tal grupo de pessoas. Atravessando a complexidade e fluidez da sexualidade humana, a assexualidade é um termo guarda-chuva que inclui vários espectros ou subgrupos aos quais irei chamar de diversidade assexual, fazendo um paralelo com termo diversidade sexual.

Segundo a comunidade virtual brasileira de assexuais aromânticos, intitulada de Aroaceiros³, a assexualidade “é um espectro que abrange orientações sexuais nas quais o indivíduo sente pouca ou nenhuma atração sexual, podendo depender de certas circunstâncias, ter pouca frequência e/ou intensidade, acontecer com certa velocidade (como por exemplo em picos, ou muito rápido)” (AROACEIROS, 2020). Para o coletivo, a assexualidade atravessa as diversas orientações sexuais, envolvendo por exemplo, hétero, lésbica, bi, homo, queer, intersexo, trans e pan, caracterizando a assexualidade com a variação de atração, desde a sua ausência total até a pouca frequência e intensidade, dependendo de variáveis próprias que orientam os diferentes assexuais.

O site da comunidade virtual brasileira de assexuais, assexualidade.com.br⁴, traz a seguinte definição: “Assexualidade é uma das formas de manifestação da sexualidade humana baseada na falta de atração sexual por pessoas. Essa é uma das definições mais bem aceitas da assexualidade, entretanto, ela não abrange todas as pessoas que adotam este rótulo” (ASSEXUALIDADE.COM.BR, 2016). Entende-se pela citação que a assexualidade não possui uma definição estanque, haja vista a complexidade e pluralidade da sexualidade humana.

O Coletivo AbrAce⁵, uma comunidade virtual brasileira criada por pessoas assexuais, em 2018, define as assexualidades como: “a ausência total, parcial, condicional e circunstancial de atração sexual, toda identidade em que o sexo não é o referencial primário do desejo e da atração voltados para um relacionamento íntimo por outra pessoa” (COLETIVO ABRACE, 2018). Os relacionamentos assexuais não estão no quadrante da prática sexual como prioridade de manutenção de um relacionamento amoroso. Portanto,

³ Linktree de acesso: <https://linktr.ee/aroaceiros>

⁴ Link de acesso: <https://www.assexualidade.com.br/>

⁵ Linktree de acesso: <https://linktr.ee/coletivoabrace>

torna-se importante a autodefinição e autoaceitação identitária dos sujeitos assexuais para os auxiliarem no autoconhecimento e nas escolhas pessoais e amorosas dentro de um consenso estabelecido de respeito, a partir do diálogo entre os pares.

Na visão psicanalítica, a assexualidade possui uma força individual, singular, de se vivenciar a sexualidade ou a sua ausência na vida prática. Rozenthal (2018) entende a assexualidade ou ausência de atração sexual como modo de ser do sujeito, nas suas singularidades de subjetivação individual. Ele parte da compreensão de que os sujeitos assexuais direcionam a vivência sem sexo em momentos e condições específicas para além das vivências culturais e sociais, a partir de um conjunto de fatores psicanalíticos e estéticos das escolhas e condições de vida do sujeito. Assim, segundo o autor, no entendimento da psicanálise, não é possível afirmar que os assexuais não possuam desejo.

Os diversos tipos de assexuais se orientam em espectros diferentes dentro do guarda-chuva da assexualidade. Sendo assim, não existe assexualidade única, como se todo e qualquer assexual fosse classificado com ausência total de desejo, seja esse desejo direcionado à atração romântica, estética, platônica ou sexual, para alguns, em determinadas condições e circunstâncias.

Para Rozenthal (2018, p. 2) “assexualidade como prática não é nova. Podemos dizer que sempre houve indivíduos que recusaram o exercício da sexualidade”. O teórico chega a comparar a abstinência sexual celibatária de padres da igreja católica com a orientação sexual assexualidade, defendida assim pelos assexuais e por outros pesquisadores sobre o tema. Essa comparação da assexualidade com o comportamento da abstinência sexual por conta do celibato ou outro motivo é veementemente reprovada pelas comunidades assexuais, visto que as questões de transtornos hormonais, motivos religiosos e/ou morais não podem ser confundidos com os assexuais que se orientam não por questões comportamentais, mas em relação as suas sexualidades, relacionamentos, atração e não atração, desejo e não desejo.

Para Rosenthal (2018, p. 2) é de interesse dos grupos de pessoas assexuais o “reconhecimento social dos correlativos direitos à recusa de toda e qualquer prática sexual”. As comunidades virtuais que congregam vários subgrupos de assexuais em nenhum momento afirmam nas suas falas e textos a recusa geral da prática sexual. Os teóricos que referenciam as comunidades de assexuais entendem e corroboram suas falas e escritos de que fica evidente a diferença entre alguns sujeitos assexuais que não desenvolvem nenhum relacionamento com outra pessoa, chamados de aromânticos estritos e os demais grupos de assexuais que em determinados momentos, condições ou

circunstâncias da vida podem sentir atração sexual, atração romântica, platônica ou estética.

A Sociedade Brasileira de Medicina, Família e Comunidade-SBMFC⁶, por meio de estudos chegaram ao entendimento de que assexualidade é: “uma identidade de orientação sexual e é autorreferida, ou seja, é declarada pela própria pessoa, não cabendo a profissionais de saúde fazê-lo ou mesmo fazer sua associação a transtornos” (SBMFC, 2024). Já Oliveira (2013), ao se debruçar nos estudos sobre assexualidade, tomando como referência pesquisas publicadas na América do Norte e na Europa, além de comunidades virtuais de assexuais, apresentou a indagação de Cerankowski & Milks (2010):

Mas, como analisar e contextualizar um conceito que, por sua própria definição, desequilibra os alicerces do postulado mais importante sobre a sexualidade humana, ou seja, o de que todo ser humano sente (ou deveria sentir) desejo sexual por outros? Essa pergunta, feita por Cerankowski & Milks (2010), descreve com precisão os desafios trazidos pela assexualidade aos estudos de sexualidade neste início de século. Somente um exercício de desconstrução sobre novas bases, poderia situar a assexualidade no interior do debate sobre diversas sexualidades (OLIVEIRA, 2013, p.2).

A comunidade assexual AVEN a partir do seu crescimento por meio da adesão de pessoas assexuais autorreferidas, cunha o termo assexualidade para definir os sujeitos que não sentem atração sexual por outra pessoa. Já no meio acadêmico, Bogaert (2006) aponta para a assexualidade no campo das orientações sexuais, embasado em estudos demográficos anteriores, no surgimento e crescimento de comunidades virtuais de assexuais e no debate popular e midiático sobre o tema. Bogaert (2006 apud OLIVEIRA, 2013, p.1) afirma que: “Em lugar do transtorno e do distúrbio, o desinteresse pelo sexo tem sido associado à orientação do desejo sexual”.

Ainda, segundo Oliveira (2013), durante os anos 1980 e 1990, outros pesquisadores internacionais apresentaram trabalhos que apontavam baixo desejo sexual de alguns jovens universitários e a proposta de criação de uma escala multidimensional sobre sexualidade, incluindo a assexualidade como possibilidade de orientação sexual. Para Alcaire (2019, p. 153), “até o fim dos anos 1990, a assexualidade era praticamente desconhecida da maioria da população, resumindo-se a uma definição puramente biológica”.

As pesquisas sobre assexualidade até o final do século XX foram realizadas por autores internacionais das áreas do conhecimento ligadas à Biologia, Psicologia e

⁶ Link de acesso: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-sobre-assexualidade/>

Medicina, principalmente. Os estudos buscavam entender os motivos pelos quais as pessoas afirmavam não praticarem sexo com outras pessoas. Os pesquisadores ligavam a ausência do desejo pela prática sexual com as patologias físicas, fisiológicas, anatômicas ou mentais dos sujeitos pesquisados. Não à toa no Manual Diagnóstico e Estatístico de Saúde Mental – DSM, da Associação de Psiquiatria Americana-APA, constava até o ano de 2013, que a ausência do desejo sexual era considerada diagnóstico de saúde mental. Toda e qualquer falta ou diminuição do desejo sexual por parte de um grupo de pessoas, foi considerado como Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo-TDSH e carecendo assim, de tratamento psicológico e hormonal. Não diferenciava assim as pessoas assexuais das pessoas que possuem diagnóstico de TDSH, que podem precisar de acompanhamento médico e psicológico, como reposição hormonal e terapia, por exemplo.

As expressões sociais do senso comum que servem de rotulação errônea e negativa aos corpos assexuais, chamando-os de traumatizados, doentes mentais, estranhos, impotentes, frígidos, anormais, desajustados e outros, podem ter sido construídas a partir de reverberações de termos e definições cunhados em estudos, reproduzidos por instituições religiosas, jurídicas, ciências médicas, estruturas econômicas e sociais. Na sociedade do sexo compulsório ou nas palavras de Przybylo (2019) na *sexociedade* todos devem praticar sexo. Sem exceção.

Vários são os relatos de estupro corretivo, ato sexual forçado para agradar o(a) parceiro(a), convites insistentes de pessoas sexuais interessadas em praticar sexo com assexuais plurais, piadas nos ciclos de amizade direcionadas a quem não namora e não pratica sexo, cobranças de familiares aos filhos (as) assexuais para constituir relacionamento e reprodução, como exemplos da falta de entendimento, compreensão e respeito sobre o que seja a assexualidade.

Os pesquisadores como Oliveira (2013; 2014), Bezerra (2015) e Neiva (2019), Brigeiro (2013), D’Andrea (2017), Carvalho (2019), entre outros, desenvolveram pesquisas sobre assexualidade, a partir dos referenciais teóricos de autores internacionais e do repertório das comunidades virtuais de pessoas assexuais, criadas na virada século XX para o XXI. Assim, houve uma aproximação e um diálogo de novos estudos nacionais e internacionais, que passaram a se articular com o empirismo das comunidades virtuais de sujeitos assexuais, nacionais e internacionais, no aprofundamento e na visibilidade do tema. Nesse sentido, Neiva (2019) defende que:

[...] se faz necessário respeitar as diversas posições do sujeito que pessoas assexuais ocupam, sem incorrer no engano de acionar essencialismos que

atribuam à assexualidade uma qualidade constitutiva fundamental, básica e atemporal. Não há uniformidade e homogeneidade entre esses sujeitos em que se sugira que há uma verdadeira essência real, fixa e invariável do que é ‘ser assexual’ (NEIVA, 2019, p. 29).

Ou seja, a assexualidade é composta por nuances de complexidades na identidade de gênero e orientação sexual pelas quais perpassam reducionismos e uniformidades. A assexualidade tem ganhado visibilidade social contemporânea desde o início do século XXI, a partir de demandas de pessoas que se identificavam nessa orientação sexual e passaram a utilizar a internet como meio de comunicação para a socialização e visibilidade, formando comunidades virtuais em sites, blogs, fóruns e redes sociais de amplo alcance, como Instagram, Facebook, X (Twitter), blogs, WhatsApp e outros.

Conforme Caldeira (2020), no ano de 2012, ocorreu a primeira Conferência Assexual Internacional durante a *World Pride*, 2012, em Londres. Foi possível mostrar que cada vez mais as pessoas assexuais estão ganhando força, enquanto comunidade dentro e fora da internet e conseguindo apresentar ao mundo suas vivências e demandas. Ainda segundo Caldeira (2020), mesmo que a homossexualidade tenha sido removida em 1973 do DSM⁸, somente 40 anos mais tarde, em 2013, é que a assexualidade foi retirada do referido manual e deixou de ser considerada patologia. A partir de então, pessoas que se autoidentificam como assexuais não são mais patologizadas pelo manual de psiquiatria.

Há pouco mais de 20 anos, com a criação de redes e comunidades virtuais (internacionais e nacionais), amplia-se no meio acadêmico o interesse para discutir, estudar, produzir e publicar materiais sobre a orientação assexualidade. Nas palavras de Oliveira (2013): “Considerada historicamente um distúrbio na literatura médica e um problema no senso comum, a falta de desejo sexual – ou pelo menos parte dela -, ganha novo significado a partir do início do século XXI” (OLIVEIRA, 2013, p. 1). Assim, Neiva (2019), ao citar outros autores, traz o seguinte entendimento:

Por conseguinte, no sistema classificatório e taxonômico, termos como anormal, anomalia, desvio, perversão, patologia foram criados para dar conta de toda e qualquer sexualidade ou comportamento sexual que escapava do caminho reconhecido epistemologicamente como natural e instintual da reprodução humana (LAQUEUR, 2001; DUARTE, 2004; apud NEIVA, 2019, p. 23).

Em contraponto ao sexo biológico e a função reprodutiva da espécie, entende-se que os seres humanos são formados não apenas de corpos (anatomicamente) nos seus universos existenciais.

Vale destacar que a assexualidade é plural, dinâmica e justifica-se pela existência de espectros que são autorreferidos por cada sujeito assexual, no processo de autoidentificação e autoaceitação, passando a pertencer àquele espectro com o qual se conecta mais e sente-se confortável. A pluralidade e a complexidade da sexualidade humana permitem as possibilidades de transição dos sujeitos ao longo da vida, entre gêneros, comportamentos, práticas sexuais e orientações sexuais variadas. Assim, advoga-se a necessidade de uma educação sexual que contemple a liberdade sexual dos sujeitos sem as amarras de instituições jurídicas, religiosas, familiares, sociais e econômicas.

Talvez a invisibilidade da assexualidade possa estar baseada na ignorância de sua existência enquanto construções possíveis de identidades assexuais, elaboradas por pessoas que pertencem ou possam pertencer a esse universo. A sociedade assusta, constrange, viola e contribui para que sujeitos se escondam nos seus mundos particulares, impregnados de subjetividades que não podem ser externadas livremente. A parcela de corpos assexuais se insere nos diversos segmentos sociais enquanto grupos que são vulnerabilizados, permeiam e atravessam a sociedade, num processo de fluidez permanente e heterogêneo.

Para as assexualidades, enquanto coletivos de pessoas assexuais, usarei sinônimos como diversidade assexual, orientação assexual, sujeitos ou pessoas assexuais, espectros ou subgrupos assexuais, coletivos ou corpos assexuais, buscando primar pela pluralidade da sexualidade humana, no intuito de romper tabus binários, normativos, centrados, compulsórios, conservadores e excludentes das formas e modos alternativos de se experienciar e estar no mundo, com respeito, dignidade e orgulho.

3.2 A Criação de comunidades virtuais de pessoas assexuais como refúgio coletivo

No ano 2001, o estadunidense David Jay, autodefinido como assexual, cria a AVEN⁷, que passa a conquistar seguidores assexuais em vários países. Conforme Oliveira (2013), a AVEN foi criada em uma época com muito pouca (ou quase nenhuma) informação sobre assexualidade à disposição das pessoas assexuais. A partir daí, o termo assexualidade, definido pela comunidade virtual estadunidense, passa a ser difundido como forma de definir sujeitos que não sentem nenhuma ou pouca vontade de praticar sexo com outra pessoa.

⁷ AVEN-The Asexual Visibility and Education Network.

A AVEN se tornou a maior rede virtual mundial de pessoas assexuais. A comunidade foi disponibilizada nos idiomas dos países em que ela se estabeleceu, como holandês, alemão, italiano, francês, tcheco, mandarim, espanhol e outros. Desde que foi fundada, a AVEN apresentava objetivos claros: criar aceitação pública de pessoas assexuais e uma discussão sobre assexualidade.

Bem-vindo à Rede de Visibilidade e Educação Assexual. A AVEN hospeda a maior comunidade assexual online do mundo, bem como um grande arquivo de recursos sobre assexualidade. A AVEN se esforça para criar uma discussão aberta e honesta sobre assexualidade entre pessoas sexuais e assexuais (AVEN, 2001, *tradução nossa*).⁸

Durante as duas primeiras décadas do século XXI, pesquisadores(as) brasileiros(as) desenvolveram pesquisas sobre assexualidade e seus subgrupos utilizando informações e a visibilidade da AVEN.

Aqui no Brasil, comunidades virtuais e redes sociais de pessoas assexuais foram criadas ao longo dos últimos 20 anos com o objetivo de identificação, aceitação e sociabilidade, seguindo a influência da comunidade virtual estadunidense. Esses grupos corroboram os dizeres de Alcaire (2019, p. 154) quando afirma ser a internet, desde o início do século XXI, “o local onde assexuais encontram informações sobre si mesmos, forjando, assim, uma identidade partilhada que evoluiu para uma comunidade e para um movimento social”.

A letra A da sigla LGBTQIAPN+ representa a orientação assexualidade, contemplando os subgrupos de pessoas assexuais, sejam elas binárias ou não binárias, incluindo termos de identificação romântica propostos pelas comunidades virtuais de assexuais, como os assexuais homorromânticos/as, heterorromânticos/as, birromânticos/as e panromânticos/as. A nomenclatura é percebida por Oliveira (2013) como uma necessidade de criação de um novo vocabulário para descrever as experiências assexuais. Os assexuais arromânticos, definição da AVEN, mas que não foram abordados por Oliveira (2013), são pessoas que se identificam no espectro da arromanticidade e não se sentem atraídas por relacionamentos românticos, independente de qual seja a orientação sexual. Entretanto, para a comunidade virtual brasileira, denominada de AROACEIROS, que congrega os assexuais arromânticos, entende que a arromanticidade se divide entre aqueles que ocasionalmente podem se envolver num relacionamento ainda que seja breve e os arromânticos estritos que nunca irão se relacionar romanticamente

⁸ Welcome to the Asexual Visibility and Education Network. AVEN hosts the world's largest online asexual community as well as a large archive of resources on asexuality. AVEN strives to create open, honest discussion about asexuality among sexual and asexual people alike.

com outra pessoa. Já as pessoas demissexuais, segundo a AVEN, estão localizadas na chamada *Gray-A*, traduzido como área cinza, sendo uma zona de transição na possibilidade de construção de relações por meio da atração romântica ou sexual entre os pares, desde que seja desenvolvida previamente uma relação de confiança.

Os termos foram criados para denominar os diversos subgrupos, como por exemplo: os *assexuais arromânticos* que não se envolvem ou não sentem atração romântica por outra pessoa, ainda que casualmente possam sentir atração platônica, sensorial ou estética; os *românticos*, que priorizam o afeto, o carinho e o toque, também chamada de atração romântica, mas que não sentem, necessariamente, desejo pela prática sexual; os *demissexuais*, pessoais assexuais que somente se sentem atraídas por outra pessoa quando construída uma relação de confiança e intimidade.

As pessoas assexuais podem ser binárias, não binárias, transitarem entre identidades de gênero e pertencerem a diferentes orientações sexuais. Ou seja, a assexualidade atravessa gênero e orientação sexual. Portanto, o advento das comunidades virtuais tem permitido a reunião de grupos de pessoas que se identificam entre si, como sujeitos assexuais, para entender, educar e sociabilizar os membros das comunidades e o público, por meio da criação de eventos, como entrevistas, chats, fóruns, palestras, podcasts, audiovisual, material impresso, digital etc.

As pesquisas sobre a visibilidade de pessoas assexuais em comunidades virtuais procuram identificar e compreender as redes sociais como lugar de encontro e sociabilidade entre sujeitos pertencentes aos vários espectros da orientação assexualidade. Diante de tabus sociais culturalmente construídos sobre a história da sexualidade humana, quem se sente diferente das convenções heteronormativas e sexonormativas estabelecidas, passa a ser estigmatizado, culpa-se por sua diferença e, por vezes, se isola com medo de sofrer Acefobias⁹. O relato de uma mulher que se descobre assexual, no espaço para depoimentos na comunidade virtual, exemplifica a dificuldade de rompimento com os padrões normativos:

Eu sempre me achei diferente. Achei que era adotada porque minha família toda é sexualmente ativa e eu não. Cedi a pressão da sociedade na adolescência e me achava esquisita, pensava que tinha problemas por não ser igual à maioria. Um dia falei para minha mãe, mas ela não acreditou e não ligou, pois tive dois filhos. Hoje faz um ano que não pratico e as pessoas ao meu redor me acham esquisita, algumas me taxam de homossexual ou traumatizada, fazem pressão para que eu me relacione. Falo que sou feliz assim, mas não acreditam. Quando casei era infeliz

⁹ Acefobia é a definição de fobia que pode ser praticada contra pessoas assexuais.

porque me obrigava a ser 'normal' e isso fez com que o meu casamento acabasse não por falta de amor, foi por falta do meu interesse em sexo (COMUNIDADE ASSEXUAL, 2016).

Assim, as comunidades virtuais de assexuais, potencializaram o discurso de visibilidade em torno do recorte temático para falar de pessoas que se autodenominam assexuais. O lugar de fala de pessoas assexuais foi como *habitat* nas comunidades virtuais, por meio de fóruns, blogs, sites e de redes sociais, como Facebook, Instagram, X e outras. Jenkins (2014, p. 138) alega que, para além da “autopromoção” que a comunicação desempenha, “devemos também reconhecer um desejo pelo diálogo e pelo discurso, pela consolidação das redes sociais e pela construção de comunidades maiores através da circulação de mensagens de mídia”.

A visibilidade acontece quando pessoas se autoidentificam como assexuais e acessam as comunidades virtuais para compartilharem afinidades, angústias, processo de autoaceitação, aceitação da família, dos amigos e da sociedade. Assim, a rede virtual AVEN relata no seu portal que “(...) se esforça para criar uma discussão aberta e honesta sobre assexualidade, entre pessoas sexuais e assexuais”¹⁰ [*Tradução nossa*]. Para identificar e entender que debaixo do “guarda-chuva” da assexualidade existem facetas na fluidez da sexualidade humana, foram criados subgrupos ou espectros para abarcar os tipos de pessoas assexuais que se identificam em práticas diferentes quando se trata de possibilidades múltiplas de amar e de fazer escolhas livres para se envolver ou não em um relacionamento com outras pessoas.

A AVEN carrega o título de maior comunidade virtual de pessoas assexuais do mundo, com aproximadamente 180 mil membros nos Estados Unidos e outros países. Foi precursora no engajamento pela visibilidade e educação sobre assexualidade por meio das redes sociais, para grupos que se sentiram encorajados a se reconhecerem, se aceitarem e lutarem por respeito e reconhecimento da família, de amigos e da sociedade. A comunidade se alinha ao entendimento de Jenkins (2014, p. 161) de que as disseminações de conteúdos nas mídias, por “membros de comunidades sociais envolvidas em atividades que são importantes para elas sob o aspecto individual e/ou social [...], podem gerar tanto valor como mérito”. Ou seja, pode ser um valor social e um mérito de conquista para o grupo.

A rede estadunidense, além de ampliar a visibilidade mundial para pessoas

¹⁰ AVEN strives to create open, honest discussion about asexuality among sexual and asexual people alike.

assexuais, também influenciou pesquisadores. Bezerra (2015) explica que, “com o permanente trabalho de divulgação na mídia encabeçado pela política de David Jay, o tema da assexualidade começa a suscitar inúmeros debates públicos, acendendo o interesse acadêmico por essa questão” (BEZERRA, 2015, p. 25). A AVEN atravessou fronteiras, sendo acessada no idioma oficial de cada país onde foi adotada como espaço de luta. No Brasil, apesar de não estar traduzida para o português, a comunidade incentivou a criação de vários grupos organizados de pessoas assexuais, por meio de comunidades virtuais e redes sociais, onde reúnem e compartilham valores, respeito, educação, materiais, eventos, pesquisas, entrevistas e outros, como veremos a seguir.

Os pesquisadores brasileiros Oliveira (2013) e Bezerra (2015) afirmam que a partir da criação de comunidades virtuais como espaço “autêntico de visibilidade” para pessoas assexuais, amplia-se o interesse por pesquisas acadêmicas sobre a orientação sexual em questão. Essa guinada nas pesquisas e na visibilidade midiática de pessoas assexuais se apoia nas palavras de Sibília (2015) quando trabalha os conceitos de performance e autenticidade nas redes sociais, afirmando que a autenticidade reivindica legitimação, o contrário da encenação performática. Para a autora, ser autêntico “implica uma fidelidade a esse centro identitário ancorado nos abismos de si mesmo” (SIBILIA, 2015, p. 358). Essa legitimidade autêntica, o lugar de fala e de ação, enquanto “subjetividades contemporâneas”, são formas dinâmicas de ser e de estar no mundo.

No Brasil, pessoas que já se identificaram como assexuais passaram a criar comunidades virtuais para se socializarem. Os brasileiros que se autoidentificaram pertencentes a algum espectro da assexualidade passaram a ter visibilidade ampliada nas redes. No início de 2009, o pernambucano Júlio Neto criou um blog denominado *Refúgio Assexual* e posteriormente o transformou em site denominado *assexualidade.com.br*. A proposta era estabelecer um espaço para falar e debater o tema com aqueles que se conectavam com o movimento. Assim, pessoas assexuais passaram a encontrar nos espaços virtuais um lugar onde possam dizer quem são, falar em que condições constroem seus relacionamentos e como se orientam sexualmente. Os criadores das comunidades virtuais são pessoas assexuais que perceberam a ausência de um lugar para reunir seguidores com os mesmos objetivos.

No topo da página inicial, o slogan do portal *Refúgio Assexual* que mudou para *assexualidade.com.br*, apresenta uma figura em formato de hexágono desenhado com faixas nas cores da bandeira assexual, preto, cinza, branco e roxo. Essa comunidade assexual brasileira apresenta em seu site o histórico de sua criação. Entre os diversos

textos que o site traz sobre a assexualidade, uma frase me chamou a atenção ao dizer que: “A falta de conhecimento da assexualidade produz dois grandes problemas: preconceito e angústia” (ASSEXUALIDADE.COM.BR, 2024). Ou seja, o desconhecimento sobre a orientação assexual e suas subclassificações gera problemas para quem não é assexual, que passa a entender as pessoas assexuais a partir de preconceitos que destoam do estabelecido nas comunidades assexuais e da teoria produzida no meio acadêmico. Por outro lado, o referido desconhecimento da assexualidade também é considerado um problema de angústia para quem é assexual e ainda não se autoidentificou e não se autodefiniu como tal. A imagem a seguir se refere à página inicial da comunidade.

Figura 1: Portal assexualidade.com.br



Fonte: Site assexualidade.com.br – Acesso em 22.03.2025

O canal Assexualidade.com.br, disponibiliza diversos serviços para seus visitantes, apresentando páginas que descrevem informações oferecidas no site, como a explicação sobre a definição da assexualidade e seus subgrupos. Apresenta também um dicionário básico sobre termos que ajudam a entender melhor o universo da assexualidade, como por exemplo: “arromântico(a): pessoa que não experimenta atração romântica e, portanto, não tem interesse em relacionamentos românticos”. O portal da comunidade virtual traz, ainda, menu que aponta para depoimentos, pesquisas, livros, vídeos, mapa, loja e links. No menu de nome assexualidade da página inicial, define-se o termo dizendo que a assexualidade é considerada uma orientação sexual, visto que não se trata de decisão religiosa (como o celibato) e não causa sofrimento físico ou mental (no sentido do sofrimento vindo de possíveis questões hormonais ou psíquicas).

Relatos de pessoas nas comunidades virtuais e em entrevistas para outras mídias apontam dramas individuais vividos por pessoas assexuais, por serem taxadas de “anormais”, “estranhos”, doentes ou homossexuais. Por consequência, algumas se culpavam e apresentavam dificuldades de identificação, de aceitação e de relacionamentos afetivos. Outros membros relatavam que praticavam relações sexuais

com o cônjuge para agradar o parceiro ou por acreditar que a prática sexual desenvolveria o desejo que lhes faltava. A seguir mostramos o depoimento de uma mulher, seguidora da rede social Assexualidade.com.br, relatando sua experiência.

Descobri que sou assexual aromântica não faz muito tempo - por volta do final de 2014 - e foi a melhor descoberta da minha vida. Antes de entender o que sou e que existem outras pessoas como eu, havia sido erroneamente levada a pensar que eu tinha algum 'defeito'. Já havia tentado namorar duas vezes com a expectativa que eu viesse a realmente sentir algo, porém em ambas tive um fracasso retumbante. O simples ato de pensar que eu tinha que beijar meu namorado me repugnava (era chato, mecânico e parecia que era a única coisa que ele queria fazer) e demonstrações românticas me pareciam vazias e tediosas.

Minha melhor amiga, que sabia tudo aquilo que eu estava passando, descobriu e me apresentou o conceito de demissexual, o que trouxe uma luz para minha vida, mas ainda não era isso. Descobri então um fórum americano (AVEN) que finalmente me ajudou a achar minha definição nesse mundo (fale o que quiser de rótulos, mas quando você sente que não se encaixa em nenhum lugar, nada melhor do descobrir que existe uma comunidade que se sente exatamente como você) e pouco a pouco estou abraçando esse meu lado, enquanto aprendo a desconstruir ideias - que o mundo prega tão veemente - sobre o casamento e relacionamento como fonte de felicidade, porque, na verdade, nunca acreditei nelas mesmo (ASSEXUALIDADE.COM.BR, 2016).

A fala trazida pela seguidora da comunidade corrobora o discurso de que vivemos em uma sociedade sexualizada, heteronormativa e cheia de tabus estigmatizantes sobre identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. O relato evidencia, também, a importância da comunidade para interação, desabafos e trocas sobre a descoberta da assexualidade e formas de como lidar com ela.

Em 2016, o fundador do blog *Refúgio assexual* saiu da gestão e passou a ser administrado por outras pessoas assexuais com formações em Psicologia e Antropologia, por exemplo. A comunidade virtual mudou de nome e passou a se chamar assexualidade.com.br e não mais *Refúgio assexual*. Além do site, foi criado um Fórum de nome *Forumeiros*, um espaço interativo, com amplo menu que oferece abas, postagens e informações sobre eventos educativos e de entretenimentos para os membros. O Fórum é acessado a partir do site da comunidade assexualidade.com.br. A imagem da página principal do fórum *Forumeiros* mantém o desenho do hexágono representado pelas cores da bandeira assexual, igual ao site hospedeiro, conforme apresentado em tela.

Figura 2: Página do Fórum Forumeiros da comunidade assexual

Fonte: Print da página Forumeiros da comunidade assexual

A página conta com espaço para interação entre os membros, criação de cadastro individual e postagem de mensagens. No rodapé da página do fórum, está descrito que são 7.307 usuários registrados e que os membros postaram 73.224 mensagens (Dados atualizados até 21.03.2025). A seguir, um depoimento no fórum Comunidade Assexual Forumeiros, de um jovem assexual.

Oie gente tudo bem! Recentemente uma garota da minha faculdade tinha começado a se interessar por mim de uma hora pra outra, foi até uma surpresa interessante para o fim do semestre! Problema que ela tinha uma conversa com temas muito sexuais... mas eu relevei por um certo momento pois queria a conhecer melhor. Conversei com ela sobre eu ser ace e expliquei pra ela não colocar muitas expectativas em mim, até disse que não curto muito beijar e no máximo iria rolar um selinho entre nós dois. O maior problema foi que ela disse que o problema de eu ser assim era que nunca tinha feito sexo com alguém que entende do assunto, ou que eu só não sabia pegar certas oportunidades. Expliquei pra ela como eu me sentia a respeito desse assunto e ela prometeu respeitar minha decisão. Obviamente era mentira, ela começou a mandar fotos íntimas pra mim, perguntando se eu estava excitado e se eu desejava ela na cama... foi uma situação desconfortável para mim, sendo que eu até comentei com meus amigos e eles disseram que seria melhor parar de falar com ela (FORUMEIROS, 2023).

O relato do jovem que se define como assexual apresenta angústia por não ser compreendido nas suas vontades e limites no que se refere à orientação sexual. Em especial, ele pontua o constrangimento de se abrir a uma garota interessada e sofrer por consequência da desinformação, que gera falta de credibilidade sobre o assunto.

Outra comunidade virtual de pessoas assexuais foi criada pelo ativista e advogado paulista, Walter Mastelaro Neto, que se identifica como assexual e bissexual, responsável pela criação da comunidade *Coletivo AbrAce*. O termo é a junção ‘Abr’ como fração da palavra abraço em português e Ace sendo a forma reduzida em inglês para falar de assexuais. O coletivo é uma rede que o próprio criador define como espaço “para educação

e visibilidade sobre assexualidades”. O objetivo da rede é apoiar pessoas que se autoidentificam como assexuais e conscientizá-las sobre o assunto. Ao apoiar a aceitação, ampliar a visibilidade, a educação e o respeito sobre pessoas assexuais que se orientam como pertencentes à comunidade, o coletivo gera conhecimento sobre os espectros da assexualidade.

O coletivo AbrAce possui perfil no Instagram com 6.700 seguidores, cuja descrição aponta para um linktr.ee (portal que reúne diversos links). Na página do Linktr.ee, são expostos 47 links, com possibilidades de acesso a conteúdo diversos. Na imagem de apresentação da página principal na rede social Instagram, o coletivo abraçe se utiliza das quatro cores da bandeira assexual para estilizar seu logo de identificação, conforme é mostrado na figura abaixo.

Figura 3: Linktr.ee do Coletivo AbrAce



Fonte: Print do Linktr.ee do Coletivo Abrace

As muitas opções de links apontam para matérias ou grupos sobre as temáticas abordadas, como uma carta digital para falar sobre assexualidade, entrevista do autor do coletivo para a rádio FM da UFMG educativa, gravada em áudio MP3, um Podcast do “Isso é Fantástico” com Renata Capucci falando sobre o tema, uma janela para acessar o conteúdo em vídeo de webinar, menus de acesso a matérias no canal Youtube, como documentários que trazem entrevistas de pessoas assexuais e sobre o participante do BBB20, Vitor Hugo, que na oportunidade se apresentou como assexual. O Portal tem ainda janelas de acesso ao episódio em que o programa *Amor & Sexo* (TV Globo) abordou a assexualidade, matérias de telejornal, livreto, matérias de eventos nacionais e internacionais sobre o movimento de pessoas assexuais. Os perfis das redes sociais no Instagram, no Facebook e no X promovem a interação dos seguidores e divulgam agenda de eventos educativos, de entretenimento e informativos gerais.

A comunidade virtual denominada AROACEIROS consiste em um site que se

identifica como projeto independente e colocado em prática por pessoas que estão conectadas nos diversos subgrupos da assexualidade. A combinação da palavra AROACEIROS, que dá nome ao projeto, toma emprestado a partícula ARO, como parte do termo arromanticidade, um subgrupo da assexualidade, a partícula ACE, como abreviatura de assexual em inglês e o sufixo IROS para formar o plural da palavra intitulada AROACEIROS. O projeto fala da assexualidade e/ou arromanticidade como um espectro debaixo do guarda-chuva das assexualidades. Segundo o website dessa comunidade de assexuais arromânticos: “Esse espectro é formado basicamente pela arromanticidade estrita (quando a pessoa não sente atração romântica em nenhum nível e sob nenhuma circunstância) e a área cinza” (AROACEIROS, s/d página inicial). A página afirma ainda que:

O objetivo é o de criar uma plataforma capaz de espalhar informação e conteúdo sobre assexualidade e arromanticidade, um ambiente seguro de descontração para unir as pessoas da comunidade e também abrir canais para a troca de experiências e debates sobre temas que sejam influenciados pela nossa vivência ace e aro (AROACEIROS, s/d).

A rede apresenta janelas de acesso a Podcasts, textos, eventos, blogs, parcerias, doações e contatos, além de divulgar eventos como o Dia Internacional da Assexualidade, comemorado anualmente em 6 (seis) de abril para reunir todo o guarda-chuva Ace com a iniciativa de ativismo, celebração, educação e solidariedade. O site ainda aborda sobre o evento da semana Ace de assexual. Segundo o portal Aceweek.org, a semana assexual acontece em todos os anos, na última semana de outubro. Esta funciona como campanha mundial de conscientização, educação e visibilidade assexual. O projeto conta com uma equipe de produção que alimenta e atualiza o site e as redes sociais como Facebook, Youtube, Telegram, Tiktok, Instagram @aroaceiros e X @aroaceiros.

A comunidade de assexuais arromânticos tem como foco principal descrever, debater e disponibilizar o acesso a informações sobre pessoas que se identificam como assexuais arromânticas, incluindo a arromanticidade estrita. A página inicial afirma que a comunidade é composta por uma equipe diversificada e que elabora e disponibiliza conteúdos diferentes, como textos sérios e informativos, para falar da história do projeto, da identidade do movimento e de pautas importantes, incluindo a disponibilidade de “vídeos e artes divertidas”. Por fim, a página promove ofertas interativas que incluem sorteios, votações e outras programações para seus membros acompanharem. A imagem a seguir, da página do projeto, apresenta a interface com logo e menus de acesso aos

conteúdos ofertados.

Figura 4: Foto da página inicial do projeto AROACEIROS

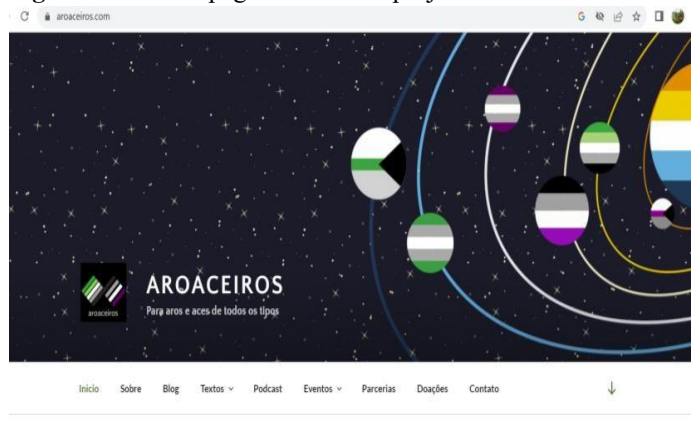


Foto: Página inicial de Aroaceiros.com.br Acesso em 01.08.23

A comunidade virtual AROACEIROS, além de trazer uma gama de janelas como opções de conteúdos informativos para quem acessa a rede, explana a definição de diferentes termos que compõem espectros dentro da assexualidade. A título de exemplo, descreve que: “Arromanticidade é uma orientação romântica que caracteriza um grupo de pessoas que não experienciam, ou apenas em ocasiões específicas, a atração romântica” (AROACEIROS, s/d. página inicial). Ao contrário da arromanticidade estrita que não experiencia atração romântica por outra pessoa em hipótese alguma.

3.3 Símbolos, produtos, objetos e glossários eleitos em comunidades assexuais

A partir da criação de comunidades virtuais por assexuais e para assexuais como espaço político de debate, de educação e de visibilidade por meio do engajamento virtual, cria-se também um discurso nas redes, a partir da autoidentificação das pessoas assexuais, formando assim os subgrupos ou espectros da assexualidade. Além de cunhar o termo assexualidade na sua complexidade e visibilidade atual, da criação das redes como espaço de acolhimento e de debate, da definição dos subgrupos e nomeação deles que serão apresentados a seguir, os assexuais das comunidades virtuais, também criaram símbolos e produtos representativos do guarda-chuva assexual.

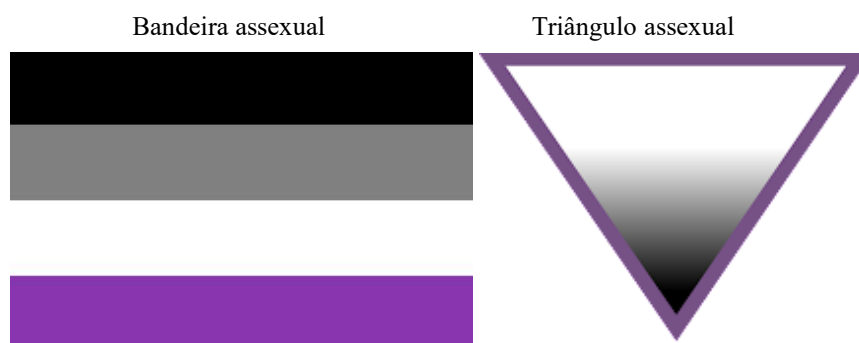
Segundo Mastelaro Neto (2020), a bandeira assexual e o triângulo invertido foram idealizados e criados pela AVEN. A bandeira teve a sua criação datada no ano de 2011, aprovada no formato retangular, com faixas horizontais nas cores preta, cinza, branco e roxo. Neto (2020) relata que, no mesmo ano de 2011, a bandeira foi “abraçada” pela comunidade assexual nos eventos organizados pelo mundo, como a parada

LGBTQIAPN+. Lembrando que a AVEN foi a precursora das comunidades virtuais de sujeitos assexuais.

Além da AVEN ser a precursora no engajamento e na luta dos assexuais, é formada por muitos intelectuais, pesquisadores, e seu idealizador, o universitário, na época, David Jay, contribuiu para alavancar a divulgação dos sujeitos assexuais, organizar debates, manifestos, negociações, reuniões entre os administradores da rede e abertura para que os membros pudessem participar das decisões, por meio de chats, fórum, questionários, votações entre outros, inclusive para eleger a criação da bandeira, do triângulo, outros símbolos e materiais oficiais que são confeccionados e vendidos para arrecadar fundos em prol da Comunidade.

O triângulo assexual, segundo Mastelaro Neto (2020) em entrevista para o portal Bi-Sides, também foi criado pela AVEN e se apresenta com três pontas simétricas, sendo duas pontas superiores em que uma representa os grupos heterossexuais, a outra ponta os homossexuais e a ponta inferior do triângulo representa a assexualidade e seus espectros. A seguir é apresentada a imagem da bandeira e do triângulo assexual invertido.

Figura 5: Bandeira assexual e triângulo assexual



Fonte: Bi-sides

Em relação às cores da bandeira, segundo Neto (2020) em entrevista para o portal Bi-Sides, a faixa preta indica ausência de atração sexual, em referência aos assexuais aromânticos, que raramente se envolvem afetivamente, incluindo a aromanticidade estrita que nunca se envolve em relacionamento com outra pessoa. A faixa cinza seria a presença parcial de atração sexual, simbolizando aqueles assexuais da chamada 'área cinza' (também conhecida como *gray-A* em inglês), denominada de grayssexuais, na qual se inserem os assexuais românticos que podem se envolver em atração romântica com outra pessoa e os demissexuais, que podem sentir atração sexual quando adquirem confiança e afinidade. A faixa branca, por sua vez, refere-se aos parceiros não-assexuais e aliados da causa, chamados de alossexuais, ou seja, aqueles que praticam sexo. Por fim,

a faixa roxa representa toda a comunidade da diversidade assexual, uma vez que a cor roxa era fortemente associada à AVEN (BI-SIDES, 2020).

Outro símbolo que identifica os assexuais é o pedaço de bolo, usado em tom de brincadeira entre eles, para sugerir que perante a escolha entre a prática do sexo e um pedaço de bolo, o assexual prefere a segunda opção. Ainda existe o anel artesanal criado na cor preta que pode ser usado no dedo médio da mão direita. Todos esses símbolos foram criados a partir de ideias apresentadas e discutidas em fóruns da AVEN, segundo o blog assexualidade brasil.

Figura 6: O bolo e o anel preto



Fonte: Assexualidade Brasil

Assim, o prazer que o assexual sente ao comer um pedaço de bolo é comparado ao prazer que possa advir de uma relação sexual. Já o anel funciona como acessório de identificação entre as pessoas assexuais que usam este adereço no dedo da mão.

Outros símbolos que os assexuais se apropriam são os naipes de Ás do baralho e a equação assexual de fórmula $53x + m^3 = 0$. Os naipes de As do baralho são usados como símbolos da assexualidade pela semelhança com a partícula Ace, que é a redução da palavra assexual em inglês, e os Ás das cartas do jogo de baralho. Por exemplo, Ás de Copas, Ás de Ouros, Ás de Espadas e Ás de Paus. O trocadilho feito com a fórmula da equação apresentada acima, traduz-se na seguinte frase: sexo + eu = nenhum resultado.

As comunidades virtuais de assexuais, como a estadunidense AVEN e as brasileiras assexualidade.com.br e o coletivo AbrAce, divulgam em suas páginas virtuais diversos produtos, como chinelos, camisetas, blusas, saias, calças, meias e acessórios, que são confeccionados para a venda, identificados com as quatro cores estampadas da bandeira assexual, preto, cinza, branco e roxo. Tais produtos são disponibilizados para a venda, com o intuito de arrecadar fundos para a manutenção e fortalecimento das comunidades virtuais, além de proverem a visibilidade assexual.

Todos os anos, na última semana de outubro, acontece a semana de visibilidade assexual, mundo a fora. Portanto, a data não é fixa, precisa ser a última semana de

outubro. No blog Assexualidade Brasil um post é apresentado, convidando os corpos assexuais plurais a participarem e avisa que os participantes devem se envolver com a causa assexual, como por exemplo, usando produtos nas cores assexuais, broche, roupas, boné, falar para alguém que é assexual, promover educação e a divulgação, entre outros. A imagem a seguir foi retirada do blog assexualidade brasil e descreve sobre o evento, além de apresentar a ilustração em bonecos das quatro cores da bandeira assexual.

Figura 9: Post da semana assexual



Fonte: assexualidade brasil

O vocabulário que nomeia a pluralidade de sujeitos assexuais foi elaborado a partir da semana de visibilidade assexual, que seria a semana do dia internacional da assexualidade que é celebrado anualmente em 6 (seis) de abril. Segundo descreve o site, esta data é para “promover todo o guarda-chuva ace”. Os quatro temas trabalhados no evento são: o ativismo assexual, a celebração, a educação e a solidariedade. Essa data comemorativa acontece nas principais grandes cidades do mundo.

Em 2012, aconteceu a primeira conferência assexual *WorldPride* 2012, na cidade de Londres. Os eventos presenciais são ferramentas de engajamentos, discussões e eleições nas comunidades virtuais, nacionais e internacionais, para divulgar, educar, dar visibilidade e definir os termos dos vários espectros da assexualidade. As comunidades de assexuais são compostas de sites que reúnem página principal, links para fóruns e linktree para acessar as páginas oficiais nas principais redes sociais, como o Facebook, o Instagram e o X. Vale dizer que os nomes apresentados e definidos pelos diversos grupos de assexuais não esgotam outras possibilidades de novos termos. Os corpos assexuais plurais podem transitar entre os vários espectros do guarda-chuva assexualidade.

É possível a convivência da interseccionalidade entre os corpos assexuais plurais, presente nos marcadores assexuais e sexuais da diferença sem que necessariamente haja um enquadramento em “caixinhas” separadas e rotuladas. A partir de buscas na internet, em comunidades virtuais de assexuais, percebe-se essa socialização e sociabilidade entre

os assexuais pertencentes aos vários subgrupos da orientação assexualidade. Interessante relatar a observação de que muitos assexuais membros de redes e comunidades virtuais chegam a esse “habitat” na busca por informações, autoidentificação e autoaceitação. Com o passar o passar do tempo, os membros geram debate, elucidam dúvidas, autoclassificam-se ou não a um determinado espectro da assexualidade e buscam por pares para se relacionarem amorosa ou amigavelmente. Parece que os assexuais que congregam nos espaços virtuais não estavam preocupados com um destaque identitário para chamar de “seu” e gerar uma categorização exagerada entre eles.

3.4 Aceitação e autoclassificação da população assexual: entre anônimos e famosos

A seguir, é apresentada a descrição dos espectros da assexualidade e das suas correspondentes definições, convencionadas por meio de amplo debate e de eleição dos membros da AVEN e replicado pelas demais comunidades virtuais de assexuais como subclassificações. Assim, ficou estabelecida a composição de cinco subgrupos localizados no guarda-chuva da assexualidade: *Romântico*, *Arromântico*, *Lithromântico*, *Gray-a* e *Demirromântico*.

O subgrupo assexual *romântico* dentro do termo guarda-chuva da assexualidade se refere aos sujeitos assexuais que não têm interesse na prática sexual com outra pessoa, mas podem ter interesse por relacionamentos românticos e se apaixonarem, por exemplo. O interesse desse espectro assexual é por relacionamentos que se estabeleçam em afetos, carinho, abraços, beijos e companheirismo. Esse subgrupo foi representado pelo personagem assexual Caíque (Thiago Fragoso) em *Travessia* (Globo, 2022). Os sujeitos assexuais românticos, como o personagem Caíque, segundo o site assexualidade.com.br, “podem ser heterorromânticos – interesse por pessoas de outro sexo -, homorromânticos – interesse por pessoas do mesmo sexo -, birromânticos – interesse por pessoas de ambos os sexos -, ou panromânticos – o interesse romântico ultrapassa a ideia binária dos gêneros” (ASSEXUALIDADE.COM.BR, s/d).

O *arromântico* é o espectro da assexualidade ao qual pertencem pessoas assexuais que não sentem atração romântica e sexual em nenhum momento por outra pessoa. Esse subgrupo foi representado pelo personagem assexual Rudá (Guilherme Cabral) em *Travessia* (Globo, 2022), ainda que o seu amigo Caíque (Thiago Fragoso), um assexual romântico, dissesse que Rudá era um assexual estrito. O termo estrito é apresentado no blog da comunidade assexual AROACEIROS, para descrever a

arromanticidade estrita conforme representado em *Travessia* (2022). Segundo o portal assexualidade.com.br, o assexual arromântico é o oposto do romântico, visto que não possui atração romântica e não tem interesse por relacionamentos românticos.

A subclassificação *lithromântico* às vezes se confunde com o romantismo e o arromantismo, visto que pode haver uma paixão ou um sentimento que venha a se manifestar de forma platônica e idealizada, sem se concretizar no mundo real. As atrações não românticas e não sexuais são atribuídas a outros comportamentos relacionais, como a atração estética, uma atração que prima pela beleza, características e acessórios que a pessoa usa etc., sem necessariamente haver desejo sexual ou atração romântica pela outra pessoa. Ainda existe a atração platônica, um desejo de construir uma relação emocional com a outra pessoa, sem envolver romantismo ou prática sexual. Contempla-se ainda a atração sapiossexual, uma espécie de admiração que se desenvolve por pessoas dotadas de inteligência.

Os *demissexuais* são pessoas assexuais pertencentes a essa classificação da orientação assexual que apresentam características próprias, como os demais subgrupos. Os sujeitos demissexuais sentem atração sexual somente em contextos específicos, após desenvolverem um vínculo afetivo e de confiança com a outra pessoa com quem se envolvem no relacionamento. Tenho percebido em alguns comentários em redes sociais e no dia a dia que existe uma certa confusão em relação a demissexualidade como se ela fosse uma orientação sexual apartada da assexualidade, o que não é verídico. A demissexualidade é mais uma subclassificação no rol de subgrupos da orientação assexualidade.

A classificação *Gray-a*, também traduzida para o português como área cinza das pessoas assexuais que se localizam nesse subgrupo da assexualidade e somente sentem atração sexual em determinados momentos e circunstâncias específicas, sem precisarem entrar em um relacionamento para que aconteça. Esse espectro da assexualidade torna-se demissexual. Porém, a zona cinza denominada de gray-A é uma área de instabilidade da prática sexual e que por isso pode ou não desenvolver relacionamentos ou práticas sexuais. Os assexuais fluídos são pessoas assexuais que ora se sentem como demissexual, ora se sentem como grayssexual. Em outras palavras, são pessoas cujos desejos sexuais flutuam ocasionalmente. O portal assexualidade.com.br afirma que:

Também existe confusão no entendimento entre a demissexualidade e o gray-a, pois, nesse caso, ambas as subclassificações abrangem os assexuais da área cinza, ou seja, aqueles que podem sentir atração sexual, mas que

não chegam a ser sexuais como os heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou pansexuais” (ASSEXUALIDADE.COM.BR, s/d).

Vale ressaltar que a ausência de atração sexual se aplica a maioria dos sujeitos assexuais conforme as convenções defendidas nas comunidades virtuais de assexuais e corroboradas por pesquisadores como Bogaert (2006, 2012); D’Andrea (2017), Prizybylo (2021), Bezerra (2015), Oliveira (2014), Neiva (2019), Brigeiro (2013) e outros.

3.5 A assexualidade representada em seriados da ficção audiovisual

A assexualidade é representada no meio audiovisual, principalmente internacional, em diversas séries e documentários, como em *Baring It All*, um documentário sobre David Jay, fotógrafo de moda e assexual ativista que havia fundado a AVEN, maior rede de assexuais do mundo. No Brasil, a representatividade da assexualidade na ficção audiovisual ainda é incipiente, como na telenovela *Travessia* (2022). Alguns documentários de curta duração que contam a história de pessoas assexuais são exibidos no canal do YouTube, por exemplo. Esses documentários são gravados em estúdios de TV e de cinema de algumas universidades, por acadêmicos da comunicação. Ainda não existe série ficcional nacional que aborde o tema da assexualidade. A narrativa *teen Malhação*, uma produção da TV Globo que foi exibida por diversas temporadas, apresentou uma rápida introdução da assexualidade nas suas exibições de 2009 e 2017.

O site brasileiro *Valkirias* é descrito na sua página inicial como um espaço criado e gerido por mulheres para abordar conteúdo da cultura pop. O portal aborda em uma matéria a representatividade da assexualidade na ficção e faz uma reflexão inicial dizendo da importância que é discutir sexo e sexualidades, como sinônimo de saúde. Porém, deve-se compreender “que a não-atração sexual é uma questão de saúde”. A discussão gira em torno de personagens assexuais na ficção, representando pessoas assexuais e, que segundo o site, os personagens mesmo sem estarem em relacionamentos são importantes para o não apagamento de sujeitos assexuais e aromânticos, que podem, também, não estar envolvidos em relacionamentos.

A matéria dialoga sobre a representatividade assexual e os comentários de produtores, diretores e do público, sobre os personagens assexuais. “A representatividade serve para que as pessoas se vejam e se identifiquem com partes delas que talvez ainda não conheçam, auxilia discussões e espalha conscientização. Porém, para que ela tenha

um efeito positivo, é preciso que essa representatividade seja bem feita” (VALKIRIAS, 2025). O primeiro seriado discutido é *Riverdale*, ao reportar que segundo os produtores a personagem Jughead Jones (Cole Sprouse) não seria assexual como foi apresentado nos quadrinhos, escrito por Chip Zdarsky. *Valkirias* afirma que um outro comentário negativo foi veiculado por Steven Moffat, escritor e produtor do seriado *BBC Sherlock* ao dizer que a personagem principal da sua série não seria “arromântico assexual” pois “não haveria tensão, não haveria graça”.

O site descreve que “personagens implicitamente assexuais e/ou arromânticos” são apresentados nas mídias como sujeitos desumanizados. A título de exemplo, a matéria cita *Doctor Who* e *The Good Place*. Ainda, segundo a matéria, a assexualidade na ficção é usada como um problema para outros personagens ou como comédia, para fazer o público rir. O portal diz que o programa *Late Late Show*, em 2003, apresentou um quadro de comédia intitulado ‘*Sebastian, the Asexual Icon*’ que por meio de comentários maldosos fazia a plateia dar risada. Já em, 2012, na oitava temporada do seriado *House*, a personagem principal questionou que a sua paciente fosse assexual. E em, 2014, no seriado *Sirens*, a personagem assexual *Voodoo* (Kelly O’Sullivan) foi questionada se ela era assexual de verdade.

No Brasil, a ficção *teen* *Malhação*, uma produção da TV Globo que foi ao ar por vários anos, na temporada de 2009, o personagem Alê (William Barbier) dizia não ter interesse por garotas. Durante a trama, ele tenta entender se era hétero ou gay. Segundo o portal *Valkirias*, na época foi uma chance que a ficção brasileira poderia ter explorado o que seria a assexualidade humana se a direção tivesse se apropriado do termo correto para nomear o tema. Em vez disso, utilizou-se do termo pejorativo assexuado para o personagem Alê, reforçando a ignorância em relação a assexualidade.

Já na temporada de 2017, *Malhação: Viva a diferença*, em um dos episódios, o personagem Guto (Bruno Gadiol) interpretou um homem que não gostava de sexo. Ao longo da temporada, ele namora com uma garota, mas respeitam os limites um do outro e não ultrapassam as barreiras, dando a entender que se tratava de um casal assexual heterorromântico. De novo, o tema foi apresentado superficialmente e sem ficar claro de que se tratava da assexualidade sendo representada na ficção audiovisual infanto juvenil.

A matéria diz que recentemente a Netflix apresentou o seriado *BoJack Horseman* que contou com o personagem Todd Chavez (Aaron Paul) dizendo ser nada, por não ser hétero e nem gay. Durante a temporada se assume como assexual, vai a um encontro de pessoas assexuais e namora uma outra personagem que também se apresenta como

assexual. Já no seriado *Sex Educacion*, a personagem Florence (Mirren Mack) ao contracenar com outra personagem sobre a sua falta de desejo por sexo, ouve o discurso preconceituoso de que ‘você apenas não encontrou a pessoa certa’. Quando Florence procura um terapeuta e diz que se sente quebrada, talvez não seja pela falta de sexo, mas pela pressão social e familiar que sofre por não gostar de praticar sexo.

No site das *Valkirias*, sobre a matéria que aborda a representação da assexualidade na ficção audiovisual, alguns comentários foram publicados no portal, conforme exemplos abaixo:

eu levei mais de 30 anos pra descobrir que existia a área cinza e que eu estava nela (demissexual-demirromântica) e minha vida ‘amorosa’ foi um pesadelo até ali. Faz muita falta mesmo a gente saber que existe o diferente e que pode ser nosso caso. Recentemente li um livro brasileiro que identifica um personagem como assexual, mas era tão superficial que acho que nem conta. Só é uma espécie de alívio por ao menos citar a condição (VANESSA, 2020).

Os comentários veiculados no portal *Valkirias* são de pessoas que se identificam como assexuais e reconhecem a necessidade de mais representatividade na ficção sobre o tema. A leitora do próximo comentário diz que se identifica como assexual, talvez aromântica, mas sente falta da representatividade na mídia. “Senti falta de duas representações canônicas que não foram mencionadas: o Bom Esponso e a Peridot, do desenho *Steven Universo*” (Izabella, 2020). A leitora afirma que as obras citadas por ela e que a matéria das *Valkirias* não abordou, não fazem referência à assexualidade dos desenhos, mas deixa pistas, inclusive pelos criadores das animações, como a segunda temporada de *Heartstopper* na plataforma Netflix com o personagem Isaac Anderson que se assume assexual na série, inspirado na criadora da obra que se identifica como assexual aromântica, segundo o site observatório do cinema¹¹.

Após a revisão teórica e empírica apresentada em tela, que abarcou o período de mais de 50 anos da exibição de personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas da TV Globo e traçada uma linha temporal de constituição da assexualidade, é hora de adentrar no capítulo que irá pormenorizar como se deu a visibilidade e a representatividade de mais uma orientação sexual, assexualidade, representada através de dois personagens assexuais inseridos em *Travessia* (Globo, 2022).

¹¹ Fonte: Observatório do Cinema. Disponível em: <https://observatoriodocinema.com.br/streaming/heartstopper-um-personagem-tem-significado-especial-para-criadora/> Acesso em 16/06/2025.

CAPÍTULO 4: ASSEXUALIDADE NA TELENVELA *TRAVESSIA*: Dois personagens assexuais

A tardia definição da assexualidade enquanto orientação sexual pode ter contribuído para a pouca visibilidade no meio audiovisual, pelo menos até o final do século XX. A partir do início do século XIX, com o advento das redes sociais e a ampliação de pesquisas sobre assexualidade, o tema passa a ser debatido em sociedade e ganha visibilidade na ficção, incluindo séries e telenovelas. Ao longo do século XX, os meios de comunicação tradicionais do audiovisual, como o rádio, a televisão e o cinema não abordaram a assexualidade na ficção televisiva, como orientação sexual identitária de uma parcela da sociedade brasileira. Talvez se justifique a ausência de representatividade do tema no audiovisual, pela falta de definição do que fosse, na época, o termo guarda-chuva assexualidade, como é conhecido na atualidade do século XXI. A invisibilidade de sujeitos assexuais não se deu apenas no Brasil, mas pelo mundo afora, tanto na ficção televisiva como nas redes sociais, até o final do século XX.

O apagamento dessa orientação está diretamente relacionado à vagarosa expedição, na própria sociedade, sobre a fluidez que envolve a complexidade da sexualidade humana. Conforme explica White (1998), (...) “os meios de comunicação não são meros meios de transporte de informação, mas revelam significados culturais criados num determinado período histórico” (WHITE, 1998, p. 76). A afirmação do autor dialoga com a importância dos meios de comunicação para a visibilidade através da representação de temas importantes da sociedade, como a assexualidade.

Vale lembrar que a assexualidade foi exibida pela primeira vez em uma telenovela da TV Globo, no horário nobre, com a presença de dois atores masculinos que interpretaram dois subgrupos do termo guarda-chuva da assexualidade. *Travessia* (Globo, 2022) inovou ao apresentar vários temas atuais presentes na sociedade brasileira e a assexualidade fez parte dessa inovação. Inicialmente, essa trama estava programada para ir ao ar no ano de 2021, porém, por conta da Pandemia do Covid-19, a sua exibição foi adiada para outubro de 2022.

Segundo o portal *observatv*¹², em vez de *Travessia*, a trama *Todas as flores* (Globo, 2022) é que estava cotada para ser veiculada em seu lugar, na data e horário para exibição em canal aberto. A TV Globo mudou de ideia e colocou *Todas as flores* (Globo, 2022) na sua plataforma de streaming, Globoplay. Tal mudança juntamente com as

¹² <https://observatv.com.br/teledramaturgia/travessia/>

turbulências do pós – Covid-19, a eleição presidencial (2022), a Copa do Mundo no Qatar (2022) e as festas de fim de ano, podem ter contribuído para que *Travessia* não atingisse os altos índices de audiência esperados.

Para investigar a visibilidade e a representatividade da assexualidade na telenovela *Travessia* (Globo, 2022), utilizarei a técnica de observação como procedimento metodológico para a coleta de dados empíricos, por meio da assistência à telenovela, sendo que, pela primeira vez, a assistência se deu no canal aberto da TV Globo e na segunda assistência foi através da plataforma Globoplay. Para analisar os dados coletados, entre imagens e textos, foi empregada a análise de conteúdo para auxiliar na compreensão do tema explorado, a partir das contribuições de Bardin (2016, Rose (2002), Silva (2014) e Hall (2016) entre outros. Outro método utilizado na pesquisa foi o acesso, a leitura e a coleta de dados em portais de notícias online, sites, fóruns, blogs e em rede sociais de comunidades virtuais de assexuais. A netnografia, uma espécie de etnografia digital, é o lugar de buscas para pesquisas na internet, conforme entendimento de Kozinets (2014).

Para Bardin (2016), a análise de conteúdo é um método aplicado à interpretação do objeto empírico e a sua adaptabilidade depende do que se pretende como objetivo. Portanto, analisar cenas, falas, gestos, espaço geográfico, afetos, intrigas, paixões, interação social, signos de comunicação, entre outros, fazem parte do contexto objetivo da pesquisa. A autora vai nos dizer que podemos falar em análise de conteúdos, em vista da vasta possibilidade de aplicação e interpretação, inclusive, analisar significados de expressões e termos utilizados nas falas dos personagens assexuais na telenovela *Travessia*.

A representatividade do tema assexualidade pelos personagens Caíque e Rudá se utilizou de símbolos, comportamentos e neologismos linguísticos durante a encenação deles enquanto sujeitos assexuais. Comparato (2009, p. 67) discorre que: “Personagem vem a ser algo como personalidade e se aplica às pessoas com um caráter definido que aparecem na narração”. A personalidade e o caráter ético de respeito tornaram-se visíveis na trama para a audiência. Eles buscaram se aproximar da realidade dos sujeitos assexuais a partir de estudos que fizeram em livros, conversas e busca em comunidades virtuais de assexuais. “Concluimos que a personagem de ficção não é real, mas deve parecer real” (COMPARATO, 2009, p. 81).

A representação da assexualidade na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) parece ter contribuído para dar maior visibilidade aos sujeitos assexuais, para além das comunidades virtuais, criadas por eles e que se limitam, na sua maioria, à

autoidentificação e a sociabilidade entre os membros das comunidades. A teledramaturgia trouxe uma demanda da realidade social para a ficção, expandindo a compreensão, a aceitação, a visibilidade e o respeito da sociedade. As afirmações de Lopes (1995) contribuem com a discussão, ao dizer que “os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos [...]” (LOPES, 1995, p. 102). A autora afirma que essa articulação está impregnada no microespaço controlado pelo sujeito e no macroespaço que foge do seu controle.

Passadas mais de duas décadas da consolidação internacional e nacional da assexualidade como orientação sexual, a partir da produção teórica sobre o tema, da criação e engajamento de comunidades virtuais de assexuais, o meio de comunicação audiovisual, por meio da telenovela, também passou a dar voz e espaço para a temática. A assexualidade foi representada por meio de dois espectros assexuais, o romântico e o arromântico estrito, trazendo a colaboração de Hall (2016), quando afirma que representar é produzir significados dos conceitos mentais através das diversas formas de linguagem. Portanto, a representação oral e visual traduz conceitos mentais em significados que são apropriados pelo público na sua prática cultural.

Os dois personagens foram se desenvolvendo de forma gradual, conforme suas aparições na trama, dando continuidade até o final da telenovela, ainda que marcada pela ausência deles em alguns capítulos intercalados. Essa dinâmica de apresentação dos dois personagens assexuais será percorrida com profundidade neste capítulo, por meio da coleta, análise e interpretação de dados, como textos e imagens capturados da atuação dos personagens assexuais, Caíque e Rudá. Serão apresentados também gráficos, tabelas e quadros analíticos que pretendem explicitar a atuação dos personagens na representação e visibilidade da assexualidade.

Para o pesquisador Silva (2014): “(...) o percurso de recorte do objeto empírico antecipa a discussão do método e sua readequação passa pela escolha de uma determinada narrativa seriada [...] seus personagens e interrelações” (SILVA, 2014, p. 3). Ao estudar representação no meio audiovisual por meio da telenovela, enquanto gênero da ficção televisiva seriada, devemos entender que este lugar reúne uma gama de categorias que podem ser analisadas. Rose (2002), ao estudar imagens em movimento assevera que: “(...) as representações da mídia são mais que discursos. Elas são um amálgama complexo de texto, escrito ou falado, imagens visuais, e as várias técnicas para modular e sequenciar a fala, as fotografias e a localização de ambas (ROSE, 2002, p. 345).

4.1 Ambientação, principais núcleos narrativos e a duração de *Travessia*

A telenovela *Travessia* (Globo, 2022), obra ficcional da TV Globo, escrita por Glória Perez, foi gravada e ambientada em lugares diferentes, como parte do elenco que viajou para gravar o início da trama em Portugal. Na sequência, outra equipe de atores e atrizes gravou em São Luís, capital do Maranhão. Depois, todo o elenco se reúne no Rio de Janeiro e dá continuidade às gravações, em cidade cenográfica, como por exemplo reproduzindo a Vila Isabel e apresentando imagens panorâmicas de pontos turísticos carioca.

Para fazer uma breve contextualização da telenovela *Travessia* (Globo, 2022) irei apresentar três núcleos principais pelos quais a história se entrelaça e se desenvolve no percurso narrativo: O núcleo 1, de Portugal é onde se inicia a trama com os personagens da família do empresário Moretti, incluindo Rudá (Guilherme Cabral), Guida (Alessandra Negrini) e Moretti (Rodrigo Lombardi). Esse núcleo inclui o personagem Rudá, que no início da trama aborda como tema principal a desinformação por meio da manipulação e disseminação de imagem e voz, prática chamada de *Deepfakes* que se apropria da inteligência artificial.

O núcleo 2, em São Luís do Maranhão, inclui a personagem Brisa (Luci Alves), que é vítima da *Deepfake* que Rudá dispara em Portugal e a acusa de sequestradora de criança, além de Ari (Chay Suede), Núbia (Drica Moraes) e o professor Dante (Marcos Caruso). A discussão gira em torno do romance de Brisa com Ari que cresceram juntos em Mandacarú, interior do Maranhão e depois se mudam para a capital. Brisa é acusada de ser sequestradora de crianças quando Rudá ainda estava em Portugal e junto com os colegas cria e dissemina uma *deepfake*. Ela sofre uma tentativa de linchamento e foge para o Rio de Janeiro. Os personagens Dante e Ari também defendem a proteção dos casarões históricos de São Luís contra a especulação imobiliária.

O núcleo 3, do Rio de Janeiro, incluiu os personagens assexuais, Caíque e Rudá, o empresário Guerra (Humberto Martins), a delegada Elô (Giovanna Antonelli) e o advogado Stênio (Alexandre Nero), entre tantos outros. Os temas desenvolvidos se conectaram e dialogaram com os outros dois núcleos por meio de viagens dos personagens. A partir do Rio de Janeiro, a narrativa continua suas relações e reviravoltas que se ambientam em terras cariocas, com cenas urbanas de pontos turísticos e a reprodução da Vila Isabel em cidade cenográfica.

A autora abordou temas sensíveis do “mundo” digital que envolveu o uso de tecnologias digitais e resultavam em desinformação, crimes virtuais e dependência digital, por meio de *fake news*, *Deepfake* e inteligência artificial, por exemplo. Por outro lado, ela inseriu dois personagens assexuais, Caíque e Rudá, que interpretaram dois subgrupos, o romântico e o arromântico estrito, pertencentes ao guarda-chuva da orientação assexualidade. O interesse da pesquisa é investigar e interpretar a visibilidade e a representatividade da assexualidade veiculada na narrativa, a partir da análise empírica feita pela observação durante a assistência da obra, dialogando com teorias sobre assexualidade, metodologia de aplicação em estudos de telenovelas e a busca em portais de notícias online, comunidades virtuais e redes sociais de sujeitos assexuais.

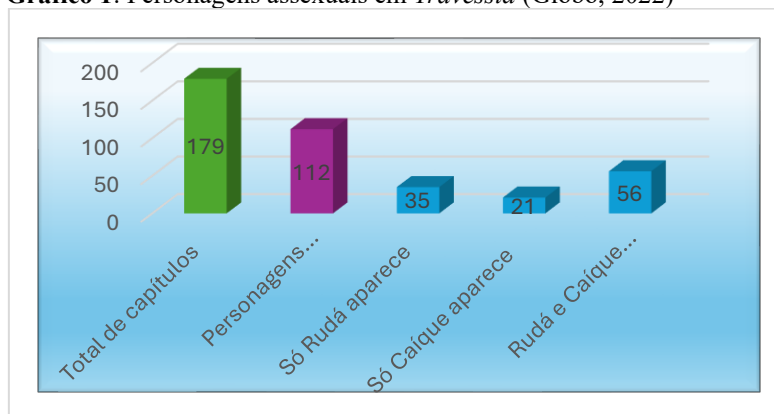
A telenovela *Travessia* (Globo, 2022) teve início em 10 de outubro de 2022 e o seu final se deu em 05 de maio de 2023, totalizando 179 capítulos de exibição no horário das 21 horas, conhecido pela convenção de horário nobre. O folhetim esteve no ar por quase sete meses de duração em canal aberto. A trilha sonora de abertura ficou por conta da música *Tempos Modernos* de Lulu Santos que foi regravada na voz de seu Jorge, exclusivamente para a telenovela.

O tema assexualidade foi introduzido a partir do capítulo 37, quando o personagem Caíque (Thiago Fragoso) entra em cena. Rudá (Guilherme Cabral) inicia o papel de um adolescente assexual logo no capítulo seguinte. Os personagens que irão se revelar assexuais aparecem em 112 capítulos da telenovela. Somando-se os 36 capítulos iniciais e mais 31 capítulos intercalados em que eles não aparecem, totalizou-se 67 capítulos sem a presença dos personagens assexuais ao longo de toda a exibição da teledramaturgia. Silva (2014, p. 8) compreende que: “O percurso do conteúdo segue as cenas nas quais ocorrem os conflitos e as inter-relações entre os personagens nestes capítulos em específico.”

A aparição do personagem assexual Rudá (Guilherme Cabral) se tornou frequente em maior número de capítulos em relação a Caíque. Ele aparece sozinho como assexual em 35 capítulos. Já Caíque aparece sozinho como assexual em 21 capítulos. Em outros 56 capítulos aparecem os dois personagens assexuais, ainda que não contracenem juntos nas aparições deles dois em um mesmo capítulo. A proximidade entre eles foi desenvolvida, a partir do início do namoro de Caíque com Leonor (Vanessa Giacomini). A casa da tia Cotinha (Ana Lúcia) foi o lugar em que os dois se conheceram, visto que frequentemente Rudá saía da casa de sua mãe para ficar na casa da tia dele. Já Caíque visitava a namorada, Leonor, que morava na casa da tia Cotinha.

O gráfico a seguir apresenta o número total de 179 capítulos exibidos em *Travessia* por quase 7 (sete) meses no ar. Desse total, 112 deles contaram com a participação dos dois personagens assexuais, Caíque e Rudá. Dos 112 capítulos em que eles atuam, aparecem cenas dos dois personagens em 56 deles, ainda que não contracenem juntos em vários desses capítulos.

Gráfico 1: Personagens assexuais em *Travessia* (Globo, 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Nas diversas situações em que Caíque e Rudá contracenaram, o propósito foi falar de suas orientações sexuais como assexuais ou dos dilemas pessoais enfrentados por eles, os preconceitos sofridos na convivência familiar e social. Portanto, o laço de amizade entre os dois personagens serviu para fortalecer a ambos, fato que ficou evidenciado nos diálogos entre os dois personagens. As encenações dos encontros deles como amigos na telenovela demonstraram empatia, respeito, companheirismo e solidariedade, quando falavam de suas vidas em várias instâncias, para além da orientação sexual de cada um deles. Comparato (2009, p. 68) afirma que: “Sendo as personagens seres ficcionais elas não são reais, todavia devem ocasionar a sensação de realidade com porções de verossimilhança e alguma veracidade”.

A veracidade referida se faz presente quando os personagens assexuais buscam se aproximar da realidade dos sujeitos assexuais reais, ao contracenarem em *Travessia* e abordarem dilemas, conflitos, preconceitos, símbolos, comportamentos e vocabulário do qual o público assexual se apropria no cotidiano. No entendimento de Comparato (2009, p. 77) os personagens não são falsos, são autênticos: “E assim podemos repetir que as personagens são seres sinceros, por que tudo aquilo que pensam expõem por meio da fala e tudo quanto sentem expressam por meio de ações.”

Os dados estatísticos apontados no gráfico cima, demonstram que os dois personagens assexuais se fizeram presentes na teledramaturgia para falarem ao público de suas vidas e de outros sujeitos assexuais, na intenção de trazer visibilidade e representatividade da assexualidade para a audiência, enquanto orientação sexual legítima, pouco representada na ficção televisiva brasileira, logo desconhecida do grande público.

É importante dizer que nem todas as cenas em que eles apareceram, juntos ou separados, foram para falar sobre suas orientações como assexuais. A representação não ficou engessada no tema, eles dialogaram sobre lazer, amigos, famílias e de suas histórias pessoais, por exemplo. “Uma personagem é um ser único e tem as suas impressões digitais como qualquer outro ser humano. Um passado, uma infância, uma adolescência, sofrimentos e alegrias.” (COMPARATO, 2009, p. 80).

A interpretação da assexualidade em *Travessia* (Globo, 2022) se dá pela análise dos diálogos tecidos em torno da discussão gerada sobre os personagens assexuais Caíque e Rudá. A representação oral e visual traduz conceitos mentais em significados que são apropriados pelo público na sua prática cultural. O processo de interpretar envolve complexidade e Hall (2016) entende que a representação se utiliza da linguagem para expressar algo sobre o mundo a outras pessoas.

Mas, em que consiste ser assexual? Como os outros personagens do núcleo de convivência que contracenaram com eles reagiram? Carvalho (2019, p. 1) entende “(...) que uma das principais características da comunidade assexual é a sua diversidade, Chasin (2011) e Carrigan (2011) referem que a definição de assexualidade como ausência de atração sexual por outros é percebida como um termo generalista”.

Antes de selecionar, analisar e apresentar a quantidade de cenas em que Caíque e Rudá apareceram, quero acionar outro tópico de abordagem para aprofundar a discussão e a compreensão do desenvolvimento de Caíque e Rudá. Estou me referindo aos arcos narrativos dos personagens assexuais.

4.2 Arcos narrativos e a identidade dos personagens assexuais Caíque e Rudá

A convivência familiar e de amizade se articulou entre a casa da tia Cotinha (Ana Lúcia Torres) e a casa de Guida (Alessandra Negrini), mãe de Rudá e que foi casada com Moretti (Rodrigo Lombardi). A tia Cotinha é a matriarca da família e conselheira das sobrinhas que são irmãs, Guida e Leonor (Vanessa Giácomo). Por afinidade, todas as

pessoas que frequentavam a casa chamam-na de tia Cotinha. A casa dela funcionava como ponto de encontro de várias gerações, incluindo amigos e amigas.

Rudá é filho do primeiro casamento de Guida, por conseguinte enteado de Moretti e sobrinho de Leonor e da tia Cotinha. Caíque entra nesse núcleo familiar quando conhece e começa a namorar Leonor. Não demora muito e ele se torna amigo da família. No decorrer da trama, na casa da tia Cotinha, Caíque se aproxima de Rudá, torna-se amigo do adolescente e o auxilia no processo de descoberta e aceitação da sua orientação sexual, como assexual aromântico estrito, um subgrupo da assexualidade.

A primeira cena do personagem assexual Caíque (Thiago Fragoso) foi exibida no capítulo 37 de *Travessia*, dia 21 de novembro de 2022. Na ocasião, ele aparece passeando de bicicleta no parque que fica à margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro. Nesse momento, Leonor aparece pedalando pelo parque e os dois trocam olhares. Ela, ao chegar na casa da tia Cotinha, com quem convive, afirma que conheceu um pretendente, mas que não sabe o nome dele, pois somente se cruzaram. A imagem a seguir exemplifica o momento do encontro entre eles.

Figura: Primeira vez que os futuros namorados se cruzam



Fonte: Captura de tela pelo autor da pesquisa

O personagem Caíque viveu em *Travessia* (Globo, 2022) um jovem adulto que se apaixona pela personagem Leonor (Vanessa Giacomini). Esta também se revela apaixonada pelo rapaz e engatam um namoro, mas após investidas da moça no desejo de desenvolver uma relação sexual com o namorado, ela se torna frustrada por não ser correspondida. Caíque, então, fala para Leonor que não sente atração sexual por outra pessoa e logo dirá para ela que não sente desejo pela prática do sexo e contenta-se com um namoro pautado no afeto e no romantismo, baseado em toques, conversas, olhares e companheirismo.

O personagem assexual de espectro romântico, localiza-se na subclassificação heterorromântico, que segundo a definição em comunidades virtuais de pessoas assexuais, o heterorromântico é o assexual hétero que desenvolve atração romântica pelo

sexo oposto. Este espectro da assexualidade tem interesse em relacionamentos afetivos e amorosos, pautados na atração romântica, logo não sente atração ou desejo sexual pelo(a) parceiro(a). Carvalho (2019), uma pesquisadora portuguesa, estudou a orientação romântica dentro da diversidade da assexualidade. Ela afirma que “A atração romântica pode ser definida como o desejo por uma relação, usualmente com outra pessoa em particular, e é caracterizada por sentimentos de afeto e de vinculação emocional (Diamond, 2003).” (CARVALHO, 2019, p. 6).

Já o personagem Rudá apareceu na narrativa desde os primeiros capítulos, junto com a família em Portugal, envolvido com a produção e disseminação de *deepfake*. A sua aparição como um adolescente que está se descobrindo sexualmente e afirmando a sua orientação sexual se inicia somente no capítulo 38 de *Travessia*, quando ele já havia se mudado para o Rio de Janeiro com a família.

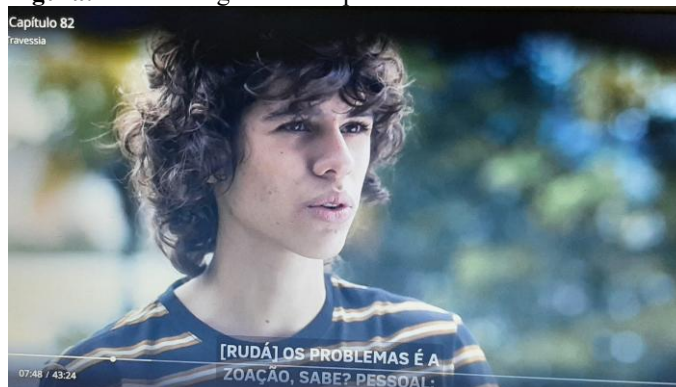
No começo, o jovem ainda não sabe se é assexual e a qual espectro da assexualidade ele pertence, pois sendo um adolescente sente-se confuso, porém com o desenrolar da telenovela isso ficará resolvido para ele. Rudá se apresenta como um jovem tímido, que gosta de ficar no seu quarto e com frequência visita as suas tias, Cotinha (Ana Lúcia) e Leonor. Porém, apesar da sua timidez, Rudá é um adolescente atento às tecnologias, redes sociais e se posiciona nos assuntos tratados em família e quando é questionado sobre o seu comportamento, ele se defende com clareza e enfrenta os preconceitos sofridos.

O personagem sabe que é diferente da maioria dos garotos. Sob pressão do padrasto Moretti (Rodrigo Lombardi), mostra-se incomodado com os insultos que sofre e passa a conversar com as suas tias e a sua mãe, Guida (Alessandra Negrini), sobre a situação. O jovem sofre preconceito na convivência familiar por ser um adolescente que não se envolve com meninas para namorar. Rudá gosta de ficar em casa e possui poucos amigos, sendo questionado sobre ser gay pelo padrasto Moretti (Rodrigo Lombardi) e pela mãe, Guida. O personagem toma atitude de reagir às provocações do padrasto, retruca e o enfrenta quando sofre atitudes preconceituosas e insinuações. Mostra-se um jovem corajoso, educado e que sabe se posicionar, quando se defende perante a sua mãe e ao seu padrasto.

A sua rotina de adolescente, em *Travessia*, se dá entre a casa da personagem tia Cotinha e a casa de Guida, sua mãe. O jovem diz para ela: “comecei a entender por que eu sou assim, por que não me sinto encaixado em lugar nenhum (...) Você acha esquisito, todo mundo acha esquisito, eu não me interessar por garotas”. A partir da sua

fala, sentindo-se “esquisito” e deslocado do “padrão normativo”, a sua mãe, indaga: “Então, é pelos garotos que você se interessa? (...) Rudá, eu não tenho o menor problema com o fato de você ser gay! Mas o menor! Acredita nisso, meu filho!”. Portanto, os personagens, mãe e filho, traçam um diálogo para exemplificar os preconceitos que os sujeitos assexuais sofrem na realidade, começando no meio familiar. Em seguida, Rudá responde para Guida: “Eu não sou gay! (...) Não sinto atração por ninguém!” A imagem com legenda abaixo exemplifica como os preconceitos incomodam a Rudá.

Figura: Rudá dialoga sobre os preconceitos sofridos



Fonte: Telenovela Travessia (2022)

Nesse contexto, os personagens assexuais tornam-se amigos, visto que Caíque namora a tia de Rudá, Leonor, passando a se encontrarem com frequência na casa da tia Cotinha. Nesses encontros, Caíque observa o comportamento de Rudá e chega a falar para a sua namorada que o sobrinho dela é assexual. Em uma das cenas, os dois conversam e tratam do assunto. Rudá sente-se acolhido na conversa com Caíque e tecem uma amizade. Caíque entende e afirmará que o espectro da assexualidade de Rudá é arromântico estrito, que segundo convenções das comunidades de assexuais, como o coletivo AROACEIROS, o assexual arromântico estrito é a pessoa que não desenvolve nenhum tipo de atração romântica por outra pessoa. A página no Instagram dos Aro Aces traz uma explicação sobre arromanticidade assexual. Até meados do ano de 2022, o conteúdo da referida página contava com mais de 400 curtidas. Segundo esse coletivo:

É importante lembrar que a ‘arromanticidade’ não é sinônimo de ‘arromanticidade estrita’ porque dentro do espectro existem também identidades nas quais a pessoa pode sentir atração romântica de forma parcial (raramente, intensidade baixa, irregularmente, em picos etc) ou condicionalmente (dependendo de circunstâncias específicas para a atração existir ou não existir) (AROACEIROS, s/p, 2020).

Outra comunidade assexual que trata da arromanticidade é o blog *assexualidadebrasil*, que apresenta uma breve explicação sobre vários subgrupos da

romanticidade assexual. Além da descrição que define os diversos tipos de atração romântica, o blog inseriu as bandeiras correspondentes a cada subclassificação. A imagem a seguir representa a bandeira dos assexuais arromânticos estritos, igual ao personagem Rudá. Segundo a comunidade *assexualidadebrasil*: “Arromântico Estrito: Pessoa que não sente atração romântica em nenhum momento/circunstância por nenhum gênero” (ASSEXUALIDADEBRASIL, 2016, p. 1).

Figura: Bandeira Arromântico Estrito



Fone: Blog assexualidadebrasil

Para Carvalho (2019), a romanticidade assexual inclui românticos e arromânticos. Ela apresenta o senso feito pela AVEN em 2016, quando constatou que em torno de 29% de assexuais arromânticos estavam em um relacionamento romântico com outra pessoa. A pesquisadora faz um contraponto com outras teorias que afirmam ser a arromanticidade estrita e que, portanto, não desenvolve relacionamento romântico com outra pessoa. “Apesar de autores como Scherrer (2008) e Carrigan (2011) definirem um indivíduo arromântico como alguém que não experiencia atração romântica e não procura um parceiro romântico (...)” (CARVALHO, 2019, p. 44). A autora entende que os arromânticos não estritos podem desenvolver, ocasionalmente, relacionamento romântico com outra pessoa.

Em mais uma cena familiar, o jovem dirá para a sua mãe que teve uma conversa com Caíque e se descobriu assexual. A genitora não reage bem e o questiona: “Assexual? Não, não, esse Caíque está influenciando você. Você só está perdido, tentando encontrar sua identidade. Esse Caíque não tem nada que ficar pondo ideias na sua cabeça (...) não quero mais ouvir nada! Quem vai ouvir é ele”! Rudá rebate a reação de sua genitora e diz que apenas o amigo Caíque o ajudou a se entender como assexual. Alega que agora está se sentindo bem, a partir do diálogo entre ele e o amigo, Caíque. Guida diz que o filho, Rudá, precisa é de um “bom psicólogo” e o jovem afirma que não precisa de psicólogo.

Mostra-se contundente nas suas falas e não aceita ser tratado como se tivesse algum distúrbio psicológico ao dizer que é assexual.

Figura: Rudá responde a sua mãe que não sente atração por ninguém



Fonte: Captura de tela pelo autor da pesquisa

O personagem Rudá, ao afirmar que não sente atração por ninguém, localiza-se no subgrupo arromântico estrito da assexualidade. Para a sua mãe, Guida, ele afirma que foi com a ajuda das comunidades assexuais que chegou ao entendimento de que era assexual estrito. Carvalho (2019) apresenta as contribuições de Scherrer (2008) e de Carrigan (2011) quando afirmam que:

(...) a maioria dos assexuais constrói a sua própria identificação como assexual, o que resulta num denso conjunto de termos que estão intrinsecamente ligados, os quais se referem a indivíduos que experienciam atração sexual sob circunstâncias específicas, a indivíduos que experienciam baixos níveis de atração sexual ou a indivíduos que não experienciam nenhuma atração (CARVALHO, 2019, p. 2).

Ainda que a romanticidade seja fluída e possa permear diversos espectros da assexualidade, Rudá se apresenta como assexual arromântico estrito, sem desenvolver qualquer interesse por relacionamento romântico com outra pessoa.

Rudá continua sofrendo pressão do seu padrasto, Moretti, que questiona a sexualidade do jovem, pelo fato de ele não arrumar namorada, fugindo do padrão heteronormativo, convencionalmente esperado na família e na sociedade. Moretti age de modo irônico e agressivo acerca do comportamento tímido e introvertido de Rudá, chegando a colar cartazes sensuais de mulheres na parede do quarto do jovem. O adolescente, Rudá, não se intimida e enfrenta o padrasto, arranca os cartazes da parede do seu quarto, mostra para a sua mãe, Guida, e demonstra ser um adolescente destemido que consegue se posicionar, criticando as atitudes preconceituosas que enfrenta no seio da família, relacionadas à sua orientação sexual.

Arcos narrativos de Caíque e Rudá

Entre os vários arcos narrativos como estruturas de análise do desenvolvimento de um personagem, Caíque se enquadra em dois: os arcos do crescimento e da estagnação. Já o personagem Rudá se insere nos arcos de crescimento, de desenvolvimento e de redenção. Os personagens assexuais desenvolvem seus arcos de atuação ambientados na cidade do Rio de Janeiro.

O arco de crescimento do personagem Caíque se inicia quando ele passeia de bicicleta no parque da Lagoa Rodrigo de Freitas e conhece Leonor, sua futura namorada. Os passeios de bicicleta e os encontros no parque se tornam frequentes entre os dois. Em certo dia, ele a convida para tomar suco na lanchonete, falam da vida profissional e de experiências vivenciadas por ambos. Em outros momentos da trama, Caíque passa a frequentar a casa de Leonor que mora com a tia Cotinha.

Figura: Segundo encontro entre Caíque e Leonor



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

Eles começam a namorar, os encontros se tornam mais frequentes, tanto no parque como na casa da jovem. Ele se apaixona pela namorada, que diz sentir o mesmo por ele. Porém, Caíque não diz para ela que é assexual. Ele é romântico, atencioso e carinhoso com a namorada, compra vinho, passeia e assiste filmes com ela na casa da tia Cotinha e no cinema. Caíque abraça e beija Leonor, demonstra afeto. A moça, pelo motivo de ser *alosssexual*¹³, sente atração e desejo sexual por ele, que não a corresponde. Caíque chega a fugir da presença de Leonor em momentos íntimos, para escapar das investidas dela por sexo. Mostra-se angustiado e a pressão sobre ele aumenta para que atenda ao apelo da namorada. Ele reage com fugas e desculpas de que está passando mal.

¹³ Alosssexual é um termo definidor para pessoas que sentem atração sexual por outras.

O auge da angústia que Caíque sofre é quando os dois viajam para a praia de Búzios e mais uma vez, Leonor investe para ter relação sexual com ele, mas Caíque foge e deixa a namorada sozinha na hidromassagem. De novo, ele afirmou que não estava passando bem e que por isso não conseguia manter relação com a namorada. Eles voltam de carro para a cidade do Rio de Janeiro, ficam brigados e não se falam durante a viagem. Passado algum tempo, Caíque avista Leonor andando de bicicleta no parque, mas ela o ignora.

Ele tenta se reaproximar dela por diversas vezes, inclusive indo até a casa da tia Cotinha. Em outra cena, Caíque se passa por cliente interessado em alugar um apartamento, agenda uma visita ao imóvel para ser recepcionado por Leonor, sem que ela soubesse que ele seria o interessado. Ao chegar no local, ela descobre que o encontro foi uma armadilha dele para conseguir falar com ela. Nessa ocasião, é quando ele revela para Leonor que é assexual.

Os dois não reatam o namoro, mesmo havendo afinidade entre eles. Tornam-se amigos e o personagem Caíque entra no arco de estagnação. A partir desse momento, continua se encontrando com Leonor no parque e na casa da tia Cotinha. Mantém amizade com Rudá, com a tia Cotinha, com Leonor e com o Oto (Rômulo Estrela), seu amigo de infância, com o qual Caíque desabafa por diversas vezes sobre não conseguir ter atração sexual, se angustiar e decepcionar a quem ele namora. Caíque é orientado pelo amigo Oto a ser sincero e que ao começar um novo relacionamento, deve dizer para a pessoa que é assexual e que somente sente atração romântica, para que ambas as partes não tenham as expectativas frustradas.

Caíque fica sozinho por algum tempo e começa uma nova paquera com Talita (Dandara Mariana), mas o problema que aconteceu com Leonor se repete. Caíque não seguiu o conselho do amigo Oto e novamente fica angustiado, em um novo encontro quando estava aos beijos e abraços com a moça, ele finge passar mal e vai embora do local. Depois ele tenta se explicar para a jovem que não o entende. Ela pensou que foi preterida por ele e se sentiu culpada. Caíque mais uma vez fica sozinho e no final da trama ele apareceu num restaurante com a personagem Luana (Mariana Vaz) que é sua esposa na vida real e aceitou o convite para fazer a participação como Luana, noiva do assexual Caíque nos últimos capítulos de *Travessia*.

Os arcos narrativos do personagem Rudá passaram por momentos diferentes, desde a sua estadia em Portugal, quando produziu e espalhou a *deepfake*, o seu desenvolvimento enquanto personagem assexual, até a sua redenção nos últimos capítulos

de *Travessia*, quando se redime e assume ter sido o autor do *deepfake* contra Brisa. Ainda no início da narrativa, quando ele morava em Portugal, manipulou e compartilhou nas redes sociais a imagem e a voz de uma mulher como sequestradora de crianças. O fato de ser um adolescente, limitado às regras da família, em processo de crescimento e descobertas, não lhe tirou a oportunidade de se posicionar por diversas vezes para se defender e se posicionar em assuntos familiares e pessoais.

Essa aparição do jovem no início da telenovela em terra lusitana é passageira. Depois ele fica sem aparecer em cena por um bom tempo até que a sua família se muda para a cidade do Rio de Janeiro. A partir do capítulo 38 de *Travessia* (Globo, 2022), ele reaparece na trama discutindo com Moretti, seu padrasto. A partir de então, o adolescente é direcionado na telenovela a representar um personagem assexual aromântico estrito, aquele que não desenvolve atração romântica ou sexual em nenhuma hipótese.

O personagem Rudá se apresenta como um adolescente em fase de afirmação pessoal e construção de sua identidade, não gosta de sair de casa, costuma ficar no seu quarto, com frequência é provocado pelo padrasto, tem uma relação distante com a sua mãe, a personagem Guida. Ele vivia arrumando e desarrumando a sua mala nas diversas idas e vindas para a casa da tia Cotinha na intenção de fugir da pressão familiar, quando era cobrado para arrumar uma namorada e sair de casa para encontrar com amigos. Na casa da tia Cotinha, ele era sempre bem-vindo, ficava mais descontraído, interagiu com a tia Leonor, a tia Cotinha e com Caíque que se tornara seu amigo. Rudá é um adolescente que prima pela justiça, desabafa com os familiares sobre a rotina de pressão que enfrenta em casa, pelo padrasto Moretti e pela sua mãe, Guida, que desconfia que Rudá seja gay ou confuso e que carece de terapia com psicólogo. O adolescente não aceita a ideia e questiona os estigmas enfrentados em casa.

Rudá vivencia os conflitos da relação conturbada até a separação de sua mãe Guida com o esposo dela, Moretti. Frequentemente ele opinava sobre as atitudes da sua mãe e do padrasto quando observava o que acontecia com eles e não concordava, mas suas opiniões não eram levadas a sério na família. O fato de Rudá ficar bastante tempo em casa, não se enturmar e não namorar, incomodava seu padrasto que insinuava, com provocações irônicas, que o jovem era gay. A sua mãe entra nessa “pilha” de pressão alimentada pelo esposo a ponto de se sentir incomodada com o comportamento retraído e tímido do filho. Em uma conversa entre eles, Rudá afirma para sua mãe que não é gay.

Na casa da tia Cotinha, Rudá também irá ser questionado pelas tias Leonor e Cotinha sobre namoro. Ele se incomoda com as falas em torno do assunto, a ponto de

ficar aborrecido em algumas oportunidades. Rudá vive esse processo contínuo de cobranças para sair de casa, ir olhar as mulheres na praia e na rua, frequentar festas, se enturmar com amigos e namorar, inclusive após a separação de sua mãe, quando ele muda em definitivo para a casa da tia Cotinha.

Figura: Rudá desabafa para Caíque sobre sua orientação sexual



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

Ele conversa por diversas vezes com Caíque sobre relacionamentos, questiona por que Caíque terminou o namoro dele com a sua tia Leonor, sendo que eles se gostavam. Essa amizade com o personagem Caíque servirá de base para que Rudá se reconheça e se assuma como assexual aromântico estrito. Ele fala que se sente estranho, que não acha graça de namorar, não sente desejo nem atração por ninguém e reclama da pressão familiar que ele sofre para se envolver num relacionamento amoroso.

No final da trama, o personagem Rudá fica sabendo que o *deepfake* que ele fez e compartilhou em Portugal foi que desencadeou a perseguição e tentativa de prisão de Brisa (Luci Alves), quando foi considerada como sequestradora de crianças, no início de *Travessia*, em São Luis do Maranhão. Rudá reconhece o seu erro, espera ser punido pelo que fez e percebe que outras pessoas podem ser presas por sua causa, procura Brisa para dizer que foi o autor do crime, pede perdão para ela, em seguida se apresenta na Delegacia, diz para o delegado de investigação que foi o autor da *deepfake* que prejudicou Brisa e que está disposto a responder pelo ato.

A masculinidade enquanto constructo social, vem passando por atualizações na sociedade. Ainda existem aqueles modelos que por serem educados no gênero masculino, no convívio familiar e social, acreditam ser superiores e devem provar isso, inclusive pelo número de namoradas que arrumam, pelas relações sexuais que praticam e pela força física que possa ter. Essa fama de “machões pegadores” é introjetada na formação familiar e social, reproduzida em sociedade e pode desencadear em violências, frustrações e

autoestima baixa por não condizer com a realidade e prejudicar outras pessoas. Defendi et al. (2022, p. 13) afirmam que: “(...) as prescrições e os estereótipos podem afetar a construção de vida de homens, bem como sua saúde mental e relacional”. Todos que nascem com órgãos sexuais masculinos, biologicamente falando, são homens, pelas convenções sociais prescritas, porém, nem todos precisam assumir a masculinidade estereotipada como identidade pessoal.

Butler (2003) diz que, dentro da performatividade de gênero, pode acontecer de uma mulher, biologicamente identificada, ser um homem nas suas subjetividades vivenciadas, enquanto um homem, pode se comportar como sendo feminino. As ideias de Butler (2003) rompem com a estabilidade binária de homem/mulher como sendo inatos e estáticos. Assim, a partir dos autores acima, entre outros, é possível questionar a prevalência de que os homens precisam ser educados e preparados para serem “machões” e “pegadores” para provarem a sua masculinidade. Rudá parece mais “homem” que muitos “homens”, na noção de masculinidade para além da virilidade e sexualidade, mas no sentido de coragem, honra, honestidade e dignidade ao assumir seus erros e enfrentar oposições de forma destemida. Rudá se mostra corajoso e proativo diante de conflitos no seu entorno familiar e social, mesmo sendo adolescente. A ideia do ‘homem’ baseado no sexo ou na virilidade, é colocada em xeque pelo personagem Rudá. Portanto, ele não tem a prática sexual, mas nem por isso se apresenta frágil ou inseguro. Segundo Maciel Júnior (2022, p. 29) “o conceito de masculinidade é pouco preciso e inconsistente porque acaba por tomar o caráter dos homens de forma essencialista, impondo-lhe uma falsa unidade, quando, de fato, se trata de uma realidade fluída e contraditória (...)”. Ou seja, a masculinidade não se limita a gênero, virilidade, heterossexualidade ou prática sexual.

Características dos personagens assexuais

Antes de aprofundar o estudo na busca de interpretar e descrever a apresentação detalhada da assexualidade durante a exibição de *Travessia* (Globo, 2022), é importante falar de marcadores sociais da diferença, enquanto características que identificam e diferenciam os personagens assexuais, Caíque e Rudá. Os marcadores descritos no estudo foram identificados durante a observação feita por meio da assistência à telenovela. A intenção aqui não é fazer uma descrição extensiva nem rotular um enquadramento estanque dos personagens, mas elencar características básicas para uma compreensão mais aprofundada da visibilidade e representatividade da assexualidade por meio dos

papéis interpretados por eles. O quadro a seguir abordará uma breve descrição dos marcadores sociais apresentados.

Quadro 1: Características presentes nos personagens assexuais

Marcadores sociais da diferença	Caíque	Rudá
Idade	Caíque se apresentou como um jovem adulto em <i>Travessia</i> . O personagem coincide com a sua idade, na realidade.	Rudá também se apresentou como adolescente conforme sua idade, na realidade.
Família	O personagem Caíque não apresentou vínculo familiar, como tendo pais e irmãos, por exemplo. A relação dele foi com os amigos e com a sua namorada.	Rudá conviveu com a mãe e com o padrasto que era homofóbico. Uma família heteronormativa, cisgênero e que experienciou um relacionamento tóxico em <i>Travessia</i> .
Etnia	O personagem é branco.	O personagem é branco.
Profissão	Instrutor de Asa Delta na cidade do Rio de Janeiro.	Estudante que gosta de tecnologias digitais, como jogos online e interação nas redes sociais.
Classe social	Pelo contexto do personagem na trama, Caíque pareceu ser de classe social média-baixa, uma vez que buscou alugar apartamento, não exibiu “ostentação”, como roupas, carro e outros artigos de luxo.	Rudá era de classe média-alta, enteado de um empresário, residindo em casa própria e com experiência de moradia internacional.
Gênero	Caíque apareceu como personagem masculino e cisgênero.	Rudá se apresentou como personagem masculino e cisgênero.
Orientação sexual	Caíque viveu um adulto assexual romântico, denominado heterorromântico.	Rudá viveu um adolescente assexual estrito, denominado arromântico.
Comportamento social	Adulto “descolado”, simpático, comunicativo, que gostava de fazer amizades, namorar, participar de encontros festivos, além de praticar esportes como andar de bicicleta e saltar de Asa Delta no Rio de Janeiro.	Adolescente tímido, que não gostava de fazer amizades, isolava-se com frequência em seu quarto, sua interação limitando-se às conversas com os familiares. Não gostava de passear, de festas e de namorar.
Práticas culturais	Caíque gostava de passear pelo parque, conversar com amigos,	Rudá tinha gosto cultural por jogos online, interação nas redes

	frequentar festas, praias e barzinhos, além de assistir filmes.	sociais e poucos encontros familiares para comer e conversar.
--	---	---

Fonte: Autor da pesquisa

A identificação dos sujeitos a partir de marcadores sociais da diferença influencia a trajetória de vida pessoal em sociedade. O termo marcador social por si só se apresenta como fator de enquadramento social de inclusão e exclusão a determinados bens, valores, produtos, serviços e status como limitadores seletivos de acesso, como por exemplo, como as pessoas são tratadas, oportunidades de educação, emprego, recursos, moradia, expectativas sociais, segurança, respeito, acesso cultural, aceitação social e acesso a direitos legais entre outros. A opção de se posicionar e de militar em favor de uma pauta com a qual se identifica e defende é opcional, haja vista que os sujeitos são livres para fazerem escolhas. Quando determinados sujeitos influentes, famosos, por exemplo, pertencem a um grupo da diversidade minorizado socialmente e não se envolvem com a causa, preferindo ficarem nos bastidores, perdem a chance de ampliar a representatividade para o grupo do qual dizem pertencer. Não é novidade termos notícias de artistas e políticos, por exemplo, que se assumem publicamente pertencentes à diversidade LGBTQIANPN+ e que não utilizam de suas influências para investirem no fortalecimento e maior visibilidade de suas “bandeiras”.

Pensando no exposto acima e em outros casos concretos, não posso afirmar que pessoas privilegiadas econômica, étnica, geográfica, social e politicamente estejam no mesmo “campo” (BOURDIEU, 2007), dos esfarrapados e vulnerabilizados, como pretos e periféricos, ainda que pertençam ao mesmo movimento da diversidade. Esses marcadores da diferença se referem à desigualdade de acesso, lugar de fala, prestígios e visibilidade. O não lugar funciona como apagamento social e excludente de todos que fogem aos padrões social e institucionalmente construídos e aclamados pela sociedade hegemônica. Os homossexuais, bissexuais ou assexuais que são brancos, do centro urbano, sudestinos, de classe média alta, não são iguais aos mesmos sujeitos das mesmas orientações sexuais citadas, quando são pretos, pobres, subalternos e logo excluídos de tais vantagens.

O argumento traçado sobre o lugar de privilégios e o não lugar para sujeitos dos mesmos movimentos e/ou grupos da diversidade dialoga com a criação e veiculação dos personagens assexuais Caíque e Rudá de *Travessia*. Ainda que seja positiva a visibilidade e representatividade da orientação assexualidade e dos sujeitos assexuais na ficção

televisiva, por meio da telenovela, se faz necessário apontar as diferenças que se estabelecem entre Caíque e Rudá, como homens brancos, do centro do Rio de Janeiro, de classe média e os diversos ou milhares assexuais que não contam com as mesmas vantagens que tais personagens assexuais.

4.3 Uma mirada entre cenas e diálogos dos personagens assexuais Caíque e Rudá

A seleção, descrição, análise e apresentação qualitativa e quantitativa das cenas dos personagens Caíque e Rudá se darão por meio da divisão criteriosa em intervalos de 10 em 10 capítulos, totalizando 15 agrupamentos que contemplam os 112 capítulos de aparição dos personagens assexuais. Foram contabilizadas 244 cenas em que eles estão presentes, nesse total de 112 capítulos, nas quais Rudá aparece 144 vezes e Caíque 100 vezes.

A contagem das cenas foi individualizada por personagem, ainda que, em diversos momentos, ambos aparecessem juntos. As cenas em que finalizaram um capítulo com a presença de um deles ou dos dois juntos na mesma cena e deram continuidade no próximo, foram computadas como cenas diferentes. Desse total geral de cenas apresentadas em tela, muitas delas foram cenas rápidas, de pouca duração e não necessariamente abordavam a orientação assexual dos personagens Caíque e Rudá.

A intenção não é apresentar o conteúdo de todas as 244 cenas computadas, portanto, foi necessária a seleção de uma amostra representativa do objeto. A opção foi separar os 112 capítulos em agrupamentos de 10, como estratégia de delimitação da amostragem de modo a contemplar um número de cenas dos personagens que aparecem nesses intervalos e que servissem de análise válida para atingir os objetivos propostos na pesquisa. Para isso, foi realizado um sorteio com os agrupamentos e dois deles foram selecionados. Os dois intervalos sorteados computam 20 capítulos que se localizam na sequência linear da narrativa e vai do 51 ao 60 e do 71 ao 80. A justificativa de selecionar por agrupamentos de 10 capítulos se deu pela viabilidade de se analisar a sequência narrativa, que seria fragmentada e prejudicada em análise avulsa por capítulos. A tabela a seguir exemplifica melhor a apresentação dos números levantados.

Tabela 1: Dados de capítulos e cenas para analisar os personagens assexuais

Agrupamentos de 10 capítulos	Nº de cenas com	Nº de cenas com	Total	Os dois agrupamentos destacados foram sorteados para selecionar cenas com

	Caíque	Rudá		conteúdo dos personagens assexuais.
31-40	06	04	10	
41-50	06	12	18	
51-60	16	17	33	
61-70	09	14	23	09 cenas
71-80	08	16	24	07 cenas
81-90	07	10	17	Os dois agrupamentos totalizaram 20 capítulos e apresentaram 57 cenas com os dois personagens assexuais. Do total de cenas apresentadas, 41 delas não tratavam do tema. Assim, restaram 16 cenas com diálogos sobre assexualidade. Estas serão interpretadas e transcritas no corpo do texto.
91-100	06	13	19	
101-110	06	05	11	
111-120	06	08	14	
121-130	09	06	15	
131-140	08	05	13	
141-150	07	06	13	
151-160	02	03	05	
161-170	01	19	20	
171-180	03	06	09	
Total: 15	100	144	244	Total: 16 cenas sobre assexualidade.

Fonte: autor da pesquisa

Quadro 2: Agrupamentos de capítulos e cenas com falas dos assexuais		
Capítulos	Cenas e minutagem	Personagens Caíque e Rudá
53	Cena 1: Dos 29'13" até 35'49"	Caíque aparece abraçado com Leonor na lanchonete da praia de Búzios/RJ. Leonor o convida para a banheira da casa de praia, acompanhados de vinho. Ele se mostra angustiado, lembra de outros momentos juntos que foram frustrantes para os dois e fica pensativo. Arruma uma desculpa de que tem trauma de banheira para recusar o convite da namorada. Obs. Esse momento foi o maior período em que o casal contracenou desde a formação do par romântico.
54	Cena 1: Dos 41'20" até 47'02"	Caíque e Leonor aparecem em clima romântico na cama da casa de praia. O casal troca carícias, mas na hora "H", Caíque não topa e sai da cama, deixando Leonor sozinha. Na sequência, eles trocam de roupa, pegam o carro e vão embora para o Rio de Janeiro. De mau humor, aparentando desolados, ficam em silêncio e não se falam durante toda a viagem.
55	Cena 1: Aos 27'43"	Caíque vê Leonor passar por ele no parque da Lagoa e não o cumprimenta. Ele desabafa com o seu amigo Oto. Diz para o amigo que deu tudo errado, que estragou tudo, mas não abre o jogo para Oto sobre ser assexual romântico e que por isso não tem atração sexual.
56	Cena 1	Caíque aparece sozinho, pensativo sobre o seu namoro com Leonor. Seu amigo Oto vai falar com a moça na tentativa de ajudar o casal.
57	Cena 1: Aos 47'15"	Caíque admite para Leonor que a decepcionou.
58	Cena 1: Dos 27'42"	Caíque aparece se passando como cliente para alugar um apartamento com Leonor. Até então ela não sabia que o cliente interessado no imóvel seria ele. Nesse momento, na varanda de um prédio, Caíque pergunta se Leonor acredita em sexo sem amor. Ela afirma que sim e ele diz que: "se existe sexo sem amor, também existe amor sem sexo". Caíque se vale da conversa para dizer a Leonor que é assexual. Afirma que tem pessoas assim, que sentem amor sem sexo. Ele alega que: "A atração se esgota no carinho". "Nunca senti atração sexual por ninguém, só atração romântica". "Eu sou assexual, Leonor".
60	Cena 1: Aos 03'41"	Caíque e Leonor se encontram no parque da Lagoa Rodrigo de Freitas. Os dois se cumprimentam e ele pergunta se Leonor entendeu o que ele falou para ela, sobre ser assexual. Ele ainda afirma que não quer perdê-la e Leonor pede um tempo.
60	Cena 2: Aos 18'37"	Caíque diz a Leonor que só se entendeu quando, finalmente, encontrou pessoas iguais a ele. Ele desabafa para Leonor: "A gente vive num mundo em que tudo é um apelo pro sexo, né? Diz Caíque: "Muitos se casam, mesmo contra sua própria natureza, mas quase sempre

		não dá certo”. Nesse momento, Rudá chega e procura por bolo para comer.
60	Cena 3	Caíque fala para Leonor que existe uma piada interna entre os assexuais afirmando que entre “sexo e bolo, a gente prefere o bolo”. Leonor pergunta: “A gente? Você acha que o Rudá também é assexual?” Caíque responde: “Acho”. E completa dizendo que foi um adolescente muito parecido com Rudá.
75	Cena 1	Caíque com Leonor aparecem “curtindo” roda de samba, já como amigos. Leonor diz que gostaria de desfilar por uma escola de samba. Nesse momento, Caíque afirma ter o mesmo desejo e a convida para saírem no carnaval daquele ano (2023). Ele diz que os dois combinam em quase tudo. Dando a entender que só não combinam na cama, visto que ele não gosta de sexo. A cena mostra Rudá com uma turma de colegas no parque da Lagoa. Nessa ocasião, aparece Moretti para incomodar Rudá: “Agora tá de turma, namorada”? O jovem responde que não está namorando.
75	Cena 2	Rudá chega na casa da tia Cotinha e encontra Caíque e Leonor no sofá. Ele reclama de Moretti para Guida, sua mãe. Caíque diz a Guida que é difícil essa pressão que Rudá sofre do Moretti e afirma para ela que foi um adolescente parecido.
76	Cena 1: Aos 29’29”	Caíque se diz preocupado com Rudá, ao conversar com Leonor no parque da Lagoa. Leonor pergunta se Caíque já se apaixonou muitas vezes. Ele responde que algumas, mas sempre acaba sendo mandado para a “ <i>friends zone</i> ”, zona dos amigos. Leonor ainda pergunta se ele já conseguiu transar com alguma mulher e ele afirma que sim. É quando ela questiona: “E por que comigo não?”, Caíque justifica que a experiência foi ruim e toda vez acontecia uma vez só e depois ele desaparecia da vida da pessoa, mas que não quer sumir da vida de Leonor.
76	Cena 2: Dos 30’35” até 31’29”	Rudá na casa da tia Cotinha sendo aconselhado por ela. Ele afirma para sua tia que somente tem amiga e não quer namorar. Tia Cotinha afirma que ele “pode casar e ter filhos por que todo mundo faz isso” e Rudá retruca dizendo que não é todo mundo.
78	Cena 1: Aos 37’31”	Rudá aparece com uma amiga nova na casa da tia Cotinha. Ele diz que os dois vão “sair para ver filme”. É quando a tia Cotinha pergunta se ele não vai apresentar a moça para elas (Tia Cotinha e Guida).
79	Cena 1:	Rudá aparece falando com a tia Cotinha da relação de sua mãe, Guida, com Moretti. E diz que não deveria ter trazido a sua amiga na casa da tia Cotinha, pois ficam questionando-o: “Tão iguais ao Moretti, vocês duas”! (Tia Cotinha e Guida).

80	Cena 1: Aos 08'09"	Rudá diz para Caíque que teve de ficar na casa da sua mãe, Guida, porque era menor de idade. Assim, terminava sendo vítima das piadas do padrasto, Moretti. Caíque afirma a Rudá que passou muito por isso, também. Rudá pergunta a Caíque se “achavam que ele era gay” e Caíque responde que “ainda acham”. Os dois continuam dialogando e Rudá fala para Caíque que: “O Moretti fica botando na cabeça da minha mãe que eu era gay”, sendo que sua mãe, Guida, pediu para que ele se “abrisse” com ela e foi quando disse para sua mãe que não era gay.
----	--------------------	---

Fonte: Autor da pesquisa

As cenas dessa amostragem totalizaram 57, sendo que Rudá aparece em 17 cenas no intervalo dos capítulos 51 a 60 e em 16 cenas no intervalo entre 71 e 80, computando 33 aparições do adolescente nos dois agrupamentos. Caíque, por sua vez, aparece em 16 cenas no intervalo dos capítulos 51 ao 60 e em oito cenas no agrupamento entre os capítulos 71 e 80, somando 24 cenas do personagem Caíque na amostra selecionada.

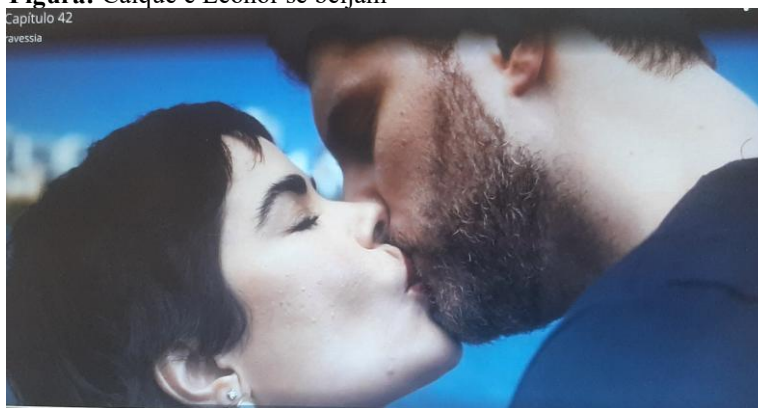
Ao estudar as 57 cenas em que os dois personagens assexuais aparecem nos dois agrupamentos de dez capítulos selecionados foi possível identificar que havia a necessidade de escolher as cenas que apresentassem diálogos em torno da discussão sobre a orientação assexual de Caíque e Rudá. Assim, foram computadas nove cenas em que as falas se reportam à assexualidade vivida pelos personagens no agrupamento de capítulos que vai do 51 ao 60. No intervalo entre os capítulos 71 e 80 foram contabilizadas mais sete cenas sobre os personagens Caíque e Rudá como assexuais. Portanto, o total de 16 cenas do agrupamento de 20 capítulos foram selecionadas como recorte de análise detalhada da assexualidade vivida por Caíque e Rudá na telenovela *Travessia* (Globo, 2022). O quadro analítico criado e exibido a seguir traz os diálogos em detalhes. A quantidade de cenas enumeradas nos capítulos descritos na tabela a seguir, representa o número de cenas em que os assexuais apareceram em cada capítulo correspondente.

A amostra selecionada para análise de cenas demonstrou que o personagem Caíque apareceu com mais frequência em relação ao personagem Rudá, no agrupamento que vai do capítulo 51 ao 60 da narrativa. Por conseguinte, o personagem Rudá foi ganhando visibilidade e sendo aprofundado conforme a sua amizade com Caíque se estreitava e ele ia se desenvolvendo como assexual estrito. Essa evidência fica explícita no agrupamento entre os capítulos 71 a 80, quando os diálogos do personagem Rudá com Caíque, sua tia Leonor, a tia Cotinha e a sua mãe, Guida, aparecem com frequência e as falas giraram entorno do seu comportamento, amizade, pressão familiar para que ele

arrumasse uma namorada, a sua revelação de que não gostava de namorar, mas que não era gay.

Ainda falando sobre Caíque, um personagem assexual romântico em *Travessia* (Globo, 2022), desde quando ele começou aparecer na trama no capítulo 37, gradativamente foi evoluindo a partir do seu primeiro encontro com Leonor, no parque da Lagoa Rodrigo de Freitas. Com o passar do tempo, eles se demonstram apaixonados um pelo outro e Leonor investe em momentos íntimos para que pratiquem sexo, mas Caíque sempre arrumava uma desculpa e fugia dela. Assim, Leonor tinha não somente atração romântica por Caíque, mas sexual também. Enquanto ele demonstrava se contentar com o romantismo da atração romântica.

Figura: Caíque e Leonor se beijam



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

O casal contracenava namorando em momentos e lugares diferentes, como no sofá da casa da tia Cotinha, no parque da Lagoa, assistindo filme e na lanchonete. As investidas para relação sexual por parte de Leonor, também são frequentes. Ela chega a desabafar com a sua tia Cotinha, que fica curiosa para saber se já rolou transa entre eles e Leonor afirma que não. A sua tia pondera que Caíque pode ser tímido ou tenha algum problema físico e esteja constrangido em falar para Leonor. A moça diz para sua tia que já conferiu e está “tudo certo com ele”, ou seja, ele não tem nenhum problema físico. Tal contexto se estende na telenovela até que no capítulo 58 do primeiro agrupamento analisado, ele revela para Leonor que é assexual.

Ao passo que Caíque era um assexual romântico, Rudá foi se revelando como assexual aromântico estrito quando não desenvolve atração romântica ou sexual por outra pessoa. O personagem Rudá se valeu da amizade com Caíque e de interações com as comunidades assexuais para se fortalecer e se entender como assexual. Caíque desenvolveu diálogos com o adolescente ao perceber que ele estava sofrendo pressão da

família para namorar contra a sua vontade.

Caíque aborda o tema com Rudá, a partir dos seus desabafos da pressão que vinha sofrendo, principalmente do padrasto, Moretti. Assim, Caíque afirma que já passou e ainda passa por essa pressão por ser assexual. Diz que não tem nada de errado com Rudá, pergunta se o jovem se acha parecido com ele e argumenta que é assexual romântico, ao passo que entende ser Rudá um assexual aromântico estrito ao confirmar que ele não sente atração romântica nem sexual por outra pessoa.

Nessa conversa entre Caíque e Rudá, o adolescente afirma para o seu amigo Caíque que não aguenta mais tanta pressão para que “saia com mulheres” ou arrume namorada. Ele diz que “não acha graça” em namorar e ter relação sexual. Ao ser questionado, revela para Caíque que se sente parecido com ele e ouve a explicação do amigo, dizendo a diferença entre um e outro. Nas palavras de Caíque, o assexual romântico se contenta com o afeto, o carinho, abraços, beijos e o companheirismo. Já o assexual aromântico estrito, nas palavras de Caíque para Rudá, não sente nenhum tipo de atração por outra pessoa e que Rudá deve procurar pessoas iguais a ele para dialogar, se enturmar, afirmando que o jovem não está sozinho nessa orientação, visto que tem “uma porção de gente” igual a ele. Os personagens assexuais contracenam como amigos, exemplificando que existem pessoas iguais a eles em cada subgrupo da população assexual, sob o guarda-chuva da assexualidade. Nesse sentido, a telenovela possui ação educativa e cultural quando faz a ficção conversar com a realidade e vice-versa, contribuindo com a formação da identidade e da cultura nacional, conforme Lopes (2014, 2019).

No capítulo 80 do segundo agrupamento analisado, enquanto Caíque já não namora mais Leonor, apenas são amigos, Rudá se encontra em processo de identificação e autoaceitação como assexual aromântico estrito. Ele continua recebendo conselhos de Caíque e afirma que seu padrasto Moretti vive colocando na cabeça de sua mãe, Guida, que ele é gay. Rudá diz para Caíque que ao conversar com a sua mãe negou tal desconfiança.

Na sequência de *Travessia* (Globo, 2022), a partir do capítulo 80, Rudá continua enfrentando conflitos pessoais e familiares relacionados ao seu comportamento como um jovem caseiro, tímido e que se entende como assexual aromântico estrito. Guida, sua mãe, ao saber pelo filho que Caíque conversou com ele sobre assexualidade, reage negativamente, confunde a orientação assexual com gay e afirma que Caíque está influenciando Rudá. As pressões continuam sobre Rudá. Depois que a sua mãe se separou

de Moretti, ele se muda em definitivo para a casa de sua tia Cotinha e fica mais “descolado”, começa a sair de casa com mais frequência para se encontrar com grupos de amigos. Continua sendo apoiado por Caíque e pelas comunidades virtuais de assexuais para que possa enfrentar o preconceito de sua mãe por não aceitar que ele seja assexual. Rudá vivencia os preconceitos enfrentados no meio familiar e afirma que a interação de reconhecimento e pertencimento é possível nas redes sociais, quando dialoga com pares assexuais.

Figura: Rudá em conversa com a sua mãe



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

A partir do capítulo de número 100 da narrativa, de um total de 179, os personagens assexuais Caíque e Rudá aparecem com menos frequência na trama. Caíque tenta um novo relacionamento amoroso com Talita que enfrenta a mesma situação que aconteceu ao namorar Leonor. Ele se sente frustrado por não corresponder sexualmente a namorada e ela se decepciona com ele por fugir dela e ainda se sente culpada pela situação. Os personagens Caíque e Rudá, mesmo sendo assexuais, são de espectros diferentes e por isso seus papéis foram marcados por semelhanças e diferenças por pertencerem a mesma orientação sexual, a assexualidade. Seus arcos narrativos, após o crescimento e desenvolvimento durante a trama, tomaram caminhos diferentes, a partir do capítulo 100: estagnação para o personagem de Caíque e redenção para o personagem Rudá. Assim, Caíque troca de namorada na tentativa de encontrar alguém que o aceite como assexual romântico, sem mudar de comportamento, mas aparece em poucas cenas até o término de *Travessia*. Já Rudá, desenvolve a narrativa de redenção no seu papel, deixando os conflitos familiares de lado no que se refere a sua orientação sexual, como assexual aromântico estrito, assume a culpa pela *deepfake* que ele disseminou no início da trama, quando morava em Portugal.

Não demora muito e Caíque se revela assexual para Talita que, assim como

Leonor, desconhecia a orientação romântica dentro da assexualidade. Oto, amigo de Caíque, orienta-o para que abra o jogo antes de entrar em um novo relacionamento, dizendo para a pretendente que é assexual romântico, assim ficaria transparente para ambos na relação e, portanto, poderiam decidir sobre a aceitação. Caíque concorda com a sugestão do amigo. No final do folhetim, Caíque aparece noivo de Luana, mas por causa do término da trama, não foi possível desenvolver o relacionamento entre eles.

Entende-se que o papel de visibilidade educativa e de representação da assexualidade torna-se cumprido em *Travessia* (2022). Rudá, assim como Caíque aparece poucas vezes entre os capítulos 101 e 160. Além das poucas cenas dos personagens assexuais nesse intervalo da trama, as falas deles quase nunca se reportavam à assexualidade. No agrupamento que vai do capítulo 161 ao 170, Rudá aparece em 19 cenas enquanto Caíque apenas aparece uma vez. Porém, o grande número de cenas que Rudá aparece não é para falar de sua assexualidade, mas porque ele admite que foi o criador e disseminador da *deepfake* que prejudicou a personagem Brisa. É quando ele se redime, ao pedir perdão para ela, se assume culpado, mostra-se disposto a arcar com as consequências, mesmo sem saber que o que havia feito na época fosse causar tamanho estrago na vida de alguém.

Quando Rudá cumpre o seu papel como assexual e no final da narrativa se volta para a redenção sobre a *deepfake* praticada por ele, fica explicitado que a telenovela exerceu uma ação socioeducativa junto ao grande público em relação à temática assexualidade. Caíque também apresenta ao público a possibilidade de se relacionar com outra pessoa assexual, mesmo após tentativas frustradas de relacionamentos incompatíveis, fato que pode acontecer com qualquer orientação sexual.

4.4 A revelação assexual de Caíque e Rudá: Entre conflitos e preconceitos

A partir do capítulo 37 de *Travessia*, no dia 21 de novembro de 2022, os personagens Caíque e Rudá entram em cena para representar a romanticidade e arromanticidade estrita no guarda-chuva da assexualidade.

No episódio de número 38, em 22 de novembro de 2022, o personagem Rudá (Guilherme Cabral) inicia sua trajetória como assexual, um jovem em processo de crescimento e desenvolvimento, afirmação de identidade social e sexual, passa a ser questionado pelo padrasto Moretti sobre a sua sexualidade. Rudá não namora, gosta de ficar em casa no seu quarto e com frequência vai para a casa da sua tia Cotinha. Moretti

se incomoda com o comportamento do jovem e passa a insinuar que ele é gay, através de comentários provocativos e irônicos sobre “sair do armário”, “arrumar namorada”, “ver mulher na rua e na praia”, além de colar cartazes de mulheres nuas na parede do quarto de Rudá. O jovem se irrita e enfrenta o padrasto, rebatendo suas falas preconceituosas.

Moretti tenta fazer com que Rudá namore a qualquer custo e a sua mãe, Guida, afirma para o esposo, Moretti, que Rudá é tímido e não é gay, mas se ele fosse gay não teria problema, pontua ela. Essa fala de insinuação da família, de que Rudá pode ser gay, reproduz discursos na sociedade que comparam pessoas assexuais com gays. Em uma sociedade sexualizada heteronormativa, existe um apelo para a revelação sexual dos sujeitos, sejam de orientação heterossexual ou homossexual. Fica evidente que os discursos convocam a revelação dos sujeitos, onde eles se façam presentes, na condição de enquadramento estanque e de validação de suas orientações sexuais.

No capítulo 39, Moretti se incomoda quando Rudá afirma que vai para a casa da tia Cotinha em vez de ir para “a praia na frente de casa com mulher bonita”. Rudá responde: “Não enche o saco, cara”. Depois, o jovem encontra fotos de mulheres seminuas no seu quarto colocadas pelo padrasto, fica indignado e as arranca da parede. Guida diz para Moretti que para os jovens atuais nada é proibido e que eles lidam tudo com naturalidade, é quando Moretti reage alegando que Rudá irá “sair do armário”. No episódio 47 de *Travessia*, a tia de Rudá, Leonor, pergunta à tia Cotinha: “Será que o Rudá não é gay”?

Quando Caíque assume para Leonor que é assexual, ela fala para a sua tia Cotinha que dispara, afirmando que ele pode ser gay ou impotente. *Travessia* reproduz falas preconceituosas da sociedade sobre assexualidade, trazendo para debate a necessidade de se conhecer e entender a complexidade da sexualidade humana, a dinamicidade subjetiva das possibilidades de atrações românticas, arromânticas, sexuais, estéticas, eróticas, comportamentos e fantasias, práticas, não práticas e arranjos sexuais entre os sujeitos. A imagem abaixo apresenta a fala da personagem tia Cotinha, ao saber que Caíque disse para Leonor que era assexual.

Figura: Tia Cotinha confunde assexualidade com gay e impotência



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

Portanto, o questionamento levado pelas famílias dos personagens se eles seriam gays se mantém antes de suas revelações como assexuais e após. A confusão gira em torno da comparação de pessoas assexuais com gays, estranhos que possam ter traumas e transtornos mentais ou mesmo problemas hormonais. No capítulo 80, Rudá se sente incomodado ao ser entendido como gay pela família e pergunta ao amigo Caíque “se achavam que ele era gay”, também. Caíque afirma que sim, e que ainda o confundem com gay. Obviamente, o assexual não está se colocando como superior ou inferior aos gays. Além de existirem gays assexuais, como héteros, homos, bi, trans e outros. A questão é diferenciar a assexualidade das demais orientações sexuais.

Caíque se assumiu assexual para a ex-namorada Leonor, justificando o motivo de não sentir atração sexual que somente sentia atração romântica, logo o seu prazer era “esgotado” por meio de afetos, abraços, beijos e carinhos, sem haver prática sexual. O ápice da decepção de Leonor aconteceu com a falta de atração sexual de Caíque em mais um momento íntimo deles, dessa vez na casa de praia quando viajaram para Búzios/RJ. Tal situação foi motivo para o rompimento da relação. Passado algum tempo, Caíque confessa para Leonor que gosta dela, não quer perder sua amizade e ao se revelar assexual romântico, aborda o tema de modo respeitoso e positivo para com o público assexual, dizendo para Leonor que existem muitas pessoas assexuais iguais a ele. Afirma que essas pessoas são normais, não têm nada de errado com elas, sendo a assexualidade uma orientação pela qual as pessoas se orientam e se comportam. Ele também afirma que pessoas assexuais se utilizam da internet para formarem comunidades virtuais onde trocam informações, fazem amizades e se autoidentificam como assexuais. Leonor se surpreende quando Caíque diz ser assexual e demonstra ignorar o que seja a orientação.

Figura: Caíque fala para Leonor que é assexual



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

Caíque diz para Leonor que os assexuais sofrem preconceitos, são cobrados para manterem relações sexuais e são mal interpretados quando negam as investidas. Ele se utiliza de uma frase pronta que “se existe sexo sem amor, também pode existir amor sem sexo” na hora da sua revelação para Leonor, justificando o porquê de não ter atração sexual e tê-la decepcionado. A frustração de Leonor com a falta de atração sexual de Caíque por ela a leva a fazer diversos questionamentos, se o “erro” estava com ela e por esse motivo se culpava. Em conversa com a tia Cotinha, com quem morava, as duas confabulavam sobre o comportamento de Caíque, ao fugir da relação sexual entre o casal ao ponto de questionarem se ele seria gay ou se tinha algum problema de saúde.

Figura: Frase de assexuais de que existe amor sem sexo



Fonte: Blog assexualidade brasil (2025)

Rudá, apenas revela para a sua mãe, Guida, que é assexual no capítulo 95 de *Travessia*. Rudá afirma que não sentia atração por garotas e nem por garotos. A mãe de Rudá tem dificuldade de aceitar que o filho seja assexual e que não sinta atração por ninguém. Ela chega a afirmar que ele “é normal”, trazendo a problemática sobre o assexual como ser ‘anormal’. Ela passa a culpar Caíque de ter influenciado Rudá na sua decisão de se entender e se aceitar como assexual.

No episódio 84, Leonor dá a entender para Caíque que a assexualidade é passível de tratamento e pergunta para ele sobre hormônios e psicólogo para acompanhamento. Caíque responde: “Leonor, não existe tratamento para orientação sexual. É a mesma coisa que você achar que pode curar uma pessoa que é gay”, aos 24’34”. No capítulo 94, Guida ao conversar com a sua irmã, Leonor, diz não acreditar que Caíque é assexual. A orientação de Caíque como assexual romântico é colocada em xeque. Após Rudá se entender e se assumir assexual aromântico estrito, dialoga com a sua tia, Leonor, dizendo que Caíque gosta de abraçar e de beijar, ao contrário dele que não gosta. A imagem a seguir representa a conversa entre eles.

Figura: Rudá explica para Leonor a diferença entre Caíque e ele.



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

O diálogo justifica a diferença entre Caíque e Rudá, uma vez que Caíque é assexual romântico, logo desenvolve atração romântica, necessitando de abraços e de beijos durante o relacionamento, ainda que não tenha atração sexual. O mesmo não acontece com Rudá, que sendo assexual aromântico estrito não desenvolve nenhum tipo de atração por outra pessoa.

Guida, mãe de Rudá, irá insistir para que o seu filho seja atendido por um psicólogo. A fala da mãe de Rudá foi reafirmada em diversas cenas da trama durante conversas com Rudá, pela dificuldade de aceitá-lo como assexual aromântico estrito. Mais adiante, ao saber que Rudá se assumiu como assexual e dizer que não precisa de psicólogo, Guida afirma para ele que a assexualidade pode ser “um problema, um trauma, problema de hormônios”. A assexualidade passa a ser patologizada pela família dos personagens assexuais, Caíque e Rudá. A cena tem relação com a realidade, uma vez que a assexualidade foi tratada por muito tempo como anormalidade, ligada ao celibato, a traumas pessoais, a incapacidade de reprodução humana ou a patologia do tipo Transtorno

do Desejo Sexual Hipoativo-TDSH. Finalmente, em 2013, esse entendimento foi retirado do Manual de Estatística e Diagnóstico de Saúde Mental da Associação de Psiquiatria Americana-APA.

No capítulo 99, aos 37'21", Guida diz preferir que Rudá se assumisse como gay porque isso ela entendia, mas de "assexuado" não entendia. Ela usa o termo errado para falar de assexual, visto que "assexuado" é um termo usado na biologia para nomear animais que não possuem órgãos reprodutores, como amebas. Colling (2007) e Peret (2005) discorrem sobre a representatividade homossexual nas telenovelas da TV Globo, em especial. Os autores dizem que a visibilidade gay nas telenovelas foi marcada por críticas, estereotipia e questionamentos se de fato o público gay estava sendo representado. Colling (2007, p. 2) faz a seguinte indagação: "A maneira como os gays estão sendo representados nos últimos anos faz alguma diferença para os homossexuais?" Quando Guida, a mãe de Rudá diz que preferia que o filho dissesse que era gay porque ela entendia, pode soar como algo natural de que o público está acostumado com personagens gays na teledramaturgia, enquanto a compreensão do público em relação ao sujeito assexual é incipiente, sendo esta orientação sexual desconhecida, ignorada e, portanto, invisível.

Guida, tem dificuldade de aceitar a assexualidade do filho Rudá e confabula com a sua irmã, Leonor, dizendo que: "Pensa no sofrimento que é pra uma pessoa assexual". Ela associa a assexualidade com sofrimento, com trauma e doença que precisa de tratamento especializado. Guida reproduz falas do imaginário social de que orientação sexual é vista como desvio de comportamento ou doença que precisa de cura, quando a diversidade sexual, identidade de gênero e orientação sexual precisam é de respeito, autonomia e liberdade para ser e estar no mundo. A possibilidade de romper com tabus, estigmas e violências deve ser praticada por meio da visibilidade, representatividade e da educação para a compreensão da complexidade e pluralidade da sexualidade humana. Carvalho (2019) diz que a diversidade da assexualidade é composta de maioria romântica, inclusive muitos demissexuais e parcela de arromânticos se envolvem em algum relacionamento romântico. Ela afirma que Bauer et al. (2018), "verificaram que muitos dos indivíduos assexuais procuram o companheirismo e a intimidade emocional numa relação íntima, sem experienciar atração sexual" (CARVALHO, 2019, p. 7).

As mais de duzentas cenas em que os personagens assexuais Caíque e Rudá aparecem no folhetim retrataram a vida cotidiana deles, estivessem ou não relacionadas à orientação sexual de cada um. Foi possível observar que Caíque e Rudá apareceram em

cenas de eventos familiares, entre amigos, passeios, festas, interação social, cultural, nos momentos informais com amigos e famílias, além de se envolverem com questões profissionais e conflitos nos ciclos de convivência, próprios do dia a dia de uma sociedade urbana.

Diversas cenas em que Caíque e Rudá apareceram foram de passagem rápida e não tratavam da assexualidade. Outras cenas que não foram analisadas nesta pesquisa e trataram da assexualidade deles foram interpretadas como superficiais, não havendo profundidade do tema. Por uma questão de delimitação da análise, baseada na necessidade de um recorte que contemplasse o tema, foi pertinente excluir uma quantidade de cenas que tratassem do tema de forma repetida e superficial, sendo entendido que elas não iriam contribuir para os objetivos da pesquisa.

4.5 A representação e a visibilidade da assexualidade a partir dos personagens Caíque e Rudá

A assexualidade foi representada gradualmente na trama, sendo aprofundada por meio da abordagem dos dois subgrupos romântico e arromântico estrito. O tema se preocupou em trazer para o grande público o que é a orientação assexualidade. Diálogos foram desenvolvidos para mostrar que existem preconceitos contra assexuais, que são confundidos como gays, traumatizados ou doentes. Lima (2021) afirma que Scherrer (2008) ao entrevistar membros assexuais da AVEN estadunidense, chegou à seguinte conclusão: “(...) constatou a partir dos dados que a ausência de atração e de desejo sexual era uma característica predominante na narrativa dos participantes, contudo a definição não era universal entre eles, além de considerar as dimensões românticas (...)” (LIMA, 2021, p.113).

Por outro lado, esses tabus foram rebatidos com falas assertivas que defenderam ser a assexualidade tratada como qualquer orientação sexual, com respeito, sem rejeição e sem violência. Hall (2016, p. 189) fala que a representação pode estar baseada na “estereotipagem” como “prática de produção de significados”. Ele diz que o personagem estereotipado se torna reduzido, simplificado na sua representação, mas provocando exageros de significados, uma espécie de cisão entre o normal aceitável e o anormal inaceitável.

Foi apresentado na telenovela que os sujeitos assexuais devem ser respeitados e livres de preconceitos, sem ser patologizados como doentes que precisassem de tratamento. Os personagens conseguiram contracenar entre os pares afirmando que a

assexualidade é normal e que eles se orientam por meio da autoidentificação e da autoaceitação, além de falarem da importância das comunidades virtuais de grupos de assexuais como referência de apoio entre eles. Segundo Lima (2021, p.113): “(...) a denominação assexual pode ser considerada mais ampla do que somente ausência total de atração, entretanto os indivíduos que acabam por demonstrar pouco ou nenhum desejo para a prática sexual se auto identificam também como assexuais”.

É possível dizer que a assexualidade representada em *Travessia* (Globo, 2022) buscou representá-la enquanto orientação sexual que é pouco visibilizada para o grande público e que os sujeitos assexuais sofrem preconceitos por falta de conhecimento da sociedade sobre eles e em que consiste ser assexual. O termo guarda-chuva da assexualidade, como já foi contextualizado, é composto de espectros nos quais os sujeitos assexuais se colocam a partir do autoentendimento. *Travessia* (Globo, 2022) trabalhou a romanticidade assexual, incluindo a arromanticidade estrita. Lima (2021) menciona que além das pluralidades existentes da assexualidade, constata-se ramificações de identificação que se referem aos níveis de atração ou ausência de atração sexual que os assexuais podem sentir.

Os personagens Caíque e Rudá desenvolveram seus eixos de atuação em contexto familiar e de relacionamento amoroso, principalmente. Assim, foi demonstrado nos discursos trazidos pelas cenas que os tabus e estigmas aparecem primeiro na pressão por relacionamento amoroso, em casa, nas famílias, visto que são as pessoas com quem eles mais têm contato imediato, no dia a dia. As falas *acefóbicas*¹⁴ que os personagens assexuais sofreram na narrativa pode-se dizer que são reprodução da “(...) imposição de um padrão sexual presente na estrutura social que acaba por ser gerador de sofrimento emocional dos indivíduos que não correspondem ao determinado padrão (...)” (LIMA, 2021, p. 122).

Observou-se que as namoradas e as famílias tiveram dificuldade de aceitação, quando eles se assumiram como assexuais. Caíque e Rudá representaram assexuais e exemplificaram como na realidade esses corpos assexuais plurais são rotulados de gays, doentes, traumatizados, estranhos e sem graça, pelos familiares, pelos amigos e pela sociedade. O julgamento social lançado aos assexuais podem ser interrogações do tipo: “‘Você foi abusado quando criança?’, ‘você apenas não conheceu a pessoa certa’, ou ‘há algo de errado com os seus hormônios?’” (LIMA, 2021, p.116).

¹⁴ Acefobia é o termo para quem pratica fobia contra assexuais

Assim, o impacto da assexualidade afetou relacionamentos amorosos e dinâmicas familiares quando Caíque e Rudá têm suas sexualidades questionadas, gerando frustrações, discussões, curiosidades, desconfianças sobre o comportamento sexual deles, provocando insinuações, ironias e associações pejorativas em relação à orientação sexual deles e à nomeação, nos ciclos de convivência, seja amoroso ou familiar, onde se deram suas tramas de atuação.

Ainda que os personagens assexuais de *Travessia* tenham sido homens brancos, do centro urbano, de classe média, logo privilegiados, eles trouxeram contornos contextualizados da vivência real de assexuais, a partir de estudos feitos pelos intérpretes, de relatos de assexuais nas comunidades virtuais e da fala experiencial de um assexual que foi apresentado a Thiago Fragoso (Caíque) quando se preparava para o personagem assexual romântico. D'Andrea (2018, p.222) nos diz que: “O interessante é observar, nesse contexto, como as relações assexuais podem evidenciar uma linha tênue entre as relações de amizade e as relações românticas e redesenhar uma nova linguagem sobre afetividade e parcerias”.

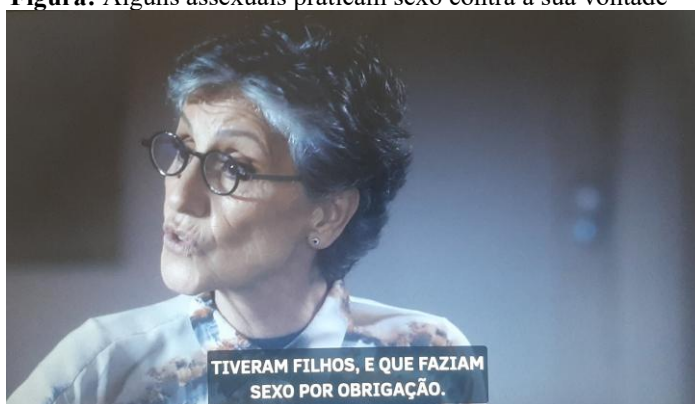
Foi possível perceber que o arco narrativo envolvendo os personagens assexuais apresentou-se elaborado de modo estratégico para que os conflitos, os embates, os desencontros, os preconceitos, as desconfianças e os tabus fossem acionados no sentido de aprofundar a discussão do tema junto à audiência durante a veiculação de *Travessia*. Assim fica evidente para o público que a sexualidade humana é complexa, dinâmica e diversa, configurando-se a partir das subjetividades individuais, pautadas na identidade construída. Por outro lado, ficou explicitado na trama o quanto os sujeitos assexuais sofrem por não serem compreendidos e não serem respeitados, fato que se deu no convívio familiar e no relacionamento amoroso entre Caíque e Leonor.

O primeiro embate entre o casal de namorados aconteceu quando assistiam ao filme na casa da tia Cotinha, eles se beijam e Caíque não entra no clima desejado por Leonor, ao invés disso, olha para o casal do filme se beijando também, alega passar mal e vai embora. Na sequência, Leonor lamenta com a tia Cotinha a atitude sobre Caíque ter ido embora na “hora do bem bom”, uma vez que a personagem feminina é asexual e desejava a relação. Rudá entra na conversa e questiona: “Por que ele tem que querer?” E Leonor responde: “Não querer transar comigo?” Rudá diz para a sua tia, Leonor, que entende a situação de Caíque. Em seguida, Leonor passa a se culpar, acreditando haver alguma coisa errada com ela.

Em ocasião romântica do casal, assistindo ao filme acompanhados de vinho,

esperava-se que houvesse sexo entre os dois, mas não aconteceu. Nesse momento, Caíque dá pistas de que não gosta de sexo, ao contrário de Leonor. A incompatibilidade sexual do casal começa a se revelar a partir de então. O conflito exemplifica a importância de que pretendentes a relacionamentos devem dialogar, se entenderem sobre seus comportamentos, gostos, tipos de relacionamentos pretendidos e os limites de cada um para que haja “conexão” entre ambos na superação das expectativas. A personagem Cidália dialoga com a tia Cotinha de que alguns assexuais casados praticam sexo para agradar aos parceiros, mas contra a sua vontade. A seguir, a imagem e a legenda em tela corroboram com a discussão.

Figura: Alguns assexuais praticam sexo contra a sua vontade



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

No capítulo 46 de *Travessia* (2022), Cidália (Cássia Kiss) amiga de tia Cotinha participa da conversa sobre o namoro de Leonor com Caíque e pergunta qual a “régua do namoro normal?” A tia Cotinha é quem responde: “Sexo. Eles ainda não transaram”. Cidália diz que não é e nunca foi movida a sexo. No capítulo 47, Rudá participa da conversa da tia Leonor, alegando ser normal a falta de interesse por sexo. No capítulo 60 da narrativa, Caíque diz para Leonor que somente se entendeu como assexual, quando encontrou pessoas iguais a ele. E desabafa: “A gente vive num mundo em que tudo é um apelo sexo, né? Já como amigos, Caíque diz para Leonor que eles combinam em quase tudo, menos no sexo. Ela pergunta se ele já conseguiu transar com alguma mulher e ele afirma que sim. E ela retruca: “E por que comigo não? Ele diz que a experiência de ter transado foi ruim e só acontecia uma vez, depois ele desaparecia da vida da pessoa, mas afirma que da vida dela não quer sumir, pois valoriza o afeto e a amizade entre eles.

No capítulo 88 da trama, Caíque questiona Leonor porque ela não consegue entender que ele não gosta de sexo. Ela afirma que tenta, mas não consegue entendê-lo como assexual. Caíque afirma para ela que tem muita gente igual a ele, que sente atração

romântica, mas não sexual. Assim, ele diz para Leonor que existem muito assexuais aromânticos estritos que não sentem atração sexual e nem romântica.

O personagem assexual romântico, Caíque, continua a frequentar a casa da tia Cotinha, mantém a amizade com Leonor, com Rudá, com a tia Cotinha e conversa com o amigo Oto e com a mãe de Rudá, Guida, falando sobre os assexuais enquanto orientação sexual legítima no intuito de fazê-la entender o filho Rudá como assexual aromântico estrito. Entre os capítulos 103 e 123, Caíque e Rudá quase não aparecem contracenando na narrativa.

Caíque começa uma nova paquera com a empregada de Guerra (Humberto Martins), Talita (Dandara Mariana). Eles se encontram no parque da Lagoa Rodrigo de Freitas, quando Leonor passa por eles de bicicleta e demonstra ciúmes. Essa crise de ciúmes de Leonor se repete em outras cenas ao ver o ex-namorado Caíque com a nova namorada, Talita. No capítulo 133, Caíque fala para o amigo Oto sobre Talita. Oto orienta Caíque a contar para ela que é assexual, para evitar o que aconteceu com Leonor. No capítulo 134, Talita conversa com Leonor, diz que ela e Caíque vão à praia no fim de semana e pergunta como foi para Leonor namorar Caíque. Leonor relata para tia Cotinha o novo namoro de Caíque com Talita e afirma que eles não transaram, também.

Já no capítulo 135, Caíque desabafa com Leonor dizendo que já foi humilhado, xingado e já sofreu por ser assexual. Nesse interim, Leonor pergunta se ele está apaixonado por Talita, ele responde que não igual por Leonor. Os episódios que aconteciam entre Caíque e Leonor passaram a acontecer também no namoro de dele com Talita, como simular que estava passando mal em momentos íntimos para fugir da situação, desmarcar encontro e ficar angustiado por não corresponder à parceira sexualmente.

Figura: Caíque e Talita se beijam, no segundo namoro dele



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

Em um dos episódios, eles se beijam e Caíque finge passar mal e vai embora. Depois Talita diz que ele fugiu dela. Caíque, ao chegar na tia Cotinha, afirma que o encontro com Talita foi um desastre. O casal tem mais alguns desencontros, rompem o namoro e Talita fala para o colega de trabalho, Gil (Rafael Losso), que o “assexual não suporta sexo”. Por fim, Caíque encontra uma namorada assexual já nos últimos capítulos de *Travessia*. Luana (Mariana Vaz) teve uma participação especial na telenovela como assexual que namora e termina a trama noiva de Caíque. Caíque chega a apresentar a namorada assexual para a tia Cotinha e diz que eles se conheceram em um grupo online de assexuais. As ex-namoradas, assim como os demais amigos de Caíque, ficam sabendo e felizes por ele ter encontrado um par ideal.

Porém, Caíque e Luana, como casal assexual romântico, têm poucas aparições na narrativa, já nos últimos capítulos. Portanto, não foi possível acompanhar como seria esse relacionamento recente de um casal assexual romântico que se apresentou ideal para ambos, mas que apareceu tarde na telenovela e não deu tempo de ser aprofundado para que o público acompanhasse e entendesse melhor casais assexuais românticos, por exemplo. De qualquer modo, o desfecho cumpre o ‘final feliz’ ao indicar que existe possibilidade de relacionamento longo para os assexuais.

Caíque e Luana terminam juntos em *Travessia*, assistindo à celebração do casamento de Brisa (Luci Alves) com Oto (Romulo Estrela). Entretanto, a trama poderia ter realizado o casamento do casal assexual heterorromântico, dando maior visibilidade ao romantismo assexual, como forma de ampliar a visibilidade do tema para o grande público e trazer maior representatividade da assexualidade na ficção televisiva, por meio da telenovela. Não foi o que se viu.

O tema termina minguido com o personagem assexual Caíque, ainda que tenha abordado nuances conflituosas de relacionamentos amorosos entre um assexual romântico e uma alossexual. Foram apresentados nas cenas e nos discursos os tabus familiares e sociais vivenciados por assexuais quando são questionados e ignorados a respeito das suas orientações sexuais. Além de indicar a importância das comunidades assexuais e suas redes sociais, onde as pessoas assexuais podem, inclusive, desenvolver relacionamentos entre si.

Rudá, representante do subgrupo arromanticidade estrita, termina a sua apresentação do tema de modo similar a Caíque, inclusive no mesmo evento, junto com a sua família no casamento de Brisa e Oto. O personagem poderia ter sido mais bem

explorado no guarda-chuva da assexualidade, enquanto um jovem cis gênero, aromântico estrito, o qual, ainda que não desenvolva atração romântica ou sexual, pode desenvolver, em contextos específicos, atração erótica, estética, gosto pelas tecnologias, pelas artes em geral, incluindo o prazer pela comida, pelos passeios e festas com amigos e familiares como forma de vivenciar o gozo da vida, para além de uma atração sexual ou romântica.

Vale destacar que Rudá descobre e assume o erro que cometeu no início da narrativa quando produziu e disseminou a *deepfake* que prejudicou Brisa. Caminhando para o final da trama, ele procura saber o contexto, se apresenta como autor e se dispõe a arcar com as consequências, vai até a delegacia e em outro momento procura Brisa para pedir perdão. A imagem a seguir ilustra o momento em que Rudá assume que ao postar o vídeo com imagem manipulada causou quase a destruição total da personagem Brisa que se supera no final de *Travessia*.

Figura: Rudá diz que ele publicou a Deepfake



Fonte: Telenovela *Travessia* (2022)

A confissão de Rudá se dá inicialmente na delegacia, e no capítulo 168, ele reúne a família e conta a verdade sobre o erro que cometeu. Ele chega a questionar se seria preso, fato que não aconteceu. Rudá foi beneficiado pela confissão, por ser adolescente e não imaginar as proporções que poderiam causar o post que publicou na internet.

Um sujeito homossexual pode até se relacionar com um bissexual ou outra orientação sexual que goste de sexo com o mesmo gênero ou com ambos os gêneros. Entretanto, tal relação não iria acontecer entre uma pessoa homossexual e uma pessoa heterossexual, visto que haveria incompatibilidade. Assim, como não seria possível construir uma relação romântica de um assexual romântico com um assexual aromântico estrito, pois ambos têm interesses diferentes.

Os relatos nas comunidades virtuais de assexuais são de que os membros se utilizam desses espaços para autoidentificação, autoaceitação e construção de laços de

amizade, discussão, entendimento e apoio mútuo sobre a orientação uns dos outros, além da procura de pares compatíveis para relacionamentos. Os relacionamentos podem ser românticos, com ausência ou prática de sexo em determinadas circunstâncias e condições. Por outro lado, os assexuais aromânticos podem desenvolver relacionamentos de amizade, sentir atração erótica, estética ou até mesmo romântica.

Assim, a visibilidade e a representatividade da assexualidade na narrativa *Travessia*, lançou luz ao grande público sobre a existência de pessoas assexuais onde o foco delas não é a prática sexual como norma exclusiva de relacionamento. Nas encenações dos personagens assexuais com outros personagens do ciclo de convivência, durante a trama, foram explorados os tabus e os preconceitos na busca de romper com estigmas socialmente construídos de que todos precisam praticar sexo. Faz-se necessário que a sociedade saiba e respeite a diversidade de gênero, sexualidade e orientação sexual enquanto possibilidades múltiplas de vivenciar relacionamentos afetivos, que fogem das convenções hegemônicas de padronização sexonormativo.

Conclui-se que a representação da assexualidade na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) foi positiva por conseguir apresentar o tema para o público leigo em rede nacional, de modo introdutório, educativo, baseado no discurso que aponta para o conflito enfrentado por eles, para a necessidade de compreensão, a aceitação e o respeito aos sujeitos assexuais. Inclusive, apresentou-se para os telespectadores a forma correta de nomear os assexuais. Corrigindo termos equivocados como “assexuados”. Dizendo que eles não são gays. São pessoas comuns como quaisquer outras e que levam uma vida normal com suas escolhas que devem ser livres e respeitadas.

As telenovelas promovem interação social, entretenimento, influenciando tendências e comportamentos por meio de ações socioeducativas (também conhecidas com merchandising social) a partir de temas sociais inseridos nas narrativas em que os personagens dão visibilidade, levando ao grande público os assuntos sociais importantes, como a representação da assexualidade veiculada por Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral). A ficção televisiva tem ampliado ações educativas, aproveitando-se da audiência, conforme Schiavo (1998, p. 4): “É consensual a ideia de que a TV, em geral, e a telenovela, em particular, sem abrir mão de sua linguagem sedutora, é um excelente meio para a difusão de conteúdos culturais e educativos”.

A ficção e a realidade se confundem quando a ficção veicula temas reclamados pela sociedade e vice-versa, quando a ficção apresenta temas ou assuntos que se encontram invisibilizados ou sub-representados socialmente. Ao longo da história das

telenovelas, diversos temas, assuntos e serviços foram inseridos, chamando a atenção da sociedade civil e de instituições políticas, sociais, educativas e jurídicas, prestando um relevante serviço à sociedade. Alguns exemplos foram crianças desaparecidas, doação de medula, violência doméstica, adoção de crianças por casais homoafetivos, respeito à Pessoa com Deficiência-PCD, dependência digital, estupro virtual, desinformação por meio das *fake news* e *deepfake* e visibilidade da assexualidade em *Travessia* (2022). Schiavo (1998, p. 5) afirma que: “O que resulta claro, no entanto, é a similaridade comportamental entre os personagens das telenovelas e os personagens da chamada vida real”.

A exibição audiovisual de dois personagens assexuais homens, na TV aberta, em rede nacional, por meio da telenovela *Travessia* (Globo, 2022), acionou a visibilidade para o grande público sobre a orientação assexualidade e seus subgrupos. O termo guarda-chuva mostrou-se pouco ou nada conhecido do público leigo sobre o tema. A reverberação nos portais de notícias a partir da reação do público nas redes sociais evidenciou o desconhecimento da assexualidade enquanto orientação sexual para os telespectadores de *Travessia* (Globo, 2022). A visibilidade do tema gerou curiosidade e confusão por parte do público que acompanhou a trajetória dos dois personagens Caíque e Rudá como assexuais.

Houve falas de questionamento se os personagens eram gays, hermafroditas (o termo correto é intersexual), assexuados (o termo correto é assexuais) ou traumatizados por algum problema de saúde ou familiar que enfrentaram na vida. Enfim, o público se perguntava em que consistia ser assexual. Percebe-se que a indagação em torno do que é a assexualidade passa pelo crivo do desconhecimento, causado pelo apagamento e invisibilidade da orientação perante o público. Nesse sentido é louvável dizer que a telenovela deu o pontapé inicial com a exibição da assexualidade para o grande público em rede nacional no dito horário nobre em canal aberto.

O acionamento da visibilidade também passa pela forma de como se deu a construção dos personagens na narrativa. Ao mergulhar na assistência observadora da trama, acompanhando os conflitos internos e externos enfrentados por Caíque e Rudá como assexuais, foi possível apontar que, durante sua exibição, houve um cuidado de autoria e de produção com a construção paulatina e aprofundada da assexualidade. O conteúdo discursivo, os arcos narrativos, os núcleos familiares, o vocabulário utilizado, os conflitos vivenciados pelos personagens assexuais que evocaram dilemas enfrentados por parte dos sujeitos assexuais na realidade, conforme relatos em comunidades virtuais

e em redes sociais, demonstraram que os personagens não foram superficiais, mas aprofundados no tema, procurando dialogar com a realidade do público assexual.

A título de exemplo, a pesquisa de Lopes e Gomez (2019, p.80) aponta que: “As telenovelas *O Outro Lado do Paraíso*, *Malhação* e *Segundo Sol* e a série *Sob Pressão* apresentaram cartelas de prestação de serviços ao fim dos capítulos [...] como abuso sexual infantil, violência contra a mulher e transfobia”. Por meio dos personagens Caíque e Rudá como assexuais, a telenovela *Travessia* (2022) conseguiu alavancar uma visibilidade ampliada da população assexual, promovendo uma ação socioeducativa de compreensão, respeito e aceitação das pessoas assexuais, por parte dos telespectadores, das famílias, dos amigos e dos ciclos sociais de convivência desse público.

A visibilidade e o direito de ser respeitado devem ser pautados para além das ruas e da multidão. Se faz necessário ampliar e efetivar cidadania para essas pessoas. A abertura de que elas precisam para inclusão e promoção cidadã não se trata de favor ou migalha dos governantes ou abastados financeiramente, porque todo sujeito é capaz de construir sua autonomia. Segundo Carvalho (2021, p. 13): “O movimento LGBT foi se institucionalizando, ao longo das décadas, na inclusão de demais siglas, no combate heteronormativo de gênero e sexualidade, na luta contra a moral e os bons costumes da política sexual repressora”. A diversidade reivindica de fato e de direito o que lhes é consagrado enquanto sujeitos humanos que são, incluindo as condições de oportunidade iguais para viverem plenamente e serem protegidos pelas leis e pela coletividade.

CAPÍTULO 5: OS PERSONAGENS ASSEXUAIS EM *TRAVESSIA* E O DEBATE NAS REDES

A representação da assexualidade na teledramaturgia da TV Globo chamou a atenção do público, de jornais e de revistas online, que passaram a noticiar a repercussão do tema, a partir do debate gerado pelo público nas redes sociais, nas comunidades virtuais de assexuais, por meio de fóruns, blogs, entrevistas em Podcast e outros canais. O público reagiu para falar da visibilidade e da representatividade dos personagens assexuais em *Travessia* (Globo, 2022).

As interações do público sobre assexualidade na telenovela foram coletadas em portais de notícias online, sites de revistas, nas comunidades virtuais de assexuais e nas redes sociais, por meio da *hashtag* ‘*Travessia*’ e nos grupos criados com os nomes dos atores e dos personagens. Especialistas, pessoas assexuais e os atores também forneceram entrevistas sobre o assunto em veículos ou programas de TV. A audiência se deparou com os atores Thiago Fragoso e Guilherme Cabral, que interpretaram os personagens assexuais, respectivamente, Caíque e Rudá e dando início às interações nas redes sociais sobre a novidade do tema apresentado pela autora Glória Peres, de *Travessia* (Globo, 2022).

As reações aconteceram por parte do público assexual que acompanhou ou ficou sabendo dos personagens assexuais na telenovela. O ‘grande público’ (Wolton, 1996) também reagiu nas redes sociais, como o X, Facebook e Instagram. Os telespectadores queriam entender o que é ser assexual, a partir dos papéis de Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral) como pessoas assexuais. O público assexual que reagiu apresentou fala positiva sobre a abordagem do tema em *Travessia* (Globo, 2022), ao dizer que finalmente o tema da assexualidade foi exibido na telenovela. Para o público leigo, os comentários foram de surpresa e confusão por desconhecerem os subgrupos assexuais dentro do termo guarda-chuva da assexualidade enquanto orientação sexual.

A imagem mostrada a seguir se refere aos personagens assexuais Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral), respectivamente. Caíque fez o papel de um jovem adulto assexual do espectro romântico, convencionalmente denominado de heterorromântico pelas comunidades assexuais. Enquanto Rudá fez o papel de um adolescente que durante a trama passou a se identificar como assexual aromântico, conforme autodefinição de assexuais nas comunidades virtuais. o personagem Caíque, que se torna amigo de Rudá e o ajuda no processo de identificação como assexual, é quem aponta que o adolescente é uma assexual estrito.

Figura 10: Personagens assexuais Caíque e Rudá



Fonte: Programa Fantástico (2022)

As mensagens de interação do público foram coletadas por meio de busca e leitura nas redes sociais, em sites de notícias, em revistas online e em comunidades virtuais de assexuais. As opiniões são várias e apontam, na sua maioria, para a torcida pela amizade entre os dois personagens assexuais, Caíque e Rudá. Os telespectadores torceram pelo início e continuação da amizade deles como sendo necessária para enfrentarem os dilemas da incompreensão sobre a assexualidade e a solidão enfrentada por falta de pares com as mesmas afinidades.

A título de exemplo, um internauta do X, via hashtag *#Travessia*, questiona: “Já pensei que o Caíque fosse gay, hermafrodita, assexual...kkkkkk mds (meu deus, *tradução nossa*) qual o segredo desse homem”? (@MDSSTB, 2022, 11 de dez.). No comentário acima, o usuário da rede associa a assexualidade com gays e hermafrodita que é um termo pejorativo em desuso, tendo sido substituído pelo termo intersexual da orientação Intersexo. Porém, acerta no seu questionamento sobre o personagem ser assexual. Percebe-se no comentário que o usuário da rede mantém uma certa confusão na definição da orientação sexual de Caíque, porém apresenta algum conhecimento sobre o tema.

Outro comentário veiculado na matéria no portal Estado de Minas foi coletado da rede social X, e indaga que: “Eis a questão, Caíque é assexual, um homem trans ou são traumas do passado? (@GVBSM, 2022, 11 de dez.). Aqui, o internauta que comenta sobre a orientação sexual de Caíque, também questiona se ele é assexual, mas não consegue afirmar. Ainda o confunde com um homem transexual ou que ele pudesse ter uma patologia causada por um trauma do passado, fazendo com que a sua prática sexual fosse prejudicada. Os sujeitos reproduzem falas que aprenderam no convívio social e familiar para atestar o discurso de verdade sobre o sexo, que perpassou o campo jurídico, cristão e a *scientia sexualis* na história da humanidade (Foucault, 1988).

Outra usuária escreveu: “Sei como o Caíque tá se sentindo, passei mais de 2 anos com uma pessoa sem contar q era assexual” (@ISISBATISTA777, 2022, 11 de dez.). Essa usuária se identifica com o personagem assexual, Caíque, o reconhece como assexual e afirma que passou por uma situação semelhante, mesmo apresentando ambiguidade no seu relato, visto que não é possível saber se o assexual seria ela ou a pessoa com quem se relacionou.

Outra informação importante que a usuária descreve se refere ao papel vivido pelo personagem assexual, Caíque, quando confirma ter experienciado um romance em que uma pessoa da relação também era assexual. Ela aponta a existência de casais heteros em que um deles é assexual. Isso pode gerar conflito no relacionamento se não houver consenso. Existe também a possibilidade de estabelecer uma relação tóxica pela falta de compreensão, transparência ou pela insistência na manutenção do relacionamento entre o casal que apresenta incompatibilidade na orientação e comportamento sexual, como viveu em *Travessia* (Globo, 2022) o casal Caíque e Leonor (Vanessa Giácomo).

O comentário do @UniversoFragoso se mostrou solidário ao personagem Caíque e manifestou compreensão do conflito vivido pelo casal, à medida em que fez afirmações, questionamentos e se posicionou sobre a dificuldade de se falar da sexualidade individual, como algo íntimo e privativo, até mesmo para um amigo de infância:

Vou defender o Caíque até o fim! Não é justo o sofrimento da Leonor, fico mal por ela. Mas ele TAMBÉM tá sofrendo! Acham que é simples ele contar que é assexual, não deu pra sacar que ele tem dificuldade de falar sobre isso? Nem o amigo de infância dele sabe caramba! (@UNIVERSOFRAGOSO, 2022, 13 de dez).

O relato acima mostra uma preocupação com o dilema do casal, enquanto a personagem Leonor (Vanessa Giácomo) é sexual e investe na construção de um ambiente propício para que aconteça a transa. O personagem Caíque (Thiago Fragoso) se apresentou como assexual e sofre a angústia de não poder corresponder à expectativa de sua namorada. Assim, o internauta demonstrou ter empatia pelo casal, entendendo o sofrimento de ambos, na trama.

Uma postagem no X (Twitter) trouxe um comentário positivo sobre a conversa entre os personagens Guida e Rudá: “ai que cena linda essa da Guida conversando com o Rudá, acho que as coisas estão caminhando pra uma boa abordagem da assexualidade dentro da novela, espero”. Outro comentário diz que: “Incrível como também precisam ‘sair do armário’, simplesmente por serem quem são: humanos, naturais. Sexo não é obrigatório nem essencial pra felicidade de ninguém. A liberdade, sim.”

A repercussão da representatividade da assexualidade trazida pela telenovela *Travessia* (Globo, 2022) atingiu gerações diferentes, conforme o comentário de uma jovem no X (Twitter): “Hoje minha avó de 95 anos veio me perguntar o que que o personagem do @fragosothiago em #Travessia quis dizer ao falar sobre assexualidade. Me encantei com a forma como ela ficou interessada e ainda é muito impactada pela cultura das novelas e dos assuntos abordados”. Lopes (2014, p. 4) nos diz que: “Os telespectadores se sentem participantes das novelas e mobilizam informações que circulam em torno deles no seu cotidiano”. A telenovela passou a fazer parte do discurso comunicativo familiar e social na cultura brasileira.

Na página do Instagram, @universofragoso, o público interagiu para falar do personagem Caíque, conforme veremos, começando pela participante @letscc que fez a seguinte afirmação: “Lembrando aqui que a primeira matéria sobre o Caíque, personagem do Thiago Fragoso em *Travessia*, dizia que ele seria demi, mas acabou sendo assexual romântico e a Glória Perez fez uma abordagem péssima. Medo do que o Ortiz vai fazer com esse tema” (@LETSCC, 2024). A participante se refere ao ator Daniel Rangel que foi escalado para viver um demissexual em *Família é tudo* (Globo, 2024) telenovela contemporânea do autor Ortiz. Por conseguinte, @letscc (2024) não entendeu que a demissexualidade é um subgrupo da assexualidade, assim como o assexual romântico e o estrito, por exemplo.

A reação em @universofragoso, por meio de Leletch (2022) para falar do personagem Caíque em *Travessia* (Globo, 2022) disse que: “fiquei pensando aqui: será que ele ainda tá se descobrindo (não sei se essa é a palavra mais correta, mas enfim)???. Então, L.P. CRUZ (2022) respondeu: “Eu acho que não, porque ele vai ajudar o Rudá a se descobrir, e pra isso ele tem que ser bem resolvido com a própria sexualidade. Acredito que ainda vai ser explicado porque ele tem tanta dificuldade de falar sobre”. Aqui o público alossexual¹⁵ acompanhou *Travessia* (Globo, 2022) e tentou descobrir sobre a sexualidade do personagem Caíque. Qual será o segredo dele? E assim, o suspense prevalece até ser revelado o mistério. Essa interação foi publicada quando Caíque inicia o enredo do seu personagem, justificando as inúmeras dúvidas na cabeça do público.

A usuária da rede Instagram, M.S. (2022) alegou ser assexual e respondeu as interações dos alossexuais: “Eu sou assexuada e é um termo pouco abordado até msm pq só assisti esse assunto na nvl malhação”. A participante acima lembra e faz menção de ter assistido sobre assexualidade em *Malhação*, conforme já mencionado que a *soap opera* *Malhação* trouxe o

¹⁵ Alossexual é um termo criado por comunidades assexuais para se referir às pessoas não assexuais.

tema nas temporadas de 2009 e de 2017, ainda que tenha sido abordado vagamente. A participante @luna (2022) fez o seguinte comentário: “Se para quem é demissexual já é difícil, imagina para o assexual? O erro do Caíque foi não ter conversado antes com Leonor, mas temos que olhar que vivemos num país machista se para mulher é difícil, imagina para o homem”. Na postagem da usuária, citada acima, ficou claro que, de novo, a pessoa que fez o comentário confunde o subgrupo demissexual como outra orientação diferente de assexualidade, sendo que a demissexualidade é mais um espectro da mesma orientação assexual.

A comunidade assexual na sua página do Facebook, contemplou reações de pessoas alossexuais (não Ace) que acompanharam a telenovela e reagiram à participação dos personagens Caíque e Rudá. Uma pessoa não Ace reagiu com o seguinte comentário: “Eu fui pesquisar depois que vi essa imagem pq me identifiquei, mas ainda estou me descobrindo, mas sei que sou uma pessoa demissexual”. Essa pessoa não Ace entende que está no processo de descoberta e autoidentificação. Afirmando que a cena do personagem assexual que ela assistiu em *Travessia* (Globo, 2022) a fez pesquisar sobre. Outro membro alossexual, assevera que: “Os que eu conheço dizem que são assexuais, mas eles sentem desejo, fica é enfiando o dedo na mulher então não é assexual pois sente desejo”, relato do usuário V.P (2022).

Esse participante citado acima demonstrou, pelo seu comentário, que possui um entendimento limitado do que seja a pluralidade assexual, visto haver vários espectros de assexuais diferentes. Inclusive alguns Aces, em determinadas circunstâncias podem praticar sexo. A usuária da rede Facebook, A. O. (2022) revelou que: “eu sinto afeto por homens, mas não tenho interesse por sexo, sempre fiz por uma obrigação nos relacionamentos que tive, mas cheguei numa fase que não quero mais, ou que não fosse uma obrigação, quero me relacionar com pessoas que me entendam”. O comentário corrobora os diversos relatos de sujeitos assexuais que tiveram de praticar sexo com outra pessoa por sentimento de obrigação de satisfazer o desejo do(a) parceiro(a). A participante S.K (2022) respondeu para A.O (2022): “então vou continuar sozinha, não tenho obrigação de fazer esse favor pra homem nenhum”.

5.1 A reação de assexuais e aliados nas redes sobre a assexualidade em *Travessia*

As reações de sujeitos assexuais plurais foram coletadas nas comunidades virtuais de pessoas assexuais, como fóruns, blogs, sites e nas redes sociais, X (Twitter), Facebook, Instagram, hashtags e entrevistas para a TV. Talvez a busca pela credibilidade na abordagem da assexualidade na telenovela e o cuidado com a exposição do tema, retratando sujeitos assexuais de forma educativa e informativa, possam explicar a reação

positiva das pessoas assexuais, sobre os personagens Caíque e Rudá, em *Travessia* (Globo, 2022). Vale ressaltar que o público é inteligente e possui repertório construído dos vários personagens que foram inseridos em outras tramas para representar a diversidade sexual. O fato de algumas representações terem sido insuficientes, exageradas e caricatas frente o contexto real dessa população representada pode ter contribuído para que o público assexual se surpreendesse positivamente e levasse a sério os personagens assexuais inseridos em *Travessia*.

Fórum de pessoas assexuais

As primeiras reações coletadas foram as do Fórum Forumeiros.com¹⁶, criado pela comunidade virtual Assexualidade.com e datam de abril de 2023, quase no final da exibição da telenovela. A postagem na rede Forumeiros começou assim: “Personagens assexuais na novela das 21h da Globo, ‘Travessia’. O membro autorreferido de visitante do fórum Forumeiros.com se apresenta e diz:

Olá. Soube recentemente que tem dois personagens assexuais na novela das 21h da Globo, ‘Travessia’. Não estou assistindo à novela, apenas conferi alguns trechos no Youtube e achei interessante. Por causa da trama, o ‘Fantástico’ fez uma reportagem sobre assexualidade no final de 2022. Considero esse tipo de representatividade como algo positivo e significativo, por isso, fiquei surpresa por não ter ouvido nada a respeito há mais tempo. Alguém está acompanhando ‘Travessia’? O que está achando da representação da assexualidade na novela? (VISITANTE, 2023).

A reação do membro do fórum revelou que existem os personagens assexuais na telenovela e, mesmo sem acompanhar a trama, observou a repercussão gerada, afirmou ser importante a abordagem do tema, questionou se alguém está assistindo *Travessia* e o que pensa da representação da assexualidade na narrativa. Reforço que todos os membros do fórum se autointitularam como pessoas assexuais. Na sequência, o membro identificado como teffly novato (2023) pontuou que: “Eu não acompanho a novela, mas achei interessante a forma como o tema está sendo abordado, peguei só alguns trechos do YouTube”. O membro visitante (2023) do fórum continua com o diálogo e reage dizendo que:

O ator Guilherme Cabral que interpreta o adolescente ace na novela, o Rudá, disse na reportagem do Fantástico que recebe muitas mensagens de pessoas dizendo que se identificam com o personagem. Alguns vídeos com trechos do personagem dele tem milhões de visualizações. As novelas brasileiras têm um alcance muito grande, acho que muita gente terá a oportunidade de se descobrir ace por causa de Travessia, sem contar que

¹⁶ Link de acesso ao fórum: <https://assexualidade.forumeiros.com/>

populariza mais o tema (VISITANTE, 2023).

Na reação acima, o usuário denominado convidado pontuou que o personagem Rudá foi entrevistado pelo Fantástico e afirma que vídeos do intérprete possuem milhões de visualizações. Além de acreditar ser importante a veiculação da assexualidade na telenovela, pela sua popularidade e alcance nacional. Lopes (2003) entende que a telenovela desenvolve esse papel de “narrativa nacional” e que o seu conteúdo é motivo de interações com o público nessa representação imaginada de nação.

Mais um(a) integrante do fórum, autodesignado como Tiago Sabido(a) (2023), reagiu dizendo que: “Eu acho bom esse tipo de representação quando é bem-feita sem ser muito estereotipada ou deturpada a nossa imagem. Eu não acompanho a novela, mas já ouvi falar que tão fazendo um bom trabalho sobre o assunto”. Nessa postagem, o(a) membro(a) do fórum pontua sua preocupação sobre como estão sendo representados(as). Afirmou que não acompanha a trama, mas tem boas notícias sobre o trabalho dos personagens assexuais. Tiago Sabido(a) (2023) respondeu a outra reação no fórum e reafirmou a importância da representação e da visibilidade da assexualidade em *Travessia* (Globo, 2022-2023) dizendo que: “Isso é muito bom! Esse tipo de representação acho bom, dá visibilização e alcança mais pessoas que muitas vezes nem sabem nada sobre o assunto. Espero que outras mídias sigam o exemplo, gostaria de haver mais filmes e séries com personagens assexuais” (TIAGO SABIDO(A), 2023).

Nessas reações, os membros falam sobre os personagens assexuais na telenovela e demonstram que não são “noveleiros”, apenas assistem trechos, veem vídeos no YouTube e sabem de notícias sobre o tema assexualidade abordado na teledramaturgia da TV Globo. Concordam com a visibilidade e a necessidade dessa representação em curso. Mas confirmou-se nas reações deles a preocupação sobre o exagero e o caricato de personagens LGBTAIAPN+ inseridos nas telenovelas da emissora. A ação dos membros nas redes sociais de assistirem e interagirem sobre o que passa na telenovela, dialoga com a cultura da convergência de Jenkins (2014, p. 45) quando ele diz que: “A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias”.

A seguir, outro (a) membro(a) apresentou tal preocupação: “Concordo! Era esse o meu receio antes de assistir a alguns trechos da novela com os personagens assexuais. Achei que usaram algumas frases prontas em um dos diálogos, mas no geral, pelo que vi, a abordagem ficou bem interessante” (VISITANTE, 2023). Lopes (2014, p. 8) afirma que: “A telenovela, com seus enredos, imagens e sons, nos transporta a um universo que é ao mesmo tempo ficção e espelho da realidade, em uma espécie de jogo subjetivo,

possibilitando aos telespectadores diferentes experiências a partir de suas tramas ficcionais”. Além da interação do público com a telenovela, entre a ficção e a realidade, a discussão extrapola para o debate em outras mídias sobre o que se passa de importante na narrativa, colocando em prática a *agenda setting*. Castro (2014, p. 16) diz que: “O que se passa de importante na TV gera reação e debate, como consequência a imprensa falada ou escrita reverbera essa reação e discussão na sociedade”.

Assim, para finalizar a participação dos membros do Fórum Forumeiros.com, da Comunidade assexual, apontando que as reações foram positivas sobre os personagens assexuais, Caíque e Rudá, em *Travessia* (Globo, 2022), mas demonstram também que gostariam de ver mais representatividade em outras mídias, que inclua a participação de artistas e pessoas públicas, conforme apontado pelo(a) *visitante* (2023): “Eu também gostaria de ver mais representatividade ace nas mais diversas mídias e atividades (artistas e outras pessoas públicas)”.

Comunidade assexual no Facebook

A comunidade virtual de assexuais, em sua página do Facebook, reagiu à atuação dos intérpretes assexuais em *Travessia* (Globo, 2022). A reação da participante A.P. (2022) entende que a visibilidade assexual na telenovela é importante, mas na opinião dela, precisa tratar o tema com preparo, pois do contrário seria melhor não apresentar. Segundo ela, houve um personagem ‘vegano’ despreparado na telenovela Pantanal. A participante Ace J.J. (2022) afirmou entusiasmada: “Aaaah cara finalmente um personagem ace”. Já outra usuária da rede de iniciais J.S. (2022) disse que: “Eu adorei algo que fale sobre. Eu sou assexuada”. A usuária nomeada pelas suas iniciais de identificação J.N. (2022) afirmou que: “Essa novela fez eu descobrir que sou assexuada”. Gostaria de explicar que termo correto para as pessoas Ace, é assexual e não assexuado(a). O termo assexuado(a) soa de modo pejorativo e se refere a espécies de animais que não possuem órgãos sexuais. Quando os membros assexuais interagem nas redes e se definem como assexuados(as), usando a terminologia recusada pelo movimento, fica evidente a falta de afinidade com as discussões tecidas nos grupos sobre assexualidade. Por outro lado, nas demais orientações sexuais não se fala homossexuado, bissexuado ou heterossexuado, mas homossexual, bissexual e heterossexual.

Um membro do grupo de iniciais D.V. (2022), alossexual, (pessoa não ace), interagiu e respondeu: “Eu não conhecia sobre assexual e peço desculpa por não entender

e entrar de curiosidade no grupo de vocês. Assisto a novela e fico pensando como deve ser difícil ou não né!! Eu não me imagino sem sentir desejo sexual por alguém”. Esse membro não Ace é denominado de aliado dos assexuais, inclusive os aliados são contemplados pela cor branca da bandeira assexual. Quando se trata de aliados, são pessoas que apoiam a causa da diversidade, que defende, respeita, participa de eventos, discussões e estuda para compreender sobre a temática.

O usuário citado acima agiu com respeito e se solidarizou com os membros assexuais do grupo, mesmo afirmando ser asexual (pessoa não Ace). A participante J. N. (2022) que se descobriu assexual a partir da visibilidade e da representação dos personagens assexuais, Caíque e Rudá, desenvolveu um debate sobre as pessoas assexuais com o aliado D.V (2022). Ela respondeu ao comentário dele que disse ser difícil a pessoa se assumir como assexual, fazendo a seguinte fala: “para gente não é difícil, o difícil é a sociedade que não entende, A NOVELA ter abordado esse assunto foi muito importante” J.N. (2022). O usuário D.V (2022) continua: “mas J.N, eu vejo o personagem do Caíque ficar a todo tempo procurando uma namorada e querendo que elas entendam a orientação dele e aceitem ficar com ele”. J.N. (2022) retruca: “cada um tem sua reação há os que procuram e os que não procuram há várias explicações sobre o assunto no You Tube onde fica bem claro que cada um tem sua forma de vida, e a novela aborda o Caíque e o Rudá”.

Para finalizar o debate na página do Facebook da comunidade assexual, D.V (2022) emenda: “eu entendo, é complicado. Que bom que a novela está abordando e com dois personagens, um que necessita ter alguém ou sente desejo de se relacionar. E o outro Rudá que não sente nenhum desejo, nem afetivo”. O aliado D.V. (2022) soube diferenciar o fato de Caíque possuir atração romântica denominada de orientação assexual heterorromântica, já que ele fez o papel de um assexual romântico, hetero. E o personagem Rudá não sentia atração romântica ou desejo sexual por ninguém, descobrindo-se como assexual estrito, outro subgrupo da assexualidade.

5.2 A reverberação nos portais de notícias online sobre assexualidade em *Travessia*

A partir da hipótese ou teoria de agenda-setting, existe uma agenda que é praticada na mídia falada e escrita. A hipótese ou teoria da *agenda setting* contribui para entender a relação e a influência do público com as mídias. O que se passa de importante na TV gera reação e debate, como consequência a imprensa falada ou escrita reverbera essa reação e discussão na sociedade. Castro (2014, p. 16) afirma que: “Mais recentemente,

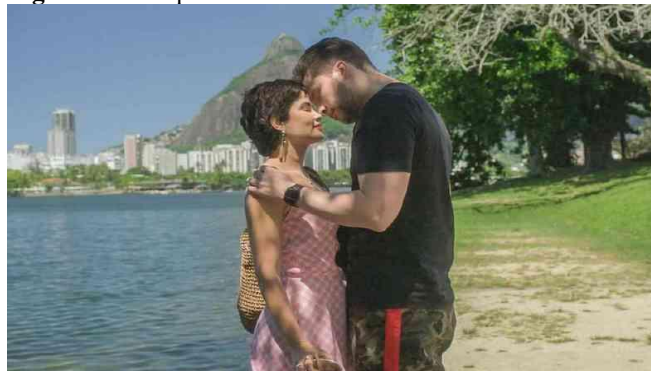
alguns autores, como McCombs (2004), Temer e Nery (2012), passaram a nomear a então Hipótese de Agenda-setting como Teoria da Agenda”.

O que passa de importante na televisão repercute nos jornais e revistas. Ainda que a disseminação das interações dos telespectadores sobre a importância do que assistem na televisão não seja toda captada pela mídia falada e escrita, parte da discussão sobre assexualidade e dos personagens assexuais da telenovela *Travessia* (Globo, 2022) foi veiculada por diversos portais de notícias e sites de revistas online. Estes convidaram pesquisadores e especialistas para opinarem sobre o tema. Para este estudo, foram coletadas matérias veiculadas em sites de jornais e de revistas online, através de busca e seleção na internet. Apropriando-me do conceito netnográfico, que segundo Kozinets (2014) funciona como método de pesquisa etnográfico online.

Estado de Minas online

Na seção diversidade do portal de notícias online *Estado de Minas*, foi publicado em 15 de dezembro de 2022 uma matéria que abordou o tema assexualidade apresentado na telenovela *Travessia* da TV Globo, no horário das 21 horas, de autoria da escritora Glória Perez. A matéria apresenta a seguinte manchete: “Entenda o que é assexualidade, vivida por personagens na novela Travessia”. Diz a publicação que dois personagens assexuais da telenovela, Rudá e Caíque, mostram “as possíveis variações dentro da mesma orientação sexual”. O guarda-chuva assexualidade fala em subgrupos ou espectros para definir pessoas assexuais que se autoidentificam e se autodenominam quando se reconhecem assexuais, buscando, portanto, uma autodefinição de pertencimento à orientação assexual.

A legenda da imagem, inserida pelo portal diversidade do jornal o *Estado de Minas*, diz que Caíque (Thiago Fragoso) é um personagem assexual e vive um relacionamento com Leonor (Vanessa Giácomo). A imagem abaixo retrata o casal de namorados.

Figura 11: Caíque e Leonor em cena de *Travessia*

Fonte: Globo divulgação/ Estado de Minas

O jornal publicou que o personagem Caíque “tem chamado atenção dos telespectadores”. Afirmar que ele namora a personagem Leonor, demonstra gostar muito dela, mas vive fugindo das investidas sexuais da namorada. Segundo a matéria, no X (Twitter), “muitos internautas tentam descobrir o segredo do rapaz, levantando hipóteses se ele seria gay, impotente ou carrega algum trauma”.

Fomos educados ou deseducados para aceitar que o relacionamento amoroso somente é válido se for heterossexual e envolver a prática de sexo como sinônimo de amor, prazer e felicidade. O personagem assexual, Caíque, de *Travessia*, ao contracenar com a sua namorada, Leonor (Vanessa Giácomo), diz para ela que: “se existe sexo sem amor, existe amor sem sexo”. Essa frase serviu para justificar a falta de interesse sexual do personagem, mas não a falta de amor. Assim, por meio da representatividade ficcional, torna-se possível desmistificar tabus sobre sexualidade e orientação sexual heteronormativa, ao exemplificar outras possibilidades de amar perante a fluidez e complexidade da sexualidade humana.

Portanto, a telenovela amplia o debate para além dela própria, como por exemplo, via redes sociais, quando a discussão sai do campo da “cultura em domicílio” (Martín-Barbero, 2001), pautada pela televisão, para o campo das redes, ampliando o debate por meio de interações/mediações. Referindo-me ao tema assexualidade, a representação na telenovela e a discussão nas redes sociais, abrem espaço para a socialização, promovendo a cidadania sexual e saindo das amarras do controle e dos tabus sobre o sexo. A circulação do debate agenciado em diversas plataformas digitais, como os portais de notícias online e as redes sociais, por exemplo, corrobora as afirmações de Jenkins (2013) sobre a “cultura da convergência”. “A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia”, segundo Jenkins (2013, p.45).

Para quem não é assexual ou especialista no assunto, baseado na construção social de que todos são sexuais, logo devem praticar sexo, o questionamento sobre o porquê de um jovem apaixonado não se interessar pelo ato sexual se torna pertinente ao grande público (Wolton, 1996), buscando uma explicação para entender os motivos de tal desinteresse apontado pelo personagem. Portanto, “as mediações comunicativas da cultura” barberianas demonstram que, para além dos meios como aparatos comunicativos, as mediações são acionadas e tecidas nos diálogos construídos entre as pessoas que reinterpretem e ressignificam as experiências culturais, não limitando o ato comunicativo pela via da recepção passiva.

O jornal online afirmou, na referida matéria, que outro personagem assexual ajudará a levantar o debate sobre assexualidade, sendo protagonizado pelo jovem adolescente Rudá (Guilherme Cabral), o qual passa a ser atormentado pelo padrasto, Moretti, personagem de Rodrigo Lombardi, “com piadas sobre encontrar uma namorada”. Segundo o *Estado de Minas*, “os personagens apresentaram aspectos distintos da assexualidade e ajudaram a mostrar a diversidade dentro de uma mesma orientação sexual”. Quando a matéria escreve que o personagem assexual do jovem Rudá (Guilherme Cabral) irá ajudar a levantar o debate sobre assexualidade, alude à complexidade da orientação sexual, a importância da representatividade do tema na telenovela e o interesse do público pelo assunto.

Outra informação importante que a matéria descreve se refere ao papel vivido pelo personagem assexual, Caíque, quando confirma ter experienciado um romance em que um dos pares também era assexual, asseverando a existência de casais hétero em que um dos pares é assexual, o que pode gerar conflito no relacionamento se não houver um consenso. Existe também a possibilidade de estabelecer uma relação tóxica pela falta compreensão, transparência ou pela insistência na manutenção do relacionamento entre o casal que apresenta incompatibilidade na orientação e comportamento sexual, a exemplo do que viveu em *Travessia* o casal de personagens.

Vou denominar o próximo trecho da matéria de segunda parte da publicação no portal online *Estado de Minas*, na seção *Diversidade*. Quando o jornal apresenta uma breve definição de assexualidade. Na sequência, são apresentados alguns subgrupos ou espectros da assexualidade, definidos pelos próprios assexuais, segundo a rede estadunidense e ainda cita nomes de artistas brasileiras que já vieram a público expressar que são demissexuais, como a cantora Iza, a atriz e a apresentadora Giovanna Ewbank.

O portal online faz a seguinte pergunta: “O que é assexualidade? O termo assexual se refere a uma das muitas formas de manifestação da sexualidade humana e se caracteriza pela pouca ou nenhuma atração sexual por outras pessoas, sendo ainda um conceito em construção”. O guarda-chuva da assexualidade é composto por espectros ou subgrupos, nomes estes convencionados por assexuais fundadores de comunidades virtuais e por pesquisadores acadêmicos, enquanto a veiculação no jornal aqui retratado, denomina de subdivisões os vários grupos de pessoas assexuais. O jornal *Estado de Minas* afirma que:

Segundo a AVEN (Asexuality Visibility and Education Network) a divisão básica se dá na forma da assexualidade aromântica, que não sente atração romântica ou interesse em relacionamentos, como é o caso do personagem Rudá, e romântica, aqueles que se apaixonam e querem viver relacionamentos, como Caíque em *Travessia* (ESTADO DE MINAS, 2022).

Faço uma ressalva na descrição da AVEN, feita pelo portal online quando escreve *Asexuality* em vez de *Asexual*, porque a Rede é de Visibilidade e Educação Assexual e não Assexualidade, que é o substantivo para denominar e abarcar os espectros da mesma orientação. A atração romântica se divide em *heterorromânticos*, aqueles sujeitos assexuais que sentem vontade e podem se relacionar romanticamente com o gênero oposto; os *homorromânticos*, se constituem de assexuais românticos que sentem vontade e podem se relacionar com o mesmo gênero; já os *birromânticos* são aquelas pessoas assexuais que sentem vontade e podem se relacionar com ambos os gêneros. Segundo o portal *Estado de Minas*, os demissexuais são pessoas assexuais incluídas no espectro que somente sentem atração sexual e podem desenvolver uma relação amorosa “com quem compartilham um profundo laço afetivo”.

Na bandeira da assexualidade, criada pela AVEN, composta por quatro cores, os assexuais estritos são representados pela faixa de cor preta da bandeira. Os sujeitos assexuais, denominados de Gray-A ou área cinza, que engloba vários subgrupos, como os demissexuais, heterorromânticos, homorromânticos e os birromânticos, pertencem a essa área de cor cinza da bandeira. Já o branco se refere aos denominados aliados, pessoas alossexuais que apoiam a causa dos assexuais, sejam amigos, familiares ou voluntários. A cor roxa da bandeira é aquela que representa toda a orientação assexual.

Na entrevista para a matéria sobre assexualidade, do jornal *Estado de Minas*, João Pedro diz que:

Para as pessoas assexuais acaba sendo uma divisão muito extrema de o que é sexualidade e o que é afetividade, o que é sexo e o que é amor, de modo que existem algumas pessoas assexuais que querem estar nesse enquadre

de relacionamento, namorar casar e ter filhos, tem outras para as quais isso não é nem um pouco interessante (ANDRADE, 2022).

A orientação assexualidade apresenta possibilidades fluídas de comportamento assexual, desde àqueles que desenvolvem atração romântica e até os demissexuais que, em determinados contextos, podem desenvolver atração sexual. Verifica-se que a matéria veiculada no portal online *Estado de Minas*, conseguiu trazer para o debate a discussão sobre assexualidade, por meio de entrevista a um pesquisador e estudante de Psicologia, através de comentários das reações do público, sobre os personagens assexuais da telenovela *Travessia* (Globo, 2022), mas também apresentou na matéria alguns conceitos teóricos e empíricos relacionados às pessoas assexuais e à orientação assexualidade.

Entrevistas no programa Fantástico

A matéria disponível no portal do Globo.com foi gravada pelo programa semanal da TV Globo, *Fantástico*, que é veiculado aos domingos à noite e costuma apresentar matérias que repercutiram durante a semana em nível nacional, seja por meio da imprensa falada, escrita, redes sociais ou por uma combinação de ambas. O tema que provocou debate nas redes sociais e repercutiu na imprensa, durante a semana, foi sobre a trama vivida pelos personagens assexuais na telenovela *Travessia* (Globo, 2022) da TV Globo.

O conteúdo da matéria foi pautado em entrevistas com duas pessoas assexuais, os dois atores que protagonizaram os personagens assexuais de *Travessia* e uma psicóloga, especialista em terapia sexual. O *Fantástico* inicia a reportagem com a seguinte chamada: “Assexuais, pessoas como Caíque e Rudá, de ‘Travessia’, falam da vida sem sexo”.

Na sequência, em caixa baixa, o *Fantástico* descreve dados do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, afirmando que aproximadamente 8% das mulheres brasileiras e 2,5% dos homens, entre 18 e 80 anos, são assexuais. A matéria se iniciou com a fala de uma mulher que afirma ter se descoberto assexual aos 22 anos de idade e relata que, desde os seus 13 anos, sentia-se diferente das demais colegas, visto que não tinha interesse em paquerar os garotos como faziam as suas amigas e por esse motivo sentia-se excluída. A entrevistada afirmou para a reportagem que se sentia estranha, pensava ter uma doença e que deveria fazer um tratamento, acreditando ser a única pessoa no mundo que apresentava tal comportamento.

O outro assexual entrevistado, um jovem de gênero masculino, diz que aos 22 anos se descobriu assexual quando se assumiu homossexual para a sua mãe e obteve a seguinte pergunta dela: “É esse tipo de sexo que você quer para a sua vida”? Ele disse

que parou e pensou: “caramba as pessoas fazem sexo”, em tom de surpresa. Afirmar ainda que enfrentou dilemas porque não gostava de sexo e a sociedade cobra que as pessoas devem e precisam praticar sexo. Quando questionado pela jornalista como se descobriu assexual, o jovem diz que foi pesquisando na internet sobre pessoas que não se interessavam por sexo e encontrou a definição, passando, em pouco tempo, a se interessar pelo tema.

Curiosamente os dois corpos assexuais plurais, entrevistados, afirmaram somente se descobrirem assexuais depois dos 20 anos de idade. Disseram que se sentiam diferentes dos demais amigos desde a adolescência e que enfrentaram dilemas sobre suas vidas sexuais. A mulher assexual afirmou na entrevista que ao assistir os personagens assexuais na telenovela *Travessia* (2022), “via-se neles e sentia-se representada. Dizendo que “a gente quer se mostrar, dizer que a gente existe”. O assexual masculino, disse ser muito importante que a telenovela esteja falando de assexualidade porque na opinião dele, “até pouco tempo, só a internet conhecia, e que muitas pessoas são assexuais e não sabem por falta de informações”. Portanto, os entrevistados se percebem nos personagens assexuais e se mostram solidários com outros assexuais que podem não conhecer o tema e por isso carecem de informações para se orientarem e se sentirem representados.

A invisibilidade e o silenciamento podem ser produtos das relações de poder em que sujeitos têm voz, mas não podem falar e se falam não são ouvidos, assim, precisam de alguém que os represente, ainda que seja um personagem ficcional na telenovela. Segundo Oliveira (2021) diz que Quijano (1989) afirma haver uma “internalização da subalternidade, pensando ainda as desigualdades de gênero, o disciplinamento dos corpos e a sujeição dos saberes” (OLIVEIRA, 2021, p. 230).

A telenovela, as comunidades virtuais, as redes sociais e as entrevistas nos portais de notícias acionam lugares de representatividade e visibilidade aos sujeitos assexuais, como espaços de afirmação e pertencimento. “Nesse sentido, é fundamental que sejam criados novos lugares tanto institucionais quanto não-institucionais para que todos os subalternizados possam falar e sejam de fato ouvidos [...]” (OLIVEIRA, 2021, p. 231).

O *Fantástico* diz que naquela semana “uma cena de ‘*Travessia*’, despertou a curiosidade de muita gente. Caíque, personagem do ator Thiago Frago, revelou que é assexual, um tipo de orientação sexual muito mais comum do que se imagina”. Na sequência da matéria a psicóloga, Ana Canosa, conversa com o programa e explica: “Ah, o sexo é importante para todo mundo. Todo mundo precisa fazer sexo. Não é assim. Então é preciso que a sociedade entenda, é preciso que a gente despatologize comportamentos

que a gente acha diferentes da maioria” (CANOSA, 2022). Segundo Foucault (1988) a *scientia sexualis* baseia-se no discurso de verdade sobre o sexo a partir da confissão, da proibição e do controle para diagnosticar e patologizar os comportamentos e práticas sexuais.

A apresentadora, Renata Ceribelli, explica que a assexualidade está representada pela letra ‘A’ na sigla LGBTQIAPN+. Ela confirma que existem vários tipos de assexuais, como os estritos, sendo aqueles que não desenvolvem atração romântica ou sexual por outra pessoa. A jornalista também explicou em que consistem os subgrupos da assexualidade, como o Gray-A, a denominada área cinza, assim como os demissexuais, os heterorromânticos, birromânticos e homorromânticos, em que, a partir da construção de uma relação de confiança e afeto, pode haver a prática sexual. Já os assexuais românticos, em contextos específicos podem ter relação sexual ou se contentarem com um relacionamento baseado em afetos, como carinhos, abraços, beijos etc.

Segundo o *Fantástico*, “entre os preconceitos sofridos pelos assexuais, está o de que eles precisam ser ‘tratados’ e ‘curados’, sendo, assim, considerados como pessoas doentes. Nas palavras de Bogaert (2006), o termo assexualidade passa a ser considerado uma orientação sexual e não pode ser aplicado “para descrever uma condição patológica ou estado de saúde comprometido” (BOGAERT, 2006, p. 2). A fluidez e a complexidade da sexualidade humana ainda carecem de produção e disseminação de conhecimento sobre gênero, sexualidade e orientação sexual, num processo educativo para o diálogo, a discussão, o respeito e a compreensão acerca da liberdade e cidadania sexual.

Portal do Metrôpoles online

A matéria¹⁷ escrita pela colunista Thamara Maira, em 29 de janeiro de 2023, trouxe a seguinte manchete: “Novela Travessia gera debate sobre diferentes tipos de assexualidade”. O texto publicado no portal online do jornal *Metrôpoles*, descreve um resumo dos diferentes tipos de assexuais, após os personagens Caíque e Rudá conversarem a respeito das suas assexualidades na telenovela. A imagem a seguir, veiculada no portal *Metrôpoles*, revela o encontro dos personagens assexuais em *Travessia*. O momento de interação entre os personagens serve para estreitar a amizade

¹⁷ Novela Travessia gera debate sobre diferentes tipos de assexualidade. Publicado em, 29/01/2023, no site: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/novela-travessia-gera-debate-sobre-diferentes-tipos-de-assexualidade>

entre eles e falar dos seus comportamentos diferentes como pessoas assexuais, confirmando os vários espectros sob o guarda-chuva assexualidade.

Figura 11: Caíque e Rudá em cena de Travessia



Fonte: Portal Metrôpoles/Globo

Segundo a coluna *Pouca Vergonha* do *Metrôpoles*: “A definição da assexualidade se dá principalmente pela falta de desejo e/ou interesse na prática sexual. Contudo, de acordo com o psicólogo Alexander Bez, atualmente há muitas confusões a respeito desse tópico”. O psicólogo entrevistado pelo portal, afirma “que a assexualidade é uma condição adquirida ao longo da vida amorosa” e, segundo ele, “a pessoa adquire a assexualidade como modo de vida”. O especialista diz que para algumas pessoas a condição assexual é “adquirida em função de alguma decepção ou trauma”. Essa afirmação do psicólogo difere da opinião de pesquisadores sobre o tema, do depoimento de pessoas assexuais e do entendimento de outros psicólogos nacionais e internacionais, que são muitas vezes unânimes ou ao menos complementares, ao dizer que a assexualidade é descoberta em diferentes fases da vida, não sendo causada por traumas ou doenças e se insere nos vários comportamentos assexuais, pela falta total ou parcial de desejo e atração sexual por outra pessoa.

O jornal *Metrôpoles* diz na sua matéria “que muita gente não sabe é que dentro da assexualidade existem diversas orientações com particularidades e características diferentes entre si. Ou seja, ser assexual não é apenas não ter desejo sexual, mas também quando este desejo está condicionado a algo específico”. Aqui a discordância com o texto apresentado na coluna *Pouca Vergonha* se refere à afirmação de que existem “diversas orientações” de assexualidade, quando o consensual, por assexuais e pesquisadores, é falar em espectros ou subgrupos de comportamentos assexuais diferentes dentro do mesmo guarda-chuva da assexualidade, enquanto orientação sexual.

O portal *Metrôpoles* apresenta alguns “tipos” diferentes de assexualidade, porém, as comunidades virtuais de pessoas assexuais, a estadunidense AVEN e algumas

comunidades assexuais brasileiras, como o coletivo AbrAce e a Comunidade assexual, partilham com espectros assexuais numa quantidade reduzida em relação ao apresentado na referida matéria, conforme convencionado na construção da bandeira assexual composta por suas quatro cores que procuram englobar comportamentos assexuais, como os estritos, os românticos e os demissexuais, também denominados de Gray-A ou área cinza, por transitarem nesse meio.

Falar em “tipo” como sinônimo de espectro ou subgrupo para apontar comportamentos diferentes de assexualidade torna-se compreensível, ao invés de falar de orientações diferentes para se referir à assexualidade, visto tratar-se de uma única orientação sexual em que os sujeitos se comportam de acordo com as suas escolhas identitárias de pertencimento debaixo de um amplo guarda-chuva da mesma orientação sexual. Dito isso, parte-se para a definição dos “tipos diferentes de assexualidade” segundo o Metrôpoles:

- “Assexual romântico: não tem interesse na prática sexual com outra pessoa, mas pode ter interesse por relacionamentos românticos e se apaixonar”.
- “Assexual estrito: não sente atração sexual em nenhum momento”.
- “Demissexual: sente atração sexual somente após desenvolver um vínculo afetivo com outra pessoa”.
- “Grayssexual: sente atração sexual somente em determinadas circunstâncias”.
- “Frayssexual: sente atração sexual apenas quando não há vínculo afetivo formado”.
- “Cupiossexual: não sente atração sexual por outros, mas tem desejo sexual e vontade de ter uma vida sexual ativa”.
- “Assexual fluído: que ora se sente como um demissexual, ora se sente como um grayssexual. Em outras palavras, é alguém cujos desejos sexuais flutuam ocasionalmente”.

O portal *Metrôpoles*, na sua coluna “*Pouca Vergonha*”, apresenta a discussão sobre a assexualidade na telenovela *Travessia* pelo viés institucional e a fala de um especialista (psicólogo) para tratar do tema. A jornalista responsável pela matéria, diferentemente das outras aqui analisadas, não entrevistou atores que fizeram os papéis

de assexuais, não ouviu pessoas assexuais e nem coletou reações do público nas redes sociais, que pudessem aprofundar o debate.

5.3 Especialistas e os atores Thiago Fragoso e Guilherme Cabral são entrevistados

Especialistas em comportamento e terapia sexual, da área de Psicologia, principalmente, foram entrevistados por colunistas de revistas, portais de notícias online e pelo programa Fantástico. Os atores que protagonizaram os assexuais Caíque e Rudá também concederam entrevistas para alguns canais midiáticos, incluindo o *Fantástico*, relatando como foi para eles representarem pessoas assexuais em *Travessia* (Globo, 2022) e a repercussão do público.

O sucesso da representação da assexualidade como mais uma orientação sexual na teledramaturgia da TV Globo, ultrapassou as interações dos fãs de telenovelas nas redes sociais e repercutiu em outras mídias, como portais de notícias online, revistas e programas de TV. As matérias veiculadas apresentaram o entendimento dos entrevistados sobre assexualidade a partir dos personagens assexuais, Caíque e Rudá, em *Travessia* (Globo, 2022).

Revista Veja online

Os colunistas da revista *Veja* (2023)¹⁸, Giovanna e Valmir, conversaram com o psicólogo Alexander Bez que afirmou:

A definição de assexualidade se dá principalmente pela falta de desejo e/ou interesse na prática sexual. Atualmente há muitas confusões a respeito desse tópico. Para algumas pessoas, a assexualidade é uma orientação sexual, onde entendem dessa maneira, e para outras é uma condição adquirida ao longo da vida amorosa (BEZ, 2023).

Assim, o entrevistado apresenta uma definição da assexualidade próxima do que as comunidades virtuais de assexuais, nacionais e internacionais, estabelecem. Segundo a coluna, Bez considera que a autora de *Travessia* (Globo, 2022), Glória Perez, fez uma abordagem correta do tema na telenovela. Ele reafirmou que a definição autorreferida dos personagens assexuais na trama corresponde a dois ‘tipos’ de assexualidade interpretados: “O assexual romântico, personagem de Caíque, que não tem interesse na prática sexual com outra pessoa, mas pode ter interesse por relacionamentos românticos e se apaixonar.

¹⁸ Link de acesso à matéria citada: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-tensa-representacao-dos-assexuais-em-travessia-segundo-psicologo>

E o assexual estrito, personagem Rudá, que não sente atração sexual em nenhum momento” (BEZ, 2023).

O psicólogo segue o entendimento de que a assexualidade é de fato um termo guarda-chuva, composta por vários espectros. Ele pontua que: “A experiência das pessoas assexuais tende a ser solitária, uma vez que poucos compreendem o desinteresse por sexo e, principalmente, pela escassez das informações sobre essa orientação sexual e representações caricatas na mídia, que contribuem para equívocos” (BEZ, 2023). Ele descreve a tendência de isolamento no estilo de vida de pessoas assexuais e atribui essa condição à falta de compreensão e de conhecimento sobre a assexualidade.

Alexander Bez, especialista em saúde mental e comportamento, foi entrevistado por outros portais e canais de notícias online, para tratar da assexualidade e dos personagens assexuais, Caíque e Rudá, em *Travessia*. Para a coluna *Na telinha* do portal *Uol*, Bez disse que se torna natural a sociedade pensar que os assexuais são gays. Ele apresenta o seguinte argumento:

Para o assexual, não é muito interessante falar de assuntos relacionados a sua própria orientação sexual ou sobre sexo em si. Por esse motivo, pelos assexuais não falarem, é comum acharem que a pessoa é gay, o que é errado, porque passa a ideia de que todos os gays têm dificuldade de se expressar, mas infelizmente faz parte de uma cultura (BEZ, 2022).

A afirmação acima condiz com falas encenadas de personagens familiares e de amigos de Caíque e de Rudá, com suposições de que eles seriam gays. Também alguns comentários sobre a telenovela nas redes digitais demonstraram essa dúvida. Os equívocos são diversos, visto que a comparação de assexuais a gays rotula negativamente os dois grupos de pessoas. A telenovela apresentou dois assexuais héteros, mas poderiam ser dois assexuais gays. Portanto, a partir do entendimento das comunidades assexuais, a assexualidade pode estar presente nas diferentes orientações sexuais, como o heterorrômântico, o birromântico, o homorromântico e o transromântico, por exemplo.

Segundo Bez, existe uma ‘indução sexual’ pelos pais, familiares, amigos e até pela escola. Assim, para o especialista, a sexualidade deve acontecer naturalmente, sem pressão. Caso contrário, ele afirma que tal cobrança ou indução pela prática do sexo pode criar uma confusão na criança, o que ele denomina de ‘cisão de ego’. E defende que “é na adolescência que se descobre o sexo. Já a assexualidade pode ser descoberta em fases diferentes da vida” (NATELINHA, 2022, p. 1). Logo, pode ser mais demorado, destaca o entrevistado.

Estado de Minas online

O portal de notícias online *Estado de Minas*, em sua coluna *Diversidade*, publicou matéria de Izabela Caixeta, na qual trouxe a contribuição do estudante de Psicologia e pesquisador de gênero e sexualidade, Andrade (2022), que falou sobre os personagens assexuais em *Travessia*. A matéria da entrevista começa afirmando que “os dois personagens apresentam aspectos distintos da assexualidade e ajudam a mostrar a diversidade mesmo dentro de uma mesma orientação sexual”. Para Andrade (2022), “é muito importante essa representatividade, tanto na novela como em outras obras, para nomear um sentimento que muitas pessoas até então tinham como ilegítimo”. O entrevistado alega que sentimentos são reprimidos por falta de diálogo e quando esses sentimentos são veiculados na mídia como algo vivenciado por outras pessoas, acaba sendo positivo, havendo uma representatividade desse coletivo.

Extra.globo.com online

Em entrevista para o jornal *Extra.globo.com*, em matéria publicada no dia 05 de fevereiro de 2023, o ator Thiago Fragoso revelou como foi interpretar uma pessoa assexual romântica. A matéria diz “instrutor de voo se encantou por Leonor (Vanessa Giacomo), mas nunca quis levá-la para a cama. E isso acabou por afastar os dois” (EXTRA, 2023). O ator afirma que:

Leonor nunca teve um relacionamento positivo, os homens sempre foram tóxicos. Em Caíque, ela encontrou um cara adorável, que levanta o seu astral, a diverte, parecia perfeito para todas as suas expectativas. O único senão é que ele não a satisfaz sexualmente. Esse casal da ficção é interessante porque faz pensar que nem sempre a gente tem tudo o que quer na vida. Até que ponto as pessoas estão dispostas a entrar num acordo, a limitar a sua satisfação sexual em função de um grande afeto? Pensando bem, acho que toparia um amor assim... Não é algo para se descartar de cara. Se Mariana [sua esposa] fosse assexual, eu ia continuar querendo compartilhar a vida com ela nesses 18 anos. Com pouco ou nenhum sexo, da forma que fosse (FRAGOSO, 2023).

O ator fez uma comparação do seu personagem assexual com a sua vida de casado, mas na sua fala não se coloca como assexual na realidade, e coloca a sua esposa, na possibilidade de ser uma mulher assexual e que aceitaria tal condição.

Na sequência da entrevista, ele relata que Glória Perez costuma apresentar temas nas suas novelas que funcionam como “marketing social”, que na sua visão são muito importantes. E para falar do seu personagem assexual em *Travessia*, ele corrobora que: “A assexualidade é desconhecida e rejeitada, mesmo dentro da comunidade

LGBTQIAP+. As pessoas têm preconceito porque a gente vive numa sociedade extremamente sexualizada” (FRAGOSO, 2023). A fala de Fragoso constata o que é sabido sobre a resistência de inclusão do A de assexualidade na sigla LGBTQIAPN+, na década de 2010, quando foi definida a assexualidade como mais uma orientação sexual e estabelecido que ela fizesse parte da sigla do orgulho. A reportagem diz que o ator estudou o tema para “poder apresentá-lo com propriedade”. Para isso, ele conversou com uma pessoa na qual a autora se baseou para construir seu personagem Caíque.

A dramaturgia tem pouca coisa sobre assexualidade. Havia uma preocupação da Glória em mostrar que o assexual não é baixo-astral, triste. Eu concordo com ela, seria muito ruim se a gente levasse por esse lado. São pessoas de vida normal, que se divertem, têm seus amigos. Não são coitadinhos, deprimidos. É claro que pode rolar uma tristeza pela falta de encaixe na sociedade, mas não é regra. Então, ela me colocou em contato com Marcos. Conversei muito com esse cara. Pedi licença, fiz perguntas íntimas. Ele é caminhoneiro, uma profissão de homens um tanto broncos. Imagina ser assexual vivendo nesse meio? Marcos me contou que sofreu a vida inteira com humilhações. Já ouviu até de mulheres que ‘se homem não serve pra sexo, não serve pra nada’ (FRAGOSO, 2023).

O ator reconhece a pouca visibilidade do tema no audiovisual. Ele tenta se colocar no lugar dos assexuais, entendendo que são pessoas comuns e devem ser respeitadas como tal. Também relata que interagiu com o caminhoneiro assexual para ter uma maior compreensão do tema, baseado na realidade de uma pessoa assexual e para trazer isso para o seu personagem. Fragoso também pesquisou e leu sobre assexualidade para interpretar um homem hetero assexual romântico.

Depois da conversa com Marcos, que foi muito esclarecedora, eu quis me aprofundar no tema e parti para os livros. Tem um maravilhoso, de um escritor canadense, que me fez entender a complexidade da assexualidade, que não é só um espectro. Há diversas variações dessa orientação. Existem os assexuais estritos, que não têm interesse em sexo. Esses podem ter aversão, podem ser classificados como heterossexuais, homossexuais ou bissexuais (...) os assexuais podem ser românticos ou arromânticos. Arromânticos não sentem falta nem querem se relacionar com ninguém. Já os românticos, caso do meu personagem, podem ser heterorromânticos, homorrômânticos ou birromânticos. E todas essas possibilidades podem ser combinadas de várias formas possíveis. A sexualidade humana é extremamente plural. O ‘A’ faz parte da sigla LGBTQIAP+, e a sociedade precisa ter curiosidade e interesse em conhecer o que cada uma dessas letras representa. As pessoas dessa comunidade sofrem porque não encontram o seu lugar socialmente (FRAGOSO, 2023).

Caíque também falou da reação do público quando o seu personagem se revelou assexual em *Travessia*. Segundo ele, foi criado um grupo virtual para acompanhar essa reação e no dia da cena em que Caíque revela para Leonor que é assexual, a moderadora do grupo ficou acordada por duas madrugadas para atender a quantidade de pessoas que

diziam ter se descoberto assexual e querendo entender mais. Fragoso (2023) lembra que os comentários eram do tipo: ‘Ah, então eu não tenho nenhum problema, é só uma orientação sexual. Se eu soubesse disso desde os meus 18 anos, teria sido mais feliz’.

Segundo a matéria do jornal Extra do Globo, o ator se orgulhou de poder levar o tema da assexualidade para milhões de pessoas. Inclusive, ele relata saber que pessoas de 60 anos ou mais se reconheceram depois de décadas sem saber quem eram. A reportagem afirma que Fragoso se tornou referência para o elenco de *Travessia*, para seus fãs, para anônimos na internet, para pessoas nas ruas e que tem ouvido questionamentos e procurado esclarecer dúvidas sobre o tema.

Não sou especialista, mas tenho tentado informar, na medida do meu alcance. Um dia, uma menina me perguntou se o cara que é viciado em sexo é o oposto do assexual. Não tem porque fazer essa comparação. A pessoa que é viciada em sexo tem uma patologia. Isso é um desvio, tratável. A assexualidade não é uma condição, é uma orientação sexual legítima. Não existe essa de dar hormônio e resolver o problema. Até porque o assexual não tem problema, o corpo dele funciona perfeitamente. Ele pode ter ereção e querer se masturbar. Isso faz parte da vida de alguns (FRAGOSO, 2023).

O ator se espanta com a falta de informação alheia sobre o assunto. Muitos, inclusive, fazem uma interpretação errônea do que seja a assexualidade, conforme mensagem recebida por ele nas redes sociais: “Uma moça disse que queria muito que Caíque e Rudá ficassem juntos, formassem um casal” (FRAGOSO, 2023). A resposta dele foi a de que essa torcida da moça não fazia sentido algum e que ela não tinha noção do que houvera falado, visto que nenhum dos dois personagens era homossexual e que Rudá, inclusive, era assexual estrito.

A reportagem lembra que na televisão a assexualidade havia sido apresentada por meio do ‘Big Brother Brasil 20’, quando o participante Victor Hugo, um psicólogo de 26 anos, maranhense, se encantou pelo modelo Guilherme Napolitano, se declarou virgem e afirmou que era assexual. E que em 2009, ‘*Malhação ID*’ trouxe para o público *teen* o personagem Alê (William Barbier), que não tinha interesse por homens e mulheres.

Portal *Tribuna online*

Em, 10 de janeiro de 2023, o portal de notícias online do jornal *Tribuna* publicou uma entrevista realizada com Thiago Fragoso e nessa conversa o ator fala da interação do seu personagem Caíque com o outro personagem assexual, Rudá (Guilherme Cabral). Fragoso diz que pesquisou bastante e ouviu relatos sobre a infância e adolescência de

peças assexuais e como a sociedade as enxerga. Ao olhar as cenas de Rudá com o padrasto, Moretti, causou-lhe tristeza e raiva ao mesmo tempo, pela pressão preconceituosa feita ao adolescente, afirma o entrevistado.

A conversa continua com o ator falando das dificuldades que o adolescente Rudá enfrenta na trama, sendo incompreendido pela mãe e pelo Padrasto. Thiago Fragoso destaca algumas qualidades do seu novo amigo assexual, na telenovela: “As características mais marcantes do Rudá são a coragem e a sinceridade. Ele não tem medo do que as outras pessoas vão pensar. O personagem encara até o padrasto, que é uma pessoa que todo mundo teme. É um menino que fala o que pensa, na hora que quer” (FRAGOSO, 2023).

A entrevista para o portal *Tribuna* aconteceu quando o personagem Rudá começa a entender que também é assexual e a construção de uma amizade com o personagem Caíque o ajudará nesse sentido. Fragoso (2023) revela que: “A relação do Rudá com a tia é muito forte, mais do que com a mãe, que sempre priorizou os casamentos dela. Mas tudo indica que, gradativamente, ele e a mãe vão se unir. Ela tem protegido ele. E com a Leonor continua excelente”.

Revista *Contigo online*

O portal online da revista *Contigo* entrevistou o ator Guilherme Cabral, em matéria publicada no dia, 01 de abril de 2023, para falar sobre a repercussão do seu personagem assexual, Rudá, em *Travessia*. A jornalista da revista pergunta: “Como foi a preparação para viver um assexual”? Cabral (2023) responde:

É um personagem complexo. Eu não sabia sobre os assexuais antes de entrar na novela. Pesquisei na internet, li muito sobre e vi relatos de pessoas que são assexuais, como era a infância e a adolescência, principalmente, porque Rudá é um adolescente e está se descobrindo nesse mundo. Ele vê a tia namorando, vê a mãe casando cinco vezes e ele não se entende.

É pertinente lembrar que Guilherme Cabral tinha 18 anos quando gravou *Travessia* e já foi escalado para fazer o personagem assexual estrito, Rudá. Ainda que no início da trama ele tenha vivido um adolescente do “universo” digital envolvido com *deepfake*.

A *Contigo* pergunta como o ator reagiu aos comentários negativos sobre assexualidade e ele respondeu que evitava ler críticas sobre o seu personagem, não acessando a internet, inclusive o X (Twitter). No entanto, pessoas que ele conhece fizeram

comentários preconceituosos e ele afirma que explicou uma vez só como funciona, sem dar muitos detalhes, visto que se torna difícil, alega Guilherme (2023). Ele ainda pontua que somente procura ler quando a sua mãe e a família de modo geral mostram comentários positivos na internet. E que procura orientar as pessoas a agirem de forma correta.

Por último, a revista pergunta para o ator se ele recebeu mensagens de assexuais sobre a telenovela. Cabral (2023) respondeu que recebeu “muitas mensagens no direct do Instagram, especialmente de adolescentes que me procuram e falam: ‘Cara, eu me vejo no Rudá’”. Para ele, ter esse retorno de jovens assexuais identificando-se com o seu personagem é de grande responsabilidade. Pontua que saber de adolescentes que sofrem isso dentro de casa, precisando lidar com a pressão dos pais e da família na cobrança para namorar, por exemplo, tornando-se muito importante que o Rudá sirva de referência para os jovens na vida real.

Programa *Fantástico*

Ao ser entrevistado para a matéria do programa *Fantástico*, o ator Thiago Fragoso falou sobre como foi interpretar o personagem Caíque e a cena de sua revelação como assexual romântico na telenovela. Disse na entrevista que foi uma das cenas mais emblemáticas e que repetiu várias vezes para gravá-la. Dizendo que a sua intenção era a de mostrar que muitos assexuais, para agradarem ao parceiro, vão além do que é confortável para eles. Para Fragoso, uma das missões do ator nesse tipo de papel (assexual) é ser voz para pessoas que precisam sentir-se representadas.

A reportagem também ouviu o ator Guilherme Cabral, que viveu o personagem Rudá, um adolescente assexual estrito. Durante a entrevista para o *Fantástico*, o ator afirmou que o seu personagem Rudá não é gay, ele apenas não sente atração sexual por ninguém. Por outro lado, o jovem disse perceber que a sua geração não tem tanto preconceito, mas tem dúvidas sobre a assexualidade por falta de informação. Cabral diz que recebe muitos comentários de pessoas falando que se identificam com o seu personagem Rudá: “Cara, eu me pareço com o Rudá, será que eu sou assexual?” Por fim, o ator afirma que as redes sociais do “Rudá” estão “bombando” com quase sete milhões de seguidores.

Resultados

É possível afirmar que, nos últimos 25 anos, a assexualidade ganhou novos

contornos, principalmente para os sujeitos assexuais. A criação das comunidades virtuais de assexuais no Brasil e no mundo, as produções e publicações teóricas, as representações audiovisuais ficcionais em séries e documentários, na Europa e nos Estados Unidos, ajudaram a dar visibilidade às pessoas assexuais. A identificação da assexualidade se iniciou por meio de pesquisas e se consolidou a partir da criação de comunidades virtuais, onde os membros se autoidentificavam como assexuais.

No Brasil, a assexualidade se fez representada nas comunidades virtuais como blogs, chats, fóruns, sites e nas redes sociais, impulsionadas pelos assexuais, no meio acadêmico, em alguns documentários de curta metragem, quase sempre feitos por universitários, introduzida na *soap opera teen Malhação*, temporadas de 2009 e 2017 e na telenovela *Travessia* (Globo, 2022). Os pesquisadores nacionais como, Oliveira (2013, 2014), Bezerra (2015), Neiva (2019) e D'Andrea (2017) são consensuais ao dizerem que há pouca produção teórica sobre assexualidade no Brasil e, no meio audiovisual nacional, houve pouca visibilidade da orientação assexualidade.

A pesquisa aqui desenvolvida se baseou na investigação e interpretação da assexualidade a partir de dois personagens assexuais, Caíque (Thiago Fragoso) e Rudá (Guilherme Cabral), inseridos na narrativa ficcional de *Travessia* que foi ao ar entre outubro de 2022 a maio de 2023. Foi a primeira telenovela da TV Globo a apresentar a assexualidade no horário das 21 horas, de modo aprofundado, durante 112 capítulos da trama. Foram apresentados ao grande público (Wolton, 1996) dois subgrupos da orientação sexual. Caíque fez o papel de assexual romântico e Rudá representou o espectro aromântico estrito.

Caíque fez o papel de assexual romântico, representando os assexuais românticos que se apaixonam, se contentam com a prática de carinhos, abraços e beijos, mas não praticam sexo. Rudá, interpretou um assexual aromântico estrito e deu visibilidade aos assexuais aromânticos, um espectro da assexualidade que não desenvolve relacionamento romântico com outra pessoa. Conforme exposto acima, a assexualidade é composta de diversos espectros, como os românticos, os aromânticos, os demissexuais, os gray-A (área cinza) entre outros. O guarda-chuva da orientação sexual estudada é dinâmico e cada pessoa assexual pode flutuar entre um e outro espectro.

A partir dos resultados apresentados na pesquisa, confirmou-se a hipótese levantada de que a assexualidade era invisível e pouco representada no audiovisual nacional. As reações da audiência de *Travessia* (2022) por meio de interações do público nas redes sociais e as reverberações nos portais de notícias online questionando a

assexualidade e buscando explicações com especialistas sobre a orientação sexual, constatam a falta de representação do tema.

A segunda hipótese é a de que os personagens assexuais de *Travessia* (2022) poderiam reforçar estereótipos e não contribuírem para o entendimento da assexualidade. Os espectros da assexualidade representados por Caíque e Rudá foram realistas, pouco exagerados e auxiliaram na autodefinição de pessoas que estavam na dúvida se eram ou não assexuais. Além de contribuírem com o grande público para o entendimento sobre a assexualidade enquanto orientação assexual composta por vários subgrupos.

A terceira hipótese é a de que a telenovela não contribuiu para ampliar a visibilidade da assexualidade perante o grande público e a representatividade para a população assexual. A partir de observações durante a assistência à *Travessia*, por meio da repercussão nos portais de notícias online e das interações de assexuais nas redes sociais, foi possível constatar que a narrativa contribuiu sim para dar visibilidade sobre a assexualidade ao grande público e se tornou representativa para as pessoas assexuais.

Considerações

A assexualidade como orientação sexual, segundo convenções dos assexuais e de pesquisadores sobre o tema, é composta por pessoas que têm pouca ou nenhuma atração sexual por outra pessoa. Os assexuais são de gêneros e orientações sexuais diversas. A orientação sexual é um termo guarda-chuva, visto que existem espectros diferentes pertencentes à assexualidade. A telenovela *Travessia* (Globo, 2022) abordou somente dois subgrupos desse tema pouco conhecido do grande público.

Os personagens Caíque e Rudá que respectivamente representaram a romanticidade e a arromanticidade da assexualidade, atuaram como homens cisgênero e de orientação heterossexual. Em muitos capítulos, os personagens assexuais de *Travessia* apresentaram falas entre eles, com amigos e com familiares, explicando didaticamente para os telespectadores em que consistia ser assexual, os diversos subgrupos da orientação, as comunidades virtuais compostas de pessoas assexuais onde se autoidentificam, se autoaceitam como assexuais. As falas dos personagens também informavam para o público sobre a existência de livros, eventos organizados pelos assexuais para falar sobre o tema, no intuito de levar visibilidade, conscientização e respeito da sociedade para com as pessoas assexuais.

Caíque e Rudá contracenaram representando os sujeitos assexuais trazendo os

conflitos, a partir de preconceitos enfrentados por eles diante da família e dos amigos. Ficou evidenciado em *Travessia* que as pessoas assexuais são ignoradas, incompreendidas, invisibilizadas e comparadas com outras orientações sexuais ou como pessoas que possuem transtornos mentais, traumas, doenças e desvios de comportamento. Em diversas cenas da narrativa foram veiculadas falas preconceituosas dos familiares e de amigos dos personagens sobre a orientação sexual deles. Os intérpretes precisaram o tempo todo desconstruir as falas e atitudes de rejeição e de preconceitos contra eles, por serem assexuais.

As falas pejorativas de familiares e de amigos, usando termos incorretos contra os assexuais apontavam que eles poderiam ser gays, traumatizados na infância, transtornados mentais com necessidade de acompanhamento psicológico entre outros. Foram chamados de “assexuados”, um termo inadequado para assexuais, visto que algumas espécies de animais que se reproduzem sem a prática sexual é que são chamados de assexuados. Fora da telenovela, os sujeitos assexuais são confundidos com o celibatário religioso, membros religiosos que se abstém da prática sexual. Também ouvem palavras agressivas dizendo que as mulheres assexuais precisam provar a prática do sexo para gostarem. Quando são forçadas a ter relação sexual contra a vontade, configura-se como estupro corretivo. São taxadas como pessoas frias, estranhas ou doentes. Os homens são confundidos com gays.

Caíque e Rudá procuraram durante a telenovela mostrar para a audiência que se identificar como assexual é saudável como outra orientação sexual qualquer. Assim, a visibilidade da assexualidade e a representação dos sujeitos assexuais em *Travessia* (2022) pode ser afirmada como ação socioeducativa, primando pela compreensão e pelo respeito da sociedade perante os assexuais. Os relatos nas redes sociais, em portais de notícias e as falas de especialistas entrevistados apontaram para a importância da narrativa está visibilizando e representando a assexualidade e as pessoas assexuais para os telespectadores.

A pesquisa não se esgota aqui, mas esse trabalho buscou contribuir com empenho e afínco, a partir da observação e interpretação de como se deu a visibilidade e a representatividade da assexualidade e dos assexuais na telenovela *Travessia* (Globo, 2022). O caminho fica aberto para que o tema continue sendo estudado por outros pesquisadores, com novas abordagens, novos olhares e que resultados novos sejam apresentados, principalmente na ficção televisiva seriada. Que novos programas possam trazer outros personagens assexuais para dar continuidade à visibilidade e à

representatividade dos assexuais e da orientação sexual assexualidade no meio audiovisual.

Neste mês de junho de 2025, momento de conclusão da tese de doutorado sobre assexualidade na telenovela *Travessia* (Globo, 2022), a nova versão de *Vale Tudo* (Globo, 2025) adaptada por Manoela Dias está exibindo as personagens assexuais Audálio Candeias (Matheus Nachtergaele), apelidado de Poliana, e Marieta (Cacá Ottoni). Os dois vivem um casal assexual romântico. Audálio, também chamado de Poliana, interage com outros sujeitos assexuais nas comunidades virtuais de assexuais. É questionado e incompreendido por ser assexual, principalmente pela irmã, Aldeíde Candeias (Karine Teles) e por Dalva (Nataly Rocha), uma pretendente.

Fica o registro de que a orientação assexualidade aos poucos sai da invisibilidade social, se expande para além das teorias investigativas nos campos da psicologia, da antropologia e da medicina, e mergulha no audiovisual da ficção televisiva, por meio de séries e de telenovelas, principalmente. Nesse contexto, o tema não se encerra nesta pesquisa, mas deixa caminhos para novas abordagens e novas interpretações sobre assexualidade na ficção televisiva brasileira.

Referências

ALCAIRE, Rita. **A Comunidade Assexual Discute sua Luta por Aceitação**. In: BEZERRA, Paulo Victor (Org.), **Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI**. Londrina/PR: EdUEL, 2019.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. -1 (2006) - . – São Paulo: FBSP, 2023. 357 p. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 24 de julho de 2024.

AVEN-The Asexual Visibility and Education Network uma rede virtual americana. Disponível em: <https://www.asexuality.org/> Acesso em: 23 de abril de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A Guareschi. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BEZERRA, Paulo Victor. **Avessos do excesso: a assexualidade**. [Tese de doutorado] Assis/SP: UNESP, 2015. 143 fls.

BOGAERT, Anthony Francis (2004). **Assexualidade: sua prevalência e fatores associados em uma amostra probabilística nacional**. O jornal de Pesquisa Sexual, 41, 279-287.

BOGAERT, Anthony Francis. **Rumo a uma compreensão conceitual da assexualidade**. Revisão de Psicologia Geral, 2006, vol. 10, nº 3, p. 241-250.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 9 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

BRIGEIRO, Mauro. **A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo**. Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINOAMERICANA, n.14, ago. 2013, p.253-283.

BROTTO, Lori A.; YULE, Morag. **Asexuality: Sexual Orientation, Paraphilia, Sexual Dysfunction, on None of the Above?** Springer Science+Business Media: New York, 2017. p. 619-627. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27542079/> Acesso em: 15 de março de 2024.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIA, Bárbara. **Em o sítio recortcanal aborda sobre a história da assexualidade**. Disponível em: <https://recortcanal.com/historia-da-assexualidade/> Acesso em: 24 de abril de 2023.

CANCIO, T. O.; CHACEL, M. C. C. “Sim, elas são bissexuais: representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo.” **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**. João Pessoa, UFPB, 2022.

CARVALHO, Ana Catarina. **A Assexualidade e a Orientação Romântica: Estudo Comparativo entre o Grupo Assexual Romântico e o Grupo Assexual Arromântico**. [Dissertação]. Instituto Universitário de Lisboa-(ISCTE-IUL), 2019, 69 p. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/19305> Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

CARVALHO, Deivid Nascimento. **O ESTRANGEIRO E OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA: NOTAS CULTURAIS SOBRE IDENTIDADES TRANSGÊNERAS E ATIVISMO LGBT+ BRASILEIRO**. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais: Macapá/AP, v. 15, n. 2, 2021. p. 1-20. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/> Acesso em: 08 de junho de 2024.

Cartilha Mitos e Verdades sobre Saúde da População LGBTIA+.

Grupo de Trabalho de Gênero, Sexualidade, Diversidade e Direitos. 1ª ed., jul. 2020.

Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/cartilha-mitos-e-verdades-sobre-saude-da-populacao-lgbtia/> Acesso em: 10 de abril de 2025.

CASTRO, Davi de. **Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, p. x-x, dez.2014.

CAVALCANTI, Gêsa; FERREIRA, Vinícius. **Visibilidade de casais sáficos em telenovelas da Rede Globo.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC – Minas – 4 a 9 de set. 2023.

Comunidade virtual de pessoas arromânticos e assexuais. Disponível em: <https://aroaceiros.com/> Acesso em: 24 de abril de 2023.

Comunidade virtual denominados de forumeiros de pessoas assexuais. Disponível em: <https://assexualidade.forumeiros.com/> Acesso em: 24 de abril de 2023.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2009.

Conselho Nacional de Justiça. **Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+: relatório de pesquisa.** Brasília: CNJ, 2022. 208 p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.cnj.jus.br/bitstream/123456789/708/1/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contra-lgbtqia.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2024.

D'ANDREA, Luigi. **Assexualidades em trânsito: deslocando sobre o arco-íris com tonalidades de cinza e preto.** 1 ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017. 144 p.; 23 cm.

D'ANDREA, Luigi. **DESLOCANDO SOBRE O ARCO-ÍRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO: ASSEXUALIDADES EM TRÂNSITO.** Revista Ártemis, v. 25, n. 1, jan-jun, 2018. p. 2019-239. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/36065/20606> Acesso em: 13 de janeiro de 2025.

DEFENDI, Edson Luiz et al. **Ensaio sobre masculinidades na atualidade.** São Paulo: EDUC, 2022. 2014 p. Disponível em: https://cdn.ftsa.edu.br/mkt/Instituto-Familia/ensaios_masculinidades.pdf Acesso em: 15 de abril de 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque J. A Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. **Gêneros e sexualidades – problematizando a educação e processos de produção de conhecimentos.** Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora/MG, v. 12, n. 1 jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18682> Acesso em: 21 de dezembro de 2024.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Tradução: Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Carina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. 4ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

GÓMEZ, Guillermo Orozco; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Modelos de distribuição da televisão por internet: atores, tecnologias, estratégias.** Porto Alegre: Sulina, 2019. 391 p. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002981962.pdf> Acesso em: 02 de junho de 2025.

GRECO, Clarice. **Virou cult! Telenovela, nostalgia e fãs**. Alumínio/SP: Jogo de palavras; Votorantim/SP: Provocare Editora, 2019.

Grupo virtual denominado de coletivo de pessoas assexuais. Disponível em: <https://linktr.ee/coletivoabrace> Acesso em: 24 de abril de 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução. (Org.) Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

HARAWAY, Donna. **Um manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo Socialista no final do Século XX**. In Símios, Ciborgues e Mulheres: A Reinvenção da Natureza. Nova Iorque, 1991, p. 149-181.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência** [livro eletrônico]. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2013, 2 ed. 3 Mb.

JOHNSON, Myra T. **ASEXUAL AND AUTOEROTIC WOMEN: TWO INVISIBLE GROUPS**. In: GORCHROS, H.; GORCHROS, J. (Eds.). *The Sexually Oppressed*, New York, 1977. Disponível em: <https://files.acearchive.lgbt/artifacts/johnson-asexual-and-autoerotic-women/asexual-and-autoerotic-women-transcript/> Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

Jornal Estado de Minas online em sua coluna *Diversidade*. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/15/noticia-diversidade,1433831/entenda-o-que-e-assexualidade-vivida-por-personagens-na-novela-travessia.shtml>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

Jornal Metrôpole online em sua coluna *Pouca Vergonha*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/novela-travessia-gera-debate-sobre-diferentes-tipos-de-assexualidade>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

Jornal online portal de notícias UOL em sua seção *Na telinha sobre novelas*. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2022/10/30/travessia-entenda-a-assexualidade-e-o-drama-de-ruda-189251.php> Acesso em: 23 de abril de 2023.

Uma reportagem do Fantástico mostrou como a novela ‘Travessia’ está ajudando na aceitação de pessoas que se identificam como assexuais, como os personagens Caíque e Rudá. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/12/19/assexuais-conheca-algumas-identidades-deste-tipo-de-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 14 de dez. 2023.

KINSEY, Alfred C. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948.
_____. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1953.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIMA, Camila Marcela Nemezio. **Assexualidade: ds Desafios para o reconhecimento e aceitação social**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.7.n.3, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/762/355> Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GRECO, Clarice. Brasil: rumo à produção e recepção em 360°. In: GOMÉZ, Guillermo Orozco; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (orgs). **Uma década**

de ficção televisiva na Ibero-América. Análise de dez anos do OBITEL (2007-2016): Anuário Obitel 2017. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 93-123.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Memória e identidade na telenovela brasileira.** 2014, Anais. Belém: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659666.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

LOPES, Maria I. V de. **Recepção dos meios, classes, poder e estrutura.** Revista de Comunicação & Sociedade, n. 23, São Bernardo do Campo/SP: Metodista, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de et al. (Orgs.). **Transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos: anuário Obitel 2012.** Porto Alegre: Sulina, 2012. 583 p.; il.

LOPES, M. I. V. de. **Telenovela como recurso comunicativo.** *MATRIZES*, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v3i1>. Acesso em: 21 jul. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação.** Comunicação & educação, n. 26, p. 17-34, 2003Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34>. Acesso em: 15 set. 2024.

MACIEL JÚNIOR, Plínio de Almeida. **Os estudos críticos das masculinidades e seus reflexos na produção de conhecimento e na prática da psicologia clínica.** In: MACIEL JÚNIOR, Plínio de Almeida. São Paulo: EDUC, 2022. 2014 p. Disponível em: https://cdn.ftsa.edu.br/mkt/Instituto-Familia/ensaios_masculinidades.pdf Acesso em: 15 de abril de 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 7. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas.** São Paulo: Atlas, 2007.

MATTOS, Geórgia; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **PERSONAGENS LGBT NAS TELENOVELAS DA REDE GLOBO DE 2014 A 2016: uma reflexão a partir dos Estudos Queer.** Revista Observatório: Palmas/TO, v. 5, n. 2, p. 434-458, abr-jun. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose.** Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEIVA, Giórgia de Aquino. **Já experimentou para saber se gosta? Assexualidades na sociedade sexualizada.** [Tese de doutorado]. Goiânia/GO: UFG, 2019. 226 fls.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **“Minha vida de ameba”: os scripts sexo-normativos e a construção social das sexualidades na internet e na escola.** [Tese de doutorado]. São Paulo: USP, 2014. 225 fls.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **SAINDO DO ARMÁRIO: A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA AVEN-ASEXUAL VISIBILITY AND EDUCATION NETORK.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos (Anais Eletrônicos), Florianópolis: set. de 2013.

OLIVEIRA, Ohana Boy. **Contribuições para descolonização do pensamento na Comunicação.** Cambiassu-Revista de Comunicação. v. 16, n. 27, p. 221-241. 2021.

O Novo Manifesto Assexual, segundo Ariel F Hitz; Calisto M. e Ravi D Pires, 2020. Disponível em: <https://manifesto-ace.carrd.co/> Acesso em: 05 de maio de 2024.

PENNER, Tomaz; GRECO, Clarice. **Representatividade no audiovisual: personagens LGBT+ na série 3%.** Revista E-Compós, Ahead of Print, 2023.

PERET, Luiz Eduardo Neves. **De “O Rebu” a “América”: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005)**. Revista contemporânea: Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 33-45, 2005.

PRADO, Marco Aurélio Máximo et al. **Governamentalidades e Depurações Hierárquicas dos Direitos Humanos no Brasil: A Educação Pública e a População LGBTQ+**. Arizona State University: EPAA, v. 29, n. 148, 2021. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/6119> Acesso em, 10 de janeiro de 2025.

PRAUSE, N.; GRAHAM, C. A. **Asexuality: Classification and characterization**, Arch Sex Behav, Nr. 36, p. 341-35, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Movimento Contrassexual**. Tradução: Maria Paulo Gurgel Ribeiro. São Paulo, 2014.

PRZYBYLO, Ela. **Crise e Segurança: Os assexuais na sexociedade**. In: BEZERRA, Paulo Victor. **Assexualidades: subjetividades emergentes no século XXI**. Londrina/PR: EdUEL, 2019. p. 189-208.

PRZYBYLO, Ela. **Produzindo fatos: Assexualidade empírica e o estudo científico do sexo**. SAGE, Universidade de York, Canadá, 2012.

PRZYBYLO, Ela. **Crise e Segurança: Os assexuais na sexociedade**. In: BEZERRA, Paulo Victor. **Assexualidades: subjetividades emergentes no século XXI**. Londrina/PR: EdUEL, 2019. p. 189-208.

Portal de notícias online que apresentou entrevista com Thiago Fragoso intérprete de Caíque em Travessia. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/thiago-fragoso-conta-que-caique-de-travessia-foi-inspirado-em-caminhoneiro-assexual-pedi-licenca-fiz-perguntas-intimas-25654383.html> Acesso em: 28 de set. De 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTQI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RISK, Eduardo Name; SANTOS, Manoel Antônio dos. **A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS EM TELENÓVELAS A PARTIR DO CÔMICO**. Revista Subjetividades: Fortaleza, v. 19, n. 2, maio/ago. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000200001 Acesso em: 20 de julho de 2024.

ROZENTHAL, Eduardo. **Assexualidade: um olhar psicanalítico para o futuro**. Caderno Psicanalítico. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 11-124, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v40n38/v40n38a07.pdf> Acesso: 30 de setembro de 2024.

SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível**. Revista Fronteiras-estudos midiáticos, v. 17, n. 3, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09> Acesso em: 10 de março de 2024.

SCHIAVO, Márcio Ruiz. **Merchandising social: sexualidade e saúde reprodutiva nas telenovelas**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 9, n. 2, 1998. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/697/611 Acesso em: 31 de maio de 2025.

Site observatoriodatv sobre ficção seriada na tv brasileira. Disponível em: <https://observatoriodatv.com.br/teledramaturgia/travessia/> Acesso em: 28 de set. 2024.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (não tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida**. 2015. 2015 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/5939> Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

SILVA, Anderson Lopes da. **Uma questão de método: a Análise de Imagens em Movimento aplicada à telenovela**. Ciclo de debates, 2014.

STORMS, Michael D. **Theories of sexual orientation**. Journal of Personality and Social Psychology, v. 38, n. 5, 1980, p. 783-792. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.5.783> Acesso em: 12 de abril de 2024.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público uma teoria crítica da televisão**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

WHITE, Robert A. **Recepção: a abordagem dos estudos culturais**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (12): 57 a 76, maio/ago. 1998.

Você já ouviu falar sobre assexualidade? Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-sobre-assexualidade/> Acesso em, 13 de junho de 2024.